

**IANDRA MARIA DA SILVA**

**AS VOLTAS QUE O MODO DÁ: PARÂMETROS FUNCIONAIS DA  
ALTERNÂNCIA INDICATIVO/SUBJUNTIVO EM ESPANHOL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação  
em Linguística como requisito parcial à obtenção  
do grau de Doutora em Linguística.

Universidade Federal de Santa Catarina

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Luizete Guimarães Barros

**FLORIANÓPOLIS - 2009**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina

S586v Silva, Iandra Maria da  
As voltas que o modo dá [tese] : parâmetros funcionais da  
alternância indicativo/subjuntivo em espanhol / Iandra Maria  
da Silva ; orientadora, Luizete Guimarães Barros. -  
Florianópolis, 2009.  
241 f.: tabs.; 30 cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de  
Pós-Graduação em Linguística.

Inclui bibliografia

1. Linguística. 2. Funcionalismo (Linguística). 3.  
Subjuntivo. 4. Língua espanhola - Verbos - Modo. I. Barros,  
Luizete Guimarães. II. Universidade Federal de Santa Catarina  
- Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801

**IANDRA MARIA DA SILVA**

Esta tese foi julgada adequada à obtenção do grau de Doutor em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Coordenador: \_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Rosângela Hammes Rodrigues (UFSC)

**Banca Examinadora:**

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Luizete Guimarães Barros  
Professora-orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSC

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Adja Balbino de Amorim  
Barbieri Durão  
Universidade Estadual de Londrina  
UEL

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jerônimo Coura-Sobrinho  
Centro Federal de Educação Tecnológica  
de Minas Gerais  
CEFET-MG

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Edair Gorski  
Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSC

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Rafael Camorlinga Alcaraz  
Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSC

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marco Rocha  
Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSC

## **Agradecimentos**

À professora Luizete, pela orientação segura, pelo constante incentivo acadêmico, pelos ensinamentos e direções na elaboração desta tese, pela paciência e o contínuo das relações mantidas a quilômetros. E, principalmente, pela força demonstrada nos difíceis momentos que passou durante essa caminhada.

À banca de defesa do projeto de tese (professores: Adja, Edair e Marco), pelas contribuições dos questionamentos metodológicos e observações precisas que apontaram caminhos viáveis para a realização desta pesquisa.

À professora Adja, pela inestimável contribuição, pelas ajudas com o *corpus*. A quem admiro muito pelo seu entusiasmo e dedicação com que ensina e difunde a língua espanhola.

À professora Edair, pelas ajudas (via e-mail) na interpretação de dados.

Ao professor Matte Bon, pelas sábias sugestões de análise do subjuntivo que se materializaram em importantes resultados.

Ao professor Jerônimo Coura-Sobrinho, pelo incentivo e leitura feita do projeto de qualificação.

Aos amigos do CEFET-MG, pelo companheirismo e palavras de confiança. Pessoas que me acolheram nesta nova cidade e novo trabalho de braços abertos. Muito obrigada.

A Silvana, amiga especial, a quem admiro muito. Grata pelas traduções sempre tão bem vindas.

À minha família: Ivanir - mãe amada; Elizandra - irmã querida e Gustavo, que trouxeram ao mundo o Lucas, anjo que iluminou meus dias e me faz acreditar a cada dia na renovação da esperança.

Ao Igor, que me deu vida nova e fez parte de muitos momentos imprescindíveis durante minha permanência em Belo Horizonte. Que nossos passos continuem assim, juntos por muito tempo...

A todos os novos amigos que fiz em Belo Horizonte, que de uma forma ou outra sempre estiveram presentes.

E a Deus, o criador.

“Describir la composición no es, desde luego, hacer un análisis químico, sino más bien proporcionar una relación de ingredientes en la que no figura siquiera la proporción en que aparece cada uno. Conviene decidirse a partir de la cápsula en lugar de tragársela entera”  
(BOSQUE, 1990, p. 60)

## RESUMO

O emprego dos modos verbais indicativo/subjuntivo costuma ser apresentado pelas gramáticas e livros didáticos da língua espanhola de acordo com princípios sintáticos – o indicativo é utilizado nas orações principais e o subjuntivo está atrelado à subordinação sintática – ou do ponto de vista semântico - o subjuntivo é caracterizado como o modo da não-realidade, da hipótese, frente à realidade e objetividade do indicativo, com base na referência ao mundo extralinguístico. Critérios de outra ordem, como as atitudes do enunciador ou a dimensão metalinguística que intervém no processo de produção dos enunciados, costumam ser deixados de lado, ou considerados em estudos específicos, como é o caso desta tese que julga insatisfatória a dicotomia sintático-semântica resumida nas linhas iniciais e pretende estudar outros traços significativos da escolha modal, através de um modelo de análise que inclui as variáveis: informação, tipo de oração, modalidade, pessoa do discurso, item lexical, estrutura temporal e canal. Para desenvolvimento da pesquisa são analisadas orações substantivas precedidas por negação e concessivas com o conector *aunque*, provenientes de um *corpus* de língua escrita, composto por jornais eletrônicos da imprensa espanhola, e um de língua oral, constituído por amostras pertencentes ao *Corpus oral de referencia del español contemporáneo (COR 92)*, *Proyecto para el Estudio del Español de España y de América (PRESEEA)* e entrevistas procedentes do Projeto *El Habla de Monterrey*. A interpretação dessas amostras é feita sob enfoque funcionalista, decorrente da conciliação entre gramática e discurso, forma e função. Os dados são submetidos à análise estatística com a ajuda do programa computacional *SPSS for Windows®* para verificação da relação entre as variáveis categorizadas. Os resultados corroboram a principal hipótese da investigação, evidenciando a relação entre o tipo de informação e o modo verbal: o subjuntivo está correlacionado aos dados que o interlocutor já conhece, informações compartilhadas, e o indicativo, às informações novas.

Palavras-chave: indicativo; subjuntivo; funcionalismo; *corpora*.

## ABSTRACT

The use of indicative/subjunctive verbal moods is usually presented by Spanish language grammars and course books according to syntactic principles – the indicative is employed in main clauses and the subjunctive in subordinated ones- or to a semantic point of view - the subjunctive is characterized as the non-reality or the hypothesis mood, contrasting with reality and objectivity of the indicative, based on reference to the extra-linguistic world. Other criteria, as the speaker's attitude or the metalinguistic dimension that intervenes in the utterance production process, are often left aside, or only investigated in specific studies as this thesis in particular which judges the above-mentioned syntactic-semantic dichotomy unsatisfactory and aims to study other meaningful features of mood choice by the use of an analysis model that includes the following variables: information, clause type, modality, grammatical person, lexical item, time structure and channel. In order to develop this research, noun clauses preceded by negation and concessives with the connector *aunque* are analysed in a written language *corpus*, composed of online newspapers from the Spanish press, and in an oral language one, constituted by samples belonging to the *Corpus oral de referencia del español contemporáneo (COR 92)*, *Proyecto para el Estudio del Español de España y de América (PRESEEA)* and interviews from the *El Habla de Monterrey* Project. The interpretation of these samples is made under the functional focus, as a result of the conciliation between grammar and discourse, form and function. The data are statistically analyzed with the help of the software *SPSS for Windows*<sup>®</sup> to verify the relation among the categorized variables. The results corroborate the main investigation hypothesis, emphasizing the association between the information type and the verbal mood. The subjunctive is correlated to the data already known by the interlocutor as well as shared information, and the indicative to the new information.

**Key words:** indicative; subjunctive; functionalism; *corpora*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama dos tempos verbais do inglês (REICHENBACH, 1947, p. 290).....	87
Figura 2: Presente/adaptação de Reinchenbach.....	91
Figura 3: Pretérito Perfecto Simple/adaptação de Reinchenbach.....	91
Figura 4: Pretérito Imperfecto/adaptação de Reinchenbach.....	92
Figura 5: Pretérito Perfecto Compuesto/adaptação de Reinchenbach.....	92
Figura 6: Pretérito Perfecto Compuesto Estendido/adaptação de Reinchenbach.....	93
Figura 7: Pretérito Pluscuamperfecto/adaptação de Reinchenbach.....	93
Figura 8: Futuro/adaptação de Reinchenbach.....	94
Figura 9: Futuro Perfecto/adaptação de Reinchenbach.....	94
Figura 10: Os tempos do espanhol (ALARCOS LLORACH, 1980, p. 125).....	98

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Uso dos modos verbais: Manuais/ <i>Corpus</i> .....	13
Quadro 2. Uso dos modos verbais nas orações substantivas negadas.....	13
Quadro 3. Uso dos modos verbais: <i>aunque</i> .....	14
Quadro 4 : Percentagens de uso do subjuntivo ( STUDERUS, 1995).....	44
Quadro 5: Correspondência entre os tipos de modalidade (PARRET, 1988, p. 79).....	66
Quadro 6: Resumo dos traços que definem os modos indicativo/subjuntivo em espanhol .....	83
Quadro 7: Correspondência entre os tempos definidos por Reichenbach e os tempos verbais do espanhol.....	88
Quadro 8: Nomenclaturas adotadas por Weirinch (1968) e Alarcos Llorach (1980).....	98
Quadro 9: Citações do <i>corpus</i> escrito.....	102
Quadro 10: Distribuição dos Informantes do PRESEEA.....	105
Quadro 11: Tipos textuais que compõem o <i>COR92</i> .....	106
Quadro 12: Composição dos <i>corpora</i> da pesquisa.....	107
Quadro 13: Escala modal de orações adverbiais <i>irrealis</i> (Givón, 2001, p. 324).....	114
Quadro 14: Codificação da variável modos verbais.....	125
Quadro 15: Codificação da variável tipo de informação.....	125
Quadro 16: Codificação da variável tipo de oração.....	125
Quadro 17: Codificação da variável modalidade .....	125
Quadro 18: Codificação da variável pessoa do discurso.....	126
Quadro 19: Codificação da variável item lexical.....	126
Quadro 20: Codificação da variável estrutura temporal (Subjuntivo).....	126
Quadro 21: Codificação da variável estrutura temporal (Indicativo).....	127
Quadro 22: Codificação da variável canal .....	127

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de informação (substantivas) .....	130
Tabela 2 – Contribuições do $\chi^2$ (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®) - Análise da variável modo verbal e tipo de informação (substantivas/ <i>corpus</i> escrito) .....	131
Tabela 3 – Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de oração (substantivas).....	143
Tabela 4 – Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de modalidade (substantivas).....	149
Tabela 5 – Contribuições do $\chi^2$ (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®) - Análise da variável modo verbal e tipo de modalidade (substantivas / <i>corpus</i> escrito) .....	150
Tabela 6 – Frequência e percentual de modo verbal e a pessoa do discurso (substantivas) .....	157
Tabela 7 – Contribuições do $\chi^2$ (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®) - Análise da variável modo verbal e pessoa do discurso (substantivas/ <i>corpus</i> escrito) .....	158
Tabela 8 – Frequência e percentual de modo verbal e item lexical (substantivas) .....	166
Tabela 9 – Frequência da estrutura temporal (substantivas) .....	179
Tabela 10 – Distribuição geral dos usos modais nas orações substantivas.....	184
Tabela 11 – Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de informação ( <i>aunque</i> ) .....	186
Tabela 12– Contribuições do $\chi^2$ (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®) - Análise da variável modo verbal e tipo de informação ( <i>aunque/corpus</i> oral) .....	187
Tabela 13 – Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de oração ( <i>aunque</i> ) .....	199
Tabela 14 – Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de modalidade ( <i>aunque</i> ) .....	203
Tabela 15 – Contribuições do $\chi^2$ (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®)- Análise da variável modo verbal e tipo de modalidade ( <i>aunque/corpus</i> escrito).....	203
Tabela 16 – Contribuições do $\chi^2$ (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®)- Análise da variável modo verbal e tipo de modalidade ( <i>aunque/ corpus</i> oral) .....	204
Tabela 17 – Frequência das estrutura temporal ( <i>aunque</i> ) .....	211
Tabela 18 – Distribuição geral dos usos modais nas orações concessivas ( <i>aunque</i> ) .....	222

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>ANTECEDENTES DA PESQUISA</b> .....	12
<b>1 O FENÔMENO EM ESTUDO</b> .....	16
1.1 Considerações iniciais.....	16
1.2 Modelo de análise: dimensão da variáveis linguísticas.....	16
1.3 Os valores atribuídos aos modos verbais: <i>Estado de la cuestión</i> .....	19
1.4 Os valores dos modos verbais: uma hipótese a explorar.....	26
1.5 Revisão da literatura: estudos sobre os modos verbais em espanhol .....	28
1.5.1 Orações substantivas.....	29
1.5.1.1 Relativos à abordagem sintática.....	30
1.5.1.2 Relativos à abordagem semântica.....	32
1.5.1.3 Relativos à abordagem pragmática.....	36
1.5.1.4 Relativos à abordagem sociolinguística.....	41
1.5.1.5 Relativos à abordagem psicológica.....	45
1.5.2 Orações concessivas .....	46
1.5.2.1 Relativo à diacronia.....	48
1.5.2.2 Relativo à abordagem semântico-pragmática.....	50
1.5.2.3 Relativo à análise contrastiva.....	58
1.6 Os valores dos modos verbais: uma metodologia a explorar.....	59
1.7 Objetivos .....	61
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	62
2.1 Considerações iniciais.....	62
2.2 Funcionalismo linguístico.....	62
2.3 Categoria gramatical de modalidade.....	65
2.3.1 Modalidades lógicas.....	65
2.3.2 Modalidades linguísticas: concepções e tipologias .....	66
2.4 Categoria gramatical de modo verbal.....	71
2.4.1 Indicativo e subjuntivo em espanhol: gramaticografia.....	72
2.4.1.1 Modelos tradicionais: abordagem sintática/semântica.....	72
2.4.1.2 Modelos tradicionais: abordagem estruturalista.....	77

2.4.1.3 Modelos recentes: abordagem sintática/semântica.....	78
2.4.1.4 Modelos recentes: abordagem comunicativa.....	80
2.4.2 O conceito de concessividade: visão gramatical.....	81
2.4.2 Descrição geral da alternância modal.....	83
2.5 Categoria gramatical de tempo.....	86
2.5.1 A representação do tempo pela lógica.....	86
2.5.1.1 Os tempos de Reichenbach e os tempos do espanhol .....	91
2.5.2 Teorias sobre o tempo para linguistas em geral.....	94
2.5.2.1 Tempo na gramática hispânica.....	96
<b>3 DESCRIÇÃO DOS CORPORA E METODOLOGIA .....</b>	<b>100</b>
3.1 Considerações iniciais.....	100
3.2 Procedimentos de escolha e coleta dos dados.....	100
3.3 Composição e organização das amostras.....	101
3.3.1 <i>Corpus</i> de língua escrita.....	102
3.3.2 <i>Corpus</i> de língua oral.....	103
3.4 Contexto de investigação: hipóteses.....	108
3.4.1 Verificação do tipo de informação – (V2).....	108
3.4.2 Verificação do tipo de oração – (V3) .....	111
3.4.3 Verificação da modalidade – (V4).....	113
3.4.4 Verificação da pessoa do discurso – (V5).....	118
3.4.5 Verificação do item lexical – (V6).....	118
3.4.6 Verificação da estrutura temporal – (V7).....	120
3.4.7 Verificação do canal – (V8).....	122
3.5 Contexto de investigação: variáveis.....	124
3.6 Ferramentas de análise dos dados.....	127
3.7 Análise quantitativa.....	128
<b>4 ÀS VOLTAS COM AS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>130</b>
4.1 Considerações iniciais.....	130
4.2 Influência do tipo de informação.....	130

4.3	Influência do tipo de oração .....	142
4.4	Influência da modalidade .....	149
4.4.1	Modalidade <i>irrealis</i> e modos verbais.....	150
4.4.2	Modalidade <i>realis</i> e modos verbais.....	155
4.5	Influência da pessoa do discurso.....	157
4.6	Influência do item lexical.....	165
4.7	Influência da estrutura temporal.....	179
4.7.1	Presente.....	180
4.7.2	Pretérito perfectum.....	181
4.7.3	Pretérito imperfectum.....	182
4.8	Influência do canal.....	184
<b>5</b>	<b>ÀS VOLTAS COM AS ORAÇÕES CONCESSIVAS: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>186</b>
5.1	Considerações iniciais.....	186
5.2	Influência do tipo de informação.....	186
5.3	Influência do tipo de oração.....	199
5.4	Influência da modalidade .....	202
5.4.1	Modalidade <i>irrealis</i> e modos verbais.....	204
5.4.2	Modalidade asserção negada e modos verbais.....	207
5.4.3	Modalidade <i>realis</i> e modos verbais.....	209
5.5	Influência da estrutura temporal.....	210
5.5.1	Presente.....	212
5.5.2	Pretérito perfectum.....	213
5.5.3	Pretérito imperfectum.....	214
5.5.4	Pretérito plusquamperfectum.....	220
5.6	Influência do canal.....	222
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>223</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>229</b>
	<b>ANEXO – CORPUS JORNALÍSTICO.....</b>	<b>241</b>

## INTRODUÇÃO

---

### Antecedentes da pesquisa

Esta tese propõe-se à descrição da alternância indicativo/subjuntivo em língua espanhola, a partir das cláusulas subordinadas substantivas e concessivas. A investigação do comportamento modal dessas orações constitui um complexo nocional manifestado em mais de uma categoria funcional, configurada na inter-relação entre o modo, tempo e modalidade.

Antes de iniciar a descrição do fenômeno estudado, considera-se importante apresentar um breve retrospecto do trabalho referente aos modos verbais, que antecede esta pesquisa, intitulado *Indicativo e Subjuntivo em espanhol: norma e uso na imprensa escrita*<sup>1</sup>, a fim de demonstrar os motivos que levam a uma nova investigação dos modos em espanhol. O objetivo principal dessa dissertação foi realizar uma comparação entre normatização e uso, através da análise do emprego do indicativo/subjuntivo em um *corpus* composto de jornais hispânicos, coletados nos anos de 1998 e 1999, e normas provenientes da consulta a manuais didáticos.

Utilizando uma amostra de 10.364 dados de textos jornalísticos, armazenados com o programa computacional Microconcord, foi observado o funcionamento dos itens: “*creer que*”, “*pensar que*”, “*saber que*” (em contextos afirmativos e negativos), “*es cierto que*”, “*es posible que*”, “*es necesario que*”, “*tal vez*”, “*quizá*”, “*seguramente*”, “*para que*”, “*a fin de que*”, “*después de que*”, “*cuando*” e “*aunque*”. Com base em orientações teóricas do Funcionalismo Linguístico, foram identificadas possíveis semelhanças entre os níveis prescritivo e funcional.

Os resultados permitiram a corroboração das principais hipóteses da dissertação, evidenciando: (i) o comportamento sensível a motivações semânticas e pragmáticas, desmistificando o emprego do subjuntivo condicionado à subordinação sintática, já que a proposição subordinada também pode aparecer com variantes indicativas, e (ii) diferenças expressivas entre as regras postuladas pelos manuais didáticos<sup>2</sup> consultados e os usos modais da imprensa escrita hispânica. No que se refere à diferença entre normatização e uso, em

---

<sup>1</sup> A investigação foi concluída no programa de Mestrado em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Profa. Dra. Luizete Guimarães Barros, no ano de 2005.

<sup>2</sup> Os manuais consultados foram: BORREGO, *et al.* *El subjuntivo: valores y usos*. Madrid: Sociedad General Española de Librerías, 1986; FERNÁNDEZ ALVAREZ, Jesús. *El subjuntivo*. 7ª ed. Madrid: Edi-6, 1987 e PORTO DAPENA, José Álvaro. *Del indicativo al subjuntivo: valores y usos de los modos del verbo*. Madrid: Arco/Libros, 1991.

suma, os autores pesquisados compactuam de menos tendência variacionista em oposição às amostras jornalísticas que atestaram variação de uso. A fim de ilustrar essas constatações, apresenta-se no quadro (1), que se segue, alguns desses resultados.

Quadro 1. Uso dos modos verbais: Manuais/*Corpus*

Construções	Borrego <i>et al.</i>	Porto Dapena	Fernández Álvarez	<i>Corpus</i>
“ <i>No creer que</i> ”	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Subj.	Ind. e Subj.
“ <i>No pensar que</i> ”	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Subj.	Ind. e Subj.
“ <i>No saber que</i> ”	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.
“ <i>Creer que</i> ”	Ind. e Subj.	Ind.	Ind.	Ind.
“ <i>Pensar que</i> ”	Ind. e Subj.	Ind.	Ind.	Ind.
“ <i>Saber que</i> ”	Ind.	Ind.	Ind.	Ind.
“ <i>Para que</i> ”	Subj.	Subj.	Subj.	Subj.
“ <i>A fin de que</i> ”	Subj.	Subj.	Subj.	Subj.

Em geral, as subordinadas substantivas negadas, provenientes do *corpus* de jornais eletrônicos da língua espanhola, apresentam contexto de maior variação dos usos modais, em comparação com as afirmativas.

Entre as cláusulas analisadas, algumas apresentam contextos obrigatórios de uso da variante subjuntiva, como é o caso das orações finais: *para que*, *a fin de que*. Outras, como por exemplo, as substantivas precedidas por negação, evidenciadas no quadro 1 acima, permitem o uso variável de ambos os modos, sob diferentes parâmetros linguísticos. Considerando que os contextos obrigatórios são mais resistentes à mudança, decidiu-se fazer um recorte das construções que permitem o uso das duas formas, no intuito de selecionar os traços significativos de contraste dos modos.

A partir desse recorte, opta-se por avaliar novamente as substantivas precedidas por negação. Na dissertação, essas orações foram analisadas através da oposição asserção/não-asserção, noções tomadas de Terrell e Hooper (1974, p. 488). A hipótese arrolada para esses casos, previa o uso do modo indicativo em contextos de asserção e do subjuntivo correlacionado ao traço da não-asserção.

As substantivas precedidas por negação, cujos verbos avaliados foram: *creer*, *pensar* e *saber*, apresentaram maior contexto de variação, conforme ilustrado no quadro (2).

Quadro 2. Uso dos modos verbais nas orações substantivas negadas

“ <i>No creer que</i> ”		“ <i>No pensar que</i> ”		“ <i>No saber que</i> ”	
Indicativo	Subjuntivo	Indicativo	Subjuntivo	Indicativo	Subjuntivo
05	199	05	07	31	04

Os valores apontam preferência de uso do modo subjuntivo para o verbo *creer*, do indicativo para *saber* e quase uma equiparação de uso dos modos nas sentenças com o verbo *pensar*. Esses resultados motivaram a realização de uma nova análise dessas construções, com o objetivo de verificar a influência de outros fatores que possam explicar os valores da oposição modal.

A variação também foi encontrada nas concessivas com o conector *aunque*<sup>3</sup>. No quadro seguinte, pode-se observar o número de ocorrências dos modos verbais na análise dessa concessiva:

Quadro 3. Uso dos modos verbais: *aunque*

“ <i>Aunque</i> ”	
Indicativo	Subjuntivo
1050	406

Considerando que na língua espanhola, essa concessiva admite o uso de ambos os modos, acreditava-se necessário avaliar o conhecimento de mundo e o julgamento do falante a respeito do estatuto factivo ou hipotético dos eventos mencionados. Em outras palavras, a variabilidade na codificação de informações dependia de fatores pragmáticos, numa mesma estrutura sintática, em que o falante pode, com o subjuntivo, codificar um estado/evento hipotético, e com o indicativo, apresentar um estado/evento factual. Porém, esses conceitos são baseados na realidade e não-realidade das coisas, nos fatos extralingüísticos, e essa oposição não deu conta do funcionamento dos modos na maioria dos contextos analisados.

A variação modal, encontrada nas substantivas precedidas por negação e nas concessivas atesta a importância de uma verificação mais detalhada dos usos e valores do indicativo em oposição ao subjuntivo, motivando a realização desta, tese a partir da análise de distintas variáveis, na tentativa de descobrir novos fatores condicionadores de usos dos modos. Para identificar e descrever os traços significativos que condicionam a escolha modal dessas duas classes de orações parte-se de uma visão funcional, considerando dados de língua em contextos naturais de comunicação, com base na avaliação de um modelo de análise composto por sete variáveis independentes.

Esta tese compõe-se de cinco capítulos. Em linhas gerais, a introdução apresenta a motivação desta investigação e a proposta de pesquisa. O primeiro capítulo descreve o

---

<sup>3</sup> Segundo Fernández Álvarez (1987, p.57-60), *aunque* é o conector mais representativo do grupo das concessivas no que se refere ao emprego modal. O espanhol permite, desde uma perspectiva pragmática, a alternância dos dois modos.

fenômeno em estudo, apresentando o modelo de variáveis adotado, a hipótese geral, os objetivos e questões que norteiam a pesquisa, além de contextualizar o tema com uma revisão de trabalhos sobre os modos verbais em língua espanhola.

No segundo, apresenta-se a fundamentação teórica geral de base funcionalista, listando os principais pressupostos desse quadro teórico e a descrição das categorias que compõem o modelo de análise: modalidade, modo e tempo verbal. A partir dos postulados teóricos definidos, no terceiro capítulo, apresentam-se os encaminhamentos metodológicos, em que se descrevem os pontos relevantes da coleta e elaboração das amostras e os procedimentos de análise, tais como as ferramentas utilizadas e informações sobre o pacote estatístico que quantifica os dados. Também são apresentadas as hipóteses e a caracterização das variáveis linguísticas que recobrem o fenômeno em estudo.

Constitui foco do quarto e quinto capítulos, contemplar a discussão das ocorrências, que inclui a descrição da alternância indicativo/subjuntivo e os valores estatísticos da associação entre as variáveis categorizadas. No quarto capítulo são demonstradas as análises das orações subordinadas substantivas, considerando o universo dos dados do *corpus* oral e escrito, e no quinto, das concessivas com o conector *aunque*. Ao final encontram-se as considerações finais acerca dos resultados, as referências bibliográficas e o anexo.

# CAPÍTULO I

## O FENÔMENO EM ESTUDO

---

### 1.1 Considerações iniciais

Este capítulo descreve a proposta da pesquisa, evidenciando o modelo de variáveis adotado para a análise do fenômeno em estudo, a hipótese principal, os objetivos e as questões que norteiam esta investigação. Também é feita uma revisão bibliográfica do que a literatura na área tem postulado sobre o emprego dos modos verbais. Esses estudos se referem às subordinadas substantivas e concessivas em espanhol e são tratados aqui com o propósito principal de contextualizar o tema.

### 1.2 Modelo de análise: dimensão das variáveis linguísticas

O objetivo deste trabalho é descrever a alternância das variantes indicativa e subjuntiva da língua espanhola. Essa descrição está pautada num modelo de análise que busca evidenciar os principais traços que influenciam as escolhas modais dessas formas linguísticas em uso<sup>4</sup>. Para explicar a variação do complexo domínio modo verbal, leva-se em consideração três fatores principais: a constituição de uma amostra autêntica que serve como base empírica da investigação, os pressupostos teóricos pelos quais a pesquisa se guia e as variáveis a serem investigadas.

Seguindo estes parâmetros de análise, esta pesquisa conta com duas amostras, uma de língua escrita e outra de língua oral<sup>5</sup>. Um *corpus* está composto por dados provenientes de cinquenta jornais eletrônicos de vinte países de língua hispânica, coletados durante os anos de 2005 e 2006. O outro trata de uma compilação de três amostras: *Proyecto para el Estudio del Español de España y de América (PRESEEA)*, *Corpus oral de referencia del español*

---

<sup>4</sup> Para Delbecque e Lamiroy (1999, p.2009), “*el modo de la subordinada no puede considerarse como un fenómeno aislado... se combina con otros parámetros de la expresión, en particular la persona, el tiempo y la polaridad del verbo principal*”.

<sup>5</sup> Ter à disposição grandes quantidades de textos em formato eletrônico, tanto oral como escrito, torna possível observações baseadas nas pistas linguísticas provenientes do contexto discursivo e não apenas em intuições a respeito do uso dos modos verbais. O acesso aos *corpora* facilita o trabalho e abre novas possibilidades de investigação, apresentando novas perspectivas e resultados mais amplos do fenômeno linguístico analisado, pois permite a avaliação de diferentes grupos de fatores e possibilita a análise de dados representativos do espanhol em detrimento de exemplos inventados e descontextualizados.

*contemporáneo* (COR92) e entrevistas provenientes do Projeto *El Habla de Monterrey* (México).

Acreditando ser mais importante servir-se de explicações de base funcional ao invés de formais, recorre-se ao uso concreto da língua como forma de apresentar as tendências naturais de utilização dos modos. Nesse sentido, utiliza-se como referencial teórico os pressupostos de cunho funcionalista, pois parte-se da conjectura que a estrutura da língua reflete a estrutura do mundo, assim, a gramática é modelada por generalização nos padrões de uso (cf. GIVÓN, 1995, HOPPER, 1987).

E, com relação às variáveis, utiliza-se um modelo de análise em que se verificam condicionantes decorrentes de diversas dimensões (sintática-semântica-pragmática), conforme se pontua a seguir:

- i) modos verbais;
- ii) tipo de informação;
- iii) tipo de oração;
- iv) modalidade;
- v) pessoa do discurso;
- vi) item lexical;
- vii) estrutura temporal;
- viii) canal.

Como variável dependente tomam-se as variantes indicativa e subjuntiva da língua espanhola. Para o estudo dessa variável são controlados sete grupos de fatores (extra)linguísticos que podem favorecer a escolha dos modos verbais.

A codificação da variável tipo de informação se faz a partir da distribuição entre informação nova e dada. A literatura na área tem mostrado a influência desse traço nas eleições dos modos verbais em língua espanhola, porém, esse fator é avaliado apenas nas orações concessivas e tais análises comumente não apresentam contextos reais de uso da língua, ou, então, quando isso acontece, são listados apenas alguns casos específicos de uso geral do conector *aunque*.

A variável tipo de oração está dividida em orações declarativas e interrogativas e tem por objetivo verificar os usos dos modos verbais nesses dois tipos de modalidade sintática, averiguando se o indicativo e o subjuntivo apresentam diferentes valores nessas orações analisadas.

O controle da variável modalidade avalia se os traços asserção *realis/irrealis* e asserção negada são contextos influenciadores na escolha de um determinado modo verbal, nas orações substantivas e concessivas do espanhol. O controle dessa variável segue a proposta de Givón (1995, 2001). Vale ressaltar a carência e a necessidade de trabalhos sobre essa categoria verbal, na análise da alternância modal indicativo/subjuntivo da língua espanhola.

Ainda com relação ao grupo de fatores elencados, cita-se a variável pessoa do discurso que está dividida em: emissor (primeira pessoa do singular e primeira do plural – *yo/nosotros*) e os demais sujeitos da oração. A distribuição das formas modais, quanto ao tipo de pessoa do discurso, pode ajudar a evidenciar as estratégias discursivas escolhidas pelos falantes, através da seleção de um dos modos verbais para expressar diferentes tipos de intenções, adequadas ao seu propósito comunicativo.

O controle do item lexical é feito nas orações subordinadas substantivas, em que se avaliam os verbos: *creer, pensar, saber, decir, ver, darse cuenta*. São avaliadas as nuances de utilização destes itens nas orações, com base na categorização do tipo de verbo escolhido pelos falantes, a fim de desvendar possíveis contextos influenciadores para o uso de um determinado modo.

O grupo de fatores ‘estrutura temporal’, representado pelos tempos do modo subjuntivo (*presente, pretérito perfecto, pretérito imperfecto, pretérito pluscuamperfecto*), tem por objetivo averiguar se a factualidade, codificada pela variante subjuntiva, está ligada a algum tempo verbal específico.

E, por último, com o controle do canal, espera-se realizar uma comparação entre as duas amostras analisadas nesta investigação, a partir dos resultados encontrados para cada variável categorizada, considerando que os valores podem demonstrar semelhanças e/ou discrepâncias entre os usos modais, determinadas pela fala ou pela escrita.

Essas variáveis são discutidas na verificação de orações subordinadas substantivas, precedidas por negação e concessivas da língua espanhola. Entre os dados disponibilizados à pesquisa, utilizam-se 642 ocorrências de substantivas (410 do *corpus* escrito e 232 do *corpus* oral) e 918 ocorrências de concessivas com *aunque* (505 do *corpus* escrito e 413 do *corpus* oral), perfazendo um total de 1.560 dados analisados, com base no modelo proposto para essa investigação.

A categorização e identificação de traços/matizes representativos da escolha modal desses dados são comprovadas a partir de uma análise de tipo quantitativo e qualitativo. Para

tanto, são utilizados instrumentos da Linguística de Corpus (programa *WordSmith*, 1998) e da estatística como suporte para quantificação e tratamento dos dados (*SPSS for Windows - Statistical Package for Social Sciences*, 2001). Com o auxílio do SPSS, aplica-se o teste do qui-quadrado para testar a significância da relação entre as variáveis categorizadas.

Concluída essa breve visão geral da investigação da alternância modal em espanhol, na próxima seção trata-se de descrever o objeto em estudo.

### 1.3 Os valores atribuídos aos modos verbais: *Estado de la cuestión*

O modo é um dos temas que mais tem levantado debate quanto à sua distinção como categoria gramatical e às subcategorias em que se divide, em especial, a constituição do subjuntivo, pautada como um dos grandes problemas dos quais se ocupam os estudiosos da língua. Esse complexo funcionamento dos modos verbais em espanhol pode ser ilustrado através da metáfora *ovillo-cabo*, introduzida por Bell, (1980, p. 377) “*es como un ovillo con muchos cabos sueltos*”.

López García (1990) faz uma revisão das distintas interpretações dadas aos valores modais do espanhol e aponta três tipos principais de abordagens: i) o modo como atitude modal, que se refere à posição do falante com respeito ao enunciado<sup>6</sup>; ii) o modo como modalidade, segundo a qual se classificam as formas verbais subjetivamente, desde o ponto de vista de quem fala em correspondência com seu valor lógico<sup>7</sup>, e iii) modo como coerência modal, considerado fundamentalmente como uma consequência sintática da relação entre a oração principal e a subordinada<sup>8</sup>.

A perspectiva da coerência modal parte da significação “subjuntivo” como o modo de subordinação e é observada geralmente nas gramáticas de base normativa, cujo foco é o eixo sintagmático. Para López García (1990, p. 141-6), “*el sistema de coherencia modal se revela*

---

<sup>6</sup> Pode ser verificada, por exemplo, em Alarcos Llorach (1994 [1949]) e Hernández Alonso (1984).

<sup>7</sup> Esse critério foi introduzido na tradição gramatical espanhola por Lenz (1920) e se caracteriza pelo reconhecimento de dois tipos de subjuntivo que são justificados pelo sentido, mas não obviamente pela morfologia. De acordo com o autor, os juízos se classificam entre grupos, segundo o aspecto que apresenta a pessoa que fala: “1º) *El juicio corresponde a un hecho real: juicio asertorio*; 2º) *El juicio es meramente la expresión de un pensamiento: la persona que habla debe considerar el hecho enunciado a) como posible: juicio problemático o b) como necesario: juicio apodíctico*” (cf. LENZ, 1920, p. 452). Também é defendido por autores como Gili Gaya (2002 [1943], no *Curso Superior de Sintaxis Española*).

<sup>8</sup> Tradicionalmente, apresenta-se a seleção das formas verbais subjuntivas pela classificação de verbos da oração principal, por listas de subordinação sintática, incluindo verbos de dúvida (*dudo, sospecho*) e verbos volitivos (*deseo, quiero*). Este é, em parte, o ponto de vista do gramático venezuelano (1988 [1847]).

*incapaz de fundamentar los paradigmas morfológicos del modo en español*”. Tal afirmação se confirma, já que o modo indicativo também expressa subordinação<sup>9</sup>.

Para a Gramática da Real Academia Espanhola (RAE) (1973, p. 557), a oposição indicativo/ subjuntivo está baseada no contraste realidade /não-realidade. Essa mesma idéia é expressa por Lenz (1920, p.112), para quem “*el indicativo expresa hechos que se consideran reales y efectivos. El subjuntivo y el imperativo expresan hechos como existentes sólo en nuestra mente*”. Também por autores mais recentes, como Leonetti (1999, p. 2096), ao admitir a existência na oração principal de nomes e verbos de conclusão, crença e segurança que tendem a induzir o modo indicativo no verbo de subordinadas substantivas e outros nomes e verbos com significados de desejo, necessidade, proibição e possibilidade, que tendem a induzir o modo subjuntivo na subordinada.

Em geral, na tradição gramatical hispânica, os valores nocionais do subjuntivo são recorrentes. Desde as primeiras obras de referência até os dias atuais, as idéias são expressas de várias formas, sob diferentes abordagens, porém, parecem disseminar os mesmos matizes que caracterizam o subjuntivo como modo da hipótese, incerteza, dúvida, probabilidade, não-realidade, da subordinação sintática, frente ao indicativo que encerra matizes de certeza, objetividade, realidade, factualidade, independência sintática. Além dessas caracterizações do subjuntivo, é possível se deparar com outras oposições tais como a de não-atualidade (RIDRUEJO, 1975) e não-declarativo, no sentido de que declaração deve ser entendida como “*lo que un sujeto sabe o piensa sobre el mundo*” (RUIZ CAMPILLO, 2005, p. 5).

Esses enfoques, em termos de realidade/ não-realidade, certeza/incerteza, são limitados e dão conta de descrever apenas contextos categóricos em que o modo indicativo é empregado quando uma ação verbal é pensada como real, ajustada à realidade objetiva, e o subjuntivo, é usado quando a ação não se considera real, focalizando o fato como incerto, duvidoso, desejável. Essas constatações são enquadradas pelas gramáticas em formas de

---

<sup>9</sup> Na pesquisa sobre os modos verbais, realizada durante o mestrado, já havia sido demonstrado nos resultados finais que o traço subordinação sintática não é característico do subjuntivo. “A subordinação não é critério distintivo e básico da categoria modal no verbo espanhol, levando-se em consideração que a proposição subordinada pode aparecer com formas indicativas e subjuntivas, expressando diferentes valores, sendo esses explicados não apenas pela subordinação sintática, mas por questões de significação. Nos casos em que há a possibilidade de utilização de ambos os modos, há a possibilidade de assumir valores pragmáticos, e desta forma os falantes podem tomar uma posição avaliativa com respeito à proposição, desmistificando a identificação do subjuntivo com a subordinação sintática figurada pela tradição gramatical” (SILVA, 2005, p. 155). Acredita-se, portanto, que trabalhos que só reconhecem a condição de subordinado ao subjuntivo representam um retrocesso na avaliação da alternância modal do espanhol. Entre esses trabalhos pode-se citar a posição teórica mantida por Takagaki (1984) em seu estudo “*Subjunctive as the marker of subordination*”.

listas. Essas listas representam um sistema vinculado a regras<sup>10</sup> que elucidam uma complexidade não necessária, já que é preciso memorizar uma grande quantidade delas para cada estrutura, e antes dessa operação, deduzir a que classe de orações pertence cada estrutura oracional. Nesse processo, o falante enquadra seus discursos dentro de uma determinada categoria gramatical e o pesquisador, por sua vez, codifica esses fenômenos linguísticos com base nas etiquetas veiculadas pelas gramáticas. É a partir dessas etiquetas e regras que se dá, de certa forma, autoridade ao falante em usar o subjuntivo nos contextos que expressam ordem, desejo ou dúvida, como na ocorrência a seguir, retirada do *corpus* escrito desta tese.

- (a) Es lo que sucede con mucha frecuencia entre los hispanohablantes con la primera persona del plural del presente del subjuntivo. No se me asuste con el nombre de un modo verbal de uso cotidiano. Recordemos que ese modo es el que empleamos luego de expresiones de orden, deseo o duda: El gobierno exige a los blancos que se pronuncien sobre su participación en los entes; Quiere que le regales una bicicleta; **No creo que podamos** llegar temprano. Pues bien, es muy común oír enunciados como los siguientes: No va a volver antes que nos váyamos; Podemos hacer lo que quiéramos; (Uruguai: La República, 28-04-05)

O fragmento destacado em (a) ilustra uma construção negativa com o verbo *creer* seguido pelo modo subjuntivo, devido à regra exposta no próprio contexto – “*Recordemos que ese modo es el que empleamos luego de expresiones de orden, deseo o duda*. Ainda que o verbo *creer* expresse dúvida, não se pode afirmar que o subjuntivo é o modo da subjetividade, da não-realidade, baseado apenas no fato de que comumente aparece em contextos que expressam incerteza ou estão relacionados a eventos irrealis, ou porque são prescritos via regra gramatical. Nesse processo de significação dos modos se confunde a etiqueta com a explicação que se dá ao enunciado e, por tal motivo, julga-se que a preocupação não deve estar voltada em primeiro plano para a classificação, pois ela não é mais importante que o próprio fenômeno. Dessa forma, afirmar que o subjuntivo é apenas o modo da vontade, da não-realidade “*equivale a no conseguir ir más allá de algunos casos específicos*” (cf. MATTE BON, 2001, p.4)

De acordo com o posicionamento de Matte Bon, muitas vezes não é possível entender fenômenos da língua, pois a gramática é compreendida a partir de fragmentos desordenados.

---

<sup>10</sup> Borrego *et al.* (1986) apresentam setenta e sete (77) regras para o subjuntivo, numeradas correlativamente ao longo do manual. No início de seu trabalho, pedem aos leitores que não se desencorajem diante do número de regras e também para que desconfiem de exposições simplistas que dão conta do subjuntivo recorrendo a um par de conceitos.

Em uma de suas conferências, realizadas no Brasil<sup>11</sup>, utiliza um trecho de Eduardo Galeano, retirado de *Ser como ellos y otros artículos* (1992), que corrobora tal afirmação.

*“Estaban los tres ciegos ante el elefante. Uno de ellos le palpó el rabo y dijo: -Es una cuerda-. Otro ciego acarició una pata del elefante y opinó: -Es una columna-. Y el tercer ciego apoyó la mano en el cuerpo del elefante y adivinó: -Es una pared-. Galeano analiza dicha historia de la siguiente manera: Así estamos: ciegos de nosotros, ciegos del mundo. Desde que nacemos, nos entrenan para no ver más que pedacitos. La cultura dominante, cultura del desvinculo, rompe la historia pasada como rompe la realidad presente; y prohíbe armar el rompecabezas”* (GALEANO, 1992, p. 8).

Matte Bon usa esta alegoria para expressar sua opinião sobre as gramáticas. Segundo ele, os fenômenos analisados de acordo com a tradição gramatical são interpretados, muitas vezes, a partir de *pedacitos*, ou seja, cada contexto é analisado mediante parâmetros distintos, fazendo com que ora se interprete de uma maneira, ora de outra. Esse posicionamento confirma uma continuidade da repetição de conceitos do enfoque tradicional e de uso de frases descontextualizadas, em detrimento ao uso concreto da língua e suas nuances. Nessa perspectiva, um dos problemas mais evidentes no momento de analisar os fenômenos se refere à dimensão referencial-representativa da língua, com excessiva valorização dos referentes linguísticos. Numa descrição de certa forma mecânica dos significados expressos pelos modos verbais, os referentes factuais são comumente associados ao indicativo e essa caracterização nem sempre é aceita, já que são frequentes os casos em que o subjuntivo codifica eventos reais, como em muitos enunciados encontrados nos *corpora* desta pesquisa.

Nos fragmentos que se seguem, são apresentados alguns casos de pretérito *imperfecto* de subjuntivo. Essa forma verbal modaliza o ato de suposição como pouco provável em ambas as formas gramaticais *-ra* ou *-se*, acrescentando aos enunciados graus de probabilidade, porém, as formas destacadas em (b) e (c) apresentam eventos factuais, revelando certeza da realização dos conteúdos proferidos. Considere tais ocorrências:

- b) “ Muchas cosas tenía pendientes Ronaldo. Contar historias pasadas de frustrados trasposos, su relación con Capello, los 30 goles prometidos, la bienvenida del Bernabéu... A todo contestó, aunque con un tono un tanto alicaído. En principio comentó que **no pensaba que pudiera estar** para jugar 90 minutos ante el Atlético,

---

<sup>11</sup> Durante o V Congresso Brasileiro de Hispanistas, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2008, Francisco Matte Bon (Università degli Studi San Pio V, Roma) apresentou uma conferência intitulada *El análisis de la lengua para su enseñanza a los extranjeros: la gramática metaoperacional como clave para abordar los retos abiertos*.

aunque "sueño con volver a ser titular y con marcar goles de nuevo". Habla el jugador del recibimiento del Bernabéu ante el Dinamo de Kiev y se emociona: "La verdad es que me sorprendió tanto afecto. No esperaba eso y la verdad es que estoy muy contento". (Espanha: ABC,01-10-06)

- c) Acerca de ser una mujer al frente de un club de fútbol, señala que "cuando yo tomé la decisión de entrar al fútbol, **no creí que hubiese** tanto machismo; cuando ya entro es cuando me doy cuenta de ese machismo; así como tu pregunta, esa es la primera pregunta de todos, "¿qué hace una mujer en el fútbol?", como diciéndome: "¿Qué haces tú si no sabes nada de eso?". Esa es la pregunta que yo la sentía al principio muy fuerte y ahora ya aprendí a tomarla con naturalidad, pero al principio les decía: "Pues lo mismo que el hombre, ¿qué voy a hacer?, pues dirigir" (se ríe). Al principio, me decían: "Pero no sabes nada de fútbol...", y yo les contestaba que "los que tienen que saber de fútbol son los que juegan y el técnico..." (Paraguay: ABC, 12-04-05)

As posturas categóricas não são capazes de explicar o uso do subjuntivo nos seus múltiplos contextos, já que a taxonomia imposta e a correlação defendida pela tradição gramatical entre esse modo e a não-realidade não caracterizam satisfatoriamente a variante subjuntiva nos excertos (b) e (c). Nesses casos, o subjuntivo não codifica um evento improvável, hipotético, mas factivo. Em (b), "o atleta jogou 90 minutos contra o Atlético", e a ocorrência em (c) também apresenta factualidade, na medida em que podem ser resgatadas pistas dadas pela falante no contexto, tais como: "...*cuando ya entro es cuando me doy cuenta de ese machismo*", "*¿qué hace una mujer en el fútbol?*", revestindo de certeza factual: a existência do machismo. Se o subjuntivo é considerado unicamente como o modo da não-realidade, o evento deveria ser apresentado como irreal, mas isso não acontece nos casos acima.

Tais fenômenos não ocorrem apenas nas orações subordinadas substantivas. A seguir, apresentam-se alguns casos de orações com *aunque*, conjunção concessiva por excelência no espanhol. Assim como nas substantivas, a maioria dos autores não tem problemas em reconhecer nas concessivas introduzidas por *aunque*, o uso do indicativo correlacionado a uma objeção real e do subjuntivo a uma objeção plausível. As gramáticas da Real Academia Espanhola, publicadas na primeira metade do século XX, por exemplo, limitam a exposição de tais construções - "*levan el verbo en indicativo o en subjuntivo, según que la objeción se proponga como real o como posible*" (1931, p. 438). Para Marcos Marín (1980, p. 223), nas construções concessivas, o verbo aparece com o indicativo, se a objeção é real "*Aunque tengo fiebre haré el examen*". Em contrapartida, usa-se o subjuntivo, se a objeção é apenas uma possibilidade "*Aunque tenga fiebre haré el examen*". Uma das críticas que se pode fazer a essas constatações é a de que não são capazes de explicar o uso do subjuntivo em numerosos contextos aceitos como reais, tais como os excertos que seguem:

- d) “Si los hijos son muy diferentes, tendrás que inscribirlos en planteles distintos “Los hijos son un proyecto a futuro”, señala, “así que **aunque estén en colegios** diferentes debes buscar una congruencia entre los valores de cada institución y los que promuevas en casa”. En tres colegios Alicia Gómez, una mamá con tres hijos en colegios diferentes, menciona que tomó la decisión de cambiarlos de colegio cuando se dio cuenta que...” (México: La Cronica, 06-08-06)
- e) “Hay mucho en juego y el mundo lo entiende claramente. Cuando las encuestas muestran que la gran mayoría de iraquíes desea votar en estas elecciones, los enemigos de un Irak libre, estable y próspero saben que no tienen cabida en un futuro de libertad. La prueba de su furia se plasma con sus coches cargados de bombas, asesinatos, secuestros e intimidación. (...)Los verdaderos patriotas iraquíes son los que despiertan cada mañana y van a trabajar por un futuro mejor. Son las personas que hacen cola para convertirse en agentes de policía y guardias nacionales, **aunque sus conocidos hayan sido secuestrados y asesinados**. Son las personas que se dirigen en automóvil a sus oficinas, pasando por los mismos puestos de control donde suicidas detonaron bombas y mataron a víctimas inocentes el día anterior”. (Nicaragua: La Prensa,05-04-05)

Essas ocorrências não se referem a estados/eventos cuja existência é questionável, de caráter hipotético ou contingente, devido ao uso do modo subjuntivo. Pelo contrário, descrevem situações cuja existência poderia ser afirmada ou negada com facilidade. É possível resgatar pistas contextuais em (d) - *una mamá con tres hijos en colegios diferentes* – e pistas em (e) - *La prueba de su furia se plasma con sus coches cargados de bombas, asesinatos, secuestros e intimidación* – que revestem os enunciados de certeza factual.

Considerando que as ações irrealis, hipotéticas nem sempre são evidentes nos contextos em que o subjuntivo aparece, faz-se necessário avaliar a alternância modal a partir de outros pontos de vista, na busca de traços significativos que possam justificar a eleição modal. Para tanto, com base no modelo de análise proposto (apresentado no início deste capítulo), tem-se como hipótese principal, a significação da oposição indicativo/subjuntivo medida pelo caráter informativo, em que as variantes subjuntivas estão correlacionadas ao traço de informação dada, pressuposta, compartilhada entre os interlocutores, e as variantes indicativas às informações novas.

Seguindo essa proposta, as interpretações feitas ao fenômeno analisado levam, principalmente, em conta as dinâmicas contextuais, ou seja, a relação e a sucessão dos diferentes elementos dispostos na situação discursiva. É através do próprio contexto, portanto, que as pistas linguísticas são analisadas, na tentativa de compreender as funções que exerce cada modo verbal. Vale ressaltar a importância da análise do contexto discursivo mais amplo, já que em alguns casos é preciso fazer uma análise exaustiva para encontrar elementos

precedentes ao uso modal. Para ilustrar esse tipo de constatação, atente-se à análise feita da ocorrência apresentada a seguir:

- f) El proyecto de establecer una Comunidad -lanzado en Cusco, Perú, la segunda semana de diciembre- parece de lejos el más serio, **aunque hayan faltado** a la reunión inicial tres presidentes del conjunto de 12 países que integran el área. Tanto Luiz Inácio Lula da Silva, de Brasil, como Hugo Chávez, de Venezuela, invocaron con insistencia el sueño bolivariano de unidad”. (Peru: La República, 23-01-05)

A interpretação para o uso do subjuntivo em (f) parece ser difícil, principalmente porque se trata de um evento factivo, ou seja, de fato, “três presidentes faltaram à reunião inicial do Acordo de Livre Comércio entre a Comunidade Andina e Mercosul, em Peru” e está codificado com o subjuntivo. Esse trecho, pertencente ao *corpus* escrito, foi retirado de um artigo de opinião. Num primeiro momento, não é possível resgatar elementos precedentes no contexto que informem sobre a ausência dos presidentes e justifiquem o uso do subjuntivo, de acordo com a hipótese prevista da correlação entre informação dada e subjuntivo. No entanto, numa análise mais completa do contexto discursivo, foi possível encontrar dados previamente disponíveis em contextos de informação compartilhada, pressuposta, que poderiam ser considerados como possíveis elementos que antecedem a informação codificada com a variante subjuntiva em (f). O excerto (g), abaixo, é proveniente de um artigo encontrado na seção de política do respectivo jornal, no ano de 2004, portanto, não pertence ao *corpus* desta tese.

- g) “Luego de la III Cumbre de Presidentes Sudamericanos que se realizó en el Cusco, el presidente Alejandro Toledo vio incrementada su popularidad de 9 a 11%, según el último sondeo de la empresa encuestadora Datum. (...) La Comunidad Sudamericana **se creó con la presencia de 9 presidentes**, 8 sudamericanos y uno de Centroamérica”. (Peru: La República, 12-12-04)

A informação de que “nove presidentes haviam participado da reunião” já havia sido mencionada no fim de 2004. A retomada da mesma, num artigo de opinião em 2005, pode ser considerada pressuposta, compartilhada e poderia ser considerada como um traço que explica o uso da variante subjuntiva em (f), devido ao fato de que se refere a uma informação que o leitor já conhece ou, então, que é apresentada como tal, já que se trata de uma informação disponível em edições anteriores.

Os excertos demonstrados até o momento ilustram a necessidade da descaracterização única do subjuntivo como modo da dúvida, da não-realidade, e a necessidade da avaliação de

outros matizes que possam explicar os usos desse modo em oposição ao indicativo, no funcionamento da língua espanhola.

#### 1.4 Os valores dos modos verbais: uma hipótese a explorar

Dando continuidade à caracterização do objeto em estudo, abre-se um espaço para tecer considerações a respeito do subjuntivo desde outra perspectiva. Numa entrevista, retirada do jornal *El País* (Espanha), perguntam a Umberto Eco, com relação a seu livro intitulado *El fin de los tiempos* (1999), se é grave a perda do subjuntivo, e o autor responde:

*“Me parece muy importante el subjuntivo porque él es el único que expresa el tiempo de la hipótesis y de lo posible, de lo no-real. El subjuntivo es, en efecto, el tiempo que crea en el habla y la escritura la escena cóncava de la suposición. Gracias al subjuntivo se añade una trasrealidad como el forro de raso a un vestido de noche o, en suma, como la dimensión donde se desdobra el soñado cuerpo del lenguaje”*. ([www.elpais.com-10-07-1999](http://www.elpais.com-10-07-1999))

Na visão do romancista italiano, o subjuntivo não está em extinção, nem se pode prever o fim deste modo verbal que representa “a cena côncava da suposição”, que lida com a “*trasrealidad*” ou com a dimensão em que o sonho se desdobra. Essa metáfora do desejo e da utopia se vincula, grosso modo, ao subjuntivo não apenas no espanhol, mas também no português, apesar dos diferentes empregos dos modos verbais nas distintas línguas neolatinas.

Nesse terreno metafórico, destaca-se essa bela citação de Umberto Eco com o propósito de ressaltar que esta tese não deixa de reconhecer que o modo subjuntivo está atrelado a contextos e efeitos expressivos, num âmbito abstrato, pois ao considerar que “o subjuntivo dá voltas”, julga-se também a possibilidade de reações subjetivas do falante que poderiam significar: “*Dudo que el subjuntivo dé vueltas*”, “*Quiero que el subjuntivo dé vueltas*”; ou ainda prevendo uma atitude positiva do falante: *Me alegra que el subjuntivo dé vueltas*”... *y ojalá que comprenda yo en esta tesis las vueltas del subjuntivo*. Reconhece-se, portanto, que esse modo codifica complementos de formas que expressam dúvida, desejo e alegria, mas também possui outras funções tão importantes quanto as citadas e, por isso, não pode ser enquadrado como a categoria prototípica de noções como a incerteza e a não-realidade. Por tal motivo, faz-se necessário buscar outros traços que esse modo apresenta, e também julga-se essencial e premente pensar se é adequada a postura interpretativa que opõe dessa maneira taxativa o subjuntivo ao indicativo. O percurso da tradição normativa, explicitado na seção anterior, revela que comumente se realizam tentativas diversas para

explicar quando e como se usam os modos verbais, e muitas delas se valem apenas de elementos extralinguísticos, cuja perspectiva de análise pode provocar inconvenientes na compreensão dos enunciados. Assim se forma o paradoxo da viciada análise que busca a interpretação da oposição indicativo/subjuntivo no referente externo, ou seja, examina-se algo que fora da língua parece não se manifestar, pois nem sempre é possível explicar o uso da variante subjuntiva superficialmente deslocada de seu contexto discursivo interno.

O que se nota a partir dessas constatações é que a significação dos modos é mais extensa do que se pode crer a partir da leitura das gramáticas, ou seja, nem sempre é fácil classificar, pois uma única etiqueta, às vezes, serve para caracterizar fenômenos contraditórios. As correlações enquadradas pela prescrição tradicional indicativo/realidade, subjuntivo/não-realidade nem sempre são significativas, porque o mundo funciona de uma forma e a gramática de outra, evidenciando a importância da análise do fenômeno linguístico essencialmente como parte integrante do ato comunicativo, no qual tem sua razão de ser, com a devida ênfase nos elementos disponíveis no contexto.

Assim, abandona-se por ora antigos critérios de análise com o propósito de avaliar outros matizes e valores que possam ser identificados nas diferentes situações discursivas, para tentar ver além de *trozos de lengua*, por à prova o que a gramática prescreve, procurar entender o funcionamento da língua por meio da própria língua, processar os elementos dentro de seus contextos de uso, evidenciando as implicaturas, as pressuposições, a relação entre o enunciador e a palavra. Em suma, realizar uma descrição satisfatória de certos dados linguísticos.

Para tanto, o modelo de variáveis tem como enfoque principal a análise das dinâmicas contextuais, pois através delas é possível entender as operações metalinguísticas utilizadas pelo falante nas situações discursivas, com o intuito de preencher uma das principais lacunas que ainda existem na gramática dos modos verbais: o papel que desempenha essa relação informação/enunciador na escolha do modo. Esta tese, bem como a metodologia por ela empregada, pode ser apenas mais uma maneira de entender o funcionamento dos modos, no entanto, tem-se como compromisso delimitar indicadores, sejam eles sintáticos, semânticos ou pragmáticos, para desenvolver e propor traços significativos que caracterizem a alternância dos modos.

Isso posto, cabe então se perguntar sobre a justificativa para a realização de mais uma pesquisa sobre os modos verbais em espanhol, considerando que a multiplicidade de teorias é diretamente proporcional ao número de trabalhos já produzidos sobre o tema. Acredita-se que

apesar das relevantes contribuições dos trabalhos desenvolvidos, a alternância modal é muito discutida com base nas perspectivas teóricas ditadas pela tradição gramatical e avaliadas a partir da análise de situações comunicativas descontextualizadas, que não evidenciam o uso concreto da língua.

Esses trabalhos que versam sobre os modos verbais serão apresentados na próxima seção, com o objetivo principal de demonstrar o que a literatura tem postulado para a alternância modal em espanhol, com ênfase nos resultados já obtidos para que, a partir deles, se possa ampliar os fatores que têm sido considerados com relação às variantes indicativa e subjuntiva em espanhol e ressaltar os traços significativos desses usos, justificando a pertinência de mais um estudo sobre o tema e, ao mesmo tempo, contextualizar o fenômeno linguístico analisado nesta tese.

### **1.5 Revisão da literatura: estudos sobre os modos verbais em espanhol**

Um dos problemas clássicos da língua espanhola se refere à gramática dos modos verbais, mais especificamente à alternância indicativo-subjuntivo e os fatores que determinam a eleição de um ou outro modo. Não é novidade que esse tema se apresente como um interessante tópico de análise, levando em conta que o mecanismo de seleção modal que opera em algumas construções é considerado um dos aspectos mais complexos da estrutura da oração em espanhol, sendo o subjuntivo, em seu uso conceitual, o modo que apresenta mais dificuldade de uso, devido à variedade de traços que possui.

São diversos os trabalhos sobre os modos verbais, sob perspectivas teóricas variadas. A verificação desses estudos permite realizar uma reflexão quanto aos questionamentos metodológicos em relação ao que a literatura expõe, comparar resultados, formular hipóteses e apontar novas direções de análise, justificando esta investigação<sup>12</sup>. Cabe mencionar que a revisão bibliográfica é apresentada em dois blocos: no primeiro são exibidos os estudos que tratam, principalmente, das orações subordinadas substantivas, ainda que alguns deles incluam outros tipos de orações. O segundo bloco apresenta, especificamente, algumas das principais classificações e resultados no estudo das concessivas, em especial, *aunque*, que segundo Veiga e Mosteiro Louzao (2006, p. 280), é o nexos de significação concessiva de uso

---

<sup>12</sup> Pode-se consultar Navas Ruiz (1990). O autor recolhe um amplo repertório bibliográfico sobre o subjuntivo com autores desde 1906 a 1987 e oferece uma perspectiva geral sobre a investigação do modo subjuntivo no espanhol. González Calvo (1993) também proporciona em seu ensaio “*Sobre el modo verbal en español*” uma visão geral sobre o desenvolvimento histórico da discussão teórica dos modos.

mais frequente e, sobretudo, o de emprego mais espontâneo e livre de condicionamentos estilísticos ou de outro tipo.

### 1.5.1 Orações substantivas

No panorama geral dos estudos modais, as pesquisadoras Terrell e Hooper (1974) são conhecidas como as precursoras da análise do indicativo e subjuntivo, servindo como base a várias pesquisas posteriores. Em termos semânticos, utilizam as noções de asserção e pressuposição para explicar a distinção dos modos. Afirmam que nas orações independentes e nas substantivas, o modo indicativo se relaciona com a asserção e o subjuntivo com a não-asserção. Nessa perspectiva, a escolha do modo verbal está diretamente ligada ao valor de verdade da proposição, ou seja, o falante deseja transmitir certa informação e elege uma determinada construção sintática para expressá-la. O enunciado pode ser: assertivo, em que o falante afirma o complemento oracional como verdadeiro, ou pressuposto, em que o falante não afirma o complemento, mas ele se pressupõe como verdadeiro (TERREL e HOOPER, 1974, p.485).

As propriedades semânticas, descritas pelas autoras, contêm uma série de consequências sintáticas que se relacionam com a negação, com determinadas estruturas tais como “*el hecho de que*”, ou ainda restrições temporais das cláusulas. No trabalho parece claro que as propriedades sintáticas são relevantes; no entanto, nota-se que as de tipo semântico têm prioridade.

Os estudos posteriores ao trabalho de Terrell e Hooper (1974) mostram uma variedade de enfoques na tentativa de encontrar fórmulas que expliquem as escolhas modais<sup>13</sup>. Nessa trajetória pode-se citar: Goldin (1974), Shawl (1975), Klein (1975), Rivero (1979), Foster (1982), Lavandera (1983), Lunn (1989, 1995), Bosque (1990), Lope Blanch (1990), Reyes (1990), Guitart (1991), Smead (1994), Mejías-Bikandi (1994, 1998), Silva-Corvalán (1994), Studerus (1995), Murillo Medrano (1999), Serrano (1995) e Dunlap (2006). Esses estudos são apresentados aqui divididos por áreas. Porém, já que os limites entre as áreas linguísticas são muito tênues, alguns podem fazer menção a mais de uma abordagem teórica<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> A proposta de Terrell e Hooper constitui o começo de uma nova linha de investigação que está representada por autores dos Estados Unidos, Hispanoamérica e Espanha. A influência do contraste afirmação/pressuposição é verificada também em obras de referência mais recentes como, na *Gramática descriptiva de la lengua española*, por autores como Ridruejo e Pérez Saldanya, além de outros pesquisadores que serão abordados neste capítulo.

<sup>14</sup> Convém ressaltar que também foi realizada uma revisão dos trabalhos publicados no Brasil. Entre esses estudos, grande parte encontra-se direcionado pelo enfoque didático dado ao tema com ênfase, principalmente,

### 1.5.1.1 Relativos à abordagem sintática

Numa interpretação a nível sintático, Shawl (1975) focaliza a análise e descrição de certos tipos de oração em que o indicativo e o subjuntivo são encontrados. O autor comenta sobre a excessiva relevância atribuída a dados morfológicos e semânticos dos modos verbais, verificados na maioria dos livros didáticos e assinala a insistência dos professores para que os alunos memorizem algumas categorias semânticas, tais como antecedente negativo ou indefinido, ato ou evento futuro, dúvida, desejo, necessidade como fatores para uso de um determinado modo.

Seu estudo é feito sob a ótica da gramática gerativa, considerando a aplicação de quatro regras para o uso do subjuntivo: experiência, posterioridade, influência e posterioridade indefinida. Os excertos que seguem abaixo ilustram tais regras.

- a) “*José busca una casa que tiene farolito*” [+experiência]
  - b) “*José busca una casa que tenga farolito*” [-experiência]
  - c) “*Rosa canta cuando él llega*” [-posterioridade]
  - d) “*Rosa cantará cuando llegue él*” [+posterioridade]
  - e) “*Yo encuentro que Rosa habla despacio*” [-influência]
  - f) “*Yo quiero que Rosa hable despacio*” [+influência]
  - g) “*José se quedará aquí hasta que Rosa salga*” [+posterioridade indefinida]
  - h) “*José se quedó aquí hasta que Rosa había salido*” [-posterioridade indefinida]
- (SHAWL, 1975, p.324-8)

---

na análise contrastiva, ou seja, direcionado aos erros que os estudantes cometem ao utilizar o subjuntivo e, outras vezes, na comparação das regras prescritas pela língua portuguesa e espanhola (COSTA, 2004). Pode-se citar ainda dissertações de mestrado como a de Rebollo Couto (1994), intitulada: O futuro do subjuntivo e a enunciação da hipótese em três línguas neolatinas e a de Oliveira (2002) que aborda o futuro do subjuntivo em português e espanhol. Outros artigos, como o de Barros (2006) “*Subjuntivo: ¿ uno o dos modos verbales? Otra lanza por Bello*”, com foco na discussão da teoria Bellista no tocante aos modos verbais em língua espanhola. Em outro trabalho, Barros (2002) examina passagens de obras literárias de língua portuguesa e espanhola, questionando parâmetros sobre o emprego dos modos verbais e corroborando a presença da variação modal em casos previstos para o uso do subjuntivo. Além disso, encontram-se também pesquisas que focam na oposição verbal entre *perfecto compuesto* e *perfecto simple* e a limitação dos valores semânticos destes tempos, no entanto tem como objetivo central o estudo da temporalidade verbal do espanhol (MATTOS, 2003; OLIVEIRA, 2007; GODOY e DIAS, 2003). Entre estes estudos analisados, apenas o trabalho de Correa (2003) será mencionado com maior detalhamento, pois ainda que trate dos modos a partir de uma análise contrastiva, acentua sua pesquisa na alternância modal indicativo/subjuntivo.

A maneira de conceituar o subjuntivo considerando a estrutura sintática também é vista no trabalho desenvolvido por Foster (1982). Para o autor, alguns manuais insistem que o contraste indicativo/subjuntivo se deve ao valor de verdade das proposições, caracterizando o modo subjuntivo como categoria semântica, com frases como “a semântica do subjuntivo espanhol” e a “psicologia do subjuntivo espanhol”. No entanto, Foster aponta uma série de observações a respeito da verificação de outras características na identificação da categoria verbo espanhol, em especial, as sintáticas.

O autor argumenta que há uma ampla evidência de uso, tanto coloquial como formal, da correlação entre o uso do verbo com a negativa, que regula a eleição de um determinado modo, em especial quando aparecem verbos como *creer*, *dudar* e *parecer*, como no trecho - “*No creo que Juan (no) sea inteligente*”. Por outro lado, a não negativa seleciona o modo oposto, ou seja, o indicativo “*Creo que Juan (no) es inteligente*”. Dessa forma, orações como “*Creo que Juan sea inteligente*” e “*No creo que Juan es inteligente*” são interpretadas, não pela pressuposição semântica ou a semântica do verbo da oração principal, mas pela correlação sintática que assinala o modo devido à presença da negativa (cf. FOSTER, 1982, p.133).

Foster (1982) apresenta outros exemplos de contradições internas que poderiam ser mencionados, em que o modo verbal está ditado exclusivamente por critérios sintáticos, não sendo possível uma análise única a partir de contrastes semânticos, como é o caso de *El hecho de que* (uso de indicativo ou subjuntivo com base no constraste factivo/não-factivo), o item *El que* (uso obrigatório do subjuntivo) e expressões sinônimas (*Está bien que lo dices/Está bien que lo digas*).

Outro estudo de orientação sintática trata do espanhol falado em Costa Rica. Murillo Medrano (1999) aborda o modo subjuntivo como um reflexo de uma condição sintática e semântica que o verbo principal impõe ao complemento subordinado. O autor investiga a variação modal nas orações subordinadas substantivas, através de um *corpus* de norma culta de Costa Rica, com dados de fala de 36 entrevistas, nas quais participam 46 informantes. A análise dos enunciados segue critério sintático e a interpretação se norteia por princípios semânticos e pragmáticos.

Entre as orações estudadas pelo autor estão: as subordinadas substantivas de sujeito “*O sea, no es que vivan mal, pero tienen sus altibajos serios*”; as subordinadas substantivas de complemento direto, “*Yo no creo que sea la inteligencia propiamente de él*”; as subordinadas optativas dependentes de verbo implícito “*Pero bueno, que las bases estén similares en todos*

los centros”; as interrogativas indiretas “*Y la maestra... que hasta tiene a veces que llevar a los hijos a la escuela porque no tienen quién se los cuide*” e as subordinadas substantivas complementárias de substantivo “*Yo no creo que sea la inteligencia propiamente de él*” (MURILO MEDRANO, 1999, p.216-22).

Em seus resultados, o estudioso verifica que as orações interrogativas indiretas são as únicas construções nas quais, diante da opção de uso de ambos os modos, existe uma maioria percentual de indicativo, e nos demais tipos de construções o modo subjuntivo prevalece percentualmente.

### 1.5.1.2 Relativos à abordagem semântica

Sob perspectiva semântica, cita-se primeiramente a análise de Lope Blanch (1990[1958]), que trata de usos do indicativo no lugar do subjuntivo em orações subordinadas, não como sequências anômalas dentro de uma teoria geral dos modos, mas como traços integrados que formam parte de uma teoria de inter-conexão entre os modos indicativo e subjuntivo, que abre espaço para a variação modal. Os postulados tradicionais afirmam que as orações regidas por verbos de emoção, dúvida ou possibilidade devem ser codificadas com o subjuntivo na subordinada, expressando tanto “*el temor o emoción sin afirmar la realidad del hecho*” (*Tengo miedo de que lleguen tarde*), como “*emoción ante un hecho que se afirma*” (*Siento que estás descontento*) (cf. GILI GAYA, 2002 [1943], p. 110).

No entanto, segundo o autor, no espanhol do México, por exemplo, não é raro encontrar expressões destas classes construídas com a variante indicativa, fenômeno que desperta interesse dos investigadores. Esses fenômenos não são exclusivamente americanos, já que podem ser encontrados casos semelhantes na Espanha. Considere alguns exemplos:

- i) com verbos de emoção: “*Estoy muy satisfecha de que supo terminarlo él solo*”;
- ii) com verbos de possibilidade: “*... habiendo la posibilidad de que el producto protege al niño no tocado por los virus*”;
- iii) com verbos de dúvida ou desconhecimento: “*Niegan que se efectuó una violación de los derechos individuales*” (cf. LOPE BLANCH, 1990, p. 181).

Na opinião do autor, a expressão da possibilidade por meio do indicativo pode parecer um pouco estranha, já que a dúvida admite graus e pode direcionar-se tanto à afirmação como

à negação. No entanto, admite que a idéia de possibilidade e probabilidade em orações independentes, introduzidas por um advérbio, por exemplo, pode ser expressa tanto em indicativo como em subjuntivo, como nos exemplos: “*Es posible que llueva*” ou “*Posiblemente lloverá*”. Como se pode notar, Lope Blanch evidencia em seu trabalho exemplos que são exceções à norma tradicional geral, demonstrando a funcionalidade do modo subjuntivo em espanhol, já que o sistema linguístico permite gradações de sentido de acordo com a forma empregada.

Na linha semântica generativa, cita-se o trabalho de Rivero (1979), *El modo y la presuposición*. A autora parte das noções de suposição e pressuposição para explicar a seleção dos modos em subordinadas substantivas e relativas restritivas com verbos de comunicação. Afirma que “*el complementador indicativo conlleva una actitud positiva con respecto al valor veritativo del complemento; el complementador subjuntivo se asocia con una actitud neutral*” (cf. RIVERO, 1979, p. 39). Dessa forma, quando se pressupõe que o afirmado na subordinada é verdadeiro, usa-se o indicativo, por outro lado, se não se pressupõe usa-se o subjuntivo<sup>15</sup>. O verbo *creer*, por exemplo, quando aparece precedido por uma partícula negativa ou em estruturas interrogativas afirmativas apresenta variação modal ¿*Cree usted que sea verdad?* /¿*Cree usted que es verdad?*.

Para Rivero (1979, p. 40-1), as diferenças modais são atribuídas às distintas pressuposições do falante com respeito à verdade ou à falsidade do complemento da oração. Ao considerar trechos como a) “*Los corredores no creen que el belga ganara la carrera*” e b) “*Los corredores no creen que el belga ganó la carrera*”, a autora afirma a ausência de pressuposição com subjuntivo (a), frente à existência de pressuposição com indicativo (b). Na ocorrência em (a) não existe nenhuma suposição ou pressuposição por parte do falante com respeito ao valor de verdade do complemento, ou seja, o falante apresenta uma atitude neutra e reflete simplesmente a opinião dos corredores. Em (b), pelo contrário, o falante adota uma atitude positiva e supõe que a ação a que se refere o complemento é real e não se trata da opinião de terceiros. Levando em conta essa constatação, os fatos são apresentados como verdadeiros, mas ao mesmo tempo não se acredita neles<sup>16</sup>. Dessa forma, com o indicativo, em

---

<sup>15</sup> Rivero postula que as atitudes ante o valor de verdade do complemento devem refletir na estrutura subjacente dos complementos e não podem ser formuladas por meio de regras de interpretação semântica, a nível de estrutura superficial. Tenta demonstrar que a natureza das pressuposições das sequências completivas afeta seu comportamento sintático.

<sup>16</sup> Essa interpretação de Rivero é vista como mais uma variante das explicações da gramática tradicional, pois remete a noções de realidade/ não-realidade para explicar as diferenças modais. Acredita-se que em nenhum dos casos apresentados pela autora em seu artigo, a atitude do falante pode ou não pressupor que “o belga ganhou a corrida”, pois o falante apenas relata a atitude do sujeito da oração principal com respeito à verdade do

primeira pessoa seria o mesmo que dizer “*No lo puedo creer, el belga ganó la carrera*”, oração a que se pode acrescentar, *según dicen*. E com o subjuntivo, *No creo que el belga ganara* apresenta uma simples opinião negativa (RIVERO, 1979, p. 41).

Reyes (1990) também leva em consideração o fator pressuposição. Os conceitos principais na argumentação de sua teoria são: o *valor citativo* de determinadas formas verbais e o *conceito evidencial*. O primeiro refere-se ao fato de que determinadas formas verbais evocam um enunciado anterior que pode ser produzido ou pressuposto. O segundo, evidencial, é considerado pela autora como uma categoria com a qual o falante indica que a experiência do que afirma na proposição não é direta. Para Reyes:

*“La actividad citativa (...) ocurre normalmente cuando ciertas formas del indicativo parecen relajar sus valores temporales prototípicos, y cuando el subjuntivo epistémico cuestiona no la probabilidad, sino la relevancia discursiva de un hecho. En todos estos casos las formas verbales tienen fuerza modal: los hablantes restringen sus aserciones, y en algunos casos las dejan en suspenso”* (REYES, 1990, p. 50).

De acordo com o que pontua a autora, o conceito de asserção é fundamental na sua teoria, assim como também é importante o valor de verdade do que se afirma no conteúdo proposicional e o valor semântico do verbo. Segundo Reyes, para estudar os valores citativos de determinados verbos é preciso levar em consideração não apenas a citação, mas também seu significado e o emprego em contextos concretos.

Assim, quando falantes usam o subjuntivo em trechos como “*Lamento que Juan está enfermo*”, deve haver um enunciado precedente disponível no contexto, ou seja, esse assunto já havia sido discutido, ou ainda que não esteja explícito na conversação que *Juan está enfermo*, é de conhecimento ou crença compartilhada pelos interlocutores, pois de outra forma seria totalmente inapropriado lamentar o fato de ‘Juan estar doente’, já que se trata de um comentário sobre tal evento. Esses processos ocorrem com alguma intenção comunicativa, seja com o intuito de indicar por cautela que o dito procede de outra fonte, comentar ou avaliar o texto evocado, simplesmente retransmiti-lo ou então apenas mencioná-lo para agregar informação nova (cf. REYES, 1990, p. 20-21).

---

complemento. Outra crítica que se faz à sua análise é a de que a autora não discute orações com a primeira pessoa, apresentando apenas pressuposições que aparecem em orações de terceira pessoa, já que exemplos como *No creo que el belga ganó la carrera*, tornariam a proposta apresentada por Rivero, de certa forma, contraditória, levando em consideração que o falante se refere a uma situação que supõe ter ocorrido, mas ao mesmo tempo nega crer nesse fato.

A autora também ressalta a existência de expressões que servem para introduzir outros enunciados ou outra voz no próprio texto, frequentemente com o propósito de refutar ou respaldar as próprias opiniões. A negação cumpre com frequência essa função de citação, pois pressupõe uma asserção prévia à qual se agrega um valor de verdade com o indicativo e de falsidade com o subjuntivo<sup>17</sup>.

Ainda no que se refere à perspectiva semântica dos modos verbais, um trabalho muito sugestivo é o de Bosque (1990). O autor faz uma revisão de alguns dos principais fatores que intervêm na gramática de modos e apresenta generalizações sobre o tema em seu estudo *Las bases gramaticales de la alternancia modal: repaso y balance*. Desde uma ótica semântica e também sintática, o autor faz várias reflexões sobre as questões relativas à seleção modal. Esse hibridismo de critérios se reflete numa teoria que abarca a análise da alternância modal em geral, e do subjuntivo em particular.

Segundo o autor, os modos verbais representam, em alguns casos, informações sobre a classe semântica da proposição em que aparecem e, outras vezes, são simples formas de morfemas temporais. Nessa perspectiva, entende-se que além do importante papel que as noções semânticas desempenham na seleção modal, não se pode deixar de mencionar as relações de seleção que ocorrem entre os núcleos sintáticos.

Pontua em seu estudo a preocupação de que as noções semânticas de vontade, temor, necessidade, entre outras apreciações valorativas, quase sempre estão associadas ao subjuntivo, o que sugere uma equivocada conclusão de que os verbos são as únicas categorias que selecionam tal complemento oracional. Segundo o autor, os morfemas de modo que contêm as subordinadas substantivas não são sempre selecionados por predicados dos quais são argumentos, mas por certos operadores como a negação e a interrogação. Além desses, o gerúndio e o imperativo também são citados como operadores que selecionam os morfemas de modo (cf. BOSQUE, 1990, p. 36-39).

Para finalizar a exposição sobre os trabalhos semânticos, destaca-se ainda a investigação de Smead (1994), que trata da eleição do modo em quatro tipos de orações avaliativas, denominadas: Avaliativa Exclamação não-verbal, do tipo “*Qué bueno que*”, “*Ojalá que*”; Avaliativa Exclamação verbal, do tipo “*Como me preocupa que...*”; Avaliativa Estendida não-verbal, do tipo “*Lo malo es que...*”; Avaliativa Estendida verbal, do tipo “*Lo*

---

<sup>17</sup> Dentro dessa perspectiva, Reyes (1990, p. 23) afirma que *pero* é um elemento do léxico que funciona como marcador de intertextualidade, ou seja, relaciona a enunciação presente com a prévia, com propósito de refutar um enunciado com seu contexto extralinguístico.

*que más deseo es que*”, em um estudo baseado em entrevistas gravadas entre falantes bilíngues (57 México-americanos - Arizona e Texas) e falantes monolíngues (29 mexicanos), com o intuito de analisar o traço assertivo postulado por Terrell e Hooper (1974). Nesse trabalho, Smead comprova que a assertividade não determina a alternância modal na verificação destas orações, confirmando a importância da análise e de outros traços, tais como: influência da presença ou ausência de elementos verbais na oração principal, o aspecto verbal imperfectivo ou perfectivo da oração, além de outros fatores extralinguísticos na escolha dos modos verbais em espanhol.

### 1.5.1.3 Relativos à abordagem pragmática

Cita-se, primeiramente, um artigo de Klein (1975), *Pragmatic constraints on distribution: the Spanish subjunctive*, em que a autora sustenta a análise semântica que postula o indicativo para assinalar “afirmação” do fato expresso pelo verbo, e o subjuntivo para assinalar “não-afirmação”. A autora explica tanto os fatores distribucionais como os semânticos associados à diferença do modo em língua espanhola. Essa análise foi proposta, primeiramente, por Terrell e Hooper (1974) e por Hooper (1975), como explicação do modo nas cláusulas subordinadas. Klein reduz as seis categorias de predicados definidas pelas autoras: “*creencia*”, “*información*”, “*acto mental*”, “*comentario*”, “*duda*” e “*mandato*”, à oposição básica entre afirmativas e não- afirmativas para os modos indicativo e subjuntivo.

Para cada complemento em indicativo ou subjuntivo, a afirmação ou carência da mesma reflete interpretações pragmáticas distintas, dependendo das possibilidades do mundo real. Nessa perspectiva, o complemento não-afirmativo é compreendido como não-compromisso no que se refere à existência real do fato mencionado pelo falante. Dessa forma, verbos de afirmação e informação exigem complementos no modo indicativo, e os verbos de vontade e opinião, complementos em subjuntivo, como nos excertos “*Deseo que aprenda*” e “*Lamento que aprenda*” (cf. KLEIN, 1975, p. 358).

Nesse contexto, a afirmação do fato do complemento contribui para a impressão de que este complemento está destinado a informar ou afirmá-lo. Por outra parte, a não-afirmação do fato contribui para a impressão de que o complemento está destinado a expressar algo distinto de um informe ou afirmação, podendo ser um desejo ou opinião. Segundo a autora, para que o falante seja capaz de utilizar estas generalizações produtivamente deve abstrair as distintas possibilidades pragmáticas dos complementos. Tais

possibilidades pragmáticas de afirmação/não-afirmação são consideradas a partir das inferências que o falante chega a partir do que aprendeu, tanto no aspecto da contribuição linguística como extralinguística do enunciado (KLEIN, 1975).

Lavandera (1983) examina a forma e o efeito de estratégias linguísticas discursivas que consistem em passar de uma série de emissões do modo indicativo a uma série de usos do subjuntivo em textos argumentativos, caracterizando a posição do falante com respeito a um tema em particular. Estas estratégias discursivas, segundo a autora, são significativas no que se refere à variação dos modos e determinam o papel que desempenham as emissões em subjuntivo no desenvolvimento da argumentação. O *corpus* de onde provêm os textos analisados consiste de 100 horas de gravação de fala obtida em Buenos Aires, em 1973, a partir da coleta de entrevistas com homens e mulheres.

Para a autora, a morfologia indicativo/subjuntivo incorporada a cada verbo conjugado constitui uma espécie de instrução ao ouvinte sobre a presença ou ausência do traço da assertividade em cada proposição proferida. Em outras palavras, a hipótese de Lavandera sobre a contribuição da morfologia dos modos é a de que eles constituem um meio pelo qual o interlocutor é instruído sobre como deve interpretar um enunciado, preparando o interlocutor para receber a informação léxica. Nesse contexto, o uso do modo subjuntivo sugere ao ouvinte que não confie muito no conteúdo do enunciado.

Lavandera identificou a variação entre as mudanças de modo e as mudanças de valor argumentativo das orações analisadas no *corpus* de estudo. A explicação para as variações de uso se dá pelo contraste entre o significado dos modos que caracterizam um tipo de estratégia eficaz, em que a morfologia modal, ao distinguir entre [+assertivo] e [- assertivo], é utilizada para discriminar os enunciados que se referem a eventos, em termos de maior e menor relevância para o falante. Dessa forma, os enunciados em subjuntivo colocam os fatos na parte inferior da escala de relevância e esta hierarquização, de certa forma, organiza os textos.

No contexto mais amplo do discurso, a investigação do modo verbal feita por Lunn (1989), se assemelha à de Lavandera. Ambas as autoras concordam que as informações codificadas com o indicativo alertam ao ouvinte que o enunciado a ser interpretado está sendo dito como uma informação nova ou relevante, e com o subjuntivo, se trata de uma informação velha ou não-relevante.

O aspecto da informação também é abordado por Lunn (1989), em *Spanish mood and the prototype of assertability*. A autora discute o uso do modo subjuntivo, tomando como base a Teoria da relevância. O sentido principal dessa teoria refere-se à qualidade assumida como

inerente aos atos de comunicação<sup>18</sup>. A relevância está correlacionada com o grau de informação, ou seja, a relevância de uma nova informação para um indivíduo é medida em termos de melhorias produzidas para sua representação de mundo (cf. SPERBER e WILSON, 1986, p.103). Em suma, seu estudo propõe que toda proposição deve apresentar duas qualidades: valor de verdade e de informação. Menciona também que as proposições marcadas pelo subjuntivo, se verdadeiras ou falsas, partilham da qualidade semântica de baixo valor de informação, ou seja, de pouca relevância. Seu modelo sugere que em toda situação comunicativa deve-se assumir que a informação codificada com o indicativo é relevante e, com o subjuntivo, as proposições são menos relevantes, porque não adicionam nova informação ou não acrescentam informação verdadeira à já existente.

Além da relevância, Lunn também introduz a noção de protótipo da assertividade. A autora propõe que alguns tipos de informações são mais assertivas que outras. Potencialmente, a informação nova e verdadeira é mais assertiva que a informação velha e não verdadeira. Nessa perspectiva, a autora outorga o *status* de protótipo do subjuntivo vinculado à característica linguística da não-assertividade, fazendo menção à teoria de Terrell e Hooper (1974), que corrobora a hipótese de que o indicativo espanhol é o modo da asserção, e o subjuntivo, da não-asserção.

Outro de seus estudos sobre a função avaliativa do subjuntivo espanhol, intitulado *The evaluative function of the Spanish subjunctive* (1995), também assume valores pragmáticos. Sua pesquisa caracteriza o modo verbal como um mecanismo pelo qual os falantes avaliam o valor informativo das orações. Nesse estudo, a autora especifica os usos das formas *-ra* e *-se* nos usos jornalísticos. Para Lunn, nesse tipo de discurso, há subgêneros que são caracterizados por um amplo uso do subjuntivo, em que o pretérito imperfeito do subjuntivo é utilizado para marcar informação compartilhada, como no exemplo: “*La pareja, que se hiciera (PS) famosa por interpretar el papel de marido y mujer en ‘El pájaro espino’, es en la vida real un matrimonio feliz*” (LUNN, 1995, p.433). Nesse fragmento, a informação é codificada com o modo subjuntivo, por ser uma informação conhecida pelos leitores, ou seja, informações já publicadas anteriormente. Dessa forma, o uso do subjuntivo serve como “fundo” de informação velha, ou seja, já contida em edições anteriores e tem função metalinguística, através da identificação de certos estilos de escrita jornalística.

---

<sup>18</sup> A Teoria da relevância fundamenta-se em dois princípios gerais: o princípio cognitivo de que a mente humana tende a ser dirigida para a máxima relevância e o princípio comunicativo de que os enunciados geram expectativas de relevância. Nesse sentido, os recursos cognitivos dirigem-se para as informações que parecem relevantes ao interlocutor. Por outro lado, com base no princípio comunicativo, um falante cria uma expectativa de relevância ‘ótima’ pelo próprio ato de dirigir-se a outra pessoa.

Não se pode deixar de mencionar que os fatores semânticos não são esquecidos nesse trabalho, já que a autora retoma a discussão da incidência do modo indicativo para a asserção e do subjuntivo para a não-asserção. De acordo com a autora a proposição pode não conter asserção por três motivos: i) o falante tem dúvida sobre a veracidade da mesma - “*Dudo que sea (S) buena idea*”; ii) a proposição não é realizada - “*Necesito que me devuelvas (S) ese libro*”; e iii) a proposição é pressuposta - “*Me alegra que sepas (S) la verdad*” (LUNN, 1995, p. 430). E dessa maneira, a autora encerra seu conhecido artigo.

Guitart (1991) faz uma investigação das orações de predicados de conhecimento (*saber, darse cuenta, estar conciente*) e de aquisição de conhecimento (*notar, ver, descubrir, sentir*), retomando as noções de asserção/pressuposição, propostas por Terrell e Hooper (1974). O autor recupera a abordagem das autoras, no sentido de que a pressuposição ocorre quando o falante reconhece um complemento como verdadeiro e formula outra proposição acerca do mesmo. Assim, no enunciado “*Me parece que el bar está cerrado*”, o complemento é afirmado, caso contrário “*Lamento que el bar esté cerrado*”, o complemento é pressuposto. A diferença semântica fundamental entre esses dois tipos de complementos é que, quando se nega a oração, o complemento continua sendo pressuposto. Por outro lado, o complemento afirmado deixa de ser pressuposto. Dessa forma - “*No lamento que el bar esté cerrado*” mantém a pressuposição de que o bar está fechado, porém, em “*No me parece que el bar esté cerrado*”, o complemento não se pressupõe (cf. GUITART, 1991, p. 179-80).

Para Guitart, o problema de análise das autoras se deve ao uso que fazem da negação, como teste para determinar uma possível pressuposição de caráter semântico, que trata das relações entre as orações, independente dos falantes que intervêm na comunicação. Para o autor, a pressuposição deve ser pragmática, pois está relacionada com o conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, e essa condição é essencial no momento de codificar as informações. Dessa forma, quando o complemento de um predicado de conhecimento se afirma pragmaticamente, a intenção do falante é informar, quando se pressupõe pragmaticamente, a intenção pode ser interpretada como aviso de que tal informação não é exclusivamente do falante que a profere.

A descrição de Guitart, portanto, estabelece uma distinção entre os dois tipos de pressuposição: semântica (independente das relações entre falante e ouvinte) e pragmática (equivalente à suposição por parte do falante de que o ouvinte compartilha da informação do complemento oracional). Assim, ao retomar o trecho “*Noté que el bar estaba cerrado*”, pragmaticamente se afirma (informa ao ouvinte sobre algo, que o bar está fechado). No

entanto, semanticamente, o complemento cumpre a prova da negação: “*si el bar está cerrado*” y digo que “*no me he dado cuenta*”, ainda pressupõe-se como verdadeiro o complemento da primeira oração (cf. GUITART, 1991, p.185). Estudos como esse, apesar da relevância em seus resultados, não encerram o assunto, por isso é profícua a investigação desse tema.

Destacam-se, também, as generalizações propostas por Mejías-Bikandi (1994). Em seu artigo “*Assertion and speaker’s intention: a pragmatically based account of mood in Spanish*” utiliza a noção de asserção postulada por Terrell e Hooper (1974) e propõe uma nova análise baseada na definição pragmática dessa noção, com base nas estruturas semânticas dos espaços mentais de Fauconnier (1985)<sup>19</sup>. De acordo com essa abordagem teórica, a escolha do modo é determinada de acordo com o ponto de vista da realidade do falante e ouvinte. A noção de asserção, portanto, faz referência à intenção do falante e a representação que o mesmo tem da sua e de outras representações da realidade<sup>20</sup>. Mejías-Bikandi considera a intenção comunicativa crucial para o entendimento da asserção. Dessa forma, para predizer o modo dos complementos das orações em espanhol é preciso levar em consideração a intenção do falante refletida no significado da oração principal. Assim, o indicativo é usado se o falante considera que o significado da sentença faz parte de sua realidade ou se a realidade é compartilhada entre falante e ouvinte. Em contrapartida, o subjuntivo é usado se a sentença não faz parte da realidade do falante ou do ouvinte.

O mesmo objetivo em destacar o *status* pragmático na distribuição dos modos e na explicação do uso do subjuntivo em oposição ao indicativo é visto em outro de seus artigos, intitulado “*Pragmatic presupposition and old information in the use of the subjunctive mood in Spanish*” (1998). Nele, Mejías-Bikandi trabalha com orações substantivas e examina diferentes tipos de complementos do espanhol. Seus resultados apontam evidências empíricas

---

<sup>19</sup> A teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1985) parte da idéia de que as correspondências (mapeamentos) entre os domínios mentais estão no centro da faculdade cognitiva humana de produção, processamento e transferência de significado.

<sup>20</sup> São as intenções dos falantes que decidem sobre a expressão de uma informação a um público particular. Dessa maneira, o autor propõe a seguinte noção de asserção: um falante afirma uma proposição *P* quando sua intenção é indicar que *P* descreve o mundo como ele/ela percebe individualmente. Quando não há intenção em indicar que *P* representa algum ponto de vista individual do mundo, o falante não afirma *P*. Essa definição de asserção desenvolve uma explicação pragmática sobre a distribuição dos modos em espanhol. Essa teoria assume que o conhecimento que o falante tem sobre o mundo pode ser representado na forma proposicional, ou seja, há um domínio *R(s)* que contém as proposições que representam o que o falante considera como realidade objetiva. De igual modo, há um domínio *R(h)* que representa o que o falante acredita ser a opinião de seu ouvinte sobre a realidade. Em geral, para uma pessoa (*a*), existe um domínio *R(a)* que contém as proposições que descrevem o que o falante acredita como o ponto de vista da realidade de (*a*).

sobre a hipótese de que os complementos em que o modo subjuntivo aparece se referem à informação já conhecida. Nesse sentido, um complemento representa uma informação velha quando o falante assume familiaridade com a informação expressa, ou seja, já foi discutida previamente com seu ouvinte.

Um dos fenômenos considerados pelo autor é o intensificador *tan*, anafórico por natureza em espanhol, por marcar necessariamente a referência da propriedade descrita pelo adjetivo. Assume-se que o *tan* é previamente discutido entre falante e ouvinte quando aparece em uma sentença negativa, como em “*Pedro no es tan alto*” e, portanto, é comum em complementos que representam informação velha. Assim como nos trechos “*No dudo que conozcas a un amigo mío*” e “*No dudo que tenga tanto dinero*”, o uso do subjuntivo é relacionado à informação velha, já que para o ouvinte duvidar de algum evento é preciso que ele tenha sido abordado previamente pelos interlocutores (cf. MEJÍAS-BIKANDI, 1998, p. 944-945).

Em suma, em seu artigo, o autor conclui que para entender o uso do modo subjuntivo nas cláusulas da língua espanhola, noções lógico-semânticas, tais como a verdade, a falsidade e a pressuposição lógica são menos relevantes que noções discursivas e pragmáticas. Nesse sentido, menciona três aspectos de análise para os modos: i) oração principal cujo complemento representa informação velha (uso do subjuntivo no complemento), ii) complementos que se referem à informação que não é apresentada como verdadeira pelo falante ou pelo sujeito da oração principal (uso do subjuntivo) e iii) informação que é pragmaticamente asserida (uso do indicativo). Em geral, o autor pontua que os resultados mais evidentes de uso do subjuntivo estão correlacionados aos complementos de orações negadas.

#### **1.5.1.4 Relativos à abordagem sociolinguística**

Os estudos sociolinguísticos têm oferecido instrumentos para a caracterização dos modos da língua espanhola, atestando a importância de relacionar as distintas variáveis sociais para explicar a correlação com os fenômenos linguísticos.

Silva-Corvalán (1994), por exemplo, se refere ao espanhol falado na cidade de Los Angeles, Califórnia. A autora, preocupada com fenômenos de mudança na variedade linguística, estudou o uso do subjuntivo com uma amostra de 17 bilíngues mexicanos-americanos residentes nessa cidade. Os informantes pertencem a três gerações: i) G1-

nascidos no México; ii) G2 – nascidos nos Estados Unidos, com pais provenientes do México; e iii) G3 – nascidos nos Estados Unidos, com pelos menos um dos pais nascido no México.

A autora identifica o uso dos modos verbais motivado pelo contexto pragmático da intenção comunicativa. Propõe o emprego de formas flexionais de modo, segundo o traço assertivo para o modo indicativo e o não-assertivo para o subjuntivo, como nos exemplos a) “*No creo que tiene (IND.) fiebre*” => contexto assertivo e b) “*No creo que tenga (SUBJ.) fiebre*” => contexto não-assertivo (cf. SILVA-CORVALÁN, 1994, p.259-60).

Em seu estudo, avaliou as variáveis linguísticas: contexto sintático, grau de liberdade de escolha (sem considerar fatores pragmáticos) e adequação da forma escolhida ao contexto discursivo. A autora identifica cinco tipos de contextos, relacionados ao critério do grau de liberdade de escolha: i) contexto de uso obrigatório do indicativo; ii) contexto de uso obrigatório do subjuntivo; iii) diferenças claras que envolvem orações adjetivas, adverbiais de modo, tempo e lugar, em que o enunciado codificado com o indicativo é [+ factual] e com o subjuntivo é [- factual]; iv) diferenças que envolvem as orações condicionais, em que o enunciado pode ser interpretado como possibilidade com o uso do indicativo e como menos provável com o subjuntivo; e v) avaliação subjetiva do falante, na qual a escolha por um modo está mais relacionada à questão da assertividade que à factualidade.

Em seus resultados, Silva-Corvalán constata que as orações principais de verbos volitivos (*querer, pensar*), de cláusula final e concessiva (*a fin de que, para que, aunque*), são contextos preferenciais à retenção do subjuntivo. Conclui seu estudo sugerindo que existe uma notável simplificação no paradigma verbal no espanhol na região analisada, e tal simplificação é um processo que se produz, de maneira gradual, seguindo padrões regulares, e se manifestam na diminuição da frequência do uso do modo subjuntivo no espanhol falado em Los Angeles.

Outro estudo citado, que versa sobre a influência dos traços sociolinguísticos na análise dos modos, é o desenvolvido por Serrano (1995). A autora espanhola analisou um total de 218 orações condicionais irrealis, do tipo: “*Si tuviera dinero, viajaría a Francia*”, procedentes de um *corpus* de 1406 casos. Nesse estudo, valoriza a incidência de fatores sociais no processo da mudança sintática, em orações condicionais, no tempo presente, na comunidade de fala de Laguna (Santa Cruz de Tenerife, Espanha).

Constatou diferenças quanto à distribuição das variantes em função dos traços sociais: sexo, idade e nível sócio-cultural. A intersecção dessas variáveis foram os fatores que incidiram no processo de mudança sintática das formas verbais das orações condicionais. Nas

variantes encontradas, o modo indicativo, subjuntivo e condicional se alternam, tanto na prótase como na apódose. No exemplo “*Si tuviera un hijo pequeño, me gustaría más*” (subjuntivo- condicional) é a forma considerada estándar e exposta como “correta” pela maioria das gramáticas de espanhol. No entanto, segundo os resultados da autora, atualmente, a forma estándar da comunidade de fala é “*Si fuera mayor, tuviera menos ganas de vivir*” (subjuntivo-subjuntivo). Essa variante é muito frequente no espanhol de várias zonas da América, tais como: Venezuela, Buenos Aires, México e pouco usada no espanhol peninsular e catalão. A partir da análise dos dados, a autora também constatou uma situação de mudança que parte da forma vernacular dessa comunidade de fala com a utilização do modo indicativo na prótase e na apódose “*Si tenía doce hijos, los atendía a todos*” (SERRANO, 1994, p.179).

De acordo com seus resultados, Serrano confirma uma situação sociolinguística que dá abertura aos fenômenos de mudança sintática relacionada com as variáveis extralinguísticas: sexo, idade, nível sócio-cultural, contexto formal e informal e atitude do falante.

O último estudo a ser destacado nesta subseção é de Studerus (1995), que se traduz com o curioso título “Algumas questões não-resolvidas do modo em espanhol”. O autor aponta a necessidade de inclusão, na análise dos modos, de noções como a habitualidade, as verdades gerais e o conhecimento compartilhado, e não apenas o conjunto de regras categoriais, costumeiramente apontado pelos estudos tradicionais da língua.

Sua pesquisa discute a variação encontrada nos dados empíricos do espanhol/inglês de falantes de Laredo, no Texas e de Nuevo Laredo, no México. O estudo envolve 139 indivíduos e a análise de cinco grupos de fatores, que são listados a seguir:

- i) Modo e habitualidade < *María siempre hace lo mejor que puede/pueda*>.
- ii) Modo em sentenças de verdade geral < *Un hombre que dice/diga muchas mentiras no es confiable*>.
- iii) Modo depois das dubitativas < *Tal vez esa gente vive/viva bien*>.
- iv) Modo e *double embedding*<sup>21</sup> < *Es imposible que haya gatos que vuelan/vuelen*>.
- v) Modo e conhecimento compartilhado < *El hecho de que el mundo es/sea redondo es significativo*> (STUDERUS, 1995, p. 95).

---

<sup>21</sup> O fator *double embedding* se refere à dupla forma de subjuntivo que pode aparecer na construção *Es imposible que haya gatos que vuelan/vuelen*, ou seja *haya* e *vuelen* são formas verbais do tempo presente do subjuntivo.

As variáveis analisadas foram: 1) grupo: falantes de Laredo, categorizados como grupo 1 e de Nuevo Laredo, como grupo 2; ii) gênero: Sujeitos masculinos e femininos; iii) idade: Sujeitos entre 17 e 30 anos e sujeitos com mais de 30 anos. A fim de facilitar a apresentação dos resultados, ilustram-se, no quadro a seguir, as percentagens da proporção de escolha do subjuntivo para cada item.

Quadro 4: Percentagens de uso do subjuntivo ( STUDERUS, 1995)

Fatores	Exemplos	Laredo	Nuevo Laredo
Habitualidade	<i>Él siempre se bebe toda la cerveza que está/esté en la nevera</i>	18%	47%
	<i>María siempre hace lo mejor que puede/pueda</i>	23%	13%
	<i>Él siempre se bebía toda la cerveza que estaba/estuviera en la nevera</i>	39%	42%
	<i>María siempre hacía lo mejor que podía/pudiera</i>	17%	9%
Verdade geral	<i>Un hombre que dice/diga muchas mentiras no es confiable</i>	28%	24%
	<i>Un hombre que nunca dice/diga muchas mentiras no es confiable</i>	28%	34%
Dubitativas	<i>Tal vez esa gente vive/viva bien</i>	37%	55%
	<i>Probablemente los europeos comen/coman mucha lechuga</i>	19%	46%
	<i>Es probable que los europeos comen/coman mucha lechuga</i>	72%	84%
Double embedding	<i>Es imposible que haya gatos que vuelan/vuelen</i>	74%	88%
	<i>Es imposible que hubiera gatos que volaban/volaran</i>	73%	89%
Conhecimento compartilhado	<i>El hecho de que el mundo es/sea redondo es significativo</i>	54%	84%

Os resultados apontam evidências de que os falantes mexicanos de Nuevo Laredo tendem a utilizar mais o subjuntivo que os americanos mexicanos de Laredo. O autor também observa que há uma tendência de uso do subjuntivo quando os falantes conversam sobre uma informação que é compartilhada e do indicativo quando a informação é nova para o ouvinte.

E para encerrar os estudos de abordagem sociolinguística, cita-se o estudo de Dunlap (2006) *Dialectal variation in mood choice in Spanish journalistic prose* em que a autora tece considerações sobre a variação dialetal na escolha do modo na construção *después de que* e *luego de que*, em orações subordinadas de passado temporal. A amostra analisada é constituída por textos jornalísticos, obtidos através do *Corpus de referencia del español actual* (CREA) e dados on-line da Real Academia Espanhola.

De acordo com a autora, a oração principal das sentenças analisadas apresenta verbos no passado, indicando que ação foi realizada e, portanto, espera-se o uso do indicativo. No entanto, nos dados investigados aparece o uso do subjuntivo nesses contextos, como no exemplo: “*La noticia se difundió en estos días, luego de que Jack – el joven afortunado – naciera sin complicaciones y con un estado de salud bueno*” (DUNLAP, 2006, p. 36). Nesta

sentença, a ação do verbo da oração principal é passada, ocorre depois da ação expressa na subordinada, logo a natureza factual inerente desse conjunto de circunstâncias cria um contexto favorável ao indicativo, porém, usa-se o subjuntivo. Seus resultados corroboram o fato de que a variação modal é livre e não está associada apenas a noções de subjetividade/objetividade, realidade/ não-realidade.

#### **1.5.1.5 Relativos à abordagem psicológica**

Finaliza-se essa breve apresentação de revisão bibliográfica com o trabalho de Goldin (1974). Utilizando uma abordagem psicológica, o autor afirma que o modo subjuntivo é regido fundamentalmente por dois princípios básicos: a reação e a pressuposição. A reação depende do verbo da oração principal, ou seja, ela determina se o verbo subordinado será codificado em subjuntivo ou indicativo, de acordo com a reação avaliativa do indivíduo sobre o que diz. Entre os exemplos de predicados que indicam reação pode-se citar: “alegrar”, “odiar”, “sentir”, “bueno”, “lástima”. Em contrapartida, os predicados que não indicam reação são: “creer”, “opinar”, “saber”, “dudar”, “verdad”, “posible”, “problable”, “claro”, “parecer”. O segundo princípio, a pressuposição, afeta exclusivamente a proposição expressa na oração subordinada e envolve a natureza da crença do falante sobre o estado ou evento expresso na oração, que pode ser de três tipos: pressuposição positiva, pressuposição negativa (falsidade do complemento) e pressuposição indefinida (nem verdade, nem falsidade do complemento).

Bell (1980) critica a teoria de Goldin ao afirmar que é quase impossível que os falantes sigam esses princípios e que, em qualquer caso, a presença do subjuntivo é reflexo sintático de uma estrutura semântica subjacente. Para Bell, muitos dos aspectos sintáticos que intervêm no modo não são aparentes, pois, em muitos casos, correspondem a iniciativas pragmáticas. A falta de exemplos ou de dados contextualizados faz com que seja difícil avaliar a aplicabilidade destes princípios.

Verifica-se, através da apresentação desses trabalhos, que a escolha do subjuntivo em contraste com o indicativo em espanhol é determinada por muitos fatores: sintáticos, semânticos, pragmáticos, textuais, sociais, e interligados a eles estão as atitudes e intenções dos falantes, como traços motivadores da escolha modal. De acordo com Hopper (1988), a gramática do modo em espanhol “emerge” de uma complexa interação de muitos fatores. De maneira geral, uma das posturas mais defendidas na identificação do sistema modal é medida

pela oposição asserção/não-asserção, assim como a presença e ausência de determinados elementos como *para que*, a negação e a interrogação.

As diferentes abordagens, aqui apresentadas, demonstram o interesse das diversas áreas da linguística pelo tema em questão. A tendência que emerge nos estudos, em geral, é a explicação dos usos modais baseada em oposições, tais como: asserção/não-asserção, asserção/pressuposição, informação nova/velha, relevância/não-relevância, experiência/não-experiência, objetividade/subjetividade, realidade/não-realidade, afirmação/não-afirmação, atualidade/não-atualidade, pressuposição positiva/pressuposição negativa, compromisso/não-compromisso, independência sintática/subordinação, entre outros traços que tentam opor o uso das variantes indicativa e subjuntiva.

Diferentes linhas de pesquisa têm enfatizado a relevância desses fatores para o estudo dos modos verbais, porém, apesar da publicação de vários trabalhos, sob perspectivas teóricas distintas, muitos deles continuam transmitindo valores baseados em regras gramaticais, de alcance muitas vezes limitado. De certa forma, a diversidade de teorias explica a insatisfação com os estudos linguísticos, e a carência de estudos, baseados em *corpus* de dados reais, expõe a inconsistência que motiva a empreender a pesquisa atual.

Vale ressaltar que, entre os traços avaliados pelos autores, resgatam-se nesta pesquisa para a construção do modelo de análise e avaliação dos usos modais, as oposições: informação nova/velha e relevância/não-relevância.

Concluída a apresentação das substantivas, na seção seguinte são exibidos alguns estudos referentes ao uso dos modos nas construções concessivas com *aunque*, também divididos por tendência para melhor compreensão.

### **1.5.2 Orações concessivas**

As gramáticas e os linguistas costumam definir semanticamente a concessiva como aquela oração que supõe um obstáculo para a realização do fato expresso pela principal. Em outras palavras, a concessiva é empregada quando a informação da cláusula subordinada expressa um contraste com o conteúdo proposicional da cláusula principal.

Rivarola (1976, p. 4-6), por sua parte, sustenta que a interpretação da noção de concessividade está no sentido de que “*una relación concesiva no es sino una relación (lógicamente) conjuntiva entre dos frases que es contraria a una relación implicativa presupuesta entre una de ellas y la negación de la otra*”. Segundo o autor, um enunciado

concessivo expressa “*un caso en que esa expectativa no se cumple y puede ser definido, así, como contrario a una expectativa*”. Ao tomar a formulação lógica ( $p \rightarrow \sim q$ ),  $p \wedge q$ , como simbolização desta relação, no exemplo, “*Aunque llueve, Beatriz ha salido a la calle*”, a expectativa se traduz em *llover* -  $\rightarrow$  *no salir Beatriz a la calle* e a enunciação da construção das ações representadas por ambos os verbos, em contraposição à expectativa<sup>22</sup>.

No espanhol, a conjunção concessiva por antonomásia é *aunque*, nexos que permite a alternância dos modos subjuntivo e indicativo. A seleção dos modos nesse tipo de cláusula constitui um grande campo de interesse entre linguistas e gramáticos, e nos últimos tempos se vê notadamente incrementado a partir da década de 90. Entre os trabalhos que tratam da concessiva *aunque*, serão mencionados: Montero Cartelle (1990), Rivas Muiño (1990), Moya Corral (1996), Flamenco García (1999), Pérez Saldanya (1999), Correa (2003), González Ramírez (2003), Rodríguez Rosique (2005), Álvarez Prendes (2006).

Assim como Terrell e Hooper foram as precursoras da análise modal das orações substantivas e independentes, com a distinção asserção e não-asserção, no caso das concessivas, a teoria de Vallejo é tomada como base para vários estudos posteriores, conforme será visto nas subseções seguintes.

Foi Vallejo (1922, 1925) quem estabeleceu a primeira classificação das concessivas segundo o caráter real/hipotético da ação. O autor considera que a diferença entre a significação das concessivas em ambos os modos verbais se refere ao fato de que o indicativo apresenta os eventos puramente reais e o subjuntivo, além de referir-se aos fatos reais, coloca esse modo em relação com outros dados já conhecidos:

*“ si se dice, verbigracia, lo deshereda, aunque es su hijo se afirma, oponiéndolas al mismo tiempo, dos realidades, por el contrario, en lo deshereda, aunque sea su hijo, ya no se trata de oponer a una realidad otra nueva realidad, sino que dando por conocida esta segunda realidad la desecha como ineficaz: se sale al encuentro de una objeción ineficaz que puede presentar un tercero o presentarse en el espíritu del mismo sujeto que habla; es, un suma, el subjuntivo sirviendo a una operación de análisis, un empleo modal que distingue el hecho puro del hecho en relación con otros datos, y aquí: la objeción propia y ajena que hay que desechar en seguida ” (VALLEJO, 1922, p. 50).*

---

<sup>22</sup> Num enunciado do tipo “*Estoy cansada*” com uma entonação de oração inacabada, o interlocutor espera ouvir a continuação de algo que implique descanso, como por exemplo, “*me iré a la cama*”. No entanto, se o enunciado continua com “*pero saldré contigo a dar una vuelta*”, o interlocutor percebe que se elimina a consequência lógica que havia extraído da outra oração por implicatura conversacional. Para Reyes (1998, p. 43), essas interpretações feitas pelo interlocutor se devem a um contexto específico e não à expressão linguística. Dessa forma, o enunciado com o nexos “*Aunque estoy cansada*”, com entonação de inacabada, o interlocutor prevê por implicatura que a continuação virá uma afirmação de signo oposto a “*me iré a la cama*”, ou seja, algo que implique “*no descanso*”.

É importante frisar que o autor relaciona o indicativo à objeção pura, e o subjuntivo se emprega em uma objeção dada como ineficaz, isto é, considerada inconsistente para o sujeito que fala. Dessa interessante maneira, Vallejo opõe “Embora é seu filho, o deserda” a “Embora seja seu filho, o deserda”, em tradução literal feita para os trechos em espanhol.

Em trabalho posterior (1925), Vallejo aprofunda o estudo das concessivas, empregando a etiqueta *subjuntivo polémico* para os casos em que o modo subjuntivo faz referência a fatos reais, ou seja, quando é utilizado em situações que seria comumente usado o indicativo (contextos factuais). Assim, o subjuntivo se interpreta como “polêmico” quando não apresenta seus valores habituais prescritos pela gramática tradicional, ou seja, incerteza, possibilidade, dúvida e manifesta peculiaridades específicas do indicativo. Para o autor, “*el sujeto mediante el indicativo, da a conocer un hecho*”, por outro lado, “*el subjuntivo no da a conocer tal hecho, sino que, alegado por otro, el sujeto lo recoge para refutarlo*” (VALLEJO, 1925, p. 67). Dessa forma, Vallejo institui a categoria ‘*subjuntivo polémico*’, útil para a história da descrição gramatical do espanhol.

### 1.5.2.1 Relativo à diacronia

A expressão da concessividade constitui um dos temas estudados na sintaxe histórica em busca da origem, vigência e vitalidade das distintas conjunções do espanhol medieval e clássico e da possível divisão tipológica das cláusulas concessivas. Cita-se primeiramente o trabalho de Montero Cartelle (1990). Esse investigador trata das cláusulas concessivas, com o objetivo de conhecer e determinar os fatores que provocam variação nas formas verbais, apresentando uma análise formal e etimológica dos nexos concessivos. Utiliza um *corpus* constituído de centenas de obras entre os séculos XII e XVII para investigar a expressão *maguer que*<sup>23</sup>, pois, “*constituye una de las conjunciones más contradictorias (...) es objeto de grandes divergencias en aspectos fundamentales como pueden serlo su origen y, en correspondencia, el proceso que la llevó a adquirir valor concesivo*” (MONTERO CARTELLE, 1990, p. 702). Essa conjunção representa a mais antiga e também a mais utilizada. No entanto, *aunque*

---

<sup>23</sup> De acordo com Montero Cartelle (1990), a expressão *maguer que* procede do grego *makárie* que adquiriu primeiramente o valor de *ojalá* e, posteriormente, derivou para o sentido concessivo, com o valor, em espanhol atual de *aunque*.

“... por su novedad y su energía renovadora, se emplearía más en los centros de movimiento cultural más vivo y de mayor fuerza expansiva del lenguaje, en la literatura, que, por carecer de medios expresivos de la lengua hablada, necesita antes de la nuevas conjunciones, y, finalmente, en la gente joven; maguer, por el contrario, predominaría en los recintos apartados de la corriente lingüística renovadora, y en los individuos viejos (cf. VALLEJO, 1925, p. 70).

Conforme a citação, a diminuição progressiva da expressividade de *maguer que* ocorreu, inicialmente, nos centros urbanos e com indivíduos linguisticamente menos inovadores e, posteriormente, nos ambientes mais populares e rústicos, até seu total desaparecimento. Em contrapartida, o nexos *aunque* foi tomando o lugar de *maguer que*, por ser uma conjunção nova e empregada nos principais centros culturais e na literatura. As análises de Montero Cartelle apontam tanto o uso do indicativo como de subjuntivo para ambos os nexos, porém os índices de frequência mantêm o indicativo sempre num nível superior de uso.

Outro estudo diacrônico das concessivas, com ênfase especial ao uso de *maguer*, é a proposta de González Ramírez (2003). A autora avalia as construções concessivas do século XIII que está inserido dentro do *corpus* da literatura didática da época, retirado do *Libro de los buenos proverbios*<sup>24</sup>, e propõe uma tipologia diferenciando três tipos de concessivas, em função do modo verbal e do cumprimento ou não dos fatos: *concesivas reales* (modo indicativo), *concesivas polémicas* (modo subjuntivo) e *concesivas hipotéticas*. A partir dos dados, a autora estuda os nexos portadores de noção de concessividade, sua frequência e a distribuição modal e temporal dos mesmos. Seus resultados corroboram dois aspectos: i) evidenciam a presença de *maguer (que)* como partícula dominante para a expressão da concessividade e ii) apontam o uso elevado do modo subjuntivo com essa expressão.

A conjunção *maguer* foi empregada, na maioria das vezes, para expressar a concessão real em subjuntivo, que a autora relaciona ao conceito de *subjuntivo polémico*, estipulado por Vallejo. Seus resultados ainda demonstram que, do total das construções analisadas, o grupo mais numeroso corresponde ao verbo *ser* como núcleo oracional: “*El escaso siempre es abiltado maguer sea siempre rico*” – “*El granado siempre es onrado maguer sea pobre*” (GONZÁLEZ RAMÍREZ, 2003, p. 165).

Vale ressaltar que estas constatações diferem do estudo de Montero Cartelle (1990), citado anteriormente. Acredita-se que essa diferença pode ser condicionada pela natureza do

---

<sup>24</sup> Harlan Gary Sturm (ed.). *Libro de los buenos proverbios*: a critical edition. Lexington, University Press of Kentucky, 1971. É um tratado didático em prosa, que circulava a mediados do século XIII e forma parte do gênero da literatura da época.

*corpus* textual utilizado por ambos os autores, já que a configuração da literatura utilizada por González Ramírez pode ter favorecido a seleção do modo subjuntivo e do tipo *polémico* com a finalidade de expressar o gênero de provérbios. E o artigo “*La trayectoria cronológica y modal de la expresión concesiva maguer(a) (que)*” aponta a predominância do indicativo com esse nexos concessivo.

### 1.5.2.2 Relativo à abordagem semântico-pragmática

Com enfoque eminentemente semântico-pragmático, Álvarez Prendes (2006, p.88) tenta estabelecer uma nova tipologia dos enunciados concessivos, sem excluir, porém, as características do tipo sintático, morfológico ou distribucional na organização de sua classificação.

Uma das características defendidas pela autora é a de que todo enunciado que manifeste uma oposição entre algum de seus membros é considerado concessivo. Sua proposta concebe uma estratégia discursiva particular, vinculada à característica fundamental de comunicação que é, segundo ela, a transmissão de uma informação. Em suas palavras: “*expresado con mayor precisión, el enunciado concesivo vendrá caracterizado por la existencia de una información de carácter implícito que contradiga o entre en oposición con el contenido proposicional de alguno de los miembros que lo constituyen*” (cf. ALVAREZ PRENDES, 2006, p. 98-9).

Outra característica defendida em seu estudo se refere à orientação argumentativa final do enunciado concessivo que, segundo a autora, será sempre inversa à orientação argumentativa inicial, devido à consequência da mencionada oposição entre conteúdos. Nesse sentido, qualquer que seja a continuação argumentativa que favoreça o primeiro membro de uma realização concessiva, produzirá um resultado final que será contrário ao inicial, como no trecho: “*Imaginemos que asistimos a la selección de un puesto de trabajo y que, en el transcurso de la misma uno de los entrevistadores afirma respecto de un candidato: Este señor es inteligente pero bastante desordenado*”. O primeiro segmento da informação “*es inteligente*”, sem dúvida induziria à contratação desse candidato, no entanto, o que se afirma depois pelo entrevistador, no segundo segmento, “*pero es desordenado*” inverte essa conclusão inicial, indicando que o grau de desordem desse indivíduo é motivo para não contratá-lo (cf. ALVAREZ PRENDES, 2006, p. 99).

Tais considerações fazem supor a correlação entre os significados de *aunque* e *pero*, apesar das diferenças de emprego entre estas conjunções no espanhol. Além dessas reflexões, Álvarez Prendes aponta também uma série de parâmetros de caráter formal, semântico e enunciativo, que caracterizam os enunciados concessivos prototípicos e que fundamentam sua tipologia:

1º) O grau de expressão da concessividade: dado pelo número de elementos explícitos que integram a estrutura concessiva, que poderão ser no máximo três, ou seja, os dois membros do enunciado, denominados pela autora de *p* e *q* e o conector concessivo, denominado *cc*. Exemplos:

1a) Estrutura concessiva de grau 3 (*p*, *q* e *cc*) – *Lleva fumando toda la vida y sin embargo, tiene una salud de hierro; Puede aparcar en la plazotela, aunque hoy ya hay muchos coches allí aparcados.*

1b) Estrutura concessiva de grau 2 (*p* e *q* ou *cc* e *q*) – *Dices que es buen Chico... Atracó una gasolinera la semana pasada; Pero, ¿no ibas a dejar de fumar para siempre?*

1c) Estrutura concessiva de grau 1 (*q*) – [A: *El fin de semana pasado no salí ningún día*] B: *Debiste de trabajar mucho, el lunes tenía cara de cansado.*

2º) O número de locutores: os indivíduos que intervêm na realização de uma estratégia concessiva

2a) um (conforme exemplo 1a)

2b) dois (conforme exemplo 1c)

3º) A natureza enunciativa da estrutura concessiva que pode ser

3a) *monológica* (um único locutor), (conforme exemplo 1a)

3b) *diafónica* (intervém dois locutores) [A: *Esteban es un chico estudioso*] [B: *Esteban es un chico estudioso pero ahora lleva suspendido todos los exámenes*]

3c) *dialógica* (participam dois interlocutores) (conforme exemplo 1c)

4º) A posição do conector concessivo: início, meio ou fim;

5º) O ponto de incidência do conector que pode:

5a) incidir sobre o conteúdo proposicional: *Es inglesa pero no le gusta el té.*

5b) sobre a enunciação: *Le conté a Pilar lo de su marido, pero no debería haberlo hecho.*

5c) sobre o contexto extralinguístico: *Si llegamos a nuestra oficina y descubrimos un tipo desconocido revolviendo entre nuestros papeles, bien podríamos decirle: Pero ¿qué hace?*

6º) O tipo de oposição entre as duas orações:

6a) explícita (oposição própria): *La reunión no es a la tres sino a las cuatro;*

6b) direta (a oposição se estabelece entre um dos membros do enunciado e a implicatura do outro): *El río se desbordó pero el puente no se vino abajo;*

6c) indireta (a oposição se estabelece entre duas implicaturas): *Es inteligente pero muy desordenado* (cf. ALVAREZ PRENDES, 2006, p. 102-104).

Para a autora, entre os parâmetros adotados, o critério fundamental no estabelecimento das diversas subclasses concessivas é proporcionado pelo tipo de oposição que cada uma apresenta (item sexto). Os elementos que essa oposição envolve e a maneira como ela ocorre são critérios decisivos para que um enunciado seja situado em uma determinada subclasse concessiva ou em outra. Um aspecto interessante deste estudo é que abarca outras expressões concessivas, não se atendo apenas ao nexos *aunque*.

Lunn (1989), em seu artigo *Spanish mood and the prototype of assertability*, já comentado na primeira parte deste capítulo, também trata das concessivas utilizando a noção de relevância e de protótipo da assertividade. Para a autora, todo enunciado deve conter o valor de verdade e a condição de novidade, desde o ponto de vista informativo. Assim, há dois tipos de informação que não se pode afirmar: a desconhecida pelo falante e a conhecida para o interlocutor, já que nenhuma das duas pode melhorar a representação do mundo do interlocutor<sup>25</sup>. Seus resultados para as construções com *aunque* apontam que o uso do

---

<sup>25</sup> A proposta de Lunn resgata, de certa forma, o valor geral da teoria de Terrell e Hooper (1974), da significação modal em espanhol dividida em asserção e não-asserção. Segundo as autoras, a eleição de um ou outro modo depende da atitude do falante com relação à proposição que enuncia. Dessa forma, o falante ao utilizar o subjuntivo, por exemplo, não se compromete com o valor de verdade da proposição. De acordo com Bustus (1986), a falta de compromisso com a verdade da proposição enunciada pelo falante, ao utilizar o modo subjuntivo, provém de uma implicatura conversacional de tipo escalar. Quando o falante utiliza uma construção com *aunque* seguida por esse modo indica que ele não tem evidências suficientes para proferir essa proposição com o indicativo.

indicativo supõe informação relevante, e o uso do subjuntivo, que a informação é conhecida, portanto, pouco relevante no discurso. Vale ressaltar que Lunn também cita casos em que o modo subjuntivo codifica eventos reais.

Outra proposta que aborda a tipologia das concessivas, com especial incidência das concessivas factuais em subjuntivo, é o trabalho de Rivas Muiño (1990). A autora propõe uma análise baseada na oposição realidade/não-realidade, considerando dois tipos de condicional (real/não-real). Essa divisão tipológica está baseada nas diferentes conexões que o falante estabelece entre a realidade e o fato formulado na prótase.

De acordo com a autora, nas concessivas, o subjuntivo pode ser expressão de hipótese e de realidade, contradizendo estudos que opõem estes dois parâmetros. Assim, nas construções com *aunque* + indicativo e *aunque* + subjuntivo em contextos factuais, a oposição entre os modos verbais está baseada na ausência ou presença de uma tomada de postura pelo falante em relação ao fato suposto “*la ausencia consiste en dar cuenta de un hecho mediante una información plena sobre el mismo, en tanto que la presencia de esta toma de posición consiste en aportar una información parcial o restringida sobre ese hecho*” (cf. RIVAS MUIÑO, 1990, p. 165).

Com relação ao que cita a autora, os matizes que apresentam a restrição informativa são diversos. Pode ser um procedimento comparado ao uso da construção impessoal como meio de evitar a implicação do falante no enunciado: “*Aunque conozco la respuesta, no puedo dártela*”/“*Aunque conozca la respuesta, no puedo dártela*”, ou um distanciamento intencional da realidade por parte do falante, como no exemplo canônico de concessiva real em subjuntivo - “*Aunque eres mi hijo, te desheredo*”/ “*Aunque seas mi hijo, te desheredo*” (RIVAS MUIÑO, 1990, p. 165-6). Esses excertos retratam a oposição proposta pela autora de presença /ausência de uma tomada de posição por parte do falante.

Moya Corral (1996) também trata do valor modal do chamado subjuntivo concessivo polêmico. No processo de interpretação das construções, o autor acredita ser necessário diferenciar três etapas. Em primeiro lugar, atribuir a cada modo um valor geral, a não-realidade corresponde ao subjuntivo e a realidade, ao indicativo. Em segundo lugar, determinar os contextos nos quais se produz a neutralização dos valores gerais dos modos, ou seja, selecionar os traços comuns entre o subjuntivo *polémico* e o indicativo. E, finalmente, estabelecer um novo valor para cada modo nesses contextos em que se produz a neutralização da oposição modal geral. Nesse sentido, “*ante una construcción con aunque, en los contextos que hacen referencia a una realidad conocida – es decir, en donde indicativo y subjuntivo*

*apuntan hacia hechos reales – la formulación con indicativo implica relevancia y con subjuntivo ausencia de ese rasgo” (MOYA CORRAL, 1996, p. 170).*

O estudo tem como hipótese que a seleção do modo se relaciona com o significado pragmático do período concessivo, ou seja, depende do valor argumentativo que o falante concede ao fato aceito como conhecido por seus interlocutores. Assim, se o falante acredita que a informação, conhecida por seu ouvinte, constitui um inconveniente forte para o cumprimento do que se expressa no conteúdo proposicional, seleciona o indicativo, como no trecho apresentado pelo autor:

*(A propósito de las reacciones de la jerarquía eclesiástica tras la decisión judicial de permitir a una mujer elegir el sexo de su sexto hijo.) “Aunque la Conferencia Episcopal no se ha pronunciado al respecto, algunos religiosos condenan la utilización de esta técnica si no es con fines terapéuticos” (MOYA CORRAL, 1996, p. 167).*

Nesse fragmento, o redator sugere que, dada a forte hierarquia que existe no clero, reconhece-se que alguns religiosos tenham se adiantado para condenar um fato sobre o qual ainda não foi pronunciado pela *Conferencia Episcopal*. Nesse caso, supõe-se que os religiosos não devem opinar, dadas as relações de hierarquia e de obediência existentes entre os sacerdotes. Para o autor, esse motivo constitui um forte impedimento para realização do evento (cf. MOYA CORRAL, 1996, p. 167).

Por outro lado, se o falante entende que o argumento constitui um inconveniente fraco, sem relevância para o cumprimento do conteúdo expresso, seleciona o subjuntivo, conforme o trecho ilustrado pelo autor:

*(En una casa de estudiantes durante la época de exámenes)*  
*A: “ Tengo la cabeza que me va a estallar. No puedo más. Voy a tomar un poco de aire, volveré enseguida.*  
*B: ¡Pero, si está lloviendo a mares! A: No importa, aunque esté lloviendo a mares, voy a salir un momento, necesito despejarme ” (MOYA CORRAL, 1996, p. 167).*

Aqui, o falante (A) utiliza o subjuntivo para explicar que o inconveniente que a chuva supõe para o cumprimento do fato expresso na apódase “sair à rua” não é relevante. O interlocutor (B) sabe que, no contexto em que se encontra, o conteúdo proposicional “estar chovendo” gera uma inferência “não se sai para a rua”.

Em resumo, os enunciados apresentados tratam da oposição relevância/não-relevância. Dessa forma, nos contextos em que o falante escolhe o indicativo, se considera que a implicatura ligada ao que foi dito constitui um forte impedimento para o cumprimento do que

se expressa. Caso contrário, a escolha do subjuntivo concede pouca relevância à referida implicatura.

Dentro desse quadro de referências teórico-metodológicas, não se pode deixar de mencionar os valores das concessivas discutidos em obras de referência como a *Gramática descriptiva de la lengua española*, de Bosque e Demonte (1999)<sup>26</sup>. Flamenco García e Pérez Saldanya são dois dos autores que se encarregam de analisar as concessivas nessa gramática. O primeiro deles as classifica em dois grupos: concessivas factuais e não-factuais, de acordo com a situação descrita na prótase, com diferença entre os fatos que o falante considera de cumprimento efetivo, no caso das concessivas factuais, e aqueles a que se atribui um grau maior ou menor de cumprimento, no caso das não-factuais, “*valores que irían desde la mera contingencia hasta la expresión de la irrealidad*”. Vale ressaltar que, as desinências modotemporais dos verbos são as marcas formais que costumam empregar-se para estabelecer tais diferenças. Segundo o autor, os nexos concessivos atuam como “*guías de procesamiento de la información activando o suprimiendo inferencias*” (cf. FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3822-25).

Ainda que a alternância modal se relacione com a atitude do falante acerca do grau de expectativa do cumprimento dos fatos denotados, o autor não deixa de mencionar que as construções concessivas apresentam algumas particularidades. Assim,

*“para la expresión de contenidos factuales, esto es, hechos constatados o de cumplimiento efectivo, ya sea en presente, pasado o futuro, pueden emplearse no sólo las formas de indicativo de que dispone el sistema verbal del español en sus usos temporales rectos, sino que, en algunas casos y para expresar los mismos valores temporales que las anteriores, también pueden usarse las cuatro formas del subjuntivo”* (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3826).

O autor trata da alternância modal regulada basicamente por aspectos pragmáticos, determinada por dois fatores: o caráter factual ou ausência dele e o caráter informativo. Nesse sentido, nas concessivas factuais, se o falante conhece o fato expresso pelo verbo da subordinada e supõe que seu interlocutor o desconhece, usa o indicativo para fornecer uma informação nova. Caso contrário, nos contextos factuais, o uso do subjuntivo responde a uma intenção comunicativa do falante para fazer referência a uma informação conhecida ou verificada previamente pelo interlocutor, ou seja, conhecimento comum, compartilhado por

---

<sup>26</sup> Entre as publicações feitas pela Real Academia Española, destaca-se a *Gramática descriptiva de la lengua española*, de Bosque e Demonte (1999). Trata-se de uma obra essencialmente descritiva, proposta de um trabalho rigoroso e abrangente que traz contribuições de muitos autores sobre diversos fenômenos linguísticos e aspectos de variação da língua espanhola, entre eles a alternância modal.

falante e ouvinte, que pode estar de modo explícito ou implícito, como no trecho “*aunque no te caigan bien mis padres, debes intentar mostrarte más amable con ellos*” (FLAMENCO GARCIA, 1999, p.3830).

Por outro lado, nos contextos semifactivos<sup>27</sup>, o falante desconhece o fato expresso na prótase concessiva e não se manifesta abertamente acerca do cumprimento efetivo do mesmo, porém, pode contemplá-lo com maior ou menor grau de contingência. Dessa forma, se o falante considera muito provável o cumprimento do fato faz uso do indicativo, como no trecho “*aunque ahora estará en su cuarto/ aunque aún no había terminado / aunque ayer seguiría enfermo*”. Em contrapartida, é mais comum o uso do subjuntivo, se considera o fato de provável realização. E finalmente, no caso das contrafactuais<sup>28</sup>, em que o falante sabe que o fato não se cumpre no presente nem se cumpriu no passado, o conteúdo proposicional da subordinada é falso e as formas que expressam conteúdo de não-realidade são basicamente: o *imperfecto* e o *pluscuamperfecto* do subjuntivo: “*Aunque tuviera todo el dinero no me casaría / Aunque se hubiese inundado la pista habrían jugado al tenis*” (FLAMENCO GARCIA, 1999, p.3833).

Já para Pérez Saldanya (1999, p. 3299), nos estudos sobre esse tipo de orações, é bastante habitual diferenciar dois tipos de concessivas: as concessivas propriamente ditas, que têm caráter factual, e as concessivas condicionais hipotéticas ou condicionais irrelevantes, que têm um caráter não-factual ou contrafactual. Essa distinção tem repercussões modais, já que o subjuntivo se utiliza no primeiro caso, e no segundo, pode ser utilizado o indicativo ou o subjuntivo. Isso quer dizer que o autor também evidencia a alternância modal nos contextos factuais. Assim, nesses contextos o indicativo é utilizado quando o falante assevera ou anuncia um fato designado na subordinada para remarcá-lo ou dar-lhe relevância informativa. A possibilidade de utilizar ambos os modos aumenta, à medida que os fatos apresentados na oração subordinada são conhecidos pelos interlocutores.

Pérez Saldanya também cita contextos em que o subjuntivo é mais adequado que o indicativo. Trata-se de enunciados em que a oração concessiva aparece em situações

---

<sup>27</sup> O conteúdo proposicional das concessivas semifactuais pode ser interpretado como verdadeiro (com maior ou menor grau de probabilidade), diferenciando-se das factuais em que se declara a certeza da verdade do conteúdo proposicional da subordinada.

<sup>28</sup> Para expressar conteúdos de não-realidade ou contrafactuais pode-se usar tanto o indicativo como o subjuntivo. Para as contrafactuais, o sistema verbal espanhol dispõe de duas formas do subjuntivo (*cantara (se)/ hubiera (se) cantado*) e duas do indicativo (*cantaría /habría cantado*). Para expressar conteúdos hipotéticos, duas formas (*cante /cantara/se*), quando se faz referência ao presente ou ao futuro. Em contrapartida, se usam três formas (*cantara (se), haya cantado e hubiera (se) cantado*) quando se faz referência ao passado, conforme expressa Flamenco García (1999).

adversativas, em que o falante replica a argumentação do interlocutor ou trata de invalidar argumentos que este poderia utilizar. Considere o trecho apresentado pelo autor:

“*No deberías darle tanta importancia.  
Es que me ha hablado con malos modales.  
Bueno, pues aunque te (\*ha/haya) hablado mal*” (PÉREZ SALDANYA , 1999, p.3303).

Em ocorrências como essa, a oração com o modo subjuntivo retoma um fato já mencionado no discurso anterior com a finalidade de questionar ou refutar o possível valor casual que o interlocutor lhe outorgou ou lhe pode outorgar. Trata-se, segundo o autor, de um uso do subjuntivo que potencia a argumentação do falante, frente a do interlocutor, e que possui forte caráter polêmico e não-cooperativo. Por essa razão, o autor parece afirmar que em tais contextos, se emprega exclusivamente “*te haya hablado mal*”.

Apesar da inovação da pesquisa com relação à observação desses traços, o autor não apresenta enunciados contextualizados para discutir sua proposta de análise. Na maioria das vezes, reutiliza exemplos categóricos, que vêm sendo utilizados por muitos autores, como o de Porto Dapena (1991, p. 233) “*Aunque la tierra (es/sea) redonda, no lo parece*”. Essa é uma das críticas principais que se faz a esse estudo específico: a falta de enunciados de língua natural, contextualizados. Apesar desse problema, comum a diversos trabalhos desse tipo, a observação sobre o diálogo apresentado anteriormente é útil a essa pesquisa, se mostra como um interessante condicionante nos estudos gramaticais de alternância modal em espanhol.

Rodríguez Rosique (2005) também associa os valores atribuídos às construções concessivas ao uso do traço: informação. Em seu estudo utiliza a teoria de Dryer (1996), com a distinção informação ativada *versus* informação não-ativada. Para Dryer, a ativação não é um conceito linguístico como a pressuposição pragmática, mas o estatuto das entidades cognitivas na mente dos participantes da comunicação. Esse conceito é utilizado para diferenciar as construções com *aunque* + subjuntivo e *aunque* + indicativo em contextos factuais, de forma que a informação não-ativada está correlacionada ao modo indicativo e a informação ativada, ao subjuntivo.

Nessa perspectiva, as construções condicionais concessivas, com modo indicativo na prótase, sempre enunciam informação não-ativada, como no excerto que segue:

A) “*Me figuro que si, yo he sido un estudiante muy desordenado, yo no he hecho nada en estudios, aunque soy una persona que me gusta leer y me gusta estar al día...*” (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2005, p. 37).

No fragmento acima, o falante se descreve a si mesmo como um estudante desordenado. O normal, segundo o conhecimento de mundo, é que um estudante desordenado não tem gosto pela leitura, porém esse gosto é ativado no momento em que se enuncia a proposição com *aunque*. Nesse caso, não é possível encontrar pistas contextuais que ativem a informação que aparece na prótase e, por isso, usa-se o indicativo.

Na ocorrência seguinte, de acordo com a autora, num momento anterior da entrevista, menciona-se que a mãe ou o marido se encarregam de levar o filho ao colégio, porém, este trecho não é apresentado de forma explícita em seu artigo. Atente-se ao trecho seguinte:

B) *En el mero hecho que tiene que enseñarse, está enseñándose a sumar, enseñándose a restar, a que copie, a dictarle para que se enseñe a escribir, porque aunque vaya al colegio hay que reforzarlo un poco en casa...* (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2005, p. 37).

Ainda que essa informação não tenha sido apresentada explicitamente em seu trabalho, segundo a autora, a informação: “o filho vai ao colégio” já havia sido ativada anteriormente, justificando o uso do modo subjuntivo - *porque aunque vaya al colegio*”.

### 1.5.2.3 Relativo à análise contrastiva

Os aspectos relacionados à utilização do subjuntivo: informação compartilhada e facticidade, evidenciados por Flamenco García são retomados num estudo contrastivo entre português e espanhol, realizado pelo estudioso brasileiro Paulo Pinheiro Correa (2003). O autor faz uma análise das construções que codificam eventos factuais e hipotéticos nas duas línguas. No caso do espanhol, diferentes *status* pragmáticos podem ser codificados dentro de uma mesma construção sintática, através da alternância indicativo/subjuntivo, já o português recorre frequentemente a diferentes construções sintáticas para expressar esses matizes.

Referente à língua espanhola, nas construções com *aunque*, o uso do modo indicativo codifica um evento factual e introduz ao interlocutor uma informação nova. Por outro lado, o uso do subjuntivo codifica dois tipos de construções: as contrastivas factuais modalizadas e as contrastivas hipotéticas. As factuais modalizadas são caracterizadas pelo uso do subjuntivo temático, dando a entender que o conteúdo proposicional já é de conhecimento do ouvinte, portanto, um tema. Considere o excerto:

A) “*No debería salir la niña; estos días ha estado enferma.*”

B) *Ya, pero aunque haya estado muy enferma, ¿no crees que le conviene moverse un poco?* (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3830)

O interlocutor poderia ter utilizado o modo indicativo *ha estado*, por tratar-se de um evento factual, mas opta por codificar o evento com o subjuntivo, que, nesse caso, serve para modalizar a expressividade do que foi dito, não a factividade. O caráter factual do evento é assumido pelos interlocutores, no entanto, o falante (B) modaliza a expressividade do ato de fala de (A) enfraquecendo a argumentação, segundo Correa, que examina dados de Flamenco García.

De modo geral, são vários os autores que utilizam o fator pragmático para a análise da alternância modal nas concessivas da língua espanhola, porém, na maioria dos casos, os usos de indicativo e subjuntivo são correlacionados aos valores de factualidade e não-factualidade. Retoma-se, por exemplo, o trabalho de Flamenco García (1999), abordado em função das situações descritas na prótase, com relação aos fatos que o falante considera de cumprimento efetivo, e aqueles a que se atribui um grau menor de cumprimento, no caso das não-factuais. Em outros casos - Rodríguez Rosique (2005) -, esse traço é verificado a partir do contexto de oposição entre termos ativados e não-ativados. Acredita-se que esse traço pode causar problemas, pois é preciso levar em conta considerações do falante a respeito de a informação estar ativada ou não, na mente de seu interlocutor.

Mediante os estudos expostos, acredita-se que a explicação mais coerente, e em geral, parece mostrar-se como a mais aceita na atualidade, é a que baseia a alternância modal em fatores de caráter informativo, corroborando a principal hipótese desta tese e reafirmando a necessidade desta investigação. Porém, acredita-se que esse traço não deve levar em conta fatores como factual/não-factual, correlacionados aos modos indicativo e subjuntivo, respectivamente, já que há casos em que o subjuntivo codifica factualidade, conforme os exemplos apresentados no início deste capítulo. Da mesma forma, não se considera relevante, a análise baseada no princípio da ativação da informação, considerando que essa avaliação pode acarretar mal-entendidos, pois tem base apenas no que o falante considera que seu ouvinte tem em mente, com relação ao conteúdo proposicional.

## **1.6 Os valores dos modos verbais: uma metodologia a explorar**

A análise da exposição bibliográfica que se apresentou nas páginas precedentes aponta que, em geral, cada estudo considera apenas um fator condicionador dos usos modais. Por

essa razão, acredita-se na necessidade de apresentar uma investigação que se fundamente em diversos parâmetros, na tentativa de reunir os principais fatores na elaboração de um modelo de análise que busque a interpretação dos valores da alternância modal. Para tanto, decidiu-se tomar uma posição metodológica que supõe a explicação da alternância com base numa teoria integradora de múltiplos enfoques e com diversas manifestações, denominada “panlinguística”, com o propósito de elucidar os traços mais significativos da escolha modal.

Usa-se o termo panlinguístico baseado na proposta de autores como Zamorano Aguilar (2001), que fala dessa tendência como uma das correntes da linguística hispânica. O autor não postula seu enfoque como inovador, dado que tal teoria se propõe a reunir os demais estudos. Como o próprio nome diz, “panlinguístico” reúne várias abordagens linguísticas e se mostra como uma corrente ainda incipiente e minoritária da ciência atual. Essa perspectiva é adotada por autores como González Calvo (1993), para quem os eixos de funcionamento dos modos devem ter relações mais ou menos diretas, com aspectos morfológicos (tempo e pessoa), sintáticos (*consecutio temporum*), semânticos (significados do verbo da oração principal numa estrutura regida, significado de certos termos que regem a seleção modal) e pragmáticos (contextos comunicativos).

A partir dessa perspectiva metodológica e das reflexões feitas com base nos resultados do que já se produziu na pesquisa dos modos, é que foi elaborado o modelo de análise desta investigação, comentado no início deste capítulo. Reconhece-se que pouco tem sido investigado sobre a alternância modal em função do caráter informativo com base nas pistas contextuais e nas interações entre os interlocutores, fundamentado em exemplos concretos da língua. Além disso, pretende-se abordar também a influência que tem a modalidade interrogativa, as modalidades asserção *realis/irrealis*, entre outros fatores, condicionando as variantes analisadas, a partir de hipóteses de caráter funcional, num contraste entre os usos da língua escrita e falada.

Com a inclusão desses parâmetros no modelo de análise adotado, pretende-se discutir os principais questionamentos sobre a alternância modal que são considerados nesta tese:

- i) Quais são os traços representativos na escolha modal das construções analisadas?
- ii) Quais funções os modos verbais desempenham nos contextos analisados?

- iii) A escolha modal das orações subordinadas substantivas é determinada principalmente pelo tipo semântico de verbo, segundo as regras prescritas pela norma gramatical<sup>29</sup>?
- iv) As variáveis controladas são significativas tanto no uso oral como escrito?

A discussão dessas questões e a mensuração da influência de cada variável analisada visam contemplar os objetivos desta tese, que são descritos na próxima seção. Vale ressaltar aqui, que no capítulo da metodologia são descritas as hipóteses para cada grupo de fatores analisados.

### 1.7 Objetivos

O objetivo geral desta tese é prover uma análise para descrever a alternância indicativo/subjuntivo em espanhol, identificando as variáveis que condicionam as escolhas modais, através da verificação de dados empíricos de um *corpus* do espanhol de língua escrita e um de língua falada. Inerente ao objetivo principal, são considerados no desenvolvimento deste estudo, os seguintes objetivos específicos:

- 1) Coletar, organizar e apresentar duas amostras representativas, uma de língua escrita e outra oral.
- 2) Apontar as variáveis (traços/matizes) significativas para a eleição modal de orações subordinadas substantivas e concessivas do espanhol, quantificadas pelo programa computacional SPSS *for Windows* <sup>30</sup>.
- 3) Identificar as funções/valores dos modos verbais nos contextos linguísticos.
- 4) Comparar os usos modais das cláusulas analisadas nos códigos escrito e oral, permitindo a verificação de semelhanças e/ou discrepâncias.

E dessa forma, foram apresentadas as linhas mestres desse estudo.

---

<sup>29</sup> Os verbos das orações subordinadas substantivas são organizados em blocos distintos de acordo com manuais vigentes da língua. Nem sempre as regras que são prescritas para um determinado verbo são válidas para outros. Com base na frequência de uso dos modos, pode-se verificar se estes verbos apresentam características comuns a um grupo deles.

<sup>30</sup> Apesar de a análise focar apenas esses dois tipos de cláusulas, pressupõe-se que as variáveis selecionadas são estendidas a outras classes de orações da língua espanhola.

## **CAPÍTULO II**

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

---

#### **2.1. Considerações iniciais**

Este capítulo está organizado em quatro seções principais. A primeira apresenta as concepções subjacentes ao modelo funcionalista, referencial teórico que dá suporte à investigação. Posteriormente, descrevem-se as categorias de modalidade, modo e tempo verbal, separadamente, embora empiricamente seja impossível separá-las, visto que as três são inter-conectadas. Em especial, trata-se do modo verbal, tema desta tese, a partir de uma revisão bibliográfica, mencionando os principais gramáticos e suas considerações para dar uma idéia da distinta natureza dessa categoria e dos pontos mais problemáticos e expor o funcionamento do sistema verbal dos modos subjuntivo e indicativo, de acordo com a dinâmica do espanhol.

#### **2.2. Funcionalismo linguístico**

A questão básica de interesse do funcionalismo linguístico é investigar como a comunicação se realiza, ou seja, como os usuários de uma determinada língua se comunicam com eficiência. Nessa perspectiva, a língua é concebida como uma atividade sócio-cultural, um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo.

A abordagem funcional se preocupa com a função e os fenômenos da língua que são observados a partir do contexto linguístico e da situação extralinguística. Tem como ponto de partida as significações linguísticas e o propósito de investigar como as mesmas são codificadas gramaticalmente, numa correlação entre forma e função. Segundo Halliday (1985), a abordagem funcional investiga como a língua é usada, ou seja, para quais objetivos a língua serve e como o usuário é capaz de alcançá-los através da fala e escuta, ou da escrita e leitura.

De acordo com Givón (1995, p.07), o funcionalismo compreende a língua como mutável, algo que pode ser moldada, a partir de pressões funcionais-adaptativas. Através desse processo, a linguagem é adquirida e a gramática “emerge e muda”. A variação e a indeterminação são elementos que moldam a competência comunicativa do falante. A vertente givoniana, portanto, concebe a língua como um sistema adaptativo que atende à

natureza da interação entre língua e fala, estabelecendo correlação entre gramática e discurso, em que as estratégias linguísticas se adaptam aos padrões comunicativos da gramática. Ambos, gramática e discurso, se manifestam sob condições reais de uso e são regidos por princípios de natureza cognitiva. As estruturas, nesse sentido, são maleáveis, sujeitas a pressões externas, oriundas de diferentes situações comunicativas que agem sobre o discurso, e este, por sua vez, refere-se ao uso potencial da língua. Assim, os falantes são vistos como transformadores das estruturas, já que empregam estratégias linguísticas para organizar o seu texto de modo funcional, tendo como objetivo a comunicação com o interlocutor, em determinado contexto interacional. Dessa forma, a língua se caracteriza como um complexo de relações estruturais e funcionais e é vista como uma atividade cooperativa entre os falantes.

É nesse contexto teórico que esta tese se insere, pois parte-se das funções que os modos verbais exercem na língua espanhola. Considerando que a língua é tomada sob o ponto de vista não formal, a análise parte do pressuposto de que toda atividade comunicativa está constituída dentro de processos interacionais, em que o posicionamento do falante com relação ao seu conteúdo e ao interlocutor são condicionantes importantes para avaliar a utilização dos modos. Nesse sentido, o fenômeno da alternância é analisado no uso da língua em situação natural de comunicação, enfatizando de forma especial, o falante, transformador das estruturas gramaticais, motivadas por situações comunicativas efetivas. Nessa operação, não se desprezam as formas, mas investiga-se, a partir do uso que se faz da linguagem, como ocorrem as escolhas modais que são influenciadas por diferentes parâmetros, entre eles o teor informativo e a atitude do enunciador com relação ao conteúdo proposicional.

Feitos os esclarecimentos a respeito da abordagem funcionalista, cabe citar também alguns dos pressupostos teóricos fundamentais da abordagem de Givón (1995), que se referem aos princípios da iconicidade e da marcação. Em conformidade com a análise desse autor, utiliza-se nesta tese o princípio de marcação, que preconiza que as estruturas se dividem em duas categorias: marcadas e não-marcadas, ou seja, uma distinção binária que avalia a presença ou a ausência de uma determinada propriedade.

Segundo Givón, existem três critérios que podem ser utilizados para distinguir entre uma categoria marcada e uma não-marcada, que se distribuem em três subprincípios:

- i) **complexidade estrutural:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada correspondente;

- ii) **distribuição de frequência:** a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada correspondente;
- iii) **complexidade cognitiva:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa cognitivamente do que a não-marcada correspondente, em termos de esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento (GIVÓN, 1995).

De acordo com o autor, esses critérios devem ser avaliados de forma independente e correlacionados posteriormente. Nestes termos, o que se espera é que as estruturas mais complexas sejam menos frequentes, ou seja, a marcada é mais utilizada em casos especiais. Ainda, segundo o autor, a complexidade cognitiva pode ser vista em correlação com a complexidade estrutural, já que “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas” (GIVÓN, 2001, p. 38).

Outra postulação feita por Givón é a de que a marcação é dependente de contexto. Assim, em termos gerais, pode-se dizer que o modo subjuntivo é a categoria marcada, em oposição ao indicativo, por ser empregado com menos frequência na língua espanhola, por ser mais complexo em termos cognitivos, por estar correlacionado à modalidade *irrealis*, ou seja, ligado a contextos de modalidade epistêmica e deôntica, codificando baixa certeza e manipulação, e por apresentar uma complexidade estrutural maior, pois comumente ocorre em contextos de orações subordinadas. No entanto, considerando-se certos contextos específicos, o modo indicativo pode vir a ser o marcado. Veja como isso se dá na amostra desta investigação.

Tomando o parâmetro ‘distribuição da informação’, constata-se que, nos contextos cujo conteúdo (que aparece nas subordinadas substantivas e nas concessivas), já havia sido mencionado previamente no discurso, é inferível ou de conhecimento compartilhado, portanto, disponível para os interlocutores, costuma aparecer o modo subjuntivo; por outro lado, as informações novas são associadas ao indicativo. Nesse caso, quando num contexto típico de subjuntivo aparece o indicativo ou vice-versa, essas formas verbais serão marcadas nesses contextos. Tem-se, pois, a seguinte predição: consideram-se marcadas as construções em que o modo *indicativo* aparece correlacionado às informações já disponibilizadas previamente, e não-marcadas quando aparecem em contextos em que se pode estabelecer a retomada de informações. Por outro lado, consideram-se marcadas as construções em que o modo *subjuntivo* aparece correlacionado a informações novas, e não-marcadas quando estiver associado a informações já compartilhadas.

Da mesma forma, com relação à análise da modalidade, se considera como categoria marcada o modo *subjuntivo* sob o escopo do *realis*, considerando que Givón evidencia o subjuntivo favorecido pela modalidade *irrealis*, principalmente por alguns condicionadores dessa categoria, como as orações subordinadas a verbos de manipulação e a verbos de cognição-enunciação-percepção, como por exemplo, *creer*, *pensar*, e advérbios, como *talvez*, *quizá*. Em contrapartida, também será marcado o modo *indicativo* sob o escopo do *irrealis*.

Encerrada a apresentação da abordagem funcionalista, a seguir, discutem-se os fundamentos teóricos adotados na identificação de funções e valores das desinências modais do sistema verbal da língua espanhola. No decorrer desta exposição são apresentadas as categorias: modalidade, modo e tempo, significados que costumam ser codificados pelos verbos. Tais categorias são domínios indissociáveis, porém neste capítulo são tratadas isoladamente, por fins metodológicos.

### **2.3 Categoria gramatical de modalidade**

Os estudos sobre a modalidade tiveram início com os lógicos e, ainda hoje, esse tema desperta interesse de pesquisadores no campo da Linguística, em diversas perspectivas teóricas. De acordo com Bosque e Demonte (1999, p.3212), os linguistas seguem os lógicos na caracterização dos tipos de modalidade, porém reconhecem que as línguas, em suas distinções internas, não se acomodam necessariamente às diferenças lógicas.

As considerações sobre essa categoria são descritas nas próximas subseções, iniciada pela perspectiva lógica na tradição gramatical e seguida pelas modalidades linguísticas epistêmica e deôntica.

#### **2.3.1 Modalidades lógicas**

Do ponto de vista da Lógica Formal são considerados três tipos de modalidade no plano linguístico: a alética, a epistêmica e a deôntica. A modalidade alética situa o domínio da existência, sem referência ao julgamento da enunciação. Relaciona-se com os conceitos de necessidade ou possibilidade referente à verdade ou falsidade das proposições. Para Lyons (1977, p. 787) estas noções estão inter-relacionadas em termos de negação, “se uma proposição *p* é necessariamente verdadeira (V), então não é possível que *p* seja falsa (F), e se *p* é possivelmente verdadeira (V), então não é necessário que *p* seja falsa (F)”. Por outro lado,

a epistêmica faz parte do domínio cognitivo, expressa certeza ou probabilidade (certo/incerto e suas gradações), e a deôntica se refere à obrigação ou permissão, domínio do dever (cf. LYONS, 1977, POTTIER, 1987).

Parret (1988) também faz menção a três eixos semânticos: o eixo alético (da existência), o eixo epistêmico (da crença) e o eixo deôntico (da obrigação). Para o autor existe correspondência entre estas três modalidades. Com base no sistema de modalidades aléticas são construídos sistemas análogos que operam ao nível do conhecimento que cada falante tem a respeito do estado de coisas, ou seja, as modalidades epistêmica e deôntica. A correspondência entre esses sistemas pode ser vista no quadro abaixo.

Quadro 5: Correspondência entre os tipos de modalidade (PARRET, 1988, p. 79).

ALÉTICA	EPISTÊMICA	DEÔNTICA
Necessária	Certa	Obrigatória
Contingente	Contestável	Facultativa
Possível	Plausível	Permitida
Impossível	Excluída	Proibida

Conforme visto no quadro 5, à modalidade alética correspondem as noções ontológicas do necessário, do contingente, do possível e do impossível, com o intuito de verificar a verdade ou falsidade das proposições. À epistêmica e a deôntica correspondem, principalmente, as noções de certeza/probabilidade, obrigação/permissão, respectivamente.

Levando em consideração que as pesquisas linguísticas normalmente desvinculam-se da Lógica Formal, devido ao caráter não-lógico das línguas, dessas três modalidades, as únicas que têm relação com o funcionamento da linguagem natural são a epistêmica e a deôntica<sup>31</sup>, descritas na próxima seção.

### 2.3.2 Modalidades linguísticas: concepções e tipologias

Nesta subseção apresenta-se a conceituação da categoria modalidade com base em autores como Lyons (1977), Palmer (1986), Fleischman (1982), Hernández Alonso (1984), Bybee *et al.*, (1994), Givón (1995, 2001) e De Haan (2005)<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> Nas palavras de Neves (1997, p.171), é muito improvável que um conteúdo asseverado seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento do falante, portanto, é preciso levar em consideração o contexto de produção e os recursos argumentativos por parte do sujeito.

<sup>32</sup> Há muitas perspectivas e critérios diversos no momento de classificar e definir os elementos que intervêm na produção das distintas modalidades linguísticas. Para Hernández Alonso (1984, p. 117), “*la problemática es compleja (...) Los estudios, unas veces, han atendido a la significación modal, desatendiendo a la función y su sistemática, otras veces han cruzado varias categorías no distinguiendo netamente modos y modalidad*”.

A modalidade se apresenta como uma categoria linguística que se manifesta na linguagem em múltiplos contextos gramaticais: i) verbos modais: são auxiliares que acompanham a um verbo principal de uma sentença (“dever”, “poder”); ii) modo verbal: categoria verbal morfológica que expressa o valor modal da sentença (indicativo e subjuntivo); iii) significados léxicos: citam-se os advérbios modais e adjetivos (“provavelmente”, “possivelmente”, “necessariamente”, “talvez”); e iv) etiquetas modais: expressam a confiança do falante que pode ser através de etiquetas (“eu penso”, “eu suponho”, “eu creio”) (cf. DE HAAN, 2005, p. 11-20).

Essa grande variedade de manifestações formais, seja por meios léxicos ou gramaticais, pode ser usada para comunicar dois grupos amplos de significados: os modais epistêmicos, que abordam o grau de compromisso do falante com a verdade da proposição, e os significados deônticos, que tratam da necessidade ou possibilidade dos atos executados por seus agentes, ou seja, obrigação e permissão, envolvendo a atitude do falante acerca do conteúdo proposicional.

Muitos autores compartilham da idéia de que a modalidade tem a ver com a atitude do falante. Para Fleischman (1982), a modalidade é vista como a qualificação do falante no que diz respeito ao comprometimento com a verdade do conteúdo da proposição. Recobre nuances semânticas como a intenção, a necessidade, a possibilidade, entre outras, as quais podem ser deduzidas do contexto a que pertencem, a partir de diversas fontes morfológicas, lexicais ou sintáticas.

Do ponto de vista linguístico, a modalidade epistêmica é subjetiva e está vinculada a noções de conhecimento e crença. Poderia aplicar-se não simplesmente ao sistema modal, que envolve as noções de possibilidade e necessidade, mas a um sistema que indica o grau de compromisso do falante com o que fala. Em particular, guarda relação com a evidência através do sentido, com aquilo que se ouviu dizer (boato ou relato) e com a possibilidade ou necessidade de ocorrência de um fato (cf. PALMER, 1986, p.51).

Palmer subdivide a modalidade epistêmica em dois grupos: i) os julgamentos que indicam o grau de compromisso do falante, mas que não englobam referência à fonte de informação, e ii) as evidências que, além de indicar o grau de compromisso do falante, também codificam a fonte de informação, envolvendo proposições afirmadas com relativa segurança e abertas a questionamentos por parte do falante. De acordo com seu posicionamento teórico, os julgamentos são divididos em deduções, suposições e especulações. Em contrapartida, as evidências, cuja única finalidade é codificar o grau de

compromisso do falante, são entendidas como formas que codificam a fonte de informação no sentido restrito e se classificam em marcadores de evidência sensorial e marcadores de informação transmitida (cf. PALMER, 1986, p. 54).

Dessa forma, a evidência pode ser pensada como um fenômeno dêitico, dado que os marcadores de evidência são índices que apontam elementos do contexto extralinguístico, tais como: o falante e sua fonte de informação. Nessa perspectiva, indicar ou ocultar a fonte de informação expressa no enunciado constitui uma estratégia comunicativa fundamental, por exemplo, no jornalismo escrito, uma das bases dessa pesquisa, é comum expressões como: “*información de primera mano*”, “*fuentes confiables*”, entre outras.

Em contraste com o sentido epistêmico, que faz referência ao domínio da razão relacionado ao valor de verdade ou falsidade do conteúdo proposicional do enunciado, evidencia-se a modalidade deôntica, que se preocupa com a necessidade ou possibilidade de atos realizados por agentes moralmente responsáveis (cf. LYONS, 1977, p. 823). Também estão vinculadas a essa modalidade as noções de obrigação, habilidade e permissão. Assim, os enunciados com valor deôntico exprimem juízo, através do qual o falante procura agir sobre o seu interlocutor impondo, proibindo ou autorizando a realização do evento representado pelo conteúdo proposicional.

A modalidade deôntica, portanto, está ligada à volição, ao afetivo. De acordo com Palmer (1986, p.96-97), os significados associados a esta modalidade dizem respeito a questões subjetivas que entram no terreno do desejo do falante. Estas intenções expressam diferentes posições com respeito à modalidade, pois está “*constituida por la operación activa del sujeto hablante*”. Entende-se “*operación activa del hablante*” como a intenção de expressar uma idéia como possível, ou desejada. Algumas vezes, o interlocutor ordena o cumprimento de algo, ou então o desaconselha (HERNÁNDEZ ALONSO, 1984, p.280).

Em consonância ao exposto, nota-se que a modalidade constitui uma propriedade de interação verbal, relacionada aos propósitos comunicativos dos falantes. Em sentido análogo, Givón (2001, p. 300) também codifica a modalidade pela atitude do falante em relação à proposição. Partilhando da posição givoniana para compreender a modalidade, apresenta-se, a partir de agora, alguns dos principais pressupostos dessa vertente, tomada como base teórica na avaliação da modalidade comunicativa, pertencente ao modelo de análise desta tese.

Segundo Givón (2001), considerando que o falante não permanece indiferente às informações por ele transmitidas, a atitude envolve dois tipos de julgamento ou perspectiva

concernentes à informação dada na oração, denominados sub-modos *irrealis* epistêmico e deôntico (avaliativo):

- a) atitudes epistêmicas (verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência);
- b) atitudes avaliativas (desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação) (GIVÓN, 1995, p.112).

O autor identifica um traço comum entre os dois submodos epistêmico e deôntico - de incerteza epistêmica. Esse traço se caracteriza na modalidade epistêmica por apresentar baixa probabilidade e na modalidade deôntica por carregar um significado inerente de futuridade<sup>33</sup> (cf. GIVÓN, 1995, p.121).

Considerando que essas modalidades são definidas em termos de suas funções cognitivas e/ou comunicativas, em detrimento da tradição lógica que trata a modalidade proposicional em termos de verdades externas, Givón redefine as quatro modalidades epistêmicas tradicionais (verdade necessária, verdade factual, verdade possível, não-verdade) de forma comunicativa. As noções derivadas da lógica são reinterpretadas de forma pragmático-discursiva e distribuídas em termo de estados epistêmicos e objetivos comunicativos do falante e ouvinte. A redefinição comunicativa dessa modalidade apresenta-se a seguir.

- i) **Pressuposição:** a proposição é assumida como verdadeira, seja por acordo prévio, por definição ou por convenção genérica culturalmente partilhada, por ser óbvia a todos os presentes à situação de fala, ou por ter sido enunciada pelo falante e não contestada pelo ouvinte;
- ii) **Asserção *realis*:** a proposição é fortemente declarada como verdadeira, no entanto, a contestação do ouvinte é apropriada, embora o falante disponha de evidências ou outras bases fortes para defender sua crença;
- iii) **Asserção *irrealis*:** a proposição é fracamente asserida como possível, provável (submodos epistêmicos), ou como necessária (submodos

---

<sup>33</sup> Essa relação entre a categoria modalidade e o tempo é estabelecida por Givón como uma correlação entre os diferentes domínios gramaticais: tempo-aspecto-modalidade e a modalidade epistêmica, representados da seguinte forma: i) perfeito => *realis*; ii) presente-progressivo => *realis*; iii) futuro => *irrealis*; e iv) habitual => *irrealis* ou *realis* (cf. GIVÓN, 1995, p. 116). Através dessas correlações, o falante pode avaliar epistemicamente o conteúdo proposicional no passado, no presente ou no futuro. O passado e o presente, nesse caso, estão relacionados à modalidade *realis*, pois assinalam eventos vivenciados ou já concluídos. Por outro lado, o futuro, ligado à modalidade do *irrealis*, identifica os eventos ainda não vivenciados.

deônticos/avaliativos). O falante não está pronto para reforçar a asserção com evidências e a contestação pelo ouvinte é esperada ou solicitada;

- iv) **Asserção negada:** a proposição é fortemente asserida como falsa, mas contradiz a crença assumida pelo ouvinte. Uma contestação do ouvinte é antecipada e o falante dispõe de evidências para reforçar sua forte crença (cf. GIVÓN, 2001, p.301-2).

Quando as modalidades *realis/irrealis* passam a ser definidas em termos comunicativos, o foco de contraste muda cognitivamente de verdade lógica para certeza subjetiva e, comunicativamente, da semântica orientada para o falante à pragmática interativa, envolvendo uma negociação social entre falante e ouvinte. Dessa forma, a base interativa da modalidade corresponde ao conhecimento do falante e ouvinte com relação a um determinado evento. Nesse contexto, são apresentadas evidências acerca desse conhecimento e a possibilidade de o ouvinte de refutá-lo (GIVÓN, 2001, p. 302).

Antes de encerrar essa seção, apresenta-se a proposta de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) para caracterizar a modalidade. Com base na premissa de que, para entender o papel dos significados da modalidade na linguagem, o indivíduo deve entender os elementos modais, a proposta resulta na divisão de quatro tipos de modalidade: epistêmica, ‘orientada para o agente’, orientada para o falante e subordinante (cf. BYBEE *et al.*, 1994, p. 177-180).

A modalidade epistêmica se aplica a asserções e indica o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição. O uso do termo epistêmico inclui a possibilidade (a proposição pode ser verdadeira), a probabilidade (a probabilidade de a proposição ser verdadeira) e a certeza inferida (há razões para acreditar que a proposição seja verdadeira).

O termo modalidade ‘orientada para o agente’ “informa a existência de condições externas e internas de um agente, com respeito à realização da ação expressa no predicado principal” (BYBEE *et al.*, 1994, p. 177). Esse tipo de modalidade inclui a obrigação (condições sociais externas que obrigam um agente a completar a ação), a necessidade (condições físicas obrigando um agente), a habilidade (condições internas do agente diante da ação, como o desejo, por exemplo).

Por outro lado, a modalidade orientada para o falante não está vinculada às condições associadas a um agente, mas permite ao falante impor tais condições ao seu interlocutor, incluindo ações de comando, pedido, proibição, permissão, recomendação, ou seja, aqueles

casos em que o falante dá uma ordem ou uma permissão para alguém. Já o modo subordinante envolve a relação sintática entre as orações, como, por exemplo, as cláusulas concessivas<sup>34</sup>.

A modalidade definida, a partir da correlação entre a atitude do falante e o conteúdo proposicional proferido, seja com valores epistêmicos ou deônticos, evidencia uma correlação entre a propriedade da interação verbal e os propósitos comunicativos dos usuários, reafirmando essa categoria como uma importante variável na compreensão dos usos modais.

Na continuação descreve-se o modo verbal, enfocando alguns dos principais tratamentos que essa categoria recebe ao longo dos anos pelos gramáticos. Vale ressaltar que não se trata de uma análise crítica; a principal intenção é ressaltar os pontos que têm gerado mais discussões nos estudos linguísticos.

## 2.4 Categoria gramatical de modo verbal

De acordo com a doutrina tradicional, as formas verbais são agrupadas em modos e esses, por sua vez, possuem diversas expressões temporais. Para Porto Dapena (1991, p.13), *“el modo constituye, incluso antes que el tiempo - con el que se mezcla y hasta se confunde a veces – la más importante categoría verbal estructuradora de nuestra conjugación”*. Essa importância pode ser verificada nos estudos que tratam do modo verbal, categoria que tem sido estudada e debatida pelos gramáticos sob uma pluralidade de enfoques sintático, morfológico, semântico e pragmático.

O modo verbal costuma ser tratado sob aspectos que podem ser agrupados de acordo com três concepções básicas. Uma delas é o critério sintático, em que o modo é determinado por um elemento subordinante. Essa abordagem se guia pela teoria da regência do verbo da oração principal (relação obrigatória entre uma palavra e outra que dependa dela), tipologia de estruturas subordinadas ante a eleição modal (cláusulas substantivas, adjetivas e adverbiais).

Por outro lado, adota-se o caráter semântico, em virtude do qual a lista de verbos da oração principal expressa significados que determinam a seleção modal da subordinada. O outro critério é o pragmático, em que o modo é focalizado como tipo de comunicação

---

<sup>34</sup> É interessante destacar também outras abordagens em que a modalidade pode ser definida a partir de noções como a modificação da força ilocucionária e da polidez. A nível pragmático, Kärkkäinen (1988, apud PINA, 2005) desenvolve estudos sobre a utilização da modalidade epistêmica como estratégia de polidez na interação verbal, através da evidência de que recursos epistêmicos podem expressar polidez negativa ou positiva, tornando os enunciados ambíguos quanto à força ilocucionária. Pode-se citar também o trabalho de Talmy (1988), inserido no paradigma da Semântica Cognitiva, em que a modalidade é caracterizada a partir de uma dinâmica de imposição de forças e remoção de barreiras em dois domínios: no sócio-físico (modalidade-raiz), e no domínio da razão (modalidade epistêmica). A modalidade-raiz, de acordo com Talmy (1988 apud PINA, 2005), abarca a interpretação deôntica, referente a obrigações e permissões, e a dinâmica refere-se a habilidades e disposições.

estabelecida entre o falante e o ouvinte e/ou como atitude do falante diante dos fatos a que se refere, incluindo, o tipo de enunciado, intenções e contextos comunicativos.

Entre esse amálgama de enfoques, apresentam-se, na próxima seção, em ordem cronológica, os posicionamentos teóricos referentes ao modo verbal nas principais gramáticas da língua espanhola.

#### **2.4.1 Indicativo e subjuntivo em espanhol: gramaticografia**

A apresentação da breve revisão bibliográfica feita sobre as considerações teóricas que o modo verbal tem recebido na teoria gramatical espanhola concentra-se nos critérios para definição do indicativo em oposição ao subjuntivo e procura ressaltar os pontos de convergência entre os vários enfoques da categoria modo. As subseções seguintes apresentam os estudos divididos em modelos tradicionais e recentes.

##### **2.4.1.1 Modelos tradicionais: abordagem sintática/semântica**

Em geral, as gramáticas tradicionais se caracterizam por proporcionar uma definição de modo verbal com base sintática e semântica. Respeitando uma ordem cronológica, inicia-se a apresentação com as considerações de Salvá (1988 [1830]). Em sua *Gramática de la lengua castellana según ahora se habla*, o autor apresenta uma definição semântica do conceito modal, assinalando que “*los modos indican la manera con que al hablar consideramos la significación del verbo*”. Além dessa visão semântica, também utiliza critérios sintáticos, indicando que o caráter do modo indicativo é a enunciação do significado verbal sem depender de outro. Em contrapartida, o subjuntivo é o modo privativo da subordinação e deve estar subjugado a outro verbo precedente, pois “*es de esencia suya que todas las frases de sus tiempos estén determinadas por un verbo de los otros modos con el que las nombre de subjuntivo. Así que no puede empezar la oración por él, a no estar traspuesto el verbo que rige*” (SALVÁ, 1988 [1830], p. 414). Nota-se que Salvá tem foco no verbo, se este é independente, usa-se o indicativo, caso contrário, usa-se o subjuntivo, que é caracterizado pelo caráter dependente.

Dentro da linguística hispânica, a concepção de modo verbal mais difundida sob o ponto de vista sintático está preconizada na tradição gramatical pelo venezuelano Bello (1988

[1847]), para quem as diferenças de modo são produtos exclusivos do regime. Para o autor, os modos são

*“las inflexiones del verbo en cuanto provienen de la influencia o régimen de una palabra o frase a que esté o pueda estar subordinado”. Dicese a que esté o pueda estar, porque en muchos casos no aparece palabra o frase alguna que ejerza esta influencia sobre el verbo: pero aun entonces hay una idea que lo domina, y que pudiera representarse por una proposición subordinante. Así en ‘Tus intereses prosperan’, se concibe, sin que sea menester expresarlo, sé, digo, afirmo que tus intereses prosperan, y cuando enunciamos un deseo diciendo ‘La fortuna te sea propicia’ se entiende deseo que la fortuna, etc. (BELLO, 1988 [1847], p.158, §450 )*

O autor preconiza o critério sintagmático na concepção de modo verbal, de maneira que a seleção das formas verbais indicativas e subjuntivas é analisada e explicada pelo mecanismo de classificação de verbos da oração principal. Assim, as formas indicativas são as que podem ser regidas por verbos do tipo “saber” e “afirmar” não precedidos por negação, já as subjuntivas se subordinam aos verbos “desejar” ou “duvidar”. Bello observa, na gramática, a semântica dos modos, de tal forma que o indicativo serve para os juízos afirmativos ou negativos, seja da pessoa que fala ou de outra pessoa indicada na proposição de que dependa o verbo. Por outro lado, as palavras ou frases subordinantes que demonstram incerteza ou dúvida, ou alguma emoção do ânimo pedem o subjuntivo<sup>35</sup> (BELLO, 1988 [1847], p. 362-3).

Gramáticos como Bello e Salvá influenciaram as definições de modo verbal da gramática da Real Academia Espanhola (RAE). Os tratados acadêmicos que vão de 1854 a 1973 utilizam critério semântico, devido à tradição greco-romana na caracterização modal, afirmando que é a “*manera general de significar la acción del verbo*”, não obstante, em outras edições se contradizem adotando também critérios sintáticos ao tratar dos modos. Com intuito de ilustrar estas diferentes definições, abre-se um parêntese para citar algumas das edições da RAE, inclusive a de (1973), antes da apresentação dos outros estudiosos, desconsiderando por ora a ordem cronológica adotada, para que se tenha uma visão geral dos tratados acadêmicos. A seguir, citam-se algumas dessas edições:

i) (1854): “*maneras generales de expresar la acción del verbo*” (p.47);

---

<sup>35</sup> Bello contribuiu com noções importantes para a teoria da categoria modal. Dentre elas, a afirmação de que tanto o subjuntivo como o indicativo são modos subordinados, pois aparecem seguindo um subordinante explícito (indicativo e subjuntivo), ou implícito (imperativo). Na eleição do modo são combinados os critérios sintáticos (palavras regentes) e semânticos (verbos de afirmação, de dúvida, de possibilidade). A teoria de Bello assemelha-se à de Salvá, porém acredita-se que a originalidade de Bello não consiste apenas na sua explicação do subjuntivo, mas em considerar que o indicativo é um modo subordinado, inclusive nas orações independentes, indo além de Salvá, pois menciona de maneira explícita os verbos dos quais dependem, não só as orações em subjuntivo, mas certas orações de indicativo.

- ii) (1870): “*maneras generales de significar la acción del verbo*” (p.50);
- iii) (1920): “*se llaman modos las distintas maneras generales de expresar la significación del verbo*” (p.46);
- iv) (1931): “*se llaman modos las distintas maneras generales de expresar la significación del verbo*” (p.50)<sup>36</sup>.

Desde uma perspectiva evolucionista, nota-se que houve pequenas mudanças terminológicas da edição de 1854 a 1870, com a introdução de fatores semânticos (*expresar => significar la acción*), que adquirem mais força nas definições de 1920 e 1931 “[...] *maneras generales de expresar la significación del verbo*”, que parece definir a orientação geral da abordagem. Verifica-se também que os conceitos são literais nos tratados de 1920-1931. Trata-se de uma caracterização semântica imprecisa, pois não explica o contraste que prescreve entre os fatos objetivos e os subjetivos da significação verbal. Estas edições não trazem contribuições à teoria geral do modo, já que tratam do subjuntivo numa linha similar às de 1854 e 1870, ou seja, “*el subjuntivo, que lo expresa el hecho como un deseo, o como dependiente y subordinado a otro hecho indicado por uno cualquiera de los otros tres modos*” (RAE, 1920, p. 287; 1931, p. 265)<sup>37</sup>.

Finalmente, o projeto de 1973, *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española* (1973), traz um avanço com respeito às edições anteriores e passa a assinalar o fator da intervenção do falante, “*entre los medios gramaticales que denotan la actitud del hablante respecto a lo que dice, se encuentran las formas de la conjugación conocidas por antonomasia con el nombre tradicional de modos*” (RAE, 1973, p. 454), baseado nas considerações provenientes do *Curso Superior de Sintaxis Española*<sup>38</sup>.

<sup>36</sup> A Real Academia Espanhola publicou suas gramáticas entre os anos de 1771 a 1931, com objetivo principal de manter uma normatização da língua. Os textos acadêmicos referentes aos modos verbais tiveram pequenas alterações, ao longo destes anos, recebendo diversas críticas, relacionadas principalmente à dependência da gramática latina. A última gramática normativa publicada pela RAE é de 1930 e, devido a uma série de inconvenientes relacionados à norma, admitidos pela própria instituição, lança-se em 1961 a publicação de um *Esbozo* para uma nova gramática da língua. Vale ressaltar que, nesta tese, usa-se a edição de 1973 do *Esbozo*.

<sup>37</sup> Muitos dos gramáticos posteriores à primeira edição adotaram sem questionamento as idéias destes tratados em fatores semânticos-subjetivos, conforme será visto nos estudos que serão apresentados nesta seção

<sup>38</sup> Gili Gaya (2002 [1943]) faz críticas relacionadas à teorização apresentada pela RAE. Estas incluem mudanças de terminologia que são repensadas na revisão da gramática. Entre essas mudanças inclui-se a utilização de formas *no personales* em substituição do termo *nombres verbales* (categorias como o infinitivo) e a desconsideração do infinitivo como modo verbal, tendo em vista que essa forma é incapaz de expressar uma atitude subjetiva. Dessa forma, o *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española* (1973) apresenta modificações significativas desde a edição de 1920, como, por exemplo, o reconhecimento de apenas três modos verbais: indicativo, subjuntivo e imperativo. Nessa versão, o modo verbal ou *modus* é definido como a atitude psíquica pela qual o falante apresenta o que diz, conhecido como *dictum* (1973, p.454).

Ainda que tenha havido modificações com relação à terminologia, não há novidades importantes na edição de (1973), comparada à de 1920, já que a concepção de modo continua baseada numa definição acadêmica que aponta o indicativo como modo da oração independente ao expressar uma afirmação (critérios sintático-semânticos), e o subjuntivo, como modo da subordinação. A teoria descreve a utilização do indicativo para a apresentação dos fatos reais e do subjuntivo para expressar o desejo e a subordinação aos demais modos.

*“Cuando enunciamos una acción verbal, podemos pensarla como ajustada a la realidad objetiva, o bien como un simple acto anímico nuestro, al cual no atribuimos existencia fuera de nuestro pensamiento (...) el subjuntivo depende de otro verbo el cual envuelve al verbo subordinado en la irrealidad que cada uno de ellos expresa. De aquí el nombre de subjuntivo, que significa subordinado o dependiente (...) el subjuntivo señala el carácter volitivo, dubitativo, o efectivo, ayudándose de partículas o del sentido y, en la lengua hablada, de la entonación”* (cf. RAE, 1973, p. 454-455).

Para a RAE, usa-se o modo subjuntivo na oração subordinada sempre que o verbo principal expresse ação duvidosa, possível, necessária ou desejada. Os termos dessa classificação se confundem entre si, porque o modo depende da atitude do falante, ou seja, dos matizes de graus de dúvida, desejo e, conseqüentemente, utilize o indicativo ou o subjuntivo, segundo as vacilações da dúvida (mais ou menos intensas ou atenuadas). Porém depende também do traço de subordinação sintática que rege os verbos. Apesar dessa caracterização do subjuntivo apresentar postulados díspares, cabe ressaltar a importância da última parte da citação, em que se faz referência à língua falada, através da análise da entonação, com a qual se pode obter outras características na explicação modal, não citadas até então por outros gramáticos.

Outra visão semântica a respeito dos modos que se destaca dentro da linguística hispânica é a de Lenz (1920, p. 452). Para o autor, o modo *“es la categoría gramatical según la cual se clasifican las formas verbales propiamente tales, subjetivamente, desde el punto de vista del que habla, en correspondencia con su valor lógico”*. Lenz afirma que o indicativo expressa fatos reais e efetivos; o subjuntivo, fatos que existem apenas na mente, na imaginação. Apresenta uma classificação de dois tipos lógicos (conceituais) de subjuntivo: o dubitativo e o optativo, *“el dubitativo considera los hechos imaginarios como dudosos o meramente posibles (juicios problemáticos); el optativo y el imperativo los consideran como deseables o necesarios (juicios apodícticos)”* (cf. LENZ, 1920, p.453).

Na mesma linha teórica da RAE, Bello e Lenz, Seco (1973 [1930] p. 228), em seu *Manual de gramática española*, assinala a importância de atender tanto ao modo como ao tempo do verbo da oração subordinada. Em termos gerais, a oração subordinada leva o verbo

em indicativo quando, expressa o objetivo como coisa real e certa, ou seja, sem que haja nenhuma intervenção de tipo subjetivo, por parte do falante. Isso ocorre quando há, na oração principal, verbos denominados de entendimento, língua e sentido, tais como *pensar, creer, recordar, saber, sentir, temer*, etc. Por outro lado, a subordinada leva o verbo em subjuntivo sempre que o verbo expresse o fato com apreciação subjetiva ou como coisa duvidosa. Isso ocorre com os verbos de entendimento, quando a oração subordinada é dubitativa ou optativa, e com verbos de vontade em geral, como por exemplo, *querer, desear, mandar, exigir, pedir, rogar, acordar*, etc. (cf. SECO, 1973 [1930], p 229).

Outra referência análoga à teoria de Bello (formal), com respeito ao traço de subordinação, e ao enfoque subjetivo, a maneira de Lenz (lógico-semântico), é a conceituação de Gili Gaya (2002 [1943])<sup>39</sup>. O autor afirma que, em toda oração, pode-se distinguir entre o conteúdo da representação e a atitude do falante diante desse conteúdo: “o que se diz e como se diz”. Entre os meios gramaticais que demonstram a atitude do falante encontram-se as formas de conjugação conhecidas tradicionalmente por “modos”. Para Gili Gaya, a atitude do falante representa papel decisivo na escolha do modo verbal, ou seja, o indicativo e o subjuntivo expressam “*punto de vista subjetivo ante la acción verbal que enunciamos*”. Sua teoria tem base na oposição de caráter sintático-semântico, em que o subjuntivo se refere a “subordinações mentais”, ao irreal, e o indicativo corresponde ao real. Dessa forma, pensa o verbo como um fenômeno que tem lugar efetivo, “*nuestro juicio versa entonces sobre algo que consideramos real, con existencia objetiva o se puede pensar que el concepto verbal que proferimos es simplemente un acto mental nuestro*” (cf. GILI GAYA, 2002 [1943], p. 130-1).

A leitura atenta às definições expostas até o momento revela que o fator semântico está presente nos traços que fazem referência à intervenção do falante no processo de significação modal. Para Hernández Alonso (1984, p.287), a concepção do modo como reflexo da atitude que o falante adota diante da ação indicada pelo verbo, é aceita pelos gramáticos como uma atitude subjetiva ou de “representação mental” que se refere à realidade ou não-realidade do fato enunciado. Segundo o autor, o modo está baseado na relação falante-enunciado, com vistas à postura objetiva ou subjetiva do falante, dualidade na qual reside a natureza modal.

---

<sup>39</sup> A diferença entre Bello e Gili Gaya é a maior exatidão deste ao especificar que o elemento ao qual se subordina o subjuntivo é um verbo implícito. Ambos coincidem que o subjuntivo das orações independentes se subordina a um elemento abstrato. No entanto, para Gili Gaya, o indicativo das orações independentes carece do caráter de subordinação atribuído por Bello.

#### 2.4.1.2 Modelos tradicionais: abordagem estruturalista

Outro enfoque que tem influência na teorização dos modos verbais em espanhol é o tratamento estruturalista, cuja característica se refere à constituição dos paradigmas analisados via nível sintagmático. Portanto, o enfoque principal de caracterização dos modos é de tipo sintático. Entre os autores que defendem esse tipo de análise citam-se Coseriu (1978, p. 137), para quem o modo é uma categoria morfológica e lhe corresponde o significado dos morfemas. Almela Pérez (1989) propõe uma análise dos modos reconhecidos como classificadores. De acordo com este autor, o indicativo, subjuntivo, imperativo, condicional, infinitivo, gerúndio e particípio não são modos, mas classificadores,

“cuya base es morfotáctica, la cual se forma atendiendo a la estructura y al comportamiento de las formas; están afectados por los morfemas verbales, entre los cuales se encuentra el modo. Los modos existen, pero no se definen como un conjunto de formas verbales sino como categoría morfológica, o sea, como morfema, y, por tanto, como significado morfémico, instrumental” (cf. ALMELA PÉREZ, 1992, p. 1102).

A primeira aplicação dos princípios estruturalistas ao espanhol procede de Alarcos Llorach (1969), quem estudou o sistema verbal nessa linha. Em sua *Gramática estructural* (1969), critica o logicismo dos postulados tradicionais e aponta a necessidade de estudar a língua a partir do ponto de vista linguístico, postulando uma nova gramática que denomina estrutural e funcional.

O autor indica que a primeira divisão do verbo espanhol se deve realizar em função da seguinte dicotomia: i) formas que não indicam tempo, modo nem pessoa (formas não pessoais) e ii) formas que indicam tempo, modo e pessoa (formas pessoais). Essa dicotomia se formula em dois termos: *formas que no indican irrealidad / formas que indican irrealidad*. Por essa razão, Alarcos define o modo como uma “*categoría de morfemas que presenta dirección heteronexual*”, em que o subjuntivo é regido por “*ciertos verbos y palabras que indican ideas irrealas y envuelve la acción de un tinte subjetivo*” (ALARCOS LLORACH, 1980, p. 60-62).

De acordo com o autor, as oposições modais se baseiam na atitude do falante diante dos fatos que este comunica, e são gramaticalmente configuradas em três zonas diferenciadas por significados distintos:

“i) *La de los hechos estimados reales o cuya realidad no se plantea por ser indiferente en la situación del hablante, ii) La de los hechos cuya realidad es factible siempre que se cumplan ciertas condiciones (el paso del tiempo, el*

*cambio de circunstancias u otros factores) y iii) La de los hechos ficticios, cuya eventual realidad se ignora o cuya irrealidad se juzga evidente (hechos que se imaginan, se desean, se sospechan, etc. (ALARCOS LLORACH, 1994 [1949], p.193)<sup>40</sup>*

### 2.4.1.3 Modelos recentes: abordagem sintática/semântica

Com a exposição do amálgama de critérios que definem o modo verbal, via gramática tradicional, ressalta-se o fato de que os conceitos de índole semântica são os mais abundantes e, em geral, demonstram apenas a relação categórica entre o indicativo para codificar referentes, e o subjuntivo, a falta deles. Essa oposição, que tem a ver apenas com a perspectiva extralinguística, com a realidade exterior ao sistema da língua, também é retomada em estudos mais recentes, que versam sobre os modos verbais. Entre eles podem-se citar Martinell Gifre (1985), obras de referência como a *Gramática descriptiva de la lengua española* (1999), Hummel (2004), entre outros.

Martinell Gifre (1985, p. 15) assume o modo verbal como um meio gramatical de expressão da modalidade. Para a autora, “*la actitud del hablante queda expresada por medio del modo, morfema verbal que se manifiesta a través de desinencias unidas a la raíz verbal*”. Assim, o critério que diferencia o indicativo do subjuntivo é o de independência /dependência. Trata-se de um critério sintático simples que pressupõe o uso do indicativo com verbos de frases independentes e do subjuntivo com verbos de frases subordinadas. No entanto, para a autora, esse critério é válido apenas parcialmente, já que nem todas as orações subordinadas são seguidas pelo subjuntivo. Outro critério destacado pela autora refere-se ao grau de conhecimento do locutor, acerca do fato que enuncia. Assim, o subjuntivo aparece nas interrogativas, negativas e todas as orações que expressam desconhecimento do locutor acerca daquilo que se fala. De acordo com seu posicionamento, o modo subjuntivo também rege os verbos que fazem referência a estados de ânimo e atitudes com respeito à realidade exterior e as ações que se expressam com subjetividade.

Entre os estudos da *Gramática descriptiva de la lengua española*, apresenta-se o de Ridruejo (1999), “*Modo y modalidad: el modo en las subordinadas sustantivas*”. Para o autor, a alternância dos modos na oração subordinada está baseada na dicotomia: indicativo para

---

<sup>40</sup> O autor confirma a tripla distinção modal: indicativo, subjuntivo e potencial (ou condicionado). Os dois primeiros apresentam comportamentos distintos na reação ou sintaxe de dependência de outros signos, ou seja, o indicativo indica realidade e o subjuntivo remete ao caráter fictício, não-real, do que denota o significado da raiz verbal. O potencial ou condicionado inclui as formas de futuro e o chamado condicional. Esse terceiro modo não representa “tempo futuro” propriamente, mas “modo condicionado ou potencial”, opondo *cantarás* a *cantarias*.

comunicar asserção e subjuntivo, não-asserção. Assim, quando o falante pretende comunicar a verdade da proposição emprega o indicativo. De maneira oposta, o subjuntivo é usado quando o falante não quer assumir nenhuma responsabilidade sobre a asserção proferida.

Segundo Ridruejo (1999, p.3222), há alternância de modos nas orações subordinadas completivas dependentes de predicados que significam conhecimento (*creer, saber, darse cuenta, notar*) e de verbos de comunicação (*decir, indicar, comunicar*) quando estão modificados por indutores negativos “*No dice que es / sea inteligente*”. Para o autor, os mesmos predicados afetados pela interrogação também aceitam a alternância modal “*¿Crees que haya conseguido /ha conseguido/ ver al ministro?*”.

Ainda nessa direção de análise, as orações substantivas de uso obrigatório do indicativo são as de predicado de percepção, conhecimento, certeza, causa, factividade, sucesso e necessidade. Esse tipo de oração seleciona o indicativo devido ao valor de verdade da proposição que é pressuposta, em virtude da natureza factiva do predicado subordinante “*Vio que había venido el cartero*”. Para o autor, é igualmente possível a construção com subjuntivo, quando verbos como estes são afetados pela negação, “*No vio que había entrado el cartero / hubiera entrado*”.

Ao contrário desses enfoques, na proposta de Hummel (2004, p. 293-4) encontra-se uma análise que evidencia a existência de um valor básico invariável do subjuntivo na língua espanhola. Segundo o autor, a discussão científica tem considerado, apenas, que os modos são formas do verbo e, com ele, formas de apresentação que o designa, ao invés de buscar a função do subjuntivo no contexto, centrado na unidade linguística que realmente o contém. Para o autor, os verbos se referem a eventos, e os modos são necessariamente formas de apresentação desses eventos. Dessa forma, o indicativo compreende estes eventos sob o aspecto de sua existência, do desenvolvimento real da mudança e o subjuntivo sob o aspecto de sua incidência, ou seja, da dinâmica télica que os produzem, sem levar em conta se foram realizados ou não. O enunciado “*Espero que venga*”, por exemplo, se refere à incidência do fato *venir* sem importar-se com a sua realização. Assim, tem-se a oposição: indicativo/existência e o subjuntivo/incidência.

Com base nos trabalhos expostos até aqui, nota-se que os autores apresentam o modo desde o ponto de vista morfológico, relacionado com os morfemas flexionais de tempo e pessoa; desde o ponto de vista sintático; correlacionado com verbos que regem um ou outro modo e desde o ponto de vista semântico; correlacionado ao significado do verbo da oração

principal ou com o significado de outra partícula ou locução que pode impor o uso de um determinado modo, ou ambos, ocasionando a alternância.

Não se pode deixar de mencionar que, desde os enfoques das gramáticas gerais de consulta às obras mais recentes, novas propostas têm surgido para avaliar o comportamento modal das unidades que integram o sistema verbal espanhol atual. Porém, de maneira geral, ainda que se depreenda com perspectivas diferentes para análise dos modos, a essência dos marcos teóricos de referência tradicional reaparece na grande maioria das investigações.

As considerações apresentadas revelam contradições entre as teorias expostas. Ainda que nenhuma obra em particular as apresente explicitamente, existem diferentes nuances de valores modais, devido à variedade de posições, na tentativa de elucidar uma categoria linguística que é explicada, ora pela atitude do falante, ora pelo caráter sintático, ora pela relação paradigmática dentro de uma sentença. Pelo que se nota, parece haver dificuldades inerentes na definição dos modos sob a descrição de tais conceitos, devido, principalmente, à variedade e contradição entre os gramáticos. Os autores costumam apresentar orações que contêm verbos em indicativo expressando certeza dos eventos mencionados e sequências que transmitem os valores habituais do subjuntivo (incerteza, hipótese) e quando se deparam com enunciados difíceis de encaixar nessa dicotomia, oscilam entre os critérios, ora explicam pelo fator semântico, ora pelo nexos sintático. Cita-se como exemplo, o enunciado “*Pepe esté loco*”, destacado por Bosque (1990, p. 28). Segundo o autor, contém um morfema que se corresponde com modalidades de diferentes tipos (epistêmica, volitiva) e possui marcas que representam atitudes proposicionais que não correspondem aos conteúdos assertivos. Segundo as regras gramaticais, os enunciados que contêm verbos no indicativo expressam aquilo de que o falante está convencido, um fato concreto. No entanto, esse traço não é suficiente para caracterizar o indicativo como modo da certeza, nesse caso: “*Pepe esté loco*”. Assim, não seria possível afirmar que o indicativo codifica certeza em enunciados avaliados nesta tese, tais como: “... *pasó lo mismo, que compramos sólo esto, y preguntamos también que... y precisamente, no sé si los compramos ahí o en otro lado y nos dijeron que sí, que con la controladora que tenía le bastaba, pero de eso nada*” (COR92/ccon005a.asc).

#### **2.4.1.4 Modelos recentes: abordagem comunicativa**

Para encerrar a apresentação dessa revisão bibliográfica cita-se a proposta de Matte Bon (1992), que parte de um enfoque comunicativo, diferenciando-se dos demais enfoques abordados até o momento. O autor faz uma distinção com base nos seguintes modos verbais:

- i. *No personal*: inclui as formas de infinitivo, gerúndio e participípio;
- ii. *Virtual*: inclui as formas de futuro do indicativo e condicional;
- iii. *Informativo*: inclui as formas do presente de indicativo, pretérito indefinido do indicativo e pretérito imperfeito de indicativo);
- iv. *Subjuntivo* (não informativo): presente de subjuntivo, imperfeito de subjuntivo e futuro de subjuntivo;
- v. *Imperativo*: imperativo (MATTE BON, 1992).

O autor pontua como principal característica do subjuntivo o fato de esse modo verbal não apresentar informações novas, pois, segundo o autor, “*el enunciador pone los verbos en subjuntivo cuando sólo se quiere referir a la relación entre un sujeto y un predicado, sin dar informaciones sobre el sujeto del verbo. Al contrario, con los verbos en indicativo o en condicional tenemos informaciones nuevas sobre el sujeto de cada verbo*” (MATTE BON, 1992, p. 49)

#### **2.4.2 O conceito de concessividade: visão gramatical**

Na tradição gramatical, as orações concessivas são concebidas como aquelas que expressam uma objeção ou dificuldade para o cumprimento do que se diz na oração principal, sem que esse obstáculo impeça sua realização (RAE, 1973, p. 557; GILI GAYA, 2002 [1943], p. 322; ALARCOS LLORACH, 1994 [1949], p. 373). A subordinada concessiva pode ser encontrada tanto com o indicativo como o subjuntivo. No primeiro caso, se afirma a existência efetiva de uma dificuldade para o cumprimento do enunciado da oração principal, mas essa dificuldade se anula por ser ineficaz “*Aunque hace mal tiempo, saldré*” (o mau tempo é um fato real). Por outro lado, se o verbo subordinado está em subjuntivo, a dificuldade é sentida apenas como possível “*Aunque haga mal tiempo, saldré*” (o mau tempo é uma dificuldade provável) (cf. GILI GAYA, 2002 [1943], p. 323; RAE, 1973, p. 557-8).

As gramáticas da RAE apenas dão informação sobre os significados modais nas prótases concessivas, limitando a explicação de que tais construções levam o verbo em indicativo ou em subjuntivo “*segundo que la objeción se proponga como real o como posible*” (1931, p. 438). Também não há novidade em Seco (1973 [1930]): “*la oración concesiva va en indicativo, cuando expresa un hecho que, si no determina o impide la*

*realización de la principal, conserva frente a ella toda su realidad; va en cambio, en subjuntivo cuando, dándose por conocida la objeción, ésta se desecha por ineficaz*”. Nessa definição se repetem, de maneira confusa, algumas idéias procedentes de Vallejo. Nem Gili Gaya (2002 [1943]) vai além da simples diferenciação indicativo/subjuntivo na prótase. Esse autor, assim como os demais gramáticos, simplesmente postula a alternância modal com base na caracterização real/objeção possível.

A classificação tipológica das concessivas, adotada nessas obras, revela uma relação implicativa entre os membros da oração principal (apódase) e a prótase, ou seja, a proposição da apódase está constituída pela formulação de uma suposição, cujo cumprimento depende da realização do fato enunciado na prótase, ou vice-versa, estabelecendo uma espécie de relação condicionante/condicionado. Em geral, essas gramáticas se limitam a mencionar a caracterização semântica do fenômeno, enumerando os distintos nexos a que se atribui a transmissão de um conteúdo concessivo. Assim, para que uma oração qualquer pertença ao paradigma das concessivas, é preciso constatar a presença de alguns dos nexos previamente catalogados: *aunque, así, aun cuando, si bien, como siquiera, ya que, apesar de que* (cf. RAE, 1973, p. 558). Tanto a RAE como Gili Gaya sustentam que as construções encabeçadas por *aunque* podem estabelecer relações de coordenação e subordinação. Uma das críticas que se pode fazer nesse sentido é que os autores não definem os critérios de classificação de uma ou outra maneira.

À semelhança da teoria de Gili Gaya, inclusive com a reprodução de alguns parágrafos inteiros, Seco (1973 [1930] p.247) afirma que a expressão conjuntiva *aunque* enlaça duas orações: principal e subordinada. A subordinada concessiva expressa uma dificuldade para a realização do que foi dito na principal, dificuldade que não tem eficácia para impedir seu cumprimento. Assim, no enunciado “*aunque me lo prohibas, saldré*”, se entende que *el salir* se realizará apesar da proibição contida na oração subordinada.

O uso dos modos é concebido por Seco de duas maneiras: real e irreal. No primeiro caso estão as concessivas reais, cuja prótase possui um fato real, provável ou possível, seja no passado, presente ou futuro: “*Aunque somos muy amigos, nunca nos vemos*”. Na concessiva irreal, a prótase é um fato estimado, não realizado no passado, nem no presente e improvável no futuro: “*Aunque fuésemos muy amigos, nunca nos veríamos*” (SECO, 1973 [1930], p.228). Outra crítica que se levanta quanto à definição de concessividade dessas gramáticas é em relação à observação feita sobre a diferença de uso entre o indicativo e o subjuntivo baseada

na oposição obstáculo real/irreal para a realização do evento, já que essa oposição nem sempre se verifica nas orações concessivas.

### 2.4.3 Descrição geral da alternância modal

Finalizando essa apresentação dos modos verbais, o que se pode concluir a respeito das considerações teóricas que o modo verbal tem recebido na teoria gramatical espanhola é a complexidade do tema. É possível notar que ainda se evitam definições e classificações gerais. Fixar um conceito de modo que tenha validade geral é difícil, pois não existe unanimidade entre os linguistas sobre este ponto. As perspectivas teóricas que descrevem os modos do verbo em espanhol são numerosas, dificultando a sistematização e síntese das mesmas. Os gramáticos, muitas vezes fazem confusão de níveis e operam de acordo com um amálgama de enfoques teóricos.

Essas constatações podem ser visualizadas, a modo de conclusão, no quadro seguinte, que resume os traços que definem os modos verbais em espanhol, incluindo os autores apresentados na revisão bibliográfica da literatura na área, apresentados no capítulo anterior, os gramáticos e obras de referência, citados nas seções precedentes.

Quadro 6: Resumo dos traços que definem os modos indicativo/subjuntivo em espanhol

<b>Autor</b>	<b>Traços – Modo Indicativo</b>	<b>Traços – Modo Subjuntivo</b>
Salvá (1988 [1830])	Independência sintática	Subordinação
Bello (1988 [1847])	Afirmção Independência sintática	Não-afirmação Subordinação Modalidades (interrogativa e negativa)
RAE (1854)	Afirmção Independência sintática	Não-afirmação Subordinação
RAE (1870)	Afirmção Independência sintática	Não-afirmação Subordinação
Lenz (1920)	Realidade Independência sintática	Não-realidade Subordinação
RAE (1920)	Objetividade Realidade Independência sintática	Subjetividade Não-realidade Subordinação
Vallejo (1925)	Realidade	Realidade Não-realidade
Rafael Seco (1973[1930])	Objetividade Realidade	Subjetividade Não-realidade
RAE (1931)	Objetividade Realidade Independência sintática	Subjetividade Não-realidade Subordinação
Gili Gaya (2002[1943])	Realidade Independência sintática	Não-realidade Subordinação
Alarcos Llorach (1994 [1949])	Realidade	Não-realidade Modalidades (interrogativa e negativa)
Schifko (1967)	Concretização	Não-concretização
RAE (1973)	Realidade	Não-realidade

	Independência sintática Tempo real	Subordinação Tempo virtual
Terrell e Hopper (1974)	Asserção	Não-asserção
Goldin (1974)	Pressuposição positiva Independência sintática	Pressuposição negativa ou indefinida Subordinação
Shawl (1975)	Experiência	Não-experiência
Ridruejo (1975)	Atualidade	Não-atualidade
Klein (1975)	Afirmação	Não-afirmação
Rivero (1979)	Valor veritativo do complemento	Atitude neutra
Foster (1982)	Independência sintática	Subordinação Modalidades (negativa)
Lavandera (1983)	Asserção Relevância	Não-asserção Não-relevância
Hernández Alonso (1984)	Objetividade Independência sintática	Subjetividade Subordinação Modalidades (interrogativa e negativa)
Takagaki (1984)	Independência sintática	Subordinação
Martinell Grife (1985)	Independência sintática Realidade Tempo real Objetividade	Subordinação Não-realidade Tempo virtual Subjetividade
Borrego <i>et. al.</i> (1986)	Afirmação Realidade Compromisso	Não-afirmação Não-realidade Não-compromisso
Bustus (1986)	Compromisso	Não-compromisso
Fernández Alvarez (1987)	Independência sintática Experiência	Subordinação Não-experiência
Lunn (1989)	Asserção Relevância	Não-asserção Não-relevância Factualidade
Navas Ruiz (1990)	Não-virtualidade Constatação Objetividade Independência sintática	Virtualidade Hipotético Subjetividade Subordinação
Reyes (1990)	Compromisso	Não-compromisso
Bosque (1990)	Independência sintática	Subordinação Modalidades (interrogativa e negativa)
Rivas Muiño (1990)	Realidade	Não-realidade Realidade
Guitart (1991)	Afirmação Informação nova	Pressuposição Informação compartilhada
Porto Dapena (1991)	Objetividade Atualidade	Subjetividade Virtualidade
Matte Bon (1992)	Informação nova	Informação prévia
González Calvo (1993)	Certeza	Incerteza Atitude apreciativa
Mejías-Bikandi (1994)	Asserção	Não-asserção
Silva-Corvalán (1994)	Asserção	Não-asserção
Studerus (1995)	Informação nova	Informação compartilhada
Lunn (1995)	Asserção Informação nova	Não-asserção Informação velha
Moya Corral (1996)	Realidade Relevância	Não-realidade Não-relevância Realidade
Sastre Ruano (1997)	Factualidade Objetividade	Virtualidade Hipotético Valoração subjetiva
Mejías-Bikandi (1998)	Informação nova	Informação velha

	Asserção	Não-asserção
Flamenco García (1999)	Informação nova Factualidade	Informação compartilhada Não-factualidade Factualidade
Pérez Saldanya (1999)	Factualidade Relevância Informação nova	Não-factualidade Não-relevância Informação compartilhada Factualidade
Ridruejo (1999)	Compromisso Asserção	Não-compromisso Não-asserção Modalidades (interrogativa e negativa)
Murilo Medrano (1999)	Independência sintática	Subordinação
Hummel (2004)	Existência	Incidência
Ruiz Campillo (2005)	Declarativo	Não-declarativo
Rodríguez Rosique (2005)	Informação não-ativada	Informação ativada
Dunlap (2006)	Factualidade	Não-factualidade Factualidade

Com base no quadro 6, verifica-se que os trabalhos apresentam critérios e aspectos muito distintos com relação à nomenclatura empregada<sup>41</sup>. Vale ressaltar que neste quadro alguns conceitos tais como virtualidade e subjetividade não são sinônimos. Os termos realidade/não-realidade tratam das ações expressas em indicativo como reais (factuais) e do subjuntivo como não-reais (não-factuais). Para Martinell Grife (1985, p. 18), o critério de objetividade/subjetividade está ligado à oposição realidade/não-realidade, da qual se deriva. Se o indicativo é o modo da realidade e se emite nesse modo juízos referentes a algo que se considera real, é porque se concede a esse fato uma existência objetiva. Já a virtualidade, de acordo com Porto Dapena (1991, p.33), “*no indica propiamente la irrealidad (vale decir, inexistencia o imposibilidad) de una acción, sino la independencia de su realización posible o imposible*”. Em outras palavras, a virtualidade, codificada pelo subjuntivo, trata de tempos virtuais, definidos por este autor pelo emprego do *presente, imperfecto* e seus compostos. Seu uso não obedece ao tempo externo, é um modo que oferece a significação do verbo sem

<sup>41</sup> Somando-se a estes critérios, cita-se também, a título de ilustração, uma grande quantidade de conceitos atrelados aos usos dos modos na língua espanhola apontados por González Calvo (1993). O autor apresenta uma divisão, partindo da distinção entre possibilidade de alternância e falta dela. Quando há alternância, a oposição indicativo/ subjuntivo costuma ater-se às diferenças constatação/hipótese e hipótese menor/ hipótese maior. a) constatação/hipótese: fazem parte desse grupo a dualidade de terminologia vaga do tipo real/ não-real (possível ou irreal), não-subjetivo/subjetivo, específico/não-específico, obstáculo constatado/obstáculo hipotético, temporalidade real/ temporalidade hipotética (possível ou irreal), condição real/condição hipotética, etc.; b) hipótese menor/hipótese maior: dúvida + possibilidade maior ou menor, incerteza maior ou menor, compromisso maior ou menor, condição menos contingente ou mais contingente, etc. Por outro lado, quando não há alternância, o subjuntivo manifesta hipótese em alguns casos e valoração apreciativa em outros. Em contrapartida, o indicativo indica constatação em alguns casos e hipótese em outros. O subjuntivo supõe através do elemento dominante (sintático, semântico, pragmático), apreciação ou atitude apreciativa (apelação, desejo, finalidade, comentário); ou incerteza (hipótese, eventualidade). O indicativo, por outro lado, supõe ou reflete, através do elemento dominante, constatação (asserção, afirmação, ato mental, percepção), ou incerteza (hipótese eventualidade), a partir, por exemplo, de predicados de opinião, crença ou juízo (cf. GONZÁLEZ CALVO, 1993, p. 202-3).

atualização. Em contrapartida, o indicativo, representado pelo termo “atualidade”, situa as ações no tempo em relação com o ato de fala.

## **2.5 Categoria gramatical de tempo**

Assim como o modo verbal, a categoria de tempo também apresenta uma diversidade de visões dentro dos estudos linguísticos e, apesar do grande número de publicações sobre o tema, observam-se muitos problemas sem respostas, dentre os quais se destaca novamente a variedade de teorias com exposições muito distantes entre si para expicar os mesmos fatos da língua e a falta de dados de língua natural na realização das pesquisas<sup>42</sup>.

Partindo de estudos conceituados sobre o tempo verbal, citam-se os estudos temporais de Reichenbach (1947), Bello (1988 [1847]), Gili Gaya (1961), Bull (1960), Fleischman (1982), Bosque e Demonte (1999), Rojo & Veiga (1999), Givón (2001), entre outros estudiosos não menos importantes, divididos em duas subseções. Primeiramente, o tempo é representado a partir da lógica temporal, seguido pelos marcos teóricos em geral.

### **2.5.1 A representação do tempo pela lógica**

Descrevem-se, nesta subseção, alguns dos princípios e idéias propostos pela lógica filosófica, tomando-se como exemplo a teoria relacional do tempo, esboçada por Hans Reichenbach (1947) em seu trabalho *Elements of Symbolic Logic*. Nesta obra, o autor apresenta as relações temporais, com base a uma teorização que passou a ser veiculada em diversos trabalhos posteriores<sup>43</sup>. Sua teoria parte do pressuposto de que o tempo não é concebido como uma categoria morfológica restrita à flexão verbal, mas como uma configuração temporal complexa em que os tempos verbais de qualquer língua são determinados pela ordenação de três pontos: o momento da fala, o momento da referência, relevante para a localização do evento, e o momento do evento especificado pelo predicado, codificados por (S-R-E).

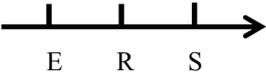
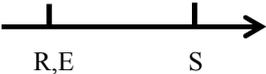
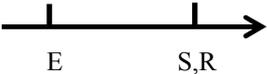
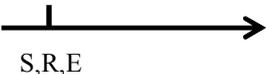
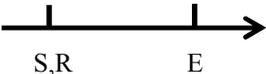
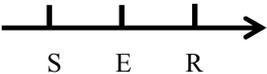
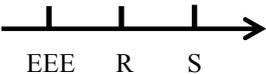
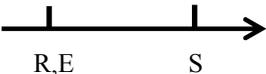
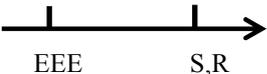
---

<sup>42</sup> A aproximação linguística ao conceito de tempo depara-se, muitas vezes, com problemas devido à falta de uma distinção clara entre a noção que se tem do tempo e as características que essa categoria apresenta em uma determinada língua. A incompatibilidade na formação de conceitos linguísticos sobre o tempo já foi abordada por autores como Bull (1960), Benveniste (1976) e Weinrich (1968). Ainda que estes autores descrevam a categoria tempo sob diferentes perspectivas, morfológica, para o primeiro, e discursiva para os outros dois, esses autores se posicionam da mesma maneira ao afirmar que nenhuma forma temporal localiza um evento no tempo e por tal motivo, os tempos verbais não assinalam o tempo da ação, mas a ordem e o aspecto da mesma. A ênfase na distinção entre o tempo físico e o tempo linguístico se dá pelo fato de que ambas as categorias nem sempre coincidem, já que a percepção do tempo verbal por parte dos falantes é subjetiva.

<sup>43</sup> Cita-se, por exemplo, o estudo dos verbos em português, com o trabalho de Corôa (2005).

A seguir, apresenta-se um quadro que ilustra algumas das possibilidades de arranjo temporal do sistema verbal inglês por meio das três orientações apresentadas. O diagrama que se segue, contém seis tempos simples e três tempos estendidos.

Figura 1: Diagrama dos tempos verbais do inglês (REICHENBACH, 1947, p. 290)

Past Perfect I had seen John 	Simple Past I saw John 	Present Perfect I have seen John 
Present I see John 	Simple Future I shall see John 	Future Perfect I shall have seen John 
Past Perfect, Extended I had been seeing John 	Simple Past, Extended I was seeing John 	Present Perfect, Extended I have been seeing John 

De acordo com Reichenbach (1947), um acontecimento pode ser considerado anterior, simultâneo ou posterior ao momento da fala, ou seja, são as combinações possíveis que se obtêm ao ordenar os três pontos. Conforme se observa na figura (2), a configuração do *Past Perfect* se define como (E-R-S) de maneira que E precede a R e R, por sua vez, precede a S<sup>44</sup>. O *Simple Past* tem a configuração (R,E-S), em que os pontos E e R são simultâneos e ambos são anteriores ao momento da fala. No exemplo, “*I have seen John*” o evento também ocorre antes do ponto da fala, mas a referência, no entanto, é um ponto simultâneo ao momento da fala, ou seja, os pontos da fala e referência coincidem.

No *Present* (S,R,E) os três pontos são simultâneos. No *Simple Future* há uma situação que é posterior ao momento da fala, mas cujo momento de referência coincide com o ponto da fala. Já no *Future Perfect*, o evento é anterior a uma situação que com respeito ao momento em que se fala é futura, por disposição da teoria de Reichenbach.

No inglês, o *Present Perfect* pode ter também um sentido que corresponde à forma estendida, conforme apresentado no diagrama, com a característica adicional de que a duração

<sup>44</sup> Para representar as relações entre os pontos que podem ser de precedência temporal do elemento à esquerda, a simbologia utilizada é marcada por um traço (-), ou de simultaneidade, representada por uma vírgula (,).

do evento se estende até o ponto da fala. Dessa forma, entende-se que o evento inicia-se no passado e se estende até os dois pontos que coincidem na linha temporal, ou seja, o ponto da fala e de referência.

Esses esquemas das relações temporais, proposto por Reichenbach ao inglês, podem ser aplicados a outras línguas. Por tal motivo, propõe-se uma analogia com a língua espanhola, exemplificando a distribuição das formas verbais do indicativo em espanhol e as nuances temporais através da representação lógica dos três pontos<sup>45</sup>.

Apresentar uma correlação entre os dois sistemas não é uma tarefa fácil. O primeiro passo foi pesquisar estruturas temporais do espanhol no *corpora* da tese para verificar as possíveis correspondências entre a proposta de Reichenbach e as formas verbais do espanhol. A partir dessa comparação foi possível notar que as formas temporais: i) *Pretérito Perfecto Simple*, ii) *Pretérito Perfecto Compuesto*, iii) *Presente*, iv) *Futuro* e v) *Futuro Perfecto* têm correlação com o inventário de tempos verbais proposto por Reichenbach. Essas relações encontradas em ambas as línguas, permitem chegar ao quadro 7 descrito a seguir. Em formas de diagramas, identificam-se as estruturas temporais propostas por Reichenbach (1947, p. 297), seguidas pela ordenação encontrada nos exemplos do espanhol e dispostas juntamente com a terminologia empregada pela Real Academia Española.

Quadro 7: Correspondência entre os tempos definidos por Reichenbach (1947, p. 297) e os tempos verbais do espanhol

<b>Ordenação dos pontos Reichenbach</b>	<b>Nome dado por Reichenbach</b>	<b>Ordenação encontrada no espanhol</b>	<b>Tempos do espanhol Real Academia Española</b>
E-R-S	Anterior Past	E-R-S	Pretérito Pluscuamperfecto (había trabajado)
E,R-S	Simple Past	E,R-S EEE,R-S	Pretérito Perfecto simple (trabajé) Pretérito Imperfecto (trabajaba)
R-E-S R-S,E R-S-E	Posterior Past Posterior Past Posterior Past		
E-S,R	Anterior Present	E-S,R	Pretérito perfecto compuesto (he trabajado)
		EEE-S,R	Pretérito Perfecto compuesto extendido (he trabajado)
S,R,E	Simple Present	S,R,E	Presente (trabajo)
S,R-E	Posterior Present	S,R-E	Futuro (trabajaré - ahora)
S-E-R S,E-R E-S-R	Anterior future Anterior future Anterior future	S-E-R	Futuro perfecto (habré trabajado)
S-R,E	Simple future		
S-R-E	Posterior future		Futuro (trabajaré – mañana)

<sup>45</sup> Cabe ressaltar que não será feita uma distinção entre os tempos do modo indicativo e subjuntivo, pois Reichenbach não se manifesta neste sentido em seus postulados.

O quadro 7 mostra as nove formas fundamentais que podem ser utilizadas nas línguas naturais, de acordo com Reichenbach. A correspondência entre os tempos e as formas identificadas neste quadro não é unívoca, pois é possível verificar que as formas temporais do *pretérito perfecto simple* (*trabajé*) e do *pretérito imperfecto* (*trabajaba*) são representadas pela mesma ordenação dos pontos (E,R-S), com a diferença do traço estendido, cujo evento se inicia no passado, se estende ao presente e pode continuar no futuro.

Das relações apontadas no quadro acima, cumpre ressaltar que nem todos os esquemas temporais desse autor correspondem de maneira específica às formas do tempo verbal espanhol. Entre eles, citam-se o futuro posterior (S,R,E) e as formas do passado posterior (R-E-S), (R-S,E) (R-S-E). Nesses esquemas não é possível identificar, por exemplo, uma significação para as formas do espanhol: condicional simples e composto. Para o simples, a princípio, se pode pensar que o futuro posterior (S-R-E) permite expressar essa identificação temporal, tomando por base que o ponto de referência precede ao ponto do evento, como no trecho a seguir:

i) “*Me dijo que **cerraría** con llave la puerta de la recámara de la muchacha, para que no intentara yo hacer nada*”. (México: El Imparcial,18-07-06)

Nesse fragmento, a ação de “fechar a porta” está situada num momento de tempo no futuro e a referência precede esse evento. No entanto, a interpretação das orações condicionais necessita de um segundo ponto de referência<sup>46</sup>, visto além da estrutura oracional, já que o evento pode preceder, coincidir ou ser posterior ao tempo da fala, ou seja, não há uma localização cronológica para a referência, não sendo possível, portanto, determinar qual dos eventos, “*cerrar la puerta*” ou “*intentar hacer algo*”, ocorre primeiro. Seria preciso, então, uma representação que permita que o “fechamento da porta” ocorra em qualquer ponto temporal, anterior, coincidentemente ou posterior à fala.

Processo análogo ocorre com o condicional composto<sup>47</sup>. Em termos da teoria de Reichenbach na significação dessa forma verbal, o evento evidenciado pelo predicado se situa em um ponto da linha temporal anterior a outro ponto que, por sua vez, é posterior a um ponto

---

<sup>46</sup> Alguns autores já assinalaram que os tempos condicional simples e composto necessitam, para sua interpretação, de ponto de referência secundário. Entre eles cita-se Comrie (1985, p. 128) e Carrasco Gutiérrez (1994, p. 72-73). Em Rojo e Veiga (1999, p. 2869) é possível encontrar uma teoria sobre o tempo verbal que propõe recursos linguísticos que funcionam como um segundo ponto de referência.

<sup>47</sup> Gili Gaya (2002 [1943], p. 82) afirma que o condicional composto “*expresa una acción futura en relación con un momento pasado, si bien aquélla es anterior a otra acción*”.

de referência que precede à fala. Para ilustrar esse esquema temporal, considere o enunciado que se segue:

ii) “Y aunque **reconoció** que **le habría gustado** que se concretaran las primarias para elegir a la bandera oficialista”.(Chile, Diario Cronica, 26-05-05)

Não é possível identificar o lugar que as duas referências “reconoció” e “que se concretaran las primarias”, ocupam na linha temporal, com respeito ao momento da fala. O mesmo ocorre com o evento “habría gustado”. A expressão “que se concretaran las primarias para elegir a la bandera oficialista” modifica um ponto da linha temporal necessário para a interpretação do condicional composto. Veja-se mais uma ocorrência retirada do *corpus*.

iii) “Entonces él me **dijo** que para las cinco ya **habría terminado** de hacer la publicación del diario *Página/12*”. (Argentina, Clarín, 11-09-06)

Entendendo esse enunciado como: as palavras ditas foram => “para las cinco, yo ya *habré terminado*”, nesse trecho há um ponto de referência implícito que é posterior ao momento que a pessoa se dá conta - as cinco - do término da publicação. Essa indicação temporal é anterior tanto ao ponto da fala, como ao momento da referência.

Outra relação que não é possível de ser comparada nos esquemas de Reichenbach se refere ao *pretérito anterior* do espanhol. Esse tempo caracteriza que o evento é imediatamente anterior a outro evento tomado como referência e tem relação de anterioridade com o momento da fala, como no trecho:

iv) “Cuando **hube dejado** el mensaje, le **devolví** la llamada”. (México: El Imparcial, 07-08-06)

Nota-se, que a situação “deixar a mensagem é anterior ao momento de referência, que está representado pelo ato telefonar, porém fica difícil determinar na linha temporal esses dois pontos. Essas constatações respaldam que, do ponto de vista estrutural, não é possível determinar o ponto de referência na linha temporal, já que poderia causar uma série de ambiguidades devido às várias interpretações<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> Back (2008, p. 87-92) tece considerações a respeito de possíveis interpretações de algumas relações temporais que não são abordadas por Reichenbach, tomando como pressuposto teórico a correlação entre as teoria desse autor em comparação com Bello.

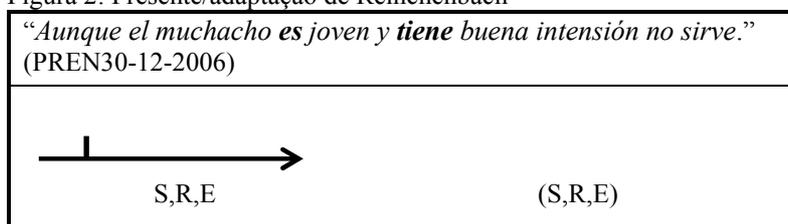
A seguir, apresentam-se os diagramas do espanhol que se associam exclusivamente a um tipo característico dos esquemas temporais de Reichenbach, para apresentar o funcionamento dos três pontos.

### 2.5.1.1 Os tempos de Reichenbach e os tempos do espanhol

#### a) *Presente (Present)*

A fórmula do Presente de Indicativo representa a coexistência do evento com o momento em que se profere o verbo, ou seja, o evento é simultâneo ao momento da fala, e também simultâneo ao momento da referência.

Figura 2: Presente/adaptação de Reinchenbach

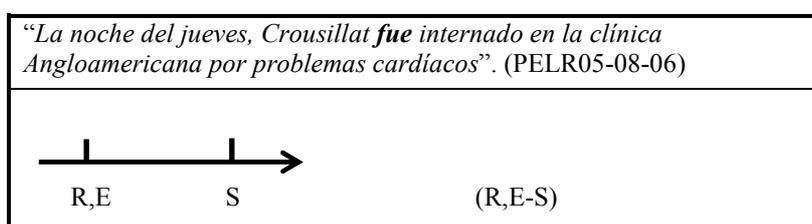


O diagrama temporal na figura (3) esboça simultaneidade dos três pontos. Neste caso, “*ser joven*” e “*tener*” são simultâneas ao momento da fala e ilustram o diagrama do tempo presente.

#### b) *Pretérito Perfecto Simple (Simple Past)*

Não se propõe estruturas temporais distintas para tempos como o *pretérito perfecto simple* e o *pretérito imperfecto* do espanhol, pois a diferença entre os dois não está na indicação do tempo que realizam. Em ambos, significa que o evento denotado pelo predicado verbal se situa num ponto da linha temporal anterior ao momento da fala. O que distingue um de outro é o caráter do tempo estendido do *imperfecto*, ou seja, esse tempo expressa a duração do evento. Veja-se, primeiramente, o simples.

Figura 3: Pretérito Perfecto Simple/adaptação de Reinchenbach

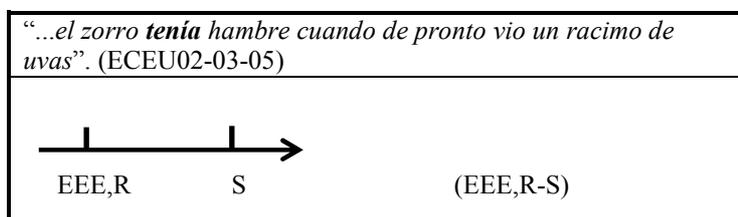


O excerto ilustra a fórmula do Pretérito *Perfecto Simple*, em que o evento “a internação” e a referência coincidem no mesmo ponto: R e E anteriores à fala. Em outras palavras, a situação é anterior ao momento da fala, que é expresso pelo verbo em pretérito perfeito. O momento de referência é expresso pela “noite de quinta-feira”.

**c) Pretérito Imperfecto**

Na língua espanhola o tempo *Pretérito Imperfecto* também corresponde a um evento estendido no passado (EEE), em que o evento e a referência coincidem na linha temporal num ponto anterior à enunciação.

Figura 4: Pretérito Imperfecto/adaptação de Reinchenbach

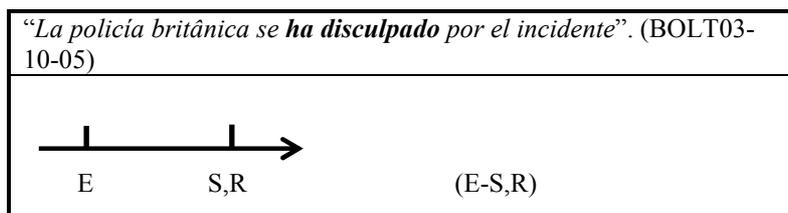


Observa-se no excerto que o evento “ter fome” inicia no passado e se estende até o momento de referência “ver as uvas”, mas não se estende até o momento da fala. Além disso, os dois pontos são anteriores ao momento da fala, neste enunciado que parece fazer alusão à fábula conhecida. A diferença entre *tenia* e *vio* se dá pelo caráter estendido da primeira forma que compreende a realização da segunda. A característica – o evento não se estende até S – torna possível diferenciar os valores temporais do *Pretérito imperfecto* e do *Pretérito perfecto compuesto estendido*, já que neste valor temporal, o R coincide com o S, diferentemente do *imperfecto*.

**d) Pretérito Perfecto Compuesto (Present Perfect)**

O excerto seguinte ilustra a forma lógica do *Pretérito Perfecto Compuesto*, que corresponde a um subsistema temporal em que o ponto do evento é anterior a dois pontos que são coincidentes na linha temporal, ou seja, o ponto de fala e referência.

Figura 5: Pretérito Perfecto Compuesto/adaptação de Reinchenbach

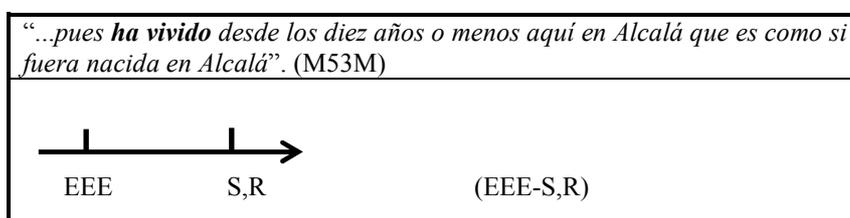


O evento “desculpar-se”, neste caso, é anterior ao momento da referência e ao momento da fala.

**e) Pretérito Perfecto Compuesto Estendido (Present Perfect Extended)**

O *Pretérito Perfecto Compuesto* do espanhol se usa também no sentido do correspondente tempo estendido<sup>49</sup>, para representar um evento durativo, com a qualificação adicional de que a duração do evento chega ao ponto da fala, denominado por Gutiérrez Araus (1997, p. 21) de *Pasado Continuativo-Resultativo*.

Figura 6: Pretérito Perfecto Compuesto Estendido/adaptação de Reinchenbach

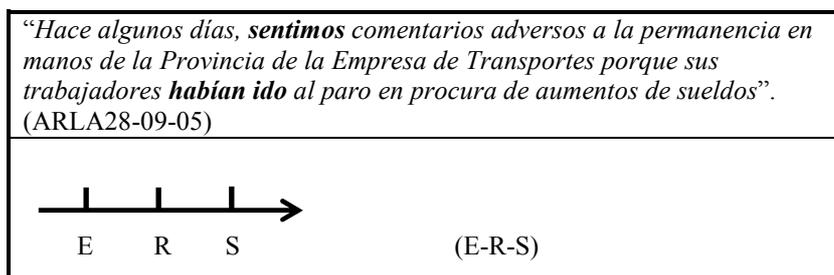


De acordo com a fórmula apresentada, a forma composta indica que o evento representado por “*ha vivido*” iniciou no passado e continua ocorrendo no tempo presente.

**f) Pretérito Pluscuamperfecto (Anterior past)**

A ocorrência seguinte é uma das possibilidades de ilustrar o tempo *Pretérito Pluscuamperfecto*.

Figura 7: Pretérito Pluscuamperfecto/adaptação de Reinchenbach



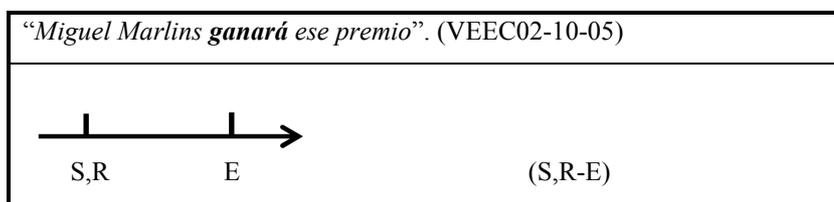
O excerto refere-se a uma situação – *a ida dos trabalhadores* – que já havia ocorrido, portanto, é anterior ao momento de referência – *a algunos días sentimos* – que por sua vez também é anterior ao momento da fala, mediando entre os dois pontos - evento e referência - um intervalo indefinido.

<sup>49</sup> De acordo com Reichenbach (1647) o *Present Perfect* também pode ter outro sentido que corresponde à forma estendida.

### g) *Futuro (Posterior present)*

O próximo fragmento ilustra o tempo futuro na língua espanhola.

Figura 8: Futuro/adaptação de Reinchenbach

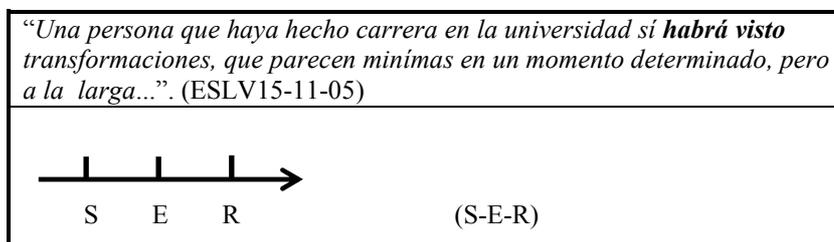


Nesse diagrama do futuro há uma situação que é posterior ao momento da fala (*ganará*), mas cujo momento de referência coincide com o momento da fala.

### h) *Futuro Perfecto (Future Perfect)*

O *Futuro Perfecto* ilustra o evento que é anterior a uma coisa que respeito ao momento que se fala é futura.

Figura 9: Futuro Perfecto/adaptação de Reinchenbach



Sem considerar a análise modal do enunciado, explica-se o uso do futuro composto pelo evento “ver transformações” que é, neste caso, anterior ao momento de referência que, com relação ao momento de fala, pode ser considerado futuro.

## 2.5.2 Teorias sobre o tempo para linguistas em geral

Nesta seção, apresenta-se uma breve revisão dos construtos teóricos referentes ao tempo de autores como Bull (1960), Fleischman (1982) e Givón (2001) como teorias gerais. Entre as características comuns entre estes estudiosos, pode-se mencionar a consideração da dêixis como um fator fundamental na caracterização dessa categoria. Posteriormente, destaca-se a visão temporal na gramática hispânica.

O norte-americano Bull (1960, p. 60-62), em sua obra que descreve o sistema temporal da língua espanhola, intitulada *Time, tense and the verb*, põe ênfase no caráter impreciso do tempo gramatical, pois as formas verbais não situam realmente o tempo, apenas indicam meramente a ordem dos acontecimentos.

O autor propõe um sistema verbal baseado na idéia de eixos temporais. Para Bull, a posição de uma forma verbal no sistema obedece a seu valor temporal e cada uma dessas formas verbais expressa uma função sistêmica de ordem temporal ou, em algum caso, aspecto-temporal (*canté/cantaba*), resultante da combinação entre um vetor que representa uma orientação de anterioridade, simultaneidade e posterioridade e um ponto de referência ou *axis of orientation*<sup>50</sup>. A principal função das mesmas é indicar a orientação com respeito a um eixo ou ponto de referência. Os eventos, teoricamente, têm um princípio, meio e fim e são descritos como aspecto iniciativo, aspecto imperfectivo e terminativo. Em seu estudo, coloca a dêixis como propriedade fundamental para a definição do tempo e propõe dois subsistemas: um deles tem como ponto zero o presente do falante (*point present*) e o outro tem como ponto zero um ponto do tempo passado (*retrospective point*).

Fleischman (1982) também define o tempo verbal como uma categoria dêitica cuja função primária é marcar a sequência de eventos em relação direta ou indireta a um ponto zero, momento da fala. Dessa maneira, o tempo verbal marca as relações obtidas entre os três pontos de orientação: evento, referência e momento de fala.

Ainda nessa linha argumentativa, para Givón (2001, p.285-6), a categoria tempo envolve codificação sistemática de relação entre dois pontos ao longo da ordenação linear do tempo físico: tempo de referência e tempo do evento. O autor distingue o tempo da fala como um ponto de referência temporal (*'default'*) não-marcado, no qual orações de evento/estado estão ancoradas. Ainda faz uma distinção entre tempo absoluto (ancoragem temporal no ponto de referência *'default'*) e tempo relativo (presente, passado e futuro) que é ancorado a um ponto de referência temporal: o tempo da fala, que precede o passado ou que segue o futuro. Segundo Givón (2001), as divisões de tempo são: i) passado: o evento precede o tempo de fala; ii) futuro: o evento segue o tempo de fala, iii) presente: o evento coincide com o tempo de fala, e iv) habitual: ocorre repetidamente, ou cujo tempo de evento não é específico.

---

<sup>50</sup> O sistema proposto por Bull (1960) assemelha-se ao do lógico Reichenbach (1947). No entanto, há algumas diferenças entre ambas as teorias. A principal delas é que, para Bull, alguns tempos gramaticais são mais simples que outros e, hierarquicamente, são fundamentais com respeito aos outros, enquanto para Reichenbach, todos estes tempos têm o mesmo grau de complexidade e nenhum deles está ordenado hierarquicamente com respeito aos demais.

### 2.5.2.1 Tempo na gramática hispânica

Para López García (1990), no espanhol, o conjunto de tempos verbais se organiza sobre três parâmetros: i) da coerência temporal: que se orienta com respeito à enunciação e seu desenvolvimento<sup>51</sup>; ii) da temporalidade: que se orienta com respeito a sua condição dêitico-temporal, ou seja, é o ponto de vista que se caracteriza por considerar cada valor temporal como situação relativa a uma certa origem que, a sua vez, pode estar igualmente orientado de forma secundária ou não<sup>52</sup>; e iii) da atitude temporal: que se realiza a partir de seu ingrediente subjetivo (LÓPEZ GARCÍA, 1990, p.107).

Assim, “*yo es, a la vez, el sostén de un proceso, el del momento en que se da, y el de la persona que lo realiza, y correlativamente el tiempo del verbo se valorará como coherencia temporal, como temporalidad, o como actitud temporal*”. Isso quer dizer que não tem sentido afirmar que o sistema é de coerência temporal, de temporalidade ou de atitude temporal, trata-se de um conjunto, de forma que qualquer variante morfológica, realizada no discurso, participa dos três parâmetros (LOPEZ GARCÍA, 1990, p.122).

Os distintos usos das formas verbais na língua espanhola, portanto, são descritos a partir de várias teorias, porém, nesta seção limita-se à apresentação de algumas considerações sobre o tempo com base em alguns dos enfoques utilizados para tratar dessa categoria. Citam-se as considerações de Bello (1988[1847]) e Seco (1973 [1930]), desde uma perspectiva temporal, o posicionamento de Allarcos Llorach (1980) que enquadra o tempo a partir de posições morfemáticas e Rojo e Veiga (1999), cuja abordagem é de formação vetorial.

Dentro da tradição hispânica, merece destaque a obra de Bello *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (1988[1847]) em que é proposto um sistema temporal para o verbo espanhol que tem sido visto como uma das bases para o desenvolvimento do pensamento gramatical hispânico. A categoria tempo é considerada como uma unidade concreta e pode ser explicada a partir do momento da fala. Bello (1979 [1809], p. 417), em *Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana*, define o verbo como a palavra que representa o atributo da proposição, indicando concomitantemente número e pessoa do sujeito, tempo do atributo e modo da proposição, já que as denominações

---

<sup>51</sup> É a postura adotada pela gramática da Real Academia Espanhola (1973).

<sup>52</sup> É a postura de Bello (1847), cujas denominações encerram implicitamente a idéia: *cantaría (pos-pretérito)*. Significa que o atributo é posterior a uma coisa pretérita. Outra posição é a sustentada por Rojo (1974, p. 70) para quem “*la temporalidad es un categoría deíctica que orienta (localiza en sentido débil) una situación en el eje temporal con respecto al origen (de forma directa o indirecta)*”.

que Bello emprega refletem unicamente o modo e o valor temporal. É importante ressaltar, que Bello considera que o significado temporal se aplica a todos os modos verbais, ao indicativo e ao subjuntivo.

Na nomenclatura proposta por Bello (1988 [1847], p.126, § 622), a etiqueta empregada para expressar a significação temporal das formas parte de três valores básicos: presente, pretérito e futuro, se referem à simultaneidade, anterioridade e posterioridade, com prefixos - *ante*,- *co* e -*pos*. As formas verbais classificadas pelo autor fazem referência aos tempos como coexistentes (C), anteriores (A) ou posteriores (P), termos relacionados aos três tempos, respectivamente. Cada denominação é uma fórmula precisa em que se indica o número, o tipo e a ordem das relações elementares, significadas pela flexão verbal. A totalidade da nomenclatura forma um completo sistema analítico que evidencia o artifício da conjugação castelhana<sup>53</sup>.

Seco (1973 [1930]) define que o sentido puramente temporal das formas verbais só existe no indicativo e no imperativo, não no subjuntivo. Esse modo pode referir-se a um fato presente, passado ou futuro, e isso não aparece indicado pela mesma forma verbal, mas pelo sentido geral da frase ou pela situação em que se fala. Os tempos do subjuntivo só indicam anterioridade ou não-anterioridade do fato com referência ao verbo da oração principal. Da mesma forma, opinam Hernández Alonso (1984) e Gili Gaya (2002 [1943]) sobre a inconveniência de falar em tempos, ou formas temporais do subjuntivo, já que esse modo carece de uma marcação de tempo externa.

Ainda entre as várias considerações sobre o tempo na bibliografia, cita-se também a de Alarcos Llorach. Sobre uma forte base estruturalista, o autor defende a existência de uma série de oposições morfemáticas no verbo espanhol, em função de quatro dimensões, cujos valores são denominados por: “modo”, “perspectiva”, “aspecto” e “anterioridade”. A dimensão de modo distingue as formas *canto/cante/cantaré* (o indicativo em oposição ao subjuntivo e o futuro). A segunda dimensão, a “perspectiva”, distingue entre *cantó/cantaba* (entre perspectiva de presente ou participação e passado ou não-participação). A dimensão

---

<sup>53</sup> Bello demonstrou em sua teoria sobre o tempo verbal que as necessidades do idioma não se ajustavam aos padrões latinos, tendo em vista que a nomenclatura dos tempos da conjugação castelhana foi, durante muito tempo, uma simples adaptação destinada a traduzir as formas verbais dessa língua. A Real Academia Espanhola, por exemplo, manteve a nomenclatura nascida no Renascimento até o ano de 1917, em que reformou sua teoria de tempo verbal. Apesar dos avanços realizados pelo autor, que incluem desde a novidade dos nomes aplicados aos distintos tempos verbais até a influência que teve e ainda tem nos dias atuais no terreno científico, a sua visão dos valores das formas verbais é criticada por Rojo e Veiga (1999, p. 2882), pois para os autores a visão de Bello é fortemente temporalista, considerando que as denominações empregadas refletem unicamente o modo e o valor temporal.

“aspecto” opõe às formas *cantaba/cantó*. E a dimensão “anterioridade” opõe as formas simples e formas compostas.

Os diferentes conteúdos do sistema verbal espanhol, divididos nestas quatro dimensões, são representados na figura 10. Como resultado gráfico, o autor apresenta um esquema de traçado cúbico para demonstrar a classificação completa dos tempos verbais em espanhol.

Figura 10: Os tempos do espanhol (ALARCOS LLORACH, 1980, p. 125)

	b 1	b 2		b 1	b 2	
a 1	canto	cantaba	c 1	he cantado	había cantado	a 1
		canté	c 2		hube cantado	
a 2	cantaré	cantaría		habré cantado	habría cantado	a 2
a 3	cante	cantase, -ra		haya cantado	hubiese cantado	a 3
	d 1			d 2		

Em resumo, este esquema mostra as diferentes combinações de morfemas para cada conteúdo verbal. De acordo com Alarcos, a dimensão (b) distingue as formas *actuales*, (b1) e (b2) as *inactuales*. A representação de seu quadro mostra as diferentes combinações de morfemas para cada conteúdo verbal, exemplo: canto (a1, b1, d1), cantaba (a1, b2, c1, d1)<sup>54</sup>.

Aqui cabe abrir um parêntese para apresentar a comparação proposta por Alarcos Llorach (1980) da sua organização dos tempos verbais com a proposta de Weinrich. Alarcos admite coincidência entre as interpretações, ainda que tenham nomenclatura distinta. Nas palavras de Alarcos “*la forma de contenido que nosotros postulamos concuerda perfectamente con la que se encuentra en su estupendo libro Tempus. Las discrepancias aparecen en la nomenclatura metalingüística y, claro es, en la descripción de las sustancias del contenido*” (ALARCOS LLORACH, 1980, p.125). O quadro 8 retoma a distinção da nomenclatura adotada pelos dois estudiosos.

Quadro 8: Nomenclaturas adotadas por Weinrich (1968) e Alarcos Llorach (1980)

Weinrich -Dimensões	Alarcos Llorach - Dimensões
Atitude comunicativa	Passado ou não participação /Perspectiva de presente ou participação
Perspectiva comunicativa	Modo Anterioridade
Saliência	Aspecto

<sup>54</sup> Segundo Alarcos (1980, p. 15-7), a dimensão (a) se refere ao modo, a dimensão (b) – passado ou não-participação/perspectiva de presente ou participação, dimensão (c) – aspecto e dimensão (d) – anterioridade.

Para Alarcos, as “etiquetas” pouco importam quando se trata de abordar o sistema verbal. Apesar das diferenças de enfoque e de terminologia, os estudos delimitam as unidades do verbo, eliminando, de uma ou outra maneira, seus elementos marginais que funcionam diversamente (infinitivo, gerúndio, particípio, imperativo, etc).

Outra abordagem mais recente sobre o tempo que se pode citar é a teoria do encadeamento vetorial de Rojo e Veiga (1999), cuja perspectiva se centra no estudo do discurso indireto, e que critica a visão temporalista de vários gramáticos da língua espanhola, inclusive Bello. Para os autores, a gramática clássica tem uma concepção de tempo linguístico determinada pela visão do fenômeno em termos gerais, cuja estruturação se reduz à existência de um presente, precedido de um passado e seguido por um futuro. Segundo Rojo e Veiga (1999, p. 2879), os tempos verbais são categorias gramaticais dêiticas, mediante a qual se expressa a orientação de uma dada situação com relação à origem, ao ponto central e com respeito a uma referência secundária<sup>55</sup>. “*Considerar que es una categoría deíctica significa que establece un sistema centrado en una referencia interna que, en la interpretación más habitual, se identifica con el momento de la enunciación*” (ROJO e VEIGA, 1999, p. 2879).

O sistema proposto pelos autores, portanto, é de formulação vetorial, em que o tempo linguístico é bidirecional, de forma que um acontecimento pode ser considerado anterior, simultâneo ou posterior à origem. Em suma, há uma origem (o), com relação a qual se orientam temporalmente todos os processos verbalmente expressos, que constitui o centro dêitico das orientações temporais, que podem ser “*directas, como en las relaciones de pretérito, presente y futuro, o indirectas, cuando entre el proceso verbal y el origen se interpone algún punto de referencia, cuya relación con el origen puede ser, [...] de pos-pretérito, ante-pretérito y ante-pos-pretérito, etc.*” (cf. ROJO e VEIGA, 1999, p. 2889).

Neste capítulo fez-se uma revisão das contribuições significativas no campo da modalidade, modo e tempo verbal. A partir dessas considerações teóricas é possível selecionar aspectos relevantes a serem verificados na variedade de modos verbais observados nos *corpora* analisados.

---

<sup>55</sup> Conscientes da orientação das significações temporais, diferentes autores identificam o ponto de origem com o momento em que se produz o ato verbal com relação a um evento. Entre eles, Bello ao mencionar o *acto de la palabra* como o centro de referências; Reichenbach, ao citar o ponto simbolizado por S (*speech time*); Bull, que considera o eixo de orientação (*axis of orientation*) e Benveniste, situando o centro do tempo linguístico (o presente do momento da enunciação). Porém, convém ressaltar que destes autores, apenas Bello e Bull tratam do tempo em espanhol.

## CAPÍTULO III DESCRIÇÃO DOS *CORPORA* E METODOLOGIA

---

### 3.1 Considerações iniciais

Nesse capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados nesta tese. Essa etapa do trabalho inclui os critérios de elaboração e considerações a respeito dos *corpora* em que se descreve a composição, natureza e a constituição numérica das amostras. Também são evidenciados os grupos de fatores controlados e as hipóteses arroladas para cada uma das variáveis da pesquisa. Encerra-se essa etapa com a descrição das ferramentas de análise e do método estatístico utilizado para a quantificação dos dados.

### 3.2 Procedimentos de escolha e coleta dos dados

A decisão em organizar um *corpus* particular tem como objetivo dispor de duas amostras de dados linguísticos naturais, legíveis por computador, com uma extensão e variedade que se crêem apropriadas para esta pesquisa, no intuito de garantir a validade e a confiabilidade do estudo.

O princípio de escolha dos textos que compõem os *corpora* segue, acima de tudo, as condições de autenticidade e representatividade. Nessa perspectiva, menciona-se a extensão como um dos elementos fundamentais na representatividade das amostras. Nas palavras de Leech (1992), um *corpus* possui função representativa. E, para Sinclair (1991), a característica mais associada a essa qualidade é a extensão do *corpus*, que deve ser o maior possível para que contenha mais traços linguísticos novos e/ou até então desconhecidos.

Considerando que um *corpus* é uma amostra de uma população cuja dimensão não se conhece, não se pode estabelecer qual seria o tamanho ideal da mesma para que represente essa população. Em posição análoga aos autores citados, Berber Sardinha (2004, p. 23-25) também considera que um dos critérios seria tornar a amostra a maior possível, a fim de que ela se aproxime ao máximo da população da qual se deriva, sendo, portanto, mais representativa. Para o autor, esse processo comporta três dimensões, que se referem ao: i) número de palavras, ii) número de textos (tendo em vista que um número maior de textos garante que um determinado gênero esteja mais adequadamente representado), e iii) número de gêneros.

Com relação ao número de palavras, o *corpus* de língua escrita desta pesquisa possui 8.657.028 ocorrências e o oral 2.196.642, constituições numéricas classificadas, segundo

Berber Sardinha, como “grande”<sup>56</sup>. Considerando os critérios de representatividade apontados pelo autor, quanto maior o número de palavras, maior será a chance de o *corpus* conter palavras de baixa frequência (cf. BERBER SARDINHA, 2004, p. 26).

Para contemplar as outras dimensões relacionadas à representatividade da composição, no caso do *corpus* escrito são selecionados jornais virtuais de diferentes países de fala hispânica, conceituados dentro e fora do país de origem, cujas normas gramaticais evidenciam a língua tida como padrão e coleta de diferentes tipos de textos que contemplam o gênero jornalístico, tais como editoriais, textos descritivos e narrativos<sup>57</sup>. A sistematização dos critérios, como a extensão apropriada e a delimitação da escolha de gêneros jornalísticos, tem por finalidade padronizar o nível da gramática e do discurso e de propiciar resultados úteis para a descrição da língua (cf. BERBER SARDINHA, 2004).

Quanto à elaboração da amostra de língua falada, os critérios de seleção se referem à disponibilidade, extensão e prestígio que os *corpora* orais possuem no mundo acadêmico, devido à utilização em pesquisas linguísticas em geral. Para tanto, decidiu-se organizar uma amostra composta pela junção de três *corpora*, na tentativa de torná-la mais representativa. Essa constituição está representada pelo *Proyecto para el Estudio del Español de España y de América* (PRESEEA), o *Corpus oral de referencia del español contemporáneo* (COR92) e entrevistas provenientes do Projeto *El Habla de Monterrey* (México).

### 3.3 Composição e organização das amostras

Considerando que as novas tecnologias favorecem a coleta de material e que o uso de *corpus* proporciona novas maneiras de estudar e descrever os fenômenos linguísticos, promovendo a discussão de questões teóricas solidamente fundamentadas, acredita-se que a composição das amostras é um aspecto importante, já que delas depende a confiabilidade da análise. O critério adotado para a escolha dos dados pauta-se na disponibilidade gratuita dos jornais hispânicos para a amostra escrita e do acesso às mídias eletrônicas para a falada. A seguir, apresenta-se de maneira mais detalhada, a maneira como cada *corpus* foi organizado.

---

<sup>56</sup> Berber Sardinha (2004, p.26) sugere uma classificação de *corpora* baseado no número de palavras. De acordo com o autor, o *corpus* com menos de 80 mil palavras é considerado pequeno; entre 80-250 mil pequeno-médio; 250 mil a 1 milhão, é considerado médio e entre 1 e 10 milhões de palavras, grande.

<sup>57</sup> A utilização de *corpora*, formado por textos jornalísticos, está bastante difundida. Partington (1998) acredita que este tipo de *corpus* possui pontos positivos. Entre essas vantagens está o fato de o *corpus* ser composto por diferentes tipos de textos e abordar uma grande variedade de assuntos que atende aos interesses diversos. Tais materiais podem facilmente ser armazenados eletronicamente, tendo em vista que esses materiais estão em versão digitalizada na internet.

### 3.3.1 Corpus de língua escrita

Essa amostra é composta por dados autênticos oriundos de jornais virtuais da língua espanhola, coletados durante os anos de 2005 e 2006. Leva-se em consideração a abrangência geográfica da representação, contemplando as variantes européias (Espanha) e americanas (Américas Central, do Norte e do Sul). A fim de representar essa diversidade, o *corpus* está constituído por textos de cinquenta (50) jornais de vinte países hispânicos: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Espanha, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Panamá, Porto Rico, Peru, Uruguai, Venezuela e República Dominicana. A seguir, apresentam-se os jornais e as notações utilizadas para essa amostra.

Quadro 9: Citações do *corpus* escrito

País	Jornal	Código	País	Jornal	Código
<i>Argentina</i> AR	La Nación	LN	<i>Guatemala</i> GT	Prensa Libre	PL
	Clarín	CL		La Hora	LH
	Diario Los Andes	LA	<i>Honduras</i> HO	La Prensa	LP
	El Día	ED		La Tribuna	LT
<i>Bolivia</i> BO	La Razón	LR	<i>México</i> MX	La Crónica	LC
	Los Tiempos	LT		El Imparcial	EI
Chile CH	El Mercurio	EM		Nicaragua NC	El Universal
	Diario Crónica	DC	La Prensa	LP	
	El Diario Austral	DA	<i>Panamá</i> PN	Crítica en Línea	CL
Colômbia CO	El Mundo	EM		El Siglo	ES
	El Colombiano	EC		La Prensa	LP
	El Espectador	EE	Paraguai PY	Última Hora	UH
Costa Rica <i>CR</i>	Prensa Libre	LP		La Nación	LN
	Nación	NA		ABC	AB
Cuba CU	Juventud Rebelde	JR	<i>Peru</i> PE	La República	LR
	Digital Granma	DG		El Peruano	EP
El Salvador SV	El Diario de Hoy	EH		Expreso	EX
	La Prensa Gráfica	PG	<i>Porto Rico</i> PR	El Nuevo Día	EN
<i>Espanha</i> ES	ABC	AB		<i>Rep. Dominicana</i> RD	El Caribe
	El Mundo	EM	<i>Uruguai</i> UR		El Observador
	El País	EP		Últimas Noticias	UN
	La Voz de Galicia	LV		La República	LR
Equador EC	El Universo	EU	Venezuela VE	El Universal	EU
	Diario de Hoy	DH		El Carabobeño	EC
	La Hora	LH		El Norte	EN

Cabe mencionar que as notações que representam esse *corpus* são lidas da seguinte maneira: **URLR10-05-2005** => **UR** => país (Uruguai), **LR** => Jornal (La República), seguido pelo dia, mês e ano da coleta do material<sup>58</sup>.

Os fatores levados em consideração para a coleta desses dados escritos foram: a natureza e tipos dos textos e o número de ocorrências. O primeiro item refere-se à busca de dados autênticos de jornais que representem a fala peninsular e americana. Em relação ao tipo de texto, estão incluídas as seções notícia (subdividida em notícias regionais, nacionais, internacionais e policiais), esportes, política, economia, editorial, artigo de opinião e carta de leitor<sup>59</sup>. Na tentativa de diversificar os textos, foram selecionados diferentes tipos de gêneros representando a variedade linguística que tem como suporte de circulação a mídia jornalística. De acordo com Biber *et al.* (1998, p. 16), o registro jornalístico é descrito como detentor de características funcionais comuns e próprias se comparado aos outros registros. Entre essas características pode-se citar: i) pertence ao modo escrito; ii) não possui interatividade e produção imediata; iii) realiza-se em situação imediata não compartilhada; iv) tem como principal propósito comunicativo/conteúdo a informação/ julgamento; v) atinge um grande público; e vi) possui domínio dialetal de alcance regional e nacional<sup>60</sup>.

Uma vez definida a natureza da composição, foram realizados os procedimentos de busca, coleta, formatação e organização dos arquivos. Os textos foram organizados numa pasta principal e ordenados na estrutura de diretórios, que podem ser visualizados a partir de cabeçalhos que contêm as informações referentes ao país de origem, o nome do jornal e a data de coleta.

### 3.3.2 *Corpus* de língua oral

A elaboração de um *corpus* oral surge com a intenção de avaliar a variável “canal”, contida no modelo de análise. Essa variável possibilita a comparação entre as duas amostras, a

---

<sup>58</sup> O anexo desta tese apresenta a relação completa dos jornais utilizados, com informações detalhadas referentes às respectivas fontes de acesso.

<sup>59</sup> Os textos informativo/expositivos representam cerca de 80% do total da amostra, cuja função é a de transmitir informação, tais como as notícias que abrangem os cadernos: nacional, internacional, esportes, economia, política e policial. A outra categoria abrange cerca de 20% de textos do tipo expositivo/argumentativo, incluindo artigo de opinião, editorial e cartas do leitor.

<sup>60</sup> Biber (1988), primeiramente, emprega o termo *gênero* em seu trabalho intitulado *Variation across Speech and Writing*, e mais recentemente tem privilegiado o termo *registro* (BIBER, 1995). De acordo com o autor, um *registro* ou *gênero* é uma variedade definida por variáveis situacionais, isto é, não linguísticas, que podem definir tanto variedades de caráter geral, como uma conversação; quanto específicas, como por exemplo, um texto jornalístico.

fim de verificar se existe variação na utilização dos modos verbais, determinada por fatores como a oralidade. Para disponibilizar um *corpus* considerado representativo da língua oral foram coletadas e organizadas amostras pertencentes ao:

- i) *Proyecto para el Estudio del Español de España y de América Corpus oral de referencia del español contemporáneo* (PRESEEA- Instrução Superior, Média e Primária), referente aos anos 2002 a 2007.
- ii) Projeto *El Habla de Monterrey*, referente aos anos de 1998 e 1999;
- iii) *Corpus oral de referencia del español contemporáneo* (COR 92), referente aos anos de 1991 e 1992.

O primeiro *corpus* citado é o PRESEEA - *Proyecto para el Estudio del Español de España y de América*<sup>61</sup>. Trata-se de um projeto que tem a finalidade de criar um *corpus* de língua espanhola falada, representativo do mundo hispânico, levando em consideração a variedade geográfica e social. Agrupa mais de trinta equipes de investigação de cidades da Espanha e da América Latina, na tentativa de reunir um banco de dados que possibilite sua aplicação com fins educativos e tecnológicos, atendendo à diversidade sociolinguística das comunidades de fala hispânicas.

A amostra refere-se aos dados de fala da cidade de Alcalá de Henares<sup>62</sup>, sendo que os critérios metodológicos adotados partem de uma pré-estratificação da população em função de três fatores: sexo, idade e nível de instrução. Na estratificação por sexo, a população é agrupada em homens e mulheres. Por idade, os informantes se enquadram da seguinte forma: Geração 1 (20 a 34 anos), Geração 2 (35 a 54 anos) e Geração 3 (Mais de 55 anos). Na estratificação por nível de instrução, os informantes são divididos em três grupos: Grau de Instrução 1 (Ensino Primário), Grau de Instrução 2 (Ensino Médio) e Grau de Instrução 3 (Ensino Superior)<sup>63</sup>.

---

<sup>61</sup> Esse projeto é coordenado pela Universidade de Alcalá, sob a direção de Francisco Moreno Fernández, Ana M.<sup>a</sup> Cestero Mancera, Isabel Molina Martos e Florentino Paredes García. No X Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina, ocorrido em abril de 1993, a Comissão de Sociolinguística decidiu iniciar um projeto para o estudo das cidades ibero-americanas e espanholas, cuja missão seria a criação de um serviço de documentação sociolinguística e a criação de um *corpora* sincrônico de espanhol e de português. Dessa proposta inicial nasce o PRESEEA.

<sup>62</sup> Alcalá de Henares é um município da Espanha, na província e comunidade autônoma de Madri, com população de 201.380 habitantes

<sup>63</sup> Além desses fatores, a seleção buscou englobar falantes de todos os bairros para que a amostra representasse todas as áreas principais da cidade. No projeto sociolinguístico de Alcalá de Henares, a coleta de materiais forneceu informação sobre a fala dos distintos estratos sociais da cidade.

As entrevistas são estruturadas de acordo com os seguintes módulos temáticos: *Saludos, El tiempo, Lugar donde vive, Familia y amistad, Costumbres, Peligro de muerte, Anécdotas importantes en la vida, Deseo de mejora económica*. A partir destes módulos, os dados de fala foram recolhidos por meio de entrevistas semi-dirigidas, gravadas e, posteriormente, transcritas<sup>64</sup>.

As entrevistas transcritas utilizadas nesta pesquisa referem-se a três volumes: o volume I (falantes de instrução superior), volume II (falantes de instrução média) e volume III (correspondente à Instrução Primária). Abaixo segue o quadro que identifica os informantes de cada um dos volumes e as etiquetas utilizadas na codificação do *corpus* oral.

Quadro 10: Distribuição dos Informantes do PRESEEA

<b>Falantes de Instrução Superior Sexo/Idade</b>	<b>Etiqueta</b>	<b>Falantes de Instrução Média Sexo/Idade</b>	<b>Etiqueta</b>	<b>Falantes de Instrução Primária Sexo/Idade</b>	<b>Etiqueta</b>
Mulher /23	M23S	Mulher /65	M65M	Mulher /31	M31P
Mulher /30	M30S	Mulher / 67	M67M	Mulher /32	M32P
Mulher /31	M31S	Mulher /63	M63M	Mulher /34	M34P
Mulher /37	M37S	Mulher / 40	M40M	Mulher /36	M36P
Mulher /39	M39S	Mulher /21	M21M	Mulher /39	M39P
Mulher/52	M52S	Mulher /21	M21Ma	Mulher/44	M44P
Mulher/53	M53S	Mulher / 39	M39M	Mulher/55	M55P
Mulher /72	M72S	Mulher /46	M46M	Mulher /59	M59P
Mulher / 83	M83S	Homem /41	H41M	Mulher / 62	M62P
Homem /28	H28S	Homem /49	H49M	Homem /21	H21P
Homem /30	H30S	Homem /35	H35M	Homem /32	H32P
Homem /32	H32S	Homem /25	H25M	Homem /33	H33P
Homem /39	H39S	Homem /27	H27M	Homem /36	H36P
Homem / 40	H40S	Homem /20	H20M	Homem / 39	H39P
Homem /40	H40Sa	Homem /20	H20Ma	Homem /42	H42P
Homem /60	H60S	Homem /59	H59M	Homem /57	H57P
Homem /64	H64S	Homem /50	H50M	Homem /57	H57Pa
Homem /64	H64Sa	Homem /65	H65M	Homem /64	H64P

O quadro 10 apresenta os dados dos informantes através de uma etiqueta que identifica o sexo por meio das letras (M/H), seguido da idade e do nível de instrução (superior, média, primária -S/M/P). Os informantes com a mesma idade e sexo são seguidos pela letra (a) para diferenciá-los.

A segunda amostra citada é o Projeto *El Habla de Monterrey*. É uma base de informações sociolinguísticas que surge devido às limitações no âmbito de investigação

<sup>64</sup> Cabe ressaltar que um dos principais motivos de escolha desse material deve-se aos distintos módulos temáticos de perguntas, referentes a situações hipotéticas, em que é possível extrair graus de probabilidade de ocorrência de fatos ou da realidade dos mesmos, tornado possível o aparecimento do uso dos modos indicativo e subjuntivo para evidenciar tais eventos.

linguística, com base nos estudos do uso oral do espanhol da cidade do México. O projeto contém 600 entrevistas em formato Word que foram coletadas e transcritas pela professora Dra. Lidia Rodríguez Alfano, diretora deste projeto e os que correspondem à Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Autónoma de Nuevo Leon, México (UANL). São mostras de fala espontânea, com duração de mais ou menos uma hora para cada entrevista, cujos temas abordados se referem a festas, comidas, trabalho e crises.

O último, *Corpus oral de referencia del español contemporáneo*, é uma base de dados de língua falada referente ao centro-peninsular europeu, dirigido por Francisco Marcos-Marín. Essa amostra foi elaborada em janeiro de 1991 e finalizada com transcrição ortográfica das gravações em 1992, pela Universidade Autónoma de Madri. Está constituído por textos de tipos variados, incluindo conversas informais e apresentações acadêmicas (não lidas), de acordo com requisitos previamente adotados e a partir de tipos textuais determinados. A seguir, detalha-se a composição do *Corpus oral de referencia del español contemporáneo - COR92*.

Quadro 11: Tipos textuais que compõem o *COR92*

Tipos textuais	Total de palavras
Administrativos e políticos	61.200
Científicos	36.000
Conversacionais ou familiares	269.500
Educativos	58.300
Humanísticos	61.200
Instruções (megafonía)	6.600
Jurídicos	35.200
Lúdicos (concursos, etc.)	61.200
Jornalísticos:	
Debates	93.500
Esportes	58.300
Documentais	28.600
Entrevistas	171.200
Noticiário	72.600
Publicitários	30.800
Religiosos	12.100
Técnicos	43.100
TOTAL ESTIMADO	1.100.000

Esta amostra tem seu próprio critério de transcrição. As etiquetas utilizadas auxiliam na identificação dos textos que o compõem e são detalhadas da seguinte maneira:

- i) o autor da transcrição: uma inicial do nome ou sobrenome do investigador que recolheu e transcreveu o texto<sup>65</sup>;
- ii) o tipo de texto transcrito: as três primeiras letras correspondentes ao tipo de seção;
- iii) o número da fita em que se encontra o texto (pode haver outro tipo de texto na mesma fita);
- iv) a posição que ocupa na fita determinada, denominada mediante as letras do alfabeto espanhol;
- v) As iniciais “asc”, que significam que os textos são armazenados em código ASCII<sup>66</sup> (cf. BALLESTER e SANTAMARÍA, 1993, p. 285-7).

Assim, uma especificação <a ent 012 f. asc> indica que foi recolhida pelo fulano, se trata de uma entrevista (ent), registrada em quinto lugar (f) na fita número 012, e, finalmente, gravada em código asc.

Na tentativa de elucidar estas informações, o quadro 12 resume a composição e organização das amostras de língua escrita e oral:

Quadro 12: Composição dos *corpora* da pesquisa

Amostras	Total de arquivos	Fontes	Total de ocorrências
Escrita	730	Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Espanha, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Panamá, Porto Rico, Peru, Uruguai, Venezuela e República Dominicana.	<b>8.657.028</b>
		Total de ocorrências do <i>corpus</i> escrito	<b>8.657.028</b>
	265	<i>Corpus</i> oral de referencia del español contemporáneo	1.100.000
Oral	60	El habla de Monterrey	643.819
	18	PRESEEA-Alcalá (Instrução superior)	167.104
	18	PRESEEA-Alcalá (Instrução média)	<b>163.946</b>
	18	PRESEEA-Alcalá (Instrução Primária)	<b>121.773</b>
		<b>Total de ocorrências do <i>corpus</i> oral</b>	<b>2.196.642</b>

Em linhas gerais, reconhece-se que a composição da amostra oral é menor e menos abrangente, em termos geográficos e discursivos, em comparação com a escrita. Além disso,

<sup>65</sup> A coleta de material em fitas de áudio e a descrição foram realizadas por Almudena Ballester Carrillo, Carmem Santamaría García, Elena Pertierra Torreño, Otilia Cardoso dos Santos e Pedro Luiz Dias Orzas.

<sup>66</sup> O tipo ASCII (*american standard code for information interchange*) refere-se ao arquivo que contém somente texto. É um conjunto padrão de caracteres que tem sido adotado pela maioria dos sistemas de computadores no mundo, usualmente estendidos para alfabetos estrangeiros e sinais diacríticos (CRUMLISH, 1998, p. 16).

existe uma discrepância entre os dados jornalísticos que compõem o *corpus* escrito e os que constituem o *corpus* oral, havendo diversidade quanto ao estilo e às datas. Essas discrepâncias ocorrem devido à dificuldade em coletar dados orais para a organização de uma amostra particular de estudo. No entanto, acredita-se que o fator referente aos anos de coleta não seja o mais significativo, afinal um *corpus* é organizado com o objetivo de servir para pesquisas e há um lastro grande de tempo para seu uso. Com relação à diferença de tamanho, ainda que haja atualmente uma diversidade de banco de dados da língua espanhola, o acesso dos pesquisadores limita-se à consulta via internet e a aquisição de *corpora* em formato de mídias. É possível ter acesso ao conjunto de um determinado *corpus* e obter estatísticas sobre a distribuição total do mesmo, mas o número de exemplos para análise é limitado. Vale ressaltar a possibilidade de acesso condicionado a assinaturas especiais exclusivamente direcionadas no âmbito de pesquisas acadêmicas, porém, seria necessário obter várias assinaturas, no intuito de organizar um *corpus* de dimensões geográficas próximo ao escrito utilizado nesta pesquisa.

### **3.4 Contexto de investigação: hipóteses**

Nas subseções a seguir, descrevem-se os grupos de fatores controlados, bem como as expectativas de uso modal que se prevê para cada um, tomando como variável dependente os modos indicativo e subjuntivo. Para confirmação das hipóteses, aplica-se o teste de significância, já que o mesmo pode comprovar se os resultados não são fenômenos do acaso.

#### **3.4.1 Verificação do tipo de informação - (V2)**

Conforme mencionado, especificamente no primeiro capítulo desta tese, a hipótese principal desta pesquisa se refere ao caráter informativo como traço significativo na escolha dos modos, tanto nas orações substantivas precedidas por negação, como nas concessivas com o conector *aunque*. A hipótese de que a variante subjuntiva é utilizada para codificar informações concebidas previamente no contexto linguístico, de conhecimento compartilhado, inferida ou pressuposta, foi concluída após a observação de um grande número de ocorrências dos *corpora* e dos resultados de pesquisas dedicadas à oposição modal. Entre os autores que caracterizam os modos dessa forma, cita-se Matte Bon. Para o autor, “*la característica esencial que distingue al subjuntivo de todos los demás tiempos del español es que no presenta informaciones nuevas*” (MATTE BON, 1992, p.49).

As noções pragmáticas: informação nova/dada são consideradas relevantes na análise dos modos verbais por vários autores, conforme os estudos apresentados nesta tese<sup>67</sup>. No entanto, muitas dessas propostas dão ênfase à referência extralinguística na significação da oposição nova/velha, com oposições entre o uso do indicativo para enquadrar contextos factuais e do subjuntivo para os não-factuais, ou, então, avaliações a respeito dos termos novo e dado apenas em razão de julgamentos feitos pelo falante sobre as informações que seu interlocutor possui.

Nesse sentido, Chafe (1976) considera o termo informação velha (dada) um fator cognitivo importante, já que o falante, ao codificar sua mensagem, faz pressuposições a respeito do estado de ativação da informação na mente do seu ouvinte. Em outras palavras, a informação dada é o conhecimento que o falante assume já estar presente na consciência de seu ouvinte, no momento da enunciação. Por outro lado, considera como nova, a informação que o falante introduz na consciência do ouvinte, no momento em que está sendo dita. Nessas condições, o falante decide o que é informação nova e dada com base desde o seu ponto de vista sobre a consciência do ouvinte. De acordo com o autor (1987, p.32), outra maneira de apresentar um referente como informação dada está baseada no contexto linguístico, ou seja, relacionado à menção anterior dentro do contexto, nas orações precedentes, ou ainda na situação que pode ser inferida.

Uma proposta semelhante de análise vinculada ao aspecto cognitivo da linguagem, a partir da escala de ativação da informação é encontrada em Dryer (1996). A ativação, segundo o autor, é o estatuto das entidades cognitivas na mente dos interlocutores de uma determinada situação comunicativa. Essa noção relata a suposição que das várias coisas na mente de um indivíduo, um pequeno número é ativado, no sentido de que elas são “iluminadas” na consciência<sup>68</sup> (cf. DRYER, 1996, p. 480). Para o autor, é possível distinguir as crenças que são ativadas por um indivíduo, num dado ponto do tempo, das crenças que não são ativadas. Assume-se, por exemplo, que os falantes acreditam que “a capital do Brasil é Brasília”, no

---

<sup>67</sup> Considerando o número de trabalhos que tratam da alternância modal, verificou-se que a oposição informação velha/nova é um dos traços mais utilizados, porém é utilizada apenas para explicar o uso dos modos com o conector *ainque*, e não proporcionam uma análise conjunta para dar conta de outros significados. Vale ressaltar que esse variável está proposta nesta tese como um matiz característico tanto das orações aqui analisadas, como de qualquer outro nexos ou locução concessiva e outras construções substantivas.

<sup>68</sup> Dryer (1996, p. 475-478) salienta a importância da distinção entre pressuposição pragmática e a noção de ativação e afirma que há uma considerável confusão na literatura sobre qual é a noção relevante de “dado” em oposição ao que é novo. A pressuposição pragmática, segundo o autor, pode ser caracterizada como a proposição que é considerada parte do conhecimento comum, o conjunto de proposições que o falante acredita e assume que o ouvinte também acredita. Com relação à ativação, o falante assume que o ouvinte tem ou poderia ter apropriado alguma coisa particular em sua consciência, no momento que está ouvindo a proposição.

entanto, antes da menção dessa proposição, ela não havia sido ativada na mente do ouvinte. Como resultado da menção, pensar sobre a mesma a torna ativada (cf. DRYER, 1996, p. 480).

Considerando os pressupostos teóricos mencionados, acredita-se que o conceito de ativação, proposto pelos autores, nem sempre permite que o falante julgue corretamente sobre o estado em que se encontra a informação na consciência de seu interlocutor. A aplicabilidade da noção de ativação é difícil de ser avaliada nos dados da língua, salvo a menção de Chafe (1987) de que a informação dada também é evidenciada no contexto linguístico. As referências fora da língua podem acarretar diferentes interpretações e correlações equivocadas, fundamentadas apenas no que o pesquisador acredita que o falante supõe sobre o conhecimento de seu ouvinte, com relação ao conteúdo proposicional.

Dessa forma, a hipótese para esse grupo de fatores dá prioridade aos aspectos evidenciados no contexto das construções, permitindo assentar as bases para a caracterização das mesmas, desde uma perspectiva pragmática, que orrelacione o uso dos modos e os elementos contextuais de que dependem. Assim, a proposta tem no contexto linguístico, o principal fornecedor de pistas para a escolha dos modos.

Seguindo essa linha de raciocínio, a informação que se busca, na maioria das vezes, pode ser encontrada na oração anterior ou em partes do enunciado que contém informação conhecida para os interlocutores. Caso os elementos não apareçam explicitamente no contexto anterior, podem entrar no contexto indiretamente, implícito em outra informação e, dessa forma, a informação pode ser inferida. Além disso, também se considera como dada, as informações que se pressupõe cultural e socialmente compartilhada por falante e ouvinte<sup>69</sup>.

Este enfoque de análise vai sustentar a hipótese de que o modo subjuntivo está correlacionado às informações dadas, e o indicativo, às informações novas. Em outras palavras, se a informação que aparece na apódose já foi proferida anteriormente pelo falante, na prótase, considera-se dada. Atente-se à ocorrência que se segue:

- a) “...Nos preocupa el desenvolvimiento del proceso con los paramilitares porque tememos que se vuelvan un enorme factor de intimidación en muchos departamentos, entre otros aspectos, porque ya empiezan a crear ramificaciones que enquistan mafias en las administraciones públicas. Y no veo que al Presidente le preocupe este problema. Por eso Vicente Castaño sale a decir que tiene el 35% del Congreso. **No creo que haya** tantos congresistas comprometidos, pero sí que hay presión e intimidación sobre muchos parlamentarios”.(Colombia: El Espectador, 01-07-05)

---

<sup>69</sup> Considerações apontadas por outros autores como Lavandera (1983), Lunn (1989, 1995), Guitart (1990), Matte Bon (1998), Mejías-Bikandi (1998), Studerus (1995), Pérez Saldanya (1999) e Flamenco García (1999).

Em (a), o falante reutiliza elementos do contexto para emitir sua opinião de que “não acredita que hajam tantos congressistas comprometidos”. Nesse caso, recupera-se um elemento já mencionado no contexto - “35% do Congresso” e utiliza-se o subjuntivo para enquadrar uma informação disponível, já mencionada previamente.

Acredita-se que o modo subjuntivo aparece com mais frequência quando o falante nega uma pressuposição, asserção ou até mesmo uma pergunta, contrariando seu interlocutor a respeito dos conteúdos proferidos. Isso leva em conta a constatação de que a negação tem uma natureza essencialmente relacional, no sentido de que estabelece relações entre distintos enunciados ou partes de enunciado para declarar a desconformidade entre eles. A negação se utiliza para refutar uma proposição anterior, pressuposta ou efetivamente proferida, e dessa forma, o falante manifesta seu desacordo com os conteúdos apresentados (cf. SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999, p. 2575).

Nesse sentido, o falante ao utilizar a negação pressupõe um conhecimento prévio de seu interlocutor a respeito do conteúdo proposicional. Considere o trecho abaixo:

b) *“El líder de la Federación Tierra y Vivienda puso en duda que el presidente formalice un acuerdo electoral con Eduardo Duhalde. Advirtió que las listas de candidatos en la provincia de Buenos Aires deben tener "hegemonía kirchnerista". D'Elía sostuvo que Duhalde es "un personaje político del pasado(...). No creo que haya acuerdo entre Kirchner y Duhalde. A lo sumo, puede haber una lista de Kirchner con algunos hombres del duhaldismo”.* (Argentina: El Día, 17-04-05)

O informante recupera um dado já proferido: “acordo entre Kirchner e Duhalde”, e com o uso da partícula “no” retoma o conteúdo que está sendo discutido para dar sua opinião a respeito do assunto.

### 3.4.2 Verificação do tipo de oração - (V3)

A expectativa da contribuição desse grupo de fatores é a de que as modalidades declarativa e interrogativa podem influenciar na escolha modal. Pertencem a essa variável as orações declarativas negativas e interrogativas negativas.

Para essa análise, parte-se da hipótese inicial de que a construção sintática interrogativa é utilizada quando o falante tem como principal objetivo obter informação, atenuar a força manipulativa do enunciado e codificar a atitude do falante com relação ao conteúdo proposicional.

Desde o ponto de vista comunicativo, se caracteriza por ser um tipo de pressuposição, cujo objetivo é obter uma reação do destinatário. Com base nisso, veja a seguinte ocorrência:

a) "...te pedí ayuda, y me heriste. La culpa es tuya, dijo el espino. ¿Acaso **no sabes que yo nací para herir a todo el que se me acerque?**" (Equador: El Universo, 02-03-05),

Nesse caso, a expectativa do falante é de caráter positivo, ou seja, de que seu ouvinte já deve saber da situação mencionada. Assim, a resposta a essa pergunta seria uma espécie de confirmação por parte do interlocutor. Nessa perspectiva, tem-se como hipótese que a variante indicativa é usada nas interrogativas, já que as mesmas se parecem a asserções e focalizam um conteúdo proferido pelo falante, que precisa ser confirmado por seu interlocutor. O uso desse modo visa à defesa do posicionamento do informante, que tem na eleição da modalidade interrogativa um mecanismo para validar o conteúdo proposicional, por não ser capaz de efetuar esta validação ou, então, desejar que seu ouvinte a valide.

Dessa forma, com o indicativo, o falante pode pontuar a informação como objeto de negociação, considerando que o objetivo ao realizar a pergunta é negociar, promover discussão sobre um determinado assunto. Se o objetivo se concentra no centro das negociações, o falante pode propor ao seu ouvinte uma informação pronta, ou seja, pensada como tal, mas aberta, para que o ouvinte a aceite, confirme, recuse ou a complete<sup>70</sup>.

Para Escandell Vidal (1999), as orações interrogativas constituem uma classe sintática bem definida, com traços formais e específicos que as distinguem de outros tipos de orações (declarativas, imperativas, etc.). Desde o ponto de vista semântico, uma interrogativa não é mais que uma estrutura aberta e como toda fórmula aberta, a interrogativa admite uma solução. Segundo a autora, "*las razones por las que un emisor decide utilizar una fórmula abierta son muy variadas: manifestar desconocimiento real, expresar una duda, avanzar una hipótesis, insinuar sin afirmar explícitamente, presentar un contenido que no comparte, etc.*" (cf. ESCANDELL VIDAL, p.3934).

Ao utilizar a interrogação como estratégia linguística, o informante resguarda-se perante o seu interlocutor. Para Givón (1993, p. 265), as frases interrogativas são consideradas mecanismos de atenuação da força manipulativa e convenção de polidez. A escolha da sentença interrogativa indica a atitude do emissor frente à enunciação, expressa sua avaliação sobre o conteúdo proferido, de maneira polida e indireta ao proferir seu posicionamento<sup>71</sup>.

---

<sup>70</sup> Nesse sentido, pode-se dizer que o falante dirige ao seu ouvinte, enunciados sem o objetivo de informar, mas de interagir a respeito de um determinado assunto.

<sup>71</sup> Segundo o autor, há dois tipos de sentenças não-declarativas: as manipulativas (comando, pedido e exortação) e as perguntas sim/não. Ambas as sentenças estão inerentemente sob o escopo do *irrealis*. As manipulativas são associadas ao *irrealis* porque tratam de eventos que estão por vir. Além disso, atos de fala manipulativos estão

### 3.4.3 Verificação da modalidade - (V4)

O domínio funcional da modalidade, abordado sob a ótica funcionalista de Givón, fornece esclarecimentos acerca do modo subjuntivo em contraste ao indicativo, fundamentado nos conceitos de *realis* e *irrealis*, como fatores pertinentes na codificação destes modos. De acordo com Givón (1995), diferentes atitudes do falante em relação ao conteúdo proposicional podem incitar mudanças no uso dos modos verbais, pois o falante se posiciona, segundo seu julgamento, diante da proposição, instaurando-se no discurso mediante determinadas estratégias linguísticas disponíveis na gramática da língua. Nessa perspectiva, para o autor, o modo subjuntivo é um submodo de *irrealis* e pode ser identificado, ao longo de duas dimensões escalares dessa modalidade: a epistêmica (certeza mais baixa) e a deôntica (manipulação mais fraca). Como prevê o autor, quanto menor a certeza epistêmica, maior a probabilidade de uso do modo subjuntivo.

Considerando que esta tese avalia duas classes de orações, as subordinadas substantivas e as concessivas, vale destacar aqui, os pressupostos de Givón (2001) para a análise dos complementos dessas cláusulas, no âmbito da modalidade. Os complementos das orações são distribuídos por Givón em três grupos, que leva em consideração o tipo de verbo: verbos de modalidade e auxiliares modais, verbos manipulativos e verbos de percepção-cognição-enunciação (PCU). Por meio desse agrupamento, o autor salienta que há relação entre o significado do verbo da oração principal e a sintaxe de seu complemento oracional, ou seja, esses grupos estão ordenados num *continuum* sob uma dimensão semântica e sintática. Nessa direção as propriedades sintáticas dependem das propriedades semânticas do verbo da oração principal. Esses grupos incluem verbos que lançam escopo de modalidade *realis* e *irrealis* nos predicados que complementam as orações principais.

Os verbos PCU também são distribuídos em 3 classes:

- i) **Factivo** (asserção *realis*): esse tipo de verbo coloca como factual o seu complemento - verbos analisados nesta pesquisa: *saber, ver, darse cuenta*;
- ii) **Não-factivos** (asserção *irrealis*): o verbo da oração principal não permite pressupor como fato o evento codificado no complemento - verbos analisados nesta pesquisa: *pensar, creer, decir*;

---

relacionados com a modalidade deôntica, sub-modo do *irrealis*. As perguntas sim/não, também *irrealis* estão associadas ao sub-modo epistêmico da incerteza (GIVÓN, 1995, p. 119; 2001, p. 312).

- iii) **Factivos negativos** (negação da asserção): Comprometem o falante com a falsidade da proposição - verbos analisados nesta pesquisa: *perder, faltar* e os complementos negados das concessivas<sup>72</sup> (cf. GIVÓN, 2001, p. 309-10).

Givón (2001, p. 311) também apresenta uma classificação para as adverbiais, através de uma divisão em três grupos, considerando o escopo das modalidades: *pressuposição, irrealis* e *negação*.

i) **Escopo de pressuposição:**

- a) temporal perfectiva: Quando ela encontrou uma casa, era muito cara.
- b) concessiva: Embora ela tenha encontrado uma casa, recusou-se a comprá-la.
- c) causal: Por que ele encontrou um novo guru, deixou a igreja.

Nesses casos, os indivíduos procuravam por algo e encontraram: a casa e o guru.

ii) **Escopo irrealis:**

- a) temporal futural: Quando você conseguir o dinheiro, eu lhe venderei meu carro.
- b) condicional: Se você tiver dinheiro, eu lhe venderei meu carro.
- c) final: Para você conseguir dinheiro, venda seu carro.

Nesses três casos, o indivíduo pode ter conseguido o dinheiro ou não.

iii) **Escopo de negação**

- a) condicional contrafactual: Se você tivesse dinheiro, eu teria vendido meu carro.

Nesse caso, o indivíduo não tem dinheiro.

Além disso, o autor apresenta uma escala modal de orações adverbiais *irrealis*, que será utilizada na avaliação das orações concessivas. Atente-se ao quadro 13, que se segue.

Quadro 13: Escala modal de orações adverbiais *irrealis* (Givón, 2001, p. 324)

Grau de certeza epistêmica	Forma Gramatical
Certeza mais alta	futuro/marcação modal
Certeza mais baixa	subjuntivo/marcação modal
Certeza ainda mais baixa	marcação de contra-fato

<sup>72</sup> Podem ser citadas ocorrências como: “...*aunque los mismos prepostulantes no saben dónde se distribuye...*”, “...*Aunque no lograron los lugares cimeros...*”, “*Aunque no funcionen los móviles de despacho...*”, entre outras.

De acordo com Givón (1995, p. 142), nas concessivas com o conector *aunque*, há três tipos de contraste epistêmico possíveis, ou seja, o presente do indicativo assinala alta certeza, o presente do subjuntivo indica baixa certeza e o passado do subjuntivo, assinala certeza ainda mais baixa.

a) Certeza mais alta (presente do indicativo)

*“El poeta Silva, comerciante y empresario fallido en la quimera de una fábrica de baldosas antes de abrir, **aunque fumaba** cigarrillos árabes y bebía vinos raros en sus tertulias, debía hasta la camisa y termina suicidándose”.* (Colômbia: El Mundo, 17-10-05)

b) Certeza baixa (presente do subjuntivo)

*“Los candidatos parecen seres humanos; pero tienen panza, uñas y bolsillos más grandes y cabezas más chiquitas. Tienen, como nosotros, mil vicios y debilidades; pero son más propensos a cometer delitos, que ellos llaman "errores"; y -he aquí la gran diferencia- no tienen vergüenza, característica esencial de su honorabilidad. (...)Saludan a la gente, estrechan manos y reparten sonrisas sólo en tiempo de elecciones, y son capaces de mostrar dulcemente los dientes **aunque tengan** el hígado hirviendo”.* (Bolivia: Los Tiempos, 11-12-05)

c) Certeza ainda mais baixa (passado do subjuntivo)

*“Reunir los diez autobuses que hacían falta era complicado a las dos de la madrugada de un día festivo. Pero **aunque se hubiera conseguido** no se podía bajar a 400 personas de un tren de noche, en un lugar sin andén, a 2 grados bajo cero”.* (Espanha: La Voz de Galicia, 29-12-05)

De acordo com essas caracterizações sobre a modalidade, tem-se como hipótese para esse grupo de fatores que os contextos mais propícios ao uso do modo subjuntivo são os verbos de incerteza epistêmica (não-factivos), contextos de verbos de tipo percepção-cognição-enunciação sob o escopo de verbos não-factivos, cuja função é a de imprimir um grau mais baixo de certeza ou de desejo. Por outro lado, o indicativo é favorecido pelos verbos factivos, que codificam a certeza epistêmica. Em outras palavras, o modo subjuntivo seria mais favorecido pelo traço de modalidade *irrealis* e pela natureza não-referencial e, em contrapartida, a modalidade *realis* constitui um contexto preferencial de uso do modo indicativo.

Nesse sentido, as ocorrências são avaliadas concernentes à condição de referencialidade e não-referencialidade. Para tanto, utiliza-se o teste de referência, proposto por Givón (2001), através da classificação do sintagma nominal referencial ou não-referencial,

como instrumento para identificar a correlação entre os verbos factivos e não-factivos (do tipo percepção-cognição-enunciação) e a modalidade, na tentativa de formalizar mediante alguns ambientes gramaticais as categorias *realis* e *irrealis* (GIVÓN, 2001, p.309). Acredita-se que as evidências das modalidades, identificadas a partir desse teste, são mais consistentes na sustentação metodológica da análise.

A predição feita entre a referência e a modalidade proposicional, tem como base as duas super-modalidades: fato e não-fato, que provêm da reunião das quatro modalidades epistêmicas (releitura comunicativa das modalidades lógicas):

**Fato:** pressuposição e asserção *realis*

**Não-fato:** asserção *irrealis* e asserção negada (GIVÓN, 2001, p. 303).

De acordo com Givón, sob o escopo de não-fato, sintagmas nominais (SNs) podem ser interpretados como referenciais ou não-referenciais, e sob o escopo de fato, os SNs podem ser interpretados somente como referenciais. Dessa forma, os SNs não-referenciais (não-fato) são postulados como contextos de modalidade *irrealis* e, portanto, correlatos ao subjuntivo, em que as ações não foram realizadas, como no trecho que segue:

- d) "**No creo que haya** problemas con nuestros socios comerciales. Querrán saber cuáles son los problemas y qué hemos hecho. Queremos asegurarles a ellos, y al público, la transparencia de todo lo que estamos haciendo", señaló". (Argentina: Clarín, 10-06-05)

O que leva a tratar o dado em (d) acima como não-fato, portanto, *irrealis* decorre do comportamento do evento “problemas entre os sócios”, que é não-referencial, pois não se pode afirmar a existência dos mesmos.

Considerando que o teste, proposto por Givón, contempla apenas a referencialidade dos sintagmas nominais que remete, em princípio, a referentes/entidades/participantes, e muitos dados analisados nesta tese apresentam eventos/situações, decidiu-se realizar uma adaptação do teste para recobrir esses casos. Assim, ao aplicar o teste de referência nas ocorrências em que não há sintagmas nominais, os eventos ou situações são interpretados como referencial, efetuando-se uma nominalização dos eventos codificados, como no trecho em (e).

- e) “...Hace unos meses me encontré con él y me dijo que iba a viajar a Francia y que luego podría volver de nuevo a Afganistán, pero **no sabía que había regresado ya**”, añadió, impactada por la

*noticia. Según esta colombiana, que lleva dos años trabajando en el país, "la situación de seguridad aquí está empeorando mucho..."*(Colômbia: El Mundo, 13- 06-05)

A proposta de Givón é alargada para recobrir casos como (e), em que não há nenhum sintagma nominal no complemento. Porém, via nominalização, a noção de referencialidade é expandida e recobre o evento, que é interpretado como “o regresso” e ativado como referencial, levando a interpretação de fato, portanto, *realis*.

Ainda nessa proposta teórico-metodológica, vale ressaltar que os eventos, captados e nominalizados, são interpretados como referenciais apenas quando apresentam uma situação particularizada, específica, e identificada numa localização temporal única, ou seja, não aparece em momentos diversos. Considere, agora, o trecho em (f):

f) “...con sus respuestas tipo ME VALE... (eso mismo que usted piensa) le hace un gran daño a la imagen de quien ella dice es su mejor "pana" me refiero a la Primera Dama. Pero dijo un viejo político: **No se da cuenta que el pueblo le pasa la factura a Migtoy todos los domingos a su programa al que el pueblo bautizó ahora como "Todo por la Patria"** (Panamá: Crítica en Línea, 18-06-06)

Do ponto de vista semântico, “passar a fatura” leva a uma interpretação de não-fato, sob o escopo da modalidade *irrealis*, já que não se trata de um evento particularizado, mas habitual contemplando mais de um referente em diferentes momentos “que ocorre todos os domingos”. Nas palavras de Givón, o trecho em (f) é considerado como não-fato, pois não se trata de um evento específico ocorrendo num tempo específico (cf. GIVÓN, 1995, p. 116).

Considerando a proposta de Givón e a adaptação realizada, a categoria modalidade é identificada nesse grupo de fatores a partir de três critérios acionados: i) a referencialidade em nível de eventos/situações, ii) a particularização do evento/situação (especificidade), e iii) o tempo específico (localização temporal). Assim, no âmbito da modalidade, uma variável da conta da análise do *realis/irrealis*, a partir do escopo do verbo, e a outra está relacionada ao evento que pode ser enquadrado como fato e não-fato a partir da referencialidade, considerando os 3 critérios mencionados.

Assim, no caso das substantivas são avaliados os fatores: i) modalidade *realis* + referencial, ii) modalidade *irrealis* + não-referencial, e iii) modalidade *irrealis* + referencial. E nas concessivas, é feita uma divisão em três modalidades *realis/ irrealis/asserção negada*, considerando que nessas cláusulas há a possibilidade de se encontrarem proposições negadas, ou seja, que comprometem o falante não com a verdade da proposição, mas com a falsidade. Além disso, destaca-se o elemento da negação para averiguar se está correlacionado com algum modo verbal em específico, no caso do uso do conector *aunque*.

### **3.4.4 Verificação da pessoa do discurso - (V5)**

Através dessa variável, verifica-se a influência dos sujeitos na escolha dos modos verbais. Considera-se como hipótese que o conteúdo proposicional proferido pelo próprio sujeito (primeira pessoa do singular e primeira do plural) é codificado, preferencialmente, com a variante subjuntiva.

Assumindo que os conteúdos proposicionais refletem as posições avaliativas do sujeito, pressupõe-se que o falante, ao fazer inferência sobre algum evento ou situação, utiliza o subjuntivo com o intuito de proteger a própria face. Brown e Levinson (1987) sustentam a idéia de que, numa interação, existem atos que são intrinsecamente ameaçadores, entre os quais se citam (críticas, pedidos, sugestões) e estes dependem da especificidade de cada situação discursiva. Para os autores, no momento em que o indivíduo participa de uma interação conversacional estão conscientes da vulnerabilidade de sua face, e, preservá-la, depende do contínuo monitoramento que os falantes fazem durante a interação, através de estratégias para afastar a possibilidade de conflito entre as faces, ou seja, entre os falantes.

Assim, de acordo com essa proposta, pode-se entender o uso do modo subjuntivo na codificação de conteúdos relacionados às cláusulas em que *yo* e *nosotros* aparecem, como um efeito produzido para amenizar, resguardar, isentar o falante de assumir a responsabilidade ou compromisso do conteúdo mencionado em seu discurso, preservando-se. Assim, pode expressar uma grande variedade de atitudes pessoais com respeito às proposições. Em contrapartida, com as demais pessoas do discurso, tomadas como sujeito da oração, a tendência é a utilização da variante indicativa, pois com esse modo, o falante pode colocar maior força assertiva na fala do outro.

### **3.4.5 Verificação do item lexical - (V6)**

Com base na tradição normativa, a eleição do modo verbal é automática, determinada ora pelo viés sintático (dependência) ora pelo semântico (verbo da oração principal). Nessa perspectiva, o caso da alternância modal se explica pelas intenções que o falante deseja expressar. Essas interpretações, de certa forma, geram uma indeterminação entre o uso dos modos e os significados do conteúdo proposicional, motivando a inclusão de mais uma

variável que tem como objetivo realizar uma avaliação mais detalhada dos usos modais relacionados aos verbos selecionados nas orações subordinadas substantivas.

Para avaliar o item lexical se aceita a idéia de significado inerente, portanto, de natureza semântica dos verbos que regem os modos verbais, pressupondo que a carga semântica de cada item lexical pode influenciar na escolha, por parte do falante, do indicativo ou subjuntivo para codificar seus conteúdos proposicionais.

Não há uma hipótese específica para o controle do item lexical, porém, ao se destacar o uso dos modos para cada um dos verbos utilizados na oração principal, pode-se identificar as nuances existentes com respeito aos valores semânticos desses verbos. Em princípio, já que se tratam de construções substantivas precedidas por negação, e considerando que a negação tem caráter de pressuposição da informação, acredita-se que as orações negativas (“*no creo que*”, “*no pienso que*”, etc.) são utilizadas pelo falante, quando deseja corrigir um dado ou uma asserção de seu interlocutor. Assim, o item lexical e a distribuição da informação se entrecruzam, e esses elementos são avaliados a partir de uma caracterização pragmático-discursiva dos enunciados<sup>73</sup>, ou seja, a maneira como o falante apresenta seu conteúdo proposicional, concernente ao traço informativo.

Assumindo que essas estratégias comunicativas já são avaliadas no grupo de fatores referente ao tipo de informação (V2), cabe esclarecer que a variável item lexical tem como principal objetivo avaliar, separadamente, cada um dos verbos utilizados pelos falantes, como possíveis recursos disponíveis na língua para codificar seus discursos, conjugando os aspectos formais e funcionais da linguagem.

Além disso, também é possível averiguar se as classes semânticas, nas quais são divididos os verbos pela tradição gramatical, são corroboradas nessa análise. Para tanto, será feito uma comparação entre os usos prescritos pelos manuais e gramáticas, no sentido de avaliar o que a norma prevê para a correspondência dos modos, mediante a determinação semântica dos verbos, e os usos encontrados nos *corpora*. Em geral, as gramáticas apresentam diferentes classificações sintático-semânticas, com distinções de valores e de grupos verbais a que pertencem os itens lexicais examinados nesta tese. Toma-se como exemplo, o verbo

---

<sup>73</sup> Segundo Trujillo (1995, p. 9), na tradição linguística, tempo e modo têm tratamentos diferenciados: para os modos a sintaxe é quase que predominante e para os tempos, a semântica. Essas categorias não diferem nessa suposta natureza sintática dos modos e na natureza semântica dos tempos, ainda que se reconheça, nesta pesquisa, que a dependência do contexto linguístico da primeira se verifica com mais frequência do que a relação entre o tempo verbal e o contexto no qual foi empregado.

*saber*, que na classificação de Sarmiento, é apontado como pertencente à classe semântica do tipo “verbos de língua”<sup>74</sup>, e na de Borrego *et al.* - “verbos de percepção mental”<sup>75</sup>.

### 3.4.6 Verificação da estrutura temporal - (V7)

Devido à grande quantidade de contextos factuais codificados em subjuntivo nas orações analisadas, em especial nas concessivas, decidiu-se realizar um cruzamento entre o uso desse modo e os tempos verbais do subjuntivo, para verificar se a factualidade codificada pela variante subjuntiva tem correlação com algum valor temporal específico. Para essa variável, toma-se por pressuposto que os eventos factuais, com o modo subjuntivo, podem ser codificados em qualquer tempo verbal do, ou seja, não estão correlacionados a um tempo específico.

Para realizar esse cruzamento entre as estruturas temporais e os valores modais, serão examinados todos os tempos verbais em que o subjuntivo aparece para, então, a partir das frequências dos *corpora*, averiguar se a factualidade dos complementos oracionais estão mais associados a um determinado tempo verbal que outro.

Vale ressaltar aqui, que o princípio adotado para a avaliação desse grupo de fatores não é o mesmo da variável (4) – modalidade. A operacionalização do tratamento metodológico na avaliação da variável estrutura temporal está pautada unicamente no critério: referencialidade dos eventos/situações. Já os parâmetros: particularização e localização temporal específica não são acionados, ou seja, a factualidade é interpretada a partir de um evento ou de uma sequência de eventos (série de situações).

Essa adaptação é necessária para recobrir, também, casos em que os enunciados sob o escopo modal de verbos não-factivos, considerados na variável modalidade, sob escopo da asserção *irrealis*, e ativados como não-referenciais, possam ser interpretados no grupo de fatores: estrutura temporal, como uma pressuposição, sob o escopo da modalidade *realis*,

---

<sup>74</sup> De acordo com as determinações estabelecidas por Sarmiento (1997), entre os itens analisados nesta tese que regem o indicativo, pode-se citar os verbos de entendimento (*creer, pensar*), verbos de língua (*decir, saber*) e o verbo de sentido (*ver*) e entre os que regem o subjuntivo, citam-se os verbos de desejo e a negação dos verbos de língua, entendimento ou sentido (cf. SARMIENTO, 1997, p. 206-209).

<sup>75</sup> Para Borrego *et al.* (1986, p. 83) são verbos de percepção física aqueles que abarcam os verbos indicadores de algo que é detectado pelos sentidos: *ver, oír, notar, mirar, percibir*; de percepção mental: *saber, recordar, averiguar, darse cuenta de*, incluindo os que indicam conhecimento; e de afirmação atenuada, ou seja, apresentam fatos não como realidades absolutas, mas como verdades que fazem parte da opinião do falante tais como: *opinar, pensar, parecer, sospechar*.

capaz de codificar uma situação que se coloca como factual. Atente-se à ocorrência que se segue:

- a) 2. *sí sí 1. es pueblo **aunque la gente diga** que esto es una ciudad// y la gente de Alcalá lo dice/ yo tengo tíos que son de aquí de Alcalá y ellos dicen que esto no es un pueblo// que pueblo es Meco y:-// y que Madrid es más pueblo dicen ellos pero:-/ pero Alcalá es un pueblo// un pueblo culto/ un pueblo con: cultura// pero es un pueblo// (H30S)*

Na análise feita com o teste de referencialidade de Givón, através do viés semântico, o trecho seria avaliado como *irrealis*, devido à natureza não-referencial do mesmo. No entanto, para recobrir esses casos, utiliza-se a interpretação identificada pelos traços pragmáticos, sob o escopo de *realis*. Por ser fortemente asserida, apresenta uma situação - “as pessoas dizem que é uma cidade”. Através de pistas contextuais, -“// y la gente de Alcalá lo dice”, é possível enquadrar essa ocorrência equiparada à pressuposição epistêmica.

No caso das concessivas, as asserções negadas não são enquadradas unicamente sob o escopo de não-fato, ou seja, são avaliadas desde uma perspectiva pragmática, evidenciando, por exemplo, as pressuposições e as inferências. Considere as ocorrências (b) e (c) que se seguem:

- b) *1. yo nací en Madrid/ entonces nac- nací en guerra// de: allí me llevaron mis padres a Barcelona por todas las vicisitudes de:- de la guerra// entonces volvimos a Madrid// y: eso/ a los cuatro años aproximadamente/ entonces ya/ me vine a Alcalá de Henares/ hasta el día de hoy (...)en Alcalá// porque claro la gente dice/ los que no son de aquí// yo me considero **aunque no- no sea de Alcalá** pero vamos me considero de Alcalá por- por los años que llevo// que llegan y dicen (H60S)*
- c) */// pero: ... quizá el día que:/ por fin me llevé a mi hija/ 2. ¿sí? 1. yo creo que:-/// entre que me dijeron que no le pasaba nada que estaba perfectamente pero:/ el llevarme a mi hija a mi casa fue: (...) que más se me ha quedado:/ grabado ¿no?/ el decir "por fin me llevo a mi hija"// **aunque no la hubiera sacado** yo del hospital porque mi madre tenía ¡tantas ganas! de coger a su nieta/ en brazos// que la sacó ella/ pero a casa:/ la subí yo (M31P)*

Sob a perspectiva pragmática, as asserções negadas em (b) e (c) podem ser enquadradas como *realis* (factual), considerando que as informações estão fortemente asseridas pelos falantes, pois as mesmas têm relação com suas experiências e, portanto, conhecidas e/ou vivenciadas. Através dos contextos discursivos é possível resgatar pistas capazes de enquadrar as situações: “não sou de Alcalá” e “minha mãe tirou minha filha do hospital”, respectivamente, sob o escopo da asserção *realis*, com comportamento relacionado à pressuposição.

Ainda com relação à adaptação feita da metodologia de análise, as três modalidades: *realis*, *irrealis* e asserção negada, avaliadas nas concessivas, e os fatores: asserção *irrealis* +

referencialidade, asserção *irrealis* + não-referencialidade e *realis*, avaliados nas substantivas, são agrupadas nessa variável em *realis/irrealis*.

### 3.4.7 Verificação do canal - (V8)

O objetivo principal desse grupo de fatores é observar se as variáveis controladas têm a mesma significância no *corpus* escrito e oral, com respeito ao funcionamento dos modos nas construções selecionadas. Para a amostra escrita, pressupõe-se que o uso do indicativo e subjuntivo é regido pelas normas impostas pela tradição gramatical. Para a amostra oral prevê-se maior frequência de variação, considerando a existência de diferentes tipos de estratégias lingüísticas, concernentes às intenções que cada indivíduo tem ao utilizar a língua no contexto discursivo.

De acordo com Halliday (1985, p. 35), as particularidades da língua oral e escrita surgem para satisfazer necessidades diferentes. O contexto em que se insere a língua oral não é estático, pelo contrário, se modifica de forma constante. A língua oral, segundo o autor, deve ter a capacidade de responder a estas transformações, deve adaptar-se, deve ser facilmente moldada<sup>76</sup>.

O comportamento variável do subjuntivo na língua falada já foi destacado em trabalhos como o de Silva-Corvalán (1994), no espanhol falado em Los Angeles, Pimpão (1999) e Fagundes (2007), no português falado no Brasil, a partir de dados provenientes do VARSUL<sup>77</sup>. Referente à primeira pesquisa, Silva-Corvalán considera a perda do uso do modo subjuntivo nos contextos em que é possível a escolha entre ambos os modos verbais, possibilitando a expansão do modo indicativo<sup>78</sup>. Segundo a autora (1994, p.268), há evidências empíricas dessa perda gradual das distinções de modo, tanto no espanhol como em outras línguas. Isso significa uma mudança motivada por fatores internos e externos, e o contato de duas línguas parece acelerar essa mudança, como é o caso da relação do espanhol

---

<sup>76</sup> As diferenças entre língua escrita e oral se comprovam ao analisar algumas construções que foram transcritas no *corpus* oral, pois saltam à vista as pausas, as repetições de palavras, as hesitações do falante e as orações incompletas, ou seja, os processos que ocorrem na mente do falante no momento da sua produção discursiva.

<sup>77</sup> O banco de dados do projeto VARSUL refere-se à uma amostra representativa das variedades lingüísticas da região sul do país, coletados de gravações de conversa informal e desenvolvido nas universidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

<sup>78</sup> O trabalho de Silva-Corvalán (1994) *The gradual loss of mood distinctions in Los Angeles Spanish*, tem como objetivo principal fazer um levantamento dos fatores que favorecem a perda ou retenção do traço morfológico do subjuntivo. Seus resultados apontam que a preferência para retenção do modo subjuntivo são os verbos volitivos, as orações finais e as concessivas.

de Los Angeles, em que a falta de oposição entre os modos subjuntivo e indicativo na língua inglesa pode favorecer a perda dessa oposição no espanhol.

Esses resultados podem ser aproximados aos alcançados por Pimpão (1999). Em sua pesquisa, *Variação no presente do modo subjuntivo, uma abordagem discursivo-pragmática*, o subjuntivo é favorecido, segundo a autora, pelos traços de futuridade e incerteza, identificados no nível sintático-semântico. Os traços de atemporalidade e de incerteza, sob abordagem semântico-pragmática, favorecem o uso do modo indicativo. Em suas conclusões, a autora afirma que o traço futuridade é o contexto favorecedor do modo subjuntivo, ou seja, traço que retém tal modo<sup>79</sup>.

Ainda referente à língua portuguesa, cita-se o trabalho de Fagundes (2007). O autor apresenta uma descrição das ocorrências de modo subjuntivo e indicativo nas cidades de Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco, pertencentes ao banco de dados do Projeto VARSUL do Paraná. Entre as variáveis linguísticas trabalhadas citam-se: tipo de oração, tempo verbal da oração principal, tempo verbal da ocorrência (na oração subordinada ou na independente) e modalidade. O número de ocorrências de subjuntivo, encontrado pelo autor, é de 2.434 e correspondem a 90% do total dos seus dados, contrapondo aos 284 casos de indicativo que representam 10% do total da amostra analisada. Essa amostragem, de certa forma, confirma as tendências já evidenciadas no estudo de Pimpão (1999) e de Silva-Corvalán (1994). Essa aproximação entre os estudos permite mencionar que o subjuntivo, analisado a partir de ocorrências de diferentes estados do Brasil e de fora do país, não se materializa como o modo prototípico de incerteza, dúvida, pois está atrelado a outros traços e representa um recurso disponível na língua, capaz de expor diferentes funções, de acordo com os propósitos comunicativos do falante.

Os resultados desses trabalhos despertam interesse, no sentido de averiguar as diferenças entre os usos dos modos, no *corpus* oral e escrito, com o objetivo de comparar os traços significativos da escolha modal nos dados de língua escrita jornalística, considerada, segundo as teorias gramaticais, como uma das mais próximas da norma padrão, e nas ocorrências orais, verificando possíveis contextos de variação nessas amostras. Para tanto, ambos os *corpora* são considerados fatores pertencentes à variável canal.

A seguir, descreve-se cada uma das variáveis que contemplam essas hipóteses.

---

<sup>79</sup> Assim como nos resultados de Silva-Corvalán, Pimpão afirma que “verbos volitivos/deônticos e cláusula adverbial final expressam um traço intrínseco de futuridade e a cláusula concessiva imprime um traço de futuridade discursivamente” (PIMPÃO, 1999, p. 114).

### 3.5 Contexto de investigação: variáveis

Como tem sido mencionado em vários pontos da tese, o objetivo principal é verificar os traços significativos relacionados ao uso das variantes indicativa e subjuntiva da língua espanhola. Cabe mencionar que, num primeiro momento, foram controlados nove grupos de fatores. Em etapa posterior, foram selecionados apenas os fatores que apresentaram relevância para o estudo da alternância. Entre as primeiras variáveis independentes controladas, duas não apresentaram resultados significativos: o tipo de sequência discursiva, que caracterizava os diferentes gêneros do discurso, mais especificamente dividido em sequências narrativas e argumentativas, e o grupo verbal, constituído pelo grupo verbal I e grupo verbal II<sup>80</sup>.

O modelo elaborado para a investigação empírica dos fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que podem favorecer a eleição de um determinado modo verbal está composto por oito variáveis, sendo uma dependente e sete independentes<sup>81</sup>, que são analisadas separadamente para identificar o comportamento dos modos verbais sob o escopo de cada um dos grupos de fatores avaliados. A seguir, são apresentadas as variáveis pertencentes ao modelo de pesquisa, com as respectivas etiquetas utilizadas nas ocorrências, para identificação de cada uma delas<sup>82</sup>.

---

<sup>80</sup> Para Weinrich (1968), os tempos: perfeito simples, o imperfeito, o mais-que-perfeito e o futuro do pretérito pertencem ao mundo narrado, por outro lado, o presente, o perfeito composto e o futuro do presente pertencem ao mundo comentado. De acordo com o autor, não só os tempos verbais se conformam mais com um grupo que com outro, assim como os grupos de formas verbais são mais incidentes em determinados gêneros e determinadas situações comunicativas que outras. Da mesma maneira, as situações comunicativas se repartem claramente em dois grupos, segundo o grupo temporal que nelas predomine. O grupo II predomina na novela e em todo tipo de narração oral ou escrita, exceto nas partes dialogadas intercaladas. Pelo contrário, o grupo I (*presente, perfeito composto, futuro do presente*) predomina na lírica, no drama, no diálogo em geral e no jornalismo (cf. WEINRICH, 1968, p.66). Nesse contexto, através de uma análise quantitativa, foram verificados quais tempos verbais são predominantes para a codificação de cada um dos modos verbais, ou seja, os tempos do Grupo I (mundo comentado) ou os tempos verbais do grupo II (mundo narrado). Partiu-se do pressuposto de que os pretéritos perfeito simples, imperfeito e mais-que-perfeito, tempos verbais pertencentes ao Grupo Verbal II, ou seja, do mundo narrado, são contextos favorecedores do uso do modo indicativo e estão mais salientes no *corpus* oral, já que são formas verbais que afastam o enunciador do acontecimento. Por outro lado, os tempos do Grupo I (mundo comentado) formam um contexto favorecedor do uso do modo subjuntivo e são predominantes no *corpus* escrito, considerando que as informações jornalísticas, principalmente as que se referem ao gênero artigo de opinião e editorial, procuram convencer o interlocutor de alguma opinião determinada.

<sup>81</sup> Um modelo de análise pode ter variáveis dependentes, que podem ser influenciadas por uma independente, bem como variáveis independentes que influenciam ou prevêm os valores da dependente.

<sup>82</sup> De acordo com Leech (1992), a etiquetagem contribui significativamente na constituição de um *corpus*, já que os símbolos linguísticos auxiliam na interpretação dos dados. Portanto, cada variável será identificada com códigos entre colchetes angulares imediatamente após o verbo, sem espaço para marcar as características que são referentes à análise e também possibilitar a contagem posterior das mesmas.

- i) A variável dependente (V1):** representada pelos modos indicativo e subjuntivo em espanhol

Quadro 14: Codificação da variável modos verbais

Etiqueta	Explicação	Resultado da estrutura
- i -	Modo Indicativo	“Yo no pienso que nuestro país es <i> reconocido lo suficiente...” (BOLT17- 11-06)
- s -	Modo Subjuntivo	“No creo que sea <s> una presión...” (ARCL08-01-06)

- ii) Tipo de informação (V2):** dividida em informação dada e informação nova

Quadro 15: Codificação da variável tipo de informação

Etiqueta	Explicação	Resultado da estrutura
- n -	Informação nova	“...el hombre no piensa que tiene <i;n> un alma.” (M72S)
- d -	Informação dada	“¿Sentís menos presión?(...) No creo que sea <s;d> una presión...” (ARCL08-01-06)

- iii) Tipo de oração (V3):** dividida em declarativa negativa e interrogativa negativa

Quadro 16: Codificação da variável tipo de oração

Etiqueta	Explicação	Resultado da estrutura
- dc -	Declarativa	“...Aunque no se ven <i;n;dc > muy bien, si no estuviesen las ovejas se vería mejor...” (pedu010b.asc)
- in -	Interrogativa	“¿No sabes que tengo <i;n;in> un depósito de perros? (acon017a.asc)

- iv) Modalidade (V4):** dividida em asserção *realis*, asserção *irrealis* e asserção negada.

Quadro 17: Codificação da variável modalidade

Etiqueta	Explicação	Resultado da estrutura
- ar -	Asserção <i>realis</i>	“hubo hasta trabajo de cabildeo realizado por algunos sectores influyentes para que se castigara al régimen de aquellos días, aunque ello implicara <s;d;dc;ar> daño y perjuicio para el país...” (GTLH23-08-05)
- ai -	Asserção <i>irrealis</i>	“Aunque el presidente Chávez pretende <i;n;dc;ai> convencer al pueblo de que él es una especie de Bolívar redivivo...” (VEEU16-08-05)
- an -	Asserção negada	“Noboa aseguró que llegaron ayer a Punta Blanca amparados en un permiso especial, aunque no identificó <i;n;dc;an> al juez que presuntamente lo emitió”. (ECDH11-10-05)

v) **Pessoa do discurso (V5):** dividida em emissor e outros;

Quadro 18: Codificação da variável pessoa do discurso

Etiqueta	Explicação	Resultado da estrutura
- e -	Emissor	“No digo que esto sea <s;d;dc;ai;e> bueno ni malo, ni justo ni injusto”. (ESEP18-08-06)
- o -	Outro	“Los de fuera de la región no se dan cuenta de cuánto hay <i;n;dc;ar;o> aquí, dijo López-Hoffman”. (MXEU15-07-06)

vi) **Item Lexical (V6):** dividida em *decir, creer, pensar, saber, ver e darse cuenta*.

Quadro 19: Codificação da variável item lexical

Etiqueta	Explicação	Resultado da estrutura
- de -	<i>Decir</i>	“...No digo que seré <i;n;dc;ai;e;de> primero, segundo ni tercero...” (CHEM23-12-06)
- dr -	<i>Darse cuenta</i>	“...No se dan cuenta de que ya está <i;n;dc;ar;o;ds> en marcha y no tenemos que hacer grandes planes...” (PEEP05-03-06)
- cr -	<i>Creer</i>	“No creo que haya <s;d;dc;ai;e;cr> acuerdo entre Kirchner y Duhalde”. (ARED17-04-05)
- sa -	<i>Saber</i>	“...El joven herido alegadamente todavía no sabe que su madre murió <i;n;dc;ar;o;sa> al protegerlo...” (PREN19-06-05)
- ps -	<i>Pensar</i>	“No pienso que un tratado de libre comercio con EEUU signifique <s;d;dc;ai;e;ps> una traición...” (URLR12-05-06)
- ve -	<i>Ver</i>	“...No ve que un poco de vándalos se llevaron <i;n;dc;ar;o;ve> el cable de todo el barrio...” (CRNA28-10-06)

vii) **Estrutura temporal (V7):** dividida em *presente, pretérito perfecto, pretérito imperfecto, pretérito pluscuamperfecto*.

Quadro 20: Codificação da variável estrutura temporal (Subjuntivo)

Etiqueta	Explicação	Resultado da estrutura
- pr -	<i>Presente</i>	“...exige un candidato de sus filas, aunque solo sea <s;d;dc;ai;pr> para pelear un quinto puesto...” (ECDH14-12-05)
- pe -	<i>pretérito perfecto</i>	“...debe agregarse otro elemento circunstancial, que aunque nunca se haya ocultado <s;n;dc;an;pe>, se suele desdeñar”. (VEEU16-08-05)
- ir -	<i>pretérito imperfecto -ra</i>	“...la víspera de Navidad y así poder atrapar a Santa Claus, pero aunque no vieras <s;d;dc;an;ir> a Santa Claus bajar por la chimenea... (CRLP24-12-06)
- is -	<i>pretérito imperfecto -se</i>	“De E.U. no aceptaría nada, ni aunque fuesen <s;d;dc;ai;is> mil millones”. (CULN21-07-05)
- pl -	<i>pretérito pluscuamperfecto</i>	“Aunque el país no hubiera sido <s;d;dc;an;pl> tomado en cuenta en los acuerdos del Tratado de Lima de 1929”. (BOLR18-11-06)

Vale ressaltar que as outras etiquetas utilizadas para codificar as variantes indicativas, apresentadas no quadro 21 a seguir, não são avaliadas nesse grupo de fatores, no entanto, são apresentadas aqui para ilustrar a notação usada no *corpus*.

Quadro 21: Codificação da variável estrutura temporal (Indicativo)

Etiqueta	Explicação	Resultado da estrutura
- pr -	<i>Presente</i>	“Creemos que podemos seguir pasando, aunque sabemos <i;n;dc;ai;pr> que cada vez se van poniendo más difíciles los partidos”. (edep005a.asc)
- f -	<i>futuro</i>	“...explicó que el perdón de la deuda se va a continuar en esta reunión, aunque la labor será <i;n;dc;ai;f> de acercamiento ...”(HOLP06-04-06)
- pt -	<i>pretérito simple</i>	“Aunque la fecha no fue <i;n;dc;an;pt> conmemorada en la cita de La Habana, el proyecto de declaración subrayó...” (ARLA12-09-06)
- pt -	<i>pretérito compuesto</i>	“ Cruz tiene 11 goles en este campeonato, aunque no ha jugado <i;n;dc;an;pt > mucho”. (SVEH09-04-06)
- im -	<i>pretérito imperfecto</i>	“Aunque hasta ayer faltaba <i;n;dc;an;im> que casi el 50% de los contribuyentes cumpliera con esta obligación...” (SVPG29-04-06)
- cd -	<i>condicional</i>	“...aunque yo recomendaría <i;n;dc;ai;cd> que para estas cuestiones de índole más técnica, los propios servicios de hematología...” (aent001e.asc)

**viii) Canal (V8):** dividida em língua falada e escrita.

Quadro 22: Codificação da variável canal

Etiqueta	Explicação	Resultado da estrutura
- ce -	<i>Corpus escrito</i>	“Desde esa perspectiva, fueron víctimas quienes asumieron - aunque fuera <s;d;dc;ar;o;ce> desde la prudencia...” (PELR24-01-05)
- co -	<i>Corpus oral</i>	“El maquinista aunque sea <s;n;dc;ai;o;co> provisionalmente le estamos llamando "comandante de AVE” (ctec036b.asc)

Vale ressaltar que no modelo proposto para a análise das orações concessivas não são testadas as variáveis pessoa do discurso - (V5) e item lexical - (V6), considerando que grande parte das concessivas se refere a eventos com pouco uso das primeiras pessoas do discurso, além disso, os verbos que aparecem nessas construções são variados.

### 3.6 Ferramentas de análise dos dados

Os *corpora* foram analisados por meio do programa de análise de *corpus*: WordSmith Tools (Mike Scott, 1998). O programa permite manipular os dados, visualizar as ocorrências, indicar a frequência das palavras, entre outros recursos úteis no trabalho com base em *corpus*. Num primeiro momento, parte-se em busca das ocorrências, a partir dos itens que se quer analisar. Posteriormente, são extraídos os enunciados para que sejam realizadas as análises

linguísticas necessárias<sup>83</sup>. É composto por três ferramentas: i) *WordList*; ii) *Concord* e iii) *KeyWords*.

A ferramenta do *WordList* elabora listas de palavras a partir de arquivos de texto. Quando acionado, produz duas listas de palavras, uma em ordem alfabética, outra em ordem decrescente de frequência e ainda uma terceira, que mostra as estatísticas relativas aos dados usados para produção dessas listas. Através do *Wordlist* pode-se obter, por exemplo, a informação sobre o tamanho do *corpus* utilizado. Essa opção faz a contagem das ocorrências e cálculos, apresentando os resultados em três telas: as palavras pela ordem de recorrência, alfabética e estatísticas (*types, tokens, type/token ratio*).

Por outro lado, o *Concord* mostra a palavra de busca e produz as listagens das ocorrências de um item específico. Antes de dar início à busca, o usuário pode classificar as entradas, determinando quantas palavras aparecem à esquerda e à direita. A ferramenta *KeyWord* extrai a lista de palavras-chave de um texto, para que se possa comparar a *Wordlist* do mesmo com a *Wordlist* de outro texto de referência.

### 3.7 Análise quantitativa

O uso de ferramentas estatísticas nas ciências tem-se consolidado, ao longo do tempo, como um importante suporte na comprovação de hipóteses das pesquisas. Essas ferramentas são utilizadas com o intuito de processar e identificar as relações entre variáveis representadas por amostragem aleatória. Reconhecendo a contribuição que a estatística traz às ciências humanas e sociais, através do uso de *corpora* e de métodos estatísticos, associados à prática de pesquisa, admite-se a frequência de uso como um critério consistente na avaliação da escolha modal. Nesse sentido, com o intuito de ampliar a confiabilidade dos resultados finais, utiliza-se o método estatístico na verificação do modelo de pesquisa.

Para fazer as rodadas estatísticas, utilizam-se os procedimentos do software SPSS 10.0 FOR WINDOWS® (*Statistical Package for Social Sciences*). Trata-se de um pacote estatístico que possibilita o cálculo de frequências, percentuais e identificação da ordem de significado dos diferentes grupos de fatores testados na fase de análise de dados. Contando com a ajuda do SPSS, pode-se observar a associação entre as variáveis categorizadas de

---

<sup>83</sup> É possível, por meio do WordSmith, selecionar todos os arquivos a serem analisados de uma única vez e dar o comando de busca da palavra em análise. O programa apresenta, então, a quantidade de ocorrências encontradas no total dos arquivos analisados, produzindo listas de orações, cujos parágrafos podem ser ampliados. Além disso, oferece informações sobre o tipo de palavras que acompanha a palavra central e evidencia determinadas combinações. É um recurso eficiente para isolar palavras e expressões linguísticas de um *corpus*, possibilitando uma análise da língua em seu uso autêntico.

maneira confiável e rápida, já que o próprio programa apresenta em tela as percentagens. Esse exame quantitativo permite uma avaliação mais precisa, menos impressionística dos usos dos modos verbais. Para verificar se essas associações são estatisticamente significativas e, portanto, não aleatórias, utiliza-se a técnica estatística do qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Esse teste de associação é um dos mais utilizados em pesquisa social para verificar se a frequência com que um determinado acontecimento observado em uma amostra desvia significativamente ou não da frequência com que ele é esperado<sup>84</sup>.

Com o valor da estatística  $\chi^2$  pode-se estimar o grau em que os resultados são estatisticamente significativos. Através dele obtém-se a probabilidade de significância  $p$  e, de acordo com níveis de significância previamente escolhidos, avalia-se se um certo desvio é decorrente do acaso ou não. Tecnicamente, o valor de  $p$  representa um índice decrescente da confiabilidade de um resultado. Assim, quanto mais alto o valor de  $p$ , menos se pode acreditar que a relação observada entre duas variáveis estudadas na amostra representa um indicador confiável. Em contrapartida, quanto menor o valor de  $p$ , maior a probabilidade de a diferença ser real. São aceitos como estatisticamente significativos os níveis  $p = 0,05$  e  $p = 0,01$  ou ainda menores (cf. BARBETTA, 2003). Em muitas áreas de pesquisa, o  $p$  de 0,05 é geralmente tratado como um limite aceitável de erro, porém, há estudos que só consideram aceitáveis riscos de erro tipo 1 menor que 1% (ou seja, valores de  $p$  menores do que 0,01). Isso significa que, na prática, considera-se satisfatório o limite de 5% de probabilidade de erro, não sendo significativas as diferenças que tiverem probabilidade acima desse limite.

Cabe mencionar, ainda, que o valor da estatística  $\chi^2$  a ser comparado é obtido através da tabela de qui-quadrado que mostra os graus de liberdade nas linhas e o valor da probabilidade nas colunas. Através dessa tabela, busca-se a coluna referente a 5% de probabilidade (limite probabilidade de erro) e encontra-se o valor de qui-quadrado com o qual se deve comparar o valor calculado e dado pelo teste.

Os resultados, apresentados mediante o teste de significância e as tabelas de contingência, são descritos nos próximos capítulos: quatro e cinco, que tratam da análise quantitativa e qualitativa das orações substantivas precedidas por negação e das concessivas com o conector *aunque*.

---

<sup>84</sup> O teste permite comparar a distribuição de diversos acontecimentos em diferentes amostras, a fim de se avaliar se as proporções observadas destes eventos mostram ou não diferenças significativas ou se as amostras diferem significativamente quanto às proporções desses acontecimentos (cf. BARBETTA, 2003).

## CAPÍTULO IV ÀS VOLTAS COM AS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

---

### 4.1. Considerações iniciais

Desde o ponto de vista empírico, este capítulo corresponde ao início da investigação sobre a alternância indicativo/subjuntivo em espanhol. Aqui, analisa-se a possível relação entre as variáveis das orações subordinadas substantivas precedidas por negação, a partir de duas amostras (escrita e oral), com o propósito de identificar os traços significativos na escolha modal. Os dados são submetidos ao tratamento estatístico com a ajuda do software de análise SPSS e os resultados são interpretados em confronto com as hipóteses postuladas para esta pesquisa. Esses resultados quantitativos são apresentados em tabelas e seguidos pelo teste de significância do qui-quadrado.

### 4.2 Influência do tipo de informação

De acordo com a hipótese prevista para esse grupo de fatores, o uso do subjuntivo se refere a algo concebido anteriormente, tomado como conhecimento compartilhado entre os interlocutores, seja por pressuposição ou inferência. Em contrapartida, com o indicativo, a informação apresentada é nova, não está saliente na memória dos informantes e, portanto, não mencionada no discurso precedente. Dessa forma, a análise parte da concepção de que um dado ou evento pode aparecer explicitamente ou indiretamente no contexto discursivo, implícito em outra informação.

Na tabela 1, abaixo, apresentam-se as percentagens da relação das categorias modo verbal e tipo de informação, verificados pelo programa estatístico:

Tabela 1 –Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de informação (substantivas)

Tipo de informação	Corpus Escrito			Corpus Oral		
	Modo Verbal					
	Indicativo	Subjuntivo	Total	Indicativo	Subjuntivo	Total
Informação dada (d)	10	215	225	9	100	109
	4,4%	95,6%	100,0%	8,3%	91,7%	100,0%
Informação nova (n)	180	5	185	121	2	123
	97,3%	2,7%	100,0%	98,4%	1,6%	100,0%
Total	190	220	410	130	102	232
	46,3%	53,7%	100,0%	56,0%	44,0%	100,0%

A variável tipo de informação se mostra significativa em fenômenos de variação modal das orações substantivas. Os números apresentados na tabela 1 ressaltam o predomínio do modo indicativo na codificação das informações novas (97,3% e 98,4%), e do subjuntivo para as informações dadas (95,6% e 91,7%), em ambos os *corpora*, corroborando a hipótese para este grupo de fatores. Os resultados estatísticos obtidos para essa variável indicam que a informação dada tem forte correlação com o uso do modo subjuntivo, e a nova com o indicativo.

Os percentuais da tabela 1, contabilizados a partir do cálculo horizontal, apontam, na escrita, 46,3% de indicativo e 53,7% de subjuntivo, e na fala, 56% de indicativo e 44% de subjuntivo. Essa distribuição geral de frequência relacionada ao *status* informacional é relativamente equilibrada entre indicativo e subjuntivo em ambos os códigos. Esses valores derrubam a hipótese arrolada para a variável canal, de que na fala haveria maior variação e na escrita os usos modais seguiriam o padrão, via regra gramatical prescrita para os usos dos modos.

A partir desses resultados, segue a tabela com o teste de significância. Cabe ressaltar que o teste será aplicado apenas para o *corpus* escrito, considerando que as frequências teóricas para cada casela devem ser iguais ou superiores a cinco, e os dados orais apresentam valores que não contemplam essa exigência (cf. BISQUERRA *et al.*, 2004).

Tabela 2 – Contribuições do  $\chi^2$  (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®)  
Análise da variável modo verbal e o tipo de informação (substantivas/ *corpus* escrito)

Modo verbal	Valor	GL	Significância
Qui-quadrado $\chi^2$	352,008	1	p<0,001
Casos Válidos	410		

O alto valor do qui-quadrado<sup>85</sup> e, em consequência, um *p* pequeno confirmam a hipótese acerca da correlação modo verbal e tipo de informação na análise das orações subordinadas substantivas. Os valores indicam que a relação entre as duas variáveis é significativa e a chance de esse resultado ser aleatório é menos de uma em mil, tendo em vista que o valor de *p* < 0,001.

Esses índices apontam que o uso do modo subjuntivo se refere aos dados prévios disponíveis através do contexto discursivo. A seguir, apresentam-se algumas ocorrências, retiradas do *corpus* escrito que evidenciam essa correlação.

<sup>85</sup> Tendo em consideração que a tabela analisada é de 2x2 e o grau de liberdade (GL) é igual a 1, usa-se a tabela de distribuição do qui-quadrado, cujo valor a ser comparado é 3,84. Neste caso 352,008, que é o valor apresentado pelo programa é maior que 3,84, portanto, considera-se alto.

1. Lamentablemente el torneo pasado no fue bueno y por eso hay que generar una mejora importante. —Hay jugadores de experiencia como Diego Simeone y Rubén Capria que sueñan con salir campeones en Racing. Vos ya lo lograste. ¿Sentís menos presión? —Racing es un equipo grande y debe pelear todos los torneos. Mi mentalidad, obviamente, es la de salir campeón. **No creo que sea** <s;d;dc;ai;e;cr;pr;ce> una presión, es un objetivo compartido por todos los jugadores. Es difícil, pero seguramente vamos a pelear hasta el final porque aquí hay nombres que pueden lograrlo y el equipo no se desmanteló. (ARCL08-01-06)
2. -Sí, mucho, porque él tenía una ironía finísima, un gran sentido del humor y era sumamente divertido. Cuando empecé a estudiar, lo veía los fines de semana y mis compañeros y mis amigos de la secundaria suponían un gran aburrimiento con ese viejo y sus laberintos. Yo les decía que era divertidísimo y lo era, en serio. Al principio lo vi un poco rígido, duro, pero era por la diferencia de edad y por la admiración, porque al hablar con él, como que se relajaba y era divino. -Borges decía barbaridades del peronismo y era racista. ¿Hubo un cambio de posición política y social a partir del casamiento; trataste de influirlo de alguna manera? -- Perdoname, pero **no creo que Borges fuera** <s;d;dc;ai;e;cr;ir;ce > racista. Más bien, toda persona que tiende a ser nacionalista, es racista y que yo sepa, Borges era todo lo contrario del nacionalista. Era un hombre abierto al mundo...(ARLA09-05-05)
3. El personalismo se constata con el intento de creación de un partido uribista, que corresponde a una cosa extraña en la historia de Colombia, donde no se han creado partidos para una reelección. Los partidos tienen sentido a largo plazo, con convicciones y valores. Lo que preocupa es que el Presidente no respeta, **no cree que los partidos políticos jueguen** <s;d;dc;ai;o;cr;pr;ce> un papel importante en una democracia. Por eso se complica tanto y se la pasa consiguiendo votos para cada proyecto. No le gusta el entendimiento institucional con los partidos, y particularmente con el Partido Liberal. (...) Creo que si es reelegido, va a promover una contrarreforma constitucional. Pero hay quienes defienden que Uribe sigue siendo liberal... El Presidente se salió del Partido, y creo que eso es mucho más que una simple disidencia. El solo hecho de que trabaje por la creación de un partido uribista demuestra que ya no es liberal, que **no cree que el Partido Liberal juegue** <s;d;dc;ai;o;cr;pr;ce> un papel importante en la vida de Colombia. Lo desestima y **no creo que algún día regrese** <s;d;dc;ai;e;cr;ce> (COEE01-07-05)

Em construções como “*no creer que*”, o falante reutiliza elementos do contexto para valorar, depreciar, emitir opiniões, reagir diante de algo proposto por seu interlocutor, pois se tratam de informações que estão, de certa forma, no ar. Nesses casos, a retomada de elementos, previamente disponíveis no contexto, favorece o uso do subjuntivo. Esse modo aparece com frequência quando o falante nega uma pressuposição, asserção ou pergunta feita por seu interlocutor.

Em (1), o falante faz uma pergunta “*¿Sentís menos presión?*” e seu ouvinte lhe responde “*no creo que sea una presión*”, retomando um elemento prévio do contexto. Em (2), um dos interlocutores informa que “Borges dizia barbaridades sobre o peronismo e era racista”. Em seguida, seu interlocutor recupera essa informação e opina: “*no cree que Borges fuera racista*”. Esse dado é marcado e recuperado, ou seja, o interlocutor não apresenta uma informação nova, portanto, usa o subjuntivo.

O uso do verbo *creer* negado, nesses casos, é utilizado para responder e corrigir uma informação (1), e para responder algo que está no ar, que se acabou de dizer (2). O falante, ao proferir a construção *no creo que*, dá sua opinião com relação a comentários feitos por seu interlocutor, com o propósito de refutar a informação recebida.

No trecho (3) há uma entrevista com o ex-presidente da Colômbia, César Gaviria. Com o subjuntivo, um dos falantes diz que “*no cree que los partidos políticos jueguen un papel importante en una democracia*”, com base no exposto anteriormente sobre “as convicções e valores dos partidos políticos para a Colômbia”. Dando continuidade a entrevista, retoma o assunto e repete sua opinião de que “*no cree que el Partido Liberal juegue un papel importante*”, e acrescenta: “*no creo que algún día regrese*”. Nesses dois enunciados, o subjuntivo se justifica pela repetição de dados já apresentados no contexto e pela informação anterior de “que o presidente saiu do Partido”, respectivamente. Ainda com relação ao trecho (3), há outro aspecto que merece comentário: a diferença entre o uso do verbo *creer* em construção negativa e afirmativa. A expressão *creo que*, utilizada duas vezes - “*Creo que si es reelegido, va a promover una contrarreforma constitucional*” e “*creo que eso es mucho más que una simple disidencia*” - é seguida pelo indicativo. Em ambos os casos, o enunciador apresenta dados novos ao seu interlocutor.

Veja-se outras ocorrências retiradas do *corpus* escrito:

4. El secretario de Organización y Finanzas de ERC, Xavier Vendrell, ha dicho la pasada noche, respecto al anuncio de CiU de que se querrellará contra él si no rectifica unas declaraciones, que "yo no tengo nada que rectificar, me ratifico, y pido que se investiguen los donativos anónimos a CiU". "Nos cuesta de creer -ha añadido- que cuando CiU recibió entre los años 1993 y 1998 un total de 1.600 millones de pesetas en concepto de este tipo de donativos, ellos no sepan quién los ha hecho, porque el dinero no cae por arte de magia". Según ha indicado esta noche Xavier Vendrell en declaraciones , "**no pienso que haya** <s;d;dc;ai;e;ps;pr;ce> nada que rectificar, sino todo lo contrario, me ratifico en todo lo dicho" y "deseo que se investigue la procedencia de estos donativos anónimos realizados a CiU". (ESLV26-02-05)
5. "Escribo para señalar un grueso error detectado en el editorial "Inadmisible loteo en El Doradillo", del día 9, donde leo: "...pueden ser avistados estos gigantescos cetáceos a escasos metros de la costa". La verdad, **no sabía que existieran** <s;d;dc;ar;e;sa;ir;ce> metros "escasos". En la escuela primaria aprendí que cada metro mide 60 centímetros. Este error tan común se comete con otras medidas, por ejemplo de tiempo: (ARLN20- 11-06)

Conforme a hipótese prevista para esse grupo de fatores, no trecho (4), o subjuntivo aparece na oração introduzida pela expressão *no pienso que*, devido ao fato de que o leitor já

havia sido informado anteriormente que Xavier Vendrell “*no tiene nada que rectificar*”. Refere-se, portanto, a algo que já foi dito anteriormente. Em (5), o falante também retoma a informação já apresentada no contexto: “*escasos metros*”, ou seja, já se sabe de que elemento se fala, já apareceu num discurso precedente, e o subjuntivo aparece ressaltando essas funções. A informação nova contida nesse enunciado alude ao não conhecimento do ouvinte a respeito do assunto, indicado pelo uso do verbo *saber* codificado em indicativo “*no sabía*”.

No excerto (6), tanto o subjuntivo como o indicativo são usados num mesmo contexto.

6. Vicevic no pierde el sueño por contratar. Sus opciones ya las tiene para suplir la falta de Otto, así que las piezas aún están completas. "Ojalá todo salga bien", concluyó el técnico. El responsable del físico Luis Medina, el preparador físico del Águila, dice que el equipo va por buen camino. Su evaluación es positiva hasta la fecha. Cuando recibió la llamada, su expresión no pudo ser otra que la extrañez. Su fugaz paso por Firpo fue suficiente como para dejar una buena imagen. Una que hoy lo tiene en Águila. Bueno, además hay que tomar en cuenta la recomendación de Carlos Villarreal, su compatriota y homólogo en FAS. "**No pensé que fuera** a regresar tan pronto", justificó su sorpresa. A casi cuatro semanas de haber comenzado, Luis Medina ve con satisfacción la labor hecha. "Al principio **no pensé que iba a ser** tan rápido todo. Ha andado mejor de lo que yo esperaba", mencionó el colombiano. El proyecto emplumado le llamó la atención por la cantidad de jóvenes que tienen bajo su mando. "Todo el trabajo planificado con el cuerpo técnico ha sido asimilado muy bien por el grupo de jugadores", confirmó Medina. De hecho, no tiene pelos en la lengua para decir por qué esperaba menos: "Por las condiciones físicas en las que estaban los muchachos". (SVPG12-03-05)

Com base na hipótese do uso dos modos verbais correlacionado ao *status* de informação, é possível destacar traços para a interpretação dos diferentes usos modais que aparecem codificando a construção “*no pensar que*”. Em (6), o falante ao citar fatos de experiência própria, vivenciados no decorrer de sua carreira e, de certa forma, pressupostos considerando que se trata de um profissional exposto na mídia, usa o modo subjuntivo para falar de seu regresso na equipe Águila: “*no pensé que fuera a regresar*”. Também é possível encontrar pistas no contexto sobre seu regresso como preparador físico: “*cuándo recibió la llamada*”. Nesse contexto, acredita-se que o falante apenas recupera uma informação compartilhada e se limita a expressar sua surpresa. Num segundo momento, o falante utiliza o indicativo para comunicar - “*Al principio no pensé que iba a ser tan rápido todo*” – e nesse caso, não estaria mais falando de algo pressuposto entre os demais interlocutores, pois se refere a sua opinião sobre o trabalho que desenvolveu com os jogadores, e ao mesmo tempo, informa sobre algo que pode ser desconhecido por seu interlocutor, no caso, o entrevistador. Ao ser introduzida nesse momento da conversação, acrescenta elementos novos ao conhecimento do ouvinte, ou seja, “a rapidez do trabalho desenvolvido”.

Considerando as estratégias adotadas pelo falante, poderia ser dizer que, em (6), na primeira construção há um elemento fechado, que tem apenas a função de marcar, de remeter a algo que é de conhecimento compartilhado. Por outro lado, na segunda construção, há uma informação nova, que não pode ser recuperada, nem inferível, e que pode ser refutada, pois está, de certa forma, no centro das atenções dessa conversação e o uso do indicativo, seria capaz de destacar tais funções. Em suma, os enunciadores estão manipulando dados disponíveis ou não no contexto discursivo.

A correlação informação dada e modo subjuntivo também é verificada no *corpus* oral. Seguem algumas ocorrências para análise.

7. discriminada en esta sociedad, sino al contrario, cada vez tiene un mayor peso específico. ¿Usted considera que la mujer en este país está discriminada? -Ande va! La mujer discreminada, yo **no veo que estén** <s;d;dc;ar;e;ve;pr;co> discriminadas, porque hoy los hombres, nos ponen el delante, nos ponen a fregar platos, nos ponen ahí a... eh... con el carrillo de la compra, y nos ponen eh... a limpi el polvo... y a todo. O sea que hoy la mujer no es descreminada... (abed001a.asc)
8. pues todo el mundo tiene un aparato de música en su habitación, yo entre otros, eh... que todo el mundo utilizamos más o menos el que tenemos ¿no? que vamos, que... que yo creo que el problema no es el equipo, el equipo es fácil traerlo porque es llegar y cogerlo; el problema es dónde meterlo ¿no? cuál es el sitio en que ponemos eso y yo exactamente no encuentro por ahora ningún sitio, porque en la parte de arriba hace un frío enorme hay que pensar en instalar calefacción (...).Si a alguno se le ocurre una solución, pues, eso, es coger el equipo y... y ponerlo. No... no hay... porque el equipo mal que bien está . Un sitio se pueda escuchar música y en el que no haya problema de... Y el... el baremo ,éste ¿se va a reformar al año que viene ya? **No he dicho que se vaya a reformar** <s;d;dc;ai;e;de;pr;co>. He dicho, y lo repito, que si alguna persona de los que hay aquí presentes, que sois los que tenéis la responsabilidad para plantear ese tema, estimáis que que ese baremo hay que cambiarse, digo por evitar luego siempre las... las discusiones a posteriori. (cdeb003b.asc)
9. 2. mira aquí en España ¿qué crees que podría pasar// si se dieran/ estos cambios así? 1. (m:) no sé// aquí creo que:// se notará siempre menos/// más que por el- el- // pienso// no tengo ni idea// no tengo absolutamente ni idea// más que por el: cambio climático/// (e:) quizá porque los incendios// eso puede afectar de forma más directa/ yo creo que:// que el cambio climático aumenta ¿no?/ aquí (?) como en otras regiones (lapso = 2) pero bueno// no:- **no creo que:// se produzca** <s;d;dc;ai;e;cr;pr;co> ningún daño así// oye de vez en cuando:/// en Valencia lo tenemos ¿no? 2. (hm)/// ¿a qué crees tú que se debe todo es- todo esto estos tiem- estos cambios de tiempo?/// (risa = 2) no te rías (risa = todos) 1. es que/ me lo pones un po (M30S)

Em (7), através do modo subjuntivo, o informante assume sua posição avaliativa dando sua opinião com relação à uma situação já mencionada, com a retomada do dado: “a mulher está discriminada”. No trecho seguinte (8), um dos interlocutores retoma o tema da “execução da reforma” com o subjuntivo, indicando algo já mencionado no contexto

discursivo. No entanto, nessa conversação é introduzido um elemento novo com o indicativo: “*eso no he dicho yo*”. Em outras palavras, poderia se concluir que o falante, ao tratar do assunto da reforma, o faz com o subjuntivo, recuperando um dado que já havia sido apresentado, e o propõe novamente como novo, para atualizá-lo, através da expressão “*lo repito*”, com o indicativo. O caso apresentado indica a objeção de uma asseveração anterior e, o informante, ao utilizar a variante subjuntiva em “*No he dicho que se vaya a reformar*”, além de retomar um elemento já existente no contexto, também nega a informação precedente fazendo com que essa se torne irrelevante<sup>86</sup>.

Em (9), também se retoma o conteúdo da frase anterior, ou seja, “os incêndios” são recuperados pelo falante, ao informar que “*no cree que se produzca daño así*”. Essas retomadas são de cunho metaenunciativo e o modo subjuntivo, que comumente aparece quando as informações são recuperadas nas construções negativas, é utilizado para retificar parte de uma informação ou toda, como no caso em (8), em que o ouvinte recupera o dado para corrigi-lo.

A negação aparece como um fator relevante a ser considerado nas análises das substantivas. Em suma, o elemento negativo aparece com o objetivo principal de corrigir um determinado dado. Nesse sentido, a negação tem um caráter de pressuposição da informação, considerando que ela é usada quando há algum tipo de informação que está no ar, sobre a qual o falante aborda e remete a seu interlocutor. Dessa forma, pode ser considerada compartilhada a partir do conhecimento da mesma entre falante e ouvinte. Em consonância com Matte Bon (2001), postula-se que o papel da negação tem um forte caráter de pressuposição da informação, pois, quando um dado não está no ar, a negação não aparece. Dessa forma, quando se utiliza o elemento negativo, geralmente, se quer corrigir um dado ou uma pressuposição do interlocutor, ou ainda, em alguns casos, responder ao que se considera que o ouvinte poderia esperar<sup>87</sup>.

Com base nessa constatação e nos resultados contabilizados para esse grupo de fatores, pode-se fazer algumas críticas à posição tomada por Terrell e Hooper (1974), além de outros estudiosos apresentados nesta tese. Para as autoras, a oração precedida por negação deve

---

<sup>86</sup> Ao distinguir entre os contextos mais assertivos e menos assertivos, se distinguem fatos e condições em termos de maior ou menor relevância. Dessa forma, o uso de subjuntivo coloca os fatos que descrevem na parte inferior da escala de relevância, sendo possível, assim, perceber o peso e o valor informativo que o falante quer dar a cada asseveração no processo comunicativo.

<sup>87</sup> De acordo com a constatação de Bolinger (1974, p. 463), não se pode determinar um modo uniforme devido ao efeito do uso de *no* em uma determinada oração, pois, deve-se ter em conta a combinação de vários fatores linguísticos.

levar ao subjuntivo por ser uma consequência natural do significado da oração como um todo, já que a negativa exige esse modo por ser compatível com a dúvida. Quando se constata que a inclusão de um elemento negativo converte na exigência do subjuntivo, cabe se perguntar por que razão a crença positiva teria que ser menos modal que a crença negativa. Nessa perspectiva, retomando um fragmento da ocorrência (3) “*Lo desestima y no creo que algún día regrese*”, se houvesse o transporte da negação dentro da estrutura se poderia chegar numa expressão sinônima: “*Lo desestima y creo que no regresará*”, em indicativo, expressando igualmente, eventual possibilidade de o fato ocorrer.

Outra constatação com relação às ocorrências se refere ao fato de que as análises têm menos referência ao extralinguístico, ou seja, os referentes que se buscam mediante os tradicionais critérios de diferenciação dos modos enquadrados em realidade/não-realidade, são menos visíveis nessas avaliações de uso dos modos subjuntivo e indicativo, já que as interpretações que são realizadas estão no nível do estado de coisas que se dizem, nas dinâmicas contextuais e nas pistas linguísticas resgastadas no contexto, a partir do *status* informacional.

Encerrando a discussão das ocorrências que ilustram os índices de uso do subjuntivo correlacionado à informação dada, nos próximos casos aparecem os usos de indicativo, que evidenciam os elementos de novidade. Trata-se da etapa da informatividade que está diretamente relacionada à relevância da informação. Pressupõe-se que, com esse modo é possível negociar as informações que são apresentadas pela primeira vez, colocá-las no centro das atenções dos interlocutores<sup>88</sup>. Seguem mais algumas ocorrências.

10. El volante se distanció de Universidad Católica y hoy definiría su llegada a la tienda azul. Cuando hoy llegue desde Europa tras jugar con la selección ante el combinado de Aragón, Francisco Arrué deberá tomar una decisión clave: seguir en Universidad Católica o aceptar el ofrecimiento de Universidad de Chile. Una pista clave la dio su representante, Adrián Castellanos. "Desde mi punto de vista, **no creo que Pancho vuelve** <i;n;dc;ai;e;cr;pr;ce> a la Católica. Hablé con Felipe Achondo (presidente ejecutivo del fútbol cruzado) y todo quedó más lejos, pero eso lo tiene que terminar de decidir él. ¿Qué pasó? No es que esté desilusionado, pero sí esperábamos otra cosa de parte de la Católica", relató.(CHEM31-12-06)
11. Por otro lado, la Asociación Salvadoreña de la Industria Petrolera (ASAPETROL) destacó que "sí es posible que haya habido traslados" de consumidores de una gasolina a otra. "Se ha aumentado a lo largo del año el traslado de la especial a la regular", dijo Salvador Rivas, director ejecutivo de ASA-PETROL. Julio Villagrán, gerente de la Asociación Salvadoreña de Distribuidores de Productos de Petróleo (ASDPP), recalcó que "la diferencia de gasolinas **no creo que es** <i;n;dc;ai;e;cr;pr;ce> significativa". Economía, por su parte, destaca que no solo

---

<sup>88</sup> De acordo com Matte Bon (2001), o indicativo serve para apresentar informação nova e refere-se ao nível em que se negociam as informações.

el impacto en el bolsillo ayudó a disminuir el consumo de fósiles, sino que también las campañas de ahorro que se incrementaron a lo largo del año. (SVPG31-01-06)

12. El pasado mes de abril escribía que en un viaje a Viana do Castelo, en el acceso al monte de Santa Lucía, observé el lamentable abandono en el que se encontraba el funicular que, en su día, cuando funcionara, facilitaría el poder salvar sin esfuerzo el gran desnivel que separa la ciudad del templo de la santa. Puedo asegurar y aseguro que, a fecha de hoy, las obras de recuperación de tal ingenio se encuentran en avanzado estado de ejecución, lo que embellecerá aquel hermoso conjunto. Prometo que **no pienso que se inició** su arreglo como consecuencia del comentario de la pasada primavera. (ESLV11-08-05)
13. La historia anterior es real. También la siguiente es verídica: un cliente sale del banco. Lleva en sus manos 10 mil, 20 y hasta 30 mil pesos que retiró del cajero principal. No se da cuenta que atrás de él sale un joven, bien vestido. Cuando el cliente está a punto de abordar un vehículo o camina por la calle, despreocupado, el tipo que lo sigue, repentinamente se le pone al lado y le pregunta con una sonrisa a flor de labio: "¿me puede brindar la hora por favor. El cliente **no se da cuenta que tiene** un delincuente en potencia frente a él; se ve el pulso y cuando tranquilamente va a responder, siente cómo es despojado del dinero que traía en el bolsillo del pantalón, en la bolsa de mano o bien en un maletín. (ESEM25-06-06)

Nos trechos (10-13) são apresentados dados novos. As informações: “a volta de Pancho à Católica”, “a diferença dos tipos de gasolina” e “o concerto dos trilhos”, respectivamente em (10-12) são opiniões apresentadas pela primeira vez no contexto. Além disso, acredita-se que essas informações podem ser refutadas pelos ouvintes, pois estão no centro de negociação entre os interlocutores, ou seja, informações propostas, negociáveis e não fechadas<sup>89</sup>. Em (13), são encontrados dois usos do verbo “*darse cuenta*”. Em ambos os enunciados, os elementos são apresentados pela primeira vez, ou seja, são informações novas, não haviam sido ditas anteriormente ao uso do verbo. O falante explica algo que considera desconhecido por seu interlocutor, devido ao fato de ainda não o ter percebido: “a saída do jovem atrás do cliente” e “a presença de um delinquente em sua frente”, respectivamente.

Esses dados vão de encontro com alguns estudos como o de Rivero (1971), para quem existe um conjunto de verbos que inclui *creer*, cuja oração principal exige o subjuntivo, e Escandell Vidal (1999, p. 3935), pois, segundo a autora, o verbo *creer* rege indicativo na subordinada, mas se aparece negado, induz a aparição do subjuntivo, como nos exemplos: *Creo que viene / vendrá - \* no creo que viene /vendrá*. Em consonância com essas autoras, cita-se ainda a caracterização feita por Sanz (1996, p. 33), ao afirmar que, com verbos que expressam sentido, entendimento e os chamados verbos de língua, o verbo da cláusula

---

<sup>89</sup> Considerando a proposta de análise do modo subjuntivo feita por Matte Bon (2001), as proposições que são codificadas pelas variantes subjuntivas apresentam uma “inofrmación cerrada”, ou seja, não dá abertura ao interlocutor para validação das mesmas.

subordinada irá em indicativo na forma afirmativa, e com o subjuntivo, quando ocorre a negação<sup>90</sup>.

Com base na interpretação desses resultados, cabe ressaltar que se considera nessa proposta a informação dada como um contexto favorecedor de uso do modo subjuntivo na língua espanhola, porém não determinante, pois ainda que a frequência seja um aspecto relevante nessa análise, ela não serve para medir a natureza do fenômeno avaliado. Conforme afirma Trujillo (1995, p. 9) “*nada dejará de ser lo que es por acontecer solo en raras ocasiones, ni nada será más de lo que es por poseer una frecuencia mayor*”. Isso quer dizer que, apesar de o subjuntivo aparecer na maioria dos contextos em que a informação é compartilhada ou pressuposta, não dá autoridade para dizer que é uma regra geral. Veja as ocorrências seguintes que ilustram tal comprovação.

14. ¿tú crees que- que las navidades tienen/ el sentido religioso que tenían tradicionalmente 1. no 2. ¿o crees que ha cambiado totalmente?/ 1. **no creo que tienen** <i;d;dc;ai;e;cr;pr;co> ningún sentido religioso casi ninguno// creo que las navidades-// (m:) el otro día había un programa en televisión que decían «navidades sí navidades no»// yo:-/ yo no soy de navidades no// porque: creo que: en la vida pues hay que aprovechar.(M52S)
15. 1. no// sí sí y los ha plantado 2. y dijo/ "hay que colocarlos" 1. (risa = 1) por eso 2. así que: .../ pero bueno// y:-// y no sé// entonces usted dice que estudió bachillerato/ 1. sí yo estudié bachillerato y: principios de magisterio luego me casé/ 2. y luego ya nada 1. y ya- ya no/ hice más 2. ¿y no le hubiera gustado termina:r sus estudios? 1. pues no 2. ¿no?// 1. no 2. y si hubiera usted podido elegir: los estudios que hubiera querido ¿qué hubiera elegido usted?// 1. yo cocinera 2. ¿cocinera? 1. (hm)// fíjate qué cosa 2. sí/ no pero es bonito la cocina 1. sí pero en aquella época (m:) no era tan bonito 2. ha- hablando- hablando de cocina ¿qué es lo típico de Alcalá? típico típico// de:- de comer vamos// 1. **no creo que hay** <i;d;dc;ai;e;cr;pr;co> nada muy típico muy típico 2. ¿no hay nada? 1. las migas 2. ¿las migas? (M65M)
16. -¿Qué jugador le preocupa de la Argentina? -Todos. Yo intento frenar a un equipo, no a un par de jugadores. -Pekerman otra vez pondrá una formación para la altura y otro para jugar en Buenos Aires. ¿Qué opina? -**No pienso que la Argentina tiene** <i;d;dc;ai;e;ps;pr;ce> un segundo equipo. Sería minimizar su poderío. La Argentina y Brasil pueden formar dos equipos muy competitivos como no lo puede hacer el resto. -¿Tiene una envidia sana hacia Pekerman? (ARLN01-06-05)

Considera-se aqui que a posição avaliativa do falante sobrepõe os traços da informação, seja ela dada ou não. Pressupõe-se que, nesses casos, o enunciador tem como

---

<sup>90</sup> Sanz faz uma ressalva, pontuando que apesar de as fórmulas: verbo 1 afirmativo = indicativo e negação do verbo 1 = subjuntivo sempre se cumprirem, com alguns verbos de entendimento, como *creer*, *opinar*, *notar*, *olvidar*, *ver* e *saber*, quando negados, pode aparecer o indicativo na cláusula complementaria, porque tais verbos estão em processo de *desemantización*, ou seja, de mudança de significado ou de extensão de significado que tem na atualidade (cf. SANZ, 1996 p. 34).

objetivo principal propor sua informação como relevante e, principalmente, colocá-la novamente como objeto de discussão, pois ao avaliar os contextos discursivos de (14) a (16), é possível verificar que os informantes não parecem dar os assuntos de que tratam por encerrado, podendo-se citar diferentes motivos: em (14), o falante contesta seu interlocutor, retomando o que foi dito. Num primeiro momento, contesta a pergunta feita com “no” e, posteriormente, volta a retomar elementos da primeira pergunta em sua segunda resposta “*no creo que tienen ningún sentido religioso*”. Nessa construção, pressupõe-se que o uso do subjuntivo, teria como função, apenas, a retomar um dado para dar sua opinião e dar o assunto por terminado. Por outro lado, com o indicativo, recupera um elemento para torná-lo novamente objeto de discussão, possibilitando ao seu interlocutor a continuidade desse assunto, se assim o desejar. Essa interpretação é feita, principalmente, porque há uma interrupção no discurso desse informante, o que leva a supor que não está dando o assunto por terminado, já que sua explicação “*creo que las navidades*” é interrompido para dar início a outra versão ao tema “*el otro día había un programa en televisión*”.

No trecho (15), ao contestar que não há nada muito típico em Alcalá, o falante retoma o que foi perguntado por seu interlocutor. O uso do indicativo recupera o que está sendo discutido e pode novamente pôr o assunto no centro das atenções, como objeto de novas negociações, como elemento que pode ser aceito ou refutado. Essa reação é avaliada dessa maneira, já que o interlocutor volta a perguntar sobre o mesmo assunto “*¿no hay nada?*”.

Em (16), o falante utiliza o indicativo para dizer que “não acredita na existência de uma segunda equipe”. A informação a respeito da possibilidade de se utilizarem duas equipes: “uma formação para a altura e outra para Buenos Aires” já havia sido mencionada anteriormente. No entanto, o falante usa o indicativo para considerar sua opinião sobre essas formações, que poderia ter como objetivo, chamar a atenção sobre o fato e destacá-lo como algo relevante, pois parece considerar que a constatação, feita por seu interlocutor, “minimiza o poder da equipe”.

Na ocorrência seguinte, a informação também é retomada com o uso do indicativo. No entanto, nota-se que o falante corrige a informação que havia sido mencionada e, novamente, a propõe com traço informativo. Atente-se ao excerto (17):

17. No me saque de contexto las expresiones que yo dije. Hay algún sector minúsculo de la prensa -esto dije- que permanentemente ataca al gobierno, pero **yo no dije que la prensa ataca** <i;n;dc;ai;e;de;pr;ce> sistemáticamente al gobierno. Consultado si podía precisar esos sectores dijo: Al que le quepa el sayo que se lo ponga y se refirió a algunas revistas sin dar sus nombres. (HOLT28-05-05)

O falante recupera o assunto usando o modo indicativo, provavelmente, para pôr em evidência o fato de que “não ataca sistematicamente, mas permanentemente ao governo”. Nas orações em que o verbo *decir* aparece, caso o falante queira retomar uma informação que não havia dito, geralmente usa o indicativo para pôr a relevância no dado que, de fato, lhe parece conveniente ou, então, para recuperar e recordar a seu interlocutor um dado que pode ter se perdido ou esquecido. Assim, o assunto é retomado com a intenção de convencer seu interlocutor como se quisesse dizer “*yo ya lo había dicho pero tengo que decirlo otra vez como dato nuevo*”. Por outro lado, caso apenas pretenda referir-se ao dado já conhecido entre ambos, poderia usar o subjuntivo para retomar o que já foi dito, algo que deixa de ser relevante numa determinada situação discursiva.

Acredita-se que entre as funções desempenhadas pelo indicativo, cita-se o destaque da novidade, a informatividade e a relevância dos dados. O uso desse modo nas expressões: “*no creer*” e “*no pensar*” pode ser utilizado como uma estratégia em que o falante pode apresentar com mais relevância uma idéia própria, contrariando a opinião de seu interlocutor. Dessa forma, quanto maior o interesse em dar uma opinião particular e colocá-la no centro das atenções, maior seria a probabilidade de uso do indicativo.

Dentro desse processo de organização e apresentação dos enunciados, não se pode afirmar que os usos da variante indicativa, citados nas construções (14) a (17), realmente cumprem com esses propósitos linguísticos, porém, considerando que aparecem em poucas ocorrências, em que os dados já haviam sido previamente mencionados, acredita-se que podem ser escolhas do falante para colocar o conteúdo em questão em foco, no centro das atenções do discurso entre os interlocutores, proporcionando determinados tipos de contextos em que os saberes e os juízos, compartilhados no momento da interação entre os falantes, ou entre o discurso escrito e o público com quem se inter-relaciona, são ativados e interferem nas escolhas linguísticas significativas, para representar os estados de coisas.

Observa-se que o uso do modo indicativo, nas ocorrências em que a informação já havia sido mencionada previamente no contexto linguístico, é restrito. Poder-se-ia, portanto, considerar esse uso, segundo a caracterização de Givón, como uma forma marcada na língua espanhola, diante da não-marcada, representada pelos usos do subjuntivo em contextos de retomada de informação, já que os resultados apontam uma associação sistemática entre conteúdo acessível aos interlocutores e uso do modo subjuntivo.

Antes de encerrar a apresentação dos resultados dessa variável, vale ressaltar que todas as operações linguísticas, evidenciadas nos resultados dessa primeira variável, podem

demonstrar como os falantes utilizam recursos da língua para falar da própria língua, através da retomada de dados, da inclusão de informações novas, implicando na maneira como formulam e expressam seus discursos. Essa dimensão metalinguística verificada nos enunciados permite captar os diferentes matizes que o modo subjuntivo pode apresentar, cuja principal função é a de retomada de informações, metaforicamente representado nesta tese como “as voltas que o modo dá”, para continuar falando da mesma coisa, para ressaltar ao interlocutor que se trata de uma pressuposição, de conhecimento compartilhado. Além disso, os resultados demonstram que o subjuntivo também é capaz de exercer outras funções, tais como, indicar que se trata de uma informação dada por encerrada e, também, codificar factualidade, traço ignorado pela tradição gramatical (toma-se como exemplo a ocorrência em (6) -“*No pensé que fuera a regresar tan pronto*”)<sup>91</sup>.

Essas constatações a respeito do modo estão atreladas às construções mentais do enunciador e no momento em que escolhe por um determinado modo passa a codificar seus enunciados, de acordo com suas atitudes, com a informação de que dispõe e do que considera como adquirido por seu ouvinte. Com relação a estes elementos prévios possuídos pelo sujeito de que se fala ou com quem se fala, Matte Bon (2001) estabelece uma comparação com “blocos”. De acordo com o autor

*“en las construcciones Lego, o cuando compramos objetos para armar, unos muebles, por ejemplo, a veces llegan ya montadas algunas partes más complicadas que se deben insertar en la construcción, aunque hubiéramos podido armarlas nosotros mismos. En estos casos, lo que hacemos es recuperarlas para encajarlas en una estructura más amplia”* (MATTE BON, 2001, p. 178)

Dessa forma, se pode pensar que algumas pressuposições feitas pelos enunciadores recobrem essa mesma função dos blocos. Nessa perspectiva, a variante subjuntiva indicaria que o bloco já foi concebido anteriormente e, metaforicamente comparado às voltas, significa que aparece novamente para codificar um enunciado que é prévio.

### **4.3 Influência do tipo de oração**

Nesta etapa, analisa-se a variável tipo de oração, dividida em declarativa e interrogativa negativa. De acordo com Givón (1989), as interrogativas, em geral, elucidam a obtenção de informação. Para o autor (1989, p. 151-156), há um conjunto de construções

---

<sup>91</sup> Cabe mencionar que a influência da modalidade será abordada na seção 4.4 deste capítulo.

sintáticas que codificam, consistentemente, os atos de fala prototípicos, nas línguas humanas, e cada um deles cumpre um determinado objetivo: i) declarativo (apresenta uma informação); ii) interrogativo (ilustra uma ação verbal para obter informação) e iii) imperativo (ilustra uma ação).

A correlação entre modo verbal e tipo de modalidade sintática pode ser verificada na tabela 3 que se segue. Como há caselas em que o valor é menor que cinco, neste grupo não será realizado o teste do qui-quadrado.

Tabela 3 –Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de oração (substantivas)

Tipo de oração	Corpus Escrito			Corpus Oral		
	Modo Verbal					
	Indicativo	Subjuntivo	Total	Indicativo	Subjuntivo	Total
Declarativa (dc)	147	220	367	94	101	195
	40,1%	59,9%	100,0%	48,2%	51,8%	100,0%
Interrogativa (in)	43		43	36	1	37
	100,0%		100,0%	97,3%	2,7%	100,0%
Total	190	220	410	130	102	232
	46,3%	53,7%	100,0%	56,0%	44,0%	100,0%

Na tabela 3, os percentuais também são calculados horizontalmente, focalizando a influência dos fatores. À declarativa se associam, na escrita, 147 dados de indicativo e 220 dados de subjuntivo, com percentual respectivo de 40,1% e 59,9%, - uma distribuição de frequência praticamente equilibrada entre os modos. Da mesma forma ocorre com o *corpus* oral, com 48,2% de indicativo e 51,8% de subjuntivo, distribuição ainda mais equilibrada.

Os valores apontam (43) casos totais de interrogativas codificadas pela variante indicativa, representando 100% desse modo, no caso do *corpus* escrito, e (36) casos, num total de (37) interrogativas, codificados com o indicativo, na amostra oral, indicando que as orações interrogativas das substantivas constituem contexto que retém o uso desse modo nas duas amostras.

Considerando que, a hipótese que subjaz ao controle do tipo de oração é a de que o uso da interrogativa é seguido pelo modo indicativo, na medida em que o falante pode enquadrar sua informação como objeto de negociação, promovendo uma possível discussão sobre o assunto, para que seu interlocutor aceite ou recuse o mesmo, nota-se que os percentuais totais expõem o uso do modo indicativo quase que predominante nas orações em que o operador da interrogação aparece, a não ser por uma única oração codificada em subjuntivo na amostra oral.

Numa perspectiva givoniana de marcação, os dados em que o modo subjuntivo aparece correlacionado à modalidade interrogativa também são menos frequentes, (1) dado, no *corpus* oral, ressaltando que o modo subjuntivo é a categoria marcada nos contextos interrogativos, em relação ao uso não-marcado do indicativo nas orações interrogativas.

Atente-se, agora, a única ocorrência em construção interrogativa.

18. Pues / pienso que... / pues sí porque / este... / pues se le ir preparando más al niño / se van / se van preparando más / las personas y / bueno aunque a lo mejor los sueldos van a ser / igual ¿verdá? / siempre / este / pero... / pues ¿cómo te diré? // la educación a / a la crisis de orita / o sea que si se va / ¿que si se relaciona? / pues no fijate se me hace que no / que no... E: Pero **¿no crees que si / se les prepara** <i;n;in;ai;o;cr;pr;co> a los niños desde n- / desde / desde chicos / a estudiar / a que / sigan adelante / ¿no crees qu'el país pueda <s;n;in;ai;o;cr;pr;co> cambiar? I: ¡Ah no! / sí / sí cambia / sí con más preparación / sí / sí / puede / ser que / que vaya / mejorando ¿vedá? / porque pueden irse / este... / ¿cómo se dice? / (HM140)

Em (18), o falante (entrevistador) utiliza os dois modos para fazer suas perguntas. Primeiro o indicativo “*no crees que se les prepara*” e depois o subjuntivo “*no crees que pueda*”. Para melhor analisar essa única ocorrência, decidiu-se ampliar o contexto para tentar buscar pistas relacionadas ao uso destes modos. Atente-se ao trecho (19):

19. Sí / sí es cierto / y... / ¿cómo ves tú esta situación / crees que se mejorará / o no? I: Pues / depende mucho del gobierno / pero / se me hace que / no se mejora / o sea no / no sé... / pienso que / pues está muy difícil ¿verdá? para / para que vaya mejorando pero / depende mucho también de / de las personas ¿verdá? / del gobierno / de todos / d'ellos E: Tú / qu'estás en el / campo de la educación ¿**crees que / la educación sirva** para salir adelante? I: Pues sí E: **¿Crees que sea** un / factor importante?

O contexto anterior à interrogativa subjuntiva: *¿no crees qu'el país pueda cambiar?*, ilustrado em (19), indica que o entrevistador também utiliza os dois modos nas interrogativas afirmativas: “*crees que se mejorará*” (indicativo), e em seguida, o subjuntivo: “*crees que / la educación sirva*” e “*Crees que sea*”, respectivamente. Acredita-se, portanto, que essa variação modal, utilizada pelo falante nas duas construções, tanto afirmativa como negativa, possa explicar a aparição da única variante subjuntiva no contexto de modalidade interrogativa.

De outra forma, esse uso de subjuntivo aparece explicado em Rivero (1979). Para a autora existem conseqüências puramente semânticas na distinção entre os dois tipos de complementos: a) *¿No crees que María sea bonita?* b) *¿No crees que María es bonita?*, ou seja, estas duas orações não são sinônimas, e sua diferença semântica, que se deve à natureza

de suas pressuposições, influencia como se utilizam e o tipo de resposta que pode relacionar-se com cada uma delas. O trecho (a) pode ser uma repetição do que a pessoa a quem se faz a pergunta tenha dito. Neste caso, o falante já conhece a opinião do ouvinte e quer simplesmente obter uma confirmação. A oração é equivalente a algo como *¿Es verdad que piensas que María no es bonita?*. Assim, o falante permanece neutro e não descobre sua atitude com respeito às qualidades de María. Nessa situação, uma resposta inesperada para tal pergunta seria - *Sí creo que es bonita*. Para a autora, a pergunta (a) é sinônima de *¿Crees que María no es bonita?*. Em contrapartida, na letra (b), o falante apresenta o conteúdo semântico do complemento como se correspondesse a uma situação verdadeira, se supõe que María é bonita e se pergunta ao ouvinte se não está de acordo com esse fato, como em *¿María es bonita, no te parece?*. Uma resposta adequada a este significado e situação seria *Sí, estoy de acuerdo contigo*, que é incongruente para a pergunta (a) (cf. RIVERO, 1979, p. 54).

A caracterização do indicativo nas interrogativas utilizada como hipótese nesta tese se assemelha ao que considera Rivero sobre o uso desse modo. Conjectura-se que os conteúdos apresentados nas interrogativas com o modo indicativo não são considerados apenas como dados novos, mas como informações já prontas, pré-elaboradas e abertas para que possam ser validadas, aceitas, recusadas ou até mesmo completadas, a partir de uma atitude responsiva do ouvinte, pois ao utilizar a interrogação, o enunciador busca provocar uma resposta, através de um processo de comportamento com dupla entrada. Atente-se aos exemplos do *corpus* escrito que se seguem:

20. Yo, antes de dormir -la pieza no estaba a oscuras-, abría los ojos, me miraba en los espejos, me daba cuenta de que nada se movía, y entonces, al final, me quedaba dormido. Tuve muchas pesadillas con espejos, pero hubiera podido corregir todo eso pidiéndole a mi familia que apagara la luz del hall que estaba al lado. ... - Usted ha dicho muchas veces que quería el olvido. **¿No cree que hay** <i;n;in;ai;o;cr;pr;ce> una contradicción entre este deseo y el ejercicio de la literatura? ¿No implica la literatura la voluntad de quedar, y con la imagen más fiel que pueda ser posible? -Sí, pero yo querría que se olvidara mi biografía, y mi nombre, (ARLA09-01-06)
21. Lo que me entusiasma de verdad es que la Concertación no gane por cuarta vez. - Por qué si a ratos se ve desencantada, ¿cree que vale la pena tanto esfuerzo? - De verdad me lo pregunto todos los días y cada vez que me junto con amigos no dejo de cuestionarme lo que estoy haciendo, porque emocionalmente se pierde mucho, pero al mismo tiempo me siento responsable de mi país. Además, he podido hacer cosas concretas por los demás. - **¿Y no piensa que los hombres tienden** <i;n;in;ai;o;ps;pr;ce> a desconfiar de mujeres que pueden partir en cualquier momento? - Las mujeres estamos menos apegadas al poder; para mí es absolutamente (CHEM17-05-05)
22. Le dijo Adán al Padre: -Sume la panza, Señor. Ahí viene Miguel Ángel. La esposa de Noé, asomándose por la ventana: -Ya deja de perder el tiempo en ese armatoste.

¿No ves que está empezando a llover? <i;n;in;ar;o;ve;pr;ce> Isaac a Sara, su mamá: -Dirás lo que quieras de mis aficiones, madre, pero si no hubiera yo estudiado ventriloquía seguramente el fanático de mi papá me habría degollado. ¡Hasta mañana!.. (MXEI17-07-06)

De (20) a (22), o indicativo que codifica as perguntas coloca os temas no centro das atenções, como elementos discursivos que podem ser negociadas entre os interlocutores: “a contradição entre o desejo e a literatura”, “a desconfiança dos homens” e “o começo da chuva”, respectivamente. Acredita-se que estas interrogativas negativas expressam o que o falante parece acreditar a respeito do conteúdo que está proferindo. É uma espécie de estratégia discursiva, funciona como um tipo de afirmativa atenuada que pede a confirmação do interlocutor. Dessa forma, o falante propõe ao seu interlocutor uma informação já pronta, porém aberta, pois o evento que se encontra na estrutura interrogativa é o foco da possível discussão.

Mais uma vez esses resultados vão de encontro às análises sobre as interrogativas feitas por Escandell Vidal (1999, p. 3958) e Martinell Gifre (1985, p. 30). Para a primeira autora são gramaticais ambas as sentenças: *¿No crees que puede /podrá?* - *¿No crees que pueda?*<sup>92</sup>. No entanto, nota-se que tanto no código oral como no escrito há a retenção do modo indicativo nas orações subordinadas substantivas. De acordo com a segunda autora, o subjuntivo aparece nas interrogativas devido ao grau de desconhecimento do falante com respeito ao conteúdo proferido, porém, se a formulação interrogativa dos verbos que expressam tal desconhecimento está na segunda pessoa do singular, o verbo subordinado deve vir em indicativo, como em *¿No crees que hace frío?*. Estas postulações não são vistas nos resultados dessa tese, pois o modo indicativo codifica a maioria das interrogativas, com exceção de um caso encontrado em subjuntivo, com todas as pessoas gramaticais, conforme as ocorrências que serão apresentadas a seguir, que evidenciam tanto a segunda como as demais pessoas do discurso. Considere os exemplos extraídos do *corpus* oral que se seguem:

---

<sup>92</sup> A explicação para essa irregularidade, segundo Escandell Vidal, deve buscar-se na distinção entre “negação interna” e “negação externa”. A negação interna é a responsável pela seleção do modo e o verbo da subordinada leva subjuntivo. Por outro lado, quando a negação é externa, a subordinada leva indicativo, já que a negação não pode influenciar na seleção do indicativo por parte do verbo principal. Nesse sentido, as estruturas negativas sobre as quais opera a negação são diferentes, dependentes de qual seja o âmbito relativo da negação. No caso da negação interna, a interrogação (?) exerce seu domínio apenas sobre o predicado, dando lugar a uma predicação negativa simples e o foco está nesta predicação. Ex. *¿[predicación negativa]*. Quando é externa, a proposição apresenta uma estrutura mais complexa, formada pela negação de um lado, e por uma predicação afirmativa pressuposta, de outro. Assim, a predicação afirmativa é a pressuposição e a negação constitui o foco. Ex. *negación [predicación afirmativa]*. Neste caso, o domínio do operador interrogativo se limita ao foco e deixa a predicação afirmativa fora de seu âmbito.

23. le produjera incomodidad, bochorno, y en seguida, en forma súbita, con movimientos de autómeta, se puso de pie, se sentó a su lado, la tomó de las muñecas con puños férreos y la miró a lo ojos, intensamente, con un brillo de pasión iracunda, casi homicida. Cristina, angustiada, le imploró ayuda con los ojos al dueño de casa, y ,éste, con un gesto de cansancio, como si la actitud del personaje no fuera ninguna novedad, dijo: "Ya, Elías! -Déjate de joder! **¿No ves que molestas** <i;n;in;ar;o;ve;pr;co> ?" Los ojos cóndidos y algo vidriosos de Elías se volvieron, con una especie de parsimoniosa lentitud, hacia el dueño de casa. (ccon034a.asc)
24. un señor que quiere hacer un hotel, que lo lleva... para o mucho tiempo. Le digo "Dos mil millones para mí". ¿Cómo para usted?" "No, bueno, entiéndeme, hombre; yo soy el alcalde" El Ayuntamiento. Éste... algunos ya llegan a creer que es para mí, pero es igual, que crean lo que quieran. Entonces, dice... y me hace números y me dice: "Es que me vende usted el suplemento del suelo -a medio millón de pesetas de repercusión!" Digo: "Pues si quieres hacer una cosa buena, **¿no dices que quieres** <i;n;in;ai;o;de;pr;co> ayudar al pueblo de verdad?, lo primero que tienes que ver es... que yo este dinero, invertido... porque adem s, -te lo firmo en un documento, en un convenio, que no hacemos nada a escondidas" (acon026a.asc)
25. Bueno, les recuerdo que hay un teléfono que ustedes pueden utilizar a partir de ahora mismo para... preguntar a cualquiera de los invitados que han visto hasta ahora, o a los que ver n a partir de este momento. Es el noventa y tres, prefijo de Barcelona y luego el cuatro, siete tres, siete tres, siete tres. Y ahora si me siguen, les presento a cuatro invitados más. Huy, todos fuman, buenas noches. No todos no. No. Sí. Todos no. Dos de todos, capicúa. **¿Pero no saben que queda** <i;n;in;ai;o;sa;pr;co> fatal fumar en público? Que la imagen no... Yo es que la imagen la machaco todo lo que puedo. (cent012b.asc)

As ocorrências (23) a (25) não retomam algo que está no ar, mas colocam ênfase em temas novos, com os quais se objetiva a reação do interlocutor, que pode, através da resposta, expressar surpresa, concordar ou discordar sobre o conteúdo proposicional. Em (23), o falante enfatiza através da pergunta algo de que seu interlocutor não se dá conta, ou seja, “não vê que está incomodando”<sup>93</sup>. No fragmento (24), com uso da partícula *no* e do indicativo, o falante também quer que seu ouvinte, de alguma forma, se posicione a favor ou contra do que foi proferido. A negação, nestes casos, não desencadeia o uso do subjuntivo, devido ao caráter sintático, mas aponta um papel do elemento negativo como forma de se posicionar afirmativamente a respeito dos eventos mencionados. Essas interrogativas, que se assemelham a asserções, têm por objetivo colocar no centro das atenções um dado novo, ou então algo que já tenha sido dito, mas que se quer resgatar para ser discutido novamente, como no caso do fragmento (24), citado anteriormente. Assim como na ocorrência (25), em que o falante quer que seu interlocutor se posicione a respeito da possível falta de conhecimento de que “é fatal fumar em público”.

<sup>93</sup> Cumpre mencionar que com o verbo *ver* há um número elevado de interrogativas no *corpus* oral. Metade delas (onze) são perguntas e servem como meio de chamar a atenção para algum assunto que se quer discutir.

Em oposição às interrogativas, as orações declarativas precedidas por negação, em geral, retêm o subjuntivo. Vale destacar que grande parte das construções analisadas se refere a verbos que, quando negados, servem para retomar algo pressuposto ou já evidenciado anteriormente no contexto. Segundo Givón (1984), o uso da negação nas orações subordinadas substantivas tende a pressupor um conhecimento prévio do leitor a respeito dos fatos mencionados pelo informante. Quando a cláusula principal é negada, como nos exemplos seguintes (26) e (27), o falante nega qualquer informação feita por seu interlocutor no que se refere ao fato do complemento.

26. Tanto la parte policial, como la parte judicial. Se les han dando pruebas, indicios. La señora jueza ni siquiera fue a conocer la casa, no hizo la reconstrucción (del crimen), que era una cosa que estaba en la tapa del libro.(...) "¿Por qué no se investigó todo lo del triple crimen? Qué había pasado en la casa, el tema de las llaves. ¿Por qué no se investigó el tema de lo que pasó en Los Arrayanes (donde el matrimonio Gutiérrez tenía otra casa)? Por qué no se investigó el tema de las armas, el tema de las balas que se llamó gente a declarar. Esa gente **no creo que haya ido** al juzgado a mentir. Esas declaraciones no se tuvieron en cuenta en ningún momento. Nadie habla de las balas, ni de las armas. ¿Por qué? Porque no era que las armas las hubiera comprado Gadea en el mercado negro. Después se vio que no era así. (URLR20-12-06)
27. os asambleístas de Gualeguaychú ofrendaron al gobierno la última derrota de una cadena de fracasos en su largo enredo con Uruguay. Impotencia oficial frente a grupos que también lo corren por izquierda al presidente progresista. (...)El hospital Francés es una empresa privada quebrada, con deudas que ascienden a más de 200 millones de pesos. Su comisión interna -como antes fue la del hospital Garraham- está poseída por ideas de otrora y **no cree que Kirchner sea** un progresista. Sus dirigentes llegaron a quemar ruedas de automóviles al lado de los quirófanos. Las paredes del hospital, sucias y pintarrajeadas, alejan cualquier noción de la asepsia médica. (ARLA15- 10-06)

No enunciado (26), a informante se refere a um dado disponível no contexto discursivo, “a ida das pessoas ao juizado”, compartilhado entre os interlocutores. Em (27), o complemento de *creer* também é subjuntivo, pois se retoma um elemento já dito previamente de que “Kirchner é progressista”.

De acordo com Bell (1980), o uso do modo indicativo ou subjuntivo, nesse tipo de orações (26-27), responde a fatores semânticos, entre os quais cita-se com maior peso o traço da negação, mas como processo interno aos traços semânticos da oração principal (cf. BELL, 1980, p. 380). Segundo Bosque (1990 p. 36), os morfemas de modo que contêm as subordinadas substantivas não estão sempre selecionados pelos predicados dos quais estes são argumentos, mas por certos operadores como a negação e a interrogação.

Essas constatações são vistas nos resultados desta tese, porém, acredita-se que o uso do modo subjuntivo não pode ser visto apenas como uma consequência sintática, automática, quando se nega o verbo da oração principal, considerando que há variação de uso dos modos nas substantivas negadas.

#### 4.4 Influência da modalidade

Essa variável está dividida em asserção *realis* e *irrealis*. Para Givón (1995), o modo subjuntivo é um sub-modo *irrealis* e pode ser identificado através das duas dimensões escalares de *irrealis*: a epistêmica (certeza mais baixa) e a deôntica (manipulação mais fraca). Segundo o autor, o subjuntivo aparece sob o escopo dessas sub-dimensões, especialmente, a dimensão epistêmica, tendo em vista que as subordinadas substantivas contemplam em sua maioria verbos não-factivos.

A tabela 4 representa, primeiramente, a leitura dos dados feita pelo programa SPSS, relacionando os modos verbais indicativo/ subjuntivo e as modalidades.

Tabela 4 –Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de modalidade (substantivas)

Modalidade	Corpus Escrito			Corpus Oral		
	Modo Verbal					
	Indicativo	Subjuntivo	Total	Indicativo	Subjuntivo	Total
Asserção <i>Irrealis</i> / Não-referencial (ai)	139	205	344	101	100	201
	40,4%	59,6%	100,0%	50,2%	49,8%	100,0%
Asserção <i>Irrealis</i> / Referencial (al)	11	7	18	3	1	4
	61,1%	38,9%	100,0%	75,0%	25,0%	100,0%
Asserção <i>Realis</i> (ar)	40	8	48	26	1	27
	83,3%	16,7%	100,0%	96,3%	3,7%	100,0%
Total	190	220	410	130	102	232
	46,3%	53,7%	100,0%	56,0%	44,0%	100,0%

A correlação prevista para esse grupo de fatores, entre o uso do subjuntivo e a modalidade *irrealis* (não-fato) pode ser verificada nas amostras. Porém, a distribuição dos dados de ambos os códigos, levando em conta o traço tipo de modalidade, indica que tanto o modo indicativo como o subjuntivo pode ser utilizado sob o escopo das modalidades *realis* e *irrealis*, com algumas ressalvas.

Antes de comentar os valores encontrados, vale ressaltar que as evidências da modalidade *irrealis* são averiguadas através do teste de referencialidade de Givón. Uma das propriedades do *irrealis* é a de que essa modalidade é capaz de interpretar o objeto como referencial ou não referencial, ou seja, sob o escopo de não-fato (asserção *irrealis* e asserção negada) os complementos podem ser interpretados como não-referenciais e também referenciais. Já sob o escopo de fato, podem ser interpretados apenas como referenciais.

Dessa forma, os dados são contabilizados a partir da seguinte predição: (ar) - modalidade *realis* + referencial, (ai) - modalidade *irrealis* + não-referencial, e (al) - modalidade *irrealis* + referencial.

Quanto ao emprego do subjuntivo sob o escopo da modalidade *irrealis* + traço não-referencial, no *corpus* escrito, o valor percentual é de 40,4% de indicativo e 59,6% de subjuntivo, valores próximos. O mesmo ocorre na amostra oral, 50,2% de variante indicativa empregada com relação a estes traços, e 49,8% de subjuntivo, valores ainda mais equiparados de uso dos modos verbais. Os outros valores contabilizados, que associam os fatores: asserção *irrealis* e referencial também apresentam resultados similares em ambas as amostras, ou seja, é mais elevado o uso do modo indicativo quando se acionam os parâmetros modalidade *irrealis* e referencialidade dos eventos envolvidos na situação discursiva. As frequências de *realis*/indicativo também são mais evidentes, com percentuais de 83,3% e 93,3%, respectivamente na escrita e na fala.

A partir destes valores constrói-se a tabela de contingência para então aplicar o teste de significância e testar se estes resultados não são aleatórios, precavendo-se de que as diferenças não ocorrem pelo acaso. Novamente não será apresentado o teste para a amostra oral, pois há caselas menores que cinco. Veja-se a tabela seguinte para o *corpus* escrito.

Tabela 5 – Contribuições do  $\chi^2$  (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®)  
Análise da variável modo verbal e tipo de modalidade (substantivas /*corpus* escrito)

Modo verbal	Valor	GL	Significância
Qui-quadrado $\chi^2$	32,866	2	p<0,001
Casos Válidos	410		

A tabela 5 traz os seguintes resultados  $\chi^2 = 32,866$  e  $g^2 = 1$  e  $p = 0,001$ . O valor na estatística  $\chi^2$  sinaliza que as diferenças entre as frequências observadas e frequências esperadas não são por acaso. Após verificar a tabela do qui-quadrado na linha dos graus de liberdade encontra-se o valor de 8,84. Como o valor de qui-quadrado obtido (32,866) é maior que o esperado ao acaso (8,84), admite-se que há significância nessa relação entre as duas variáveis analisadas, na amostra escrita.

Após a realização do teste estatístico, são apresentados a seguir, algumas ocorrências, retiradas das amostras, para avaliar a influência da modalidade na escolha modal. Cada sub-modalidade será apresentada isoladamente, para melhor visualização das análises.

#### 4.4.1 Modalidade *irrealis* e modos verbais

Conforme hipótese prevista para esse grupo de fatores, os traços modalidade *irrealis* e a natureza não-referencial constituem contexto preferencial de uso do modo subjuntivo. São apresentados, a seguir, exemplos da correlação modalidade *irrealis* e o traço ‘não-referencialidade’.

28. WASHINGTON, diciembre 1.- La mayoría de los estadounidenses pone en tela de juicio que el presidente George W. Bush tenga una verdadera estrategia para lograr la victoria en el Iraq ocupado, evidenció un sondeo divulgado este jueves. La consulta, realizada por la televisora CNN y el diario USA Today, arrojó que el 55 por ciento de los ciudadanos **no cree que el gobernante disponga** de un plan para una retirada triunfante del país árabe, citó PL. Solo el 41 por ciento de las personas encuestadas estima que el inquilino de la Casa Blanca sí tiene una visión político-militar bien definida hacia (CUJR02-12-06)
29. Opinión Una historia de mendigos En mi barrio madrileño tenemos un mendigo. **No digo que sea** uno de los habitantes del barrio, que todos mis vecinos son gente de posibles, y hasta los hay que tienen plan de pensiones. Tenemos un mendigo que nos visita con frecuencia, y de tal visita supongo que obtiene alimento hasta (ESLV29-12-05)

De acordo com o teste de referência de Givón (2001), não é possível identificar o comportamento referencial dos enunciados em (28) e (29). A asserção *irrealis* presente nesses trechos é agrupada, de acordo com o autor, na supermodalidade não-fato, pois não é possível afirmar que “haja um plano de retirada”, ou que “o mendigo seja um dos habitantes do bairro”, respectivamente.

A proposta de Givón (2001), de que o subjuntivo em espanhol é geralmente usado em complementos de verbos não-factivos, de certeza epistêmica mais baixa, se comprova nos dados desta pesquisa. No entanto, abre-se um parêntese para comparar esses resultados com alguns postulados de Givón. Segundo o autor, o verbo *creer* (certeza mais alta) ocorre somente com o modo indicativo, enquanto as construções *no creer*, *dudar* e *no saber* (certeza mais baixa) ocorrem com o subjuntivo (GIVÓN, 2001, p. 320). Esta afirmação não se verifica, já que os resultados para as construções *no creer* e *no saber* são seguidos tanto pelo subjuntivo como o indicativo. Atente-se a algumas ocorrências desse tipo:

30. me contaba que cuidaba niños y que... me expresaba cómo la... al principio cuando empezó a cuidar a un niño y empezó a tocarle, el niño se retraía asustado. <H3>Claro. <H2>Dice: "Y cuando ya le has... le achuchas", dice: " el niño se te encoge, se esponja". ¿Por qué? Porque sus padres jamás le achuchan. Sus padres jamás le aprietan, sus padres jamás le besan, jamás le... <H3>Eso es lo que te quería dar a <simultáneo> entender. Entonces Estados Unidos ahora están empezando a hacer campaña pero porque tienen unos problemas que te mueres. yo no creo... Es que **yo no creo que en España los padres se han ido**

<i;n;dc;ai;e;cr;pt;co> a los colegios ... Ay que no. Pero hay muchísimos... por favor. Por favor. (ccon031b.asc)

31. bueno, no hace falta que llueva, con cuatro gotas ya se ha complicado la circulación. Quizás eso a última hora de la tarde como mucho, ¿no? Sí. O por lo menos, yo ahora mismo observando todos los distritos... **no, no creo que llueve** <i;n;dc;ai;e;cr;pr;co>, por lo menos en la mañana de hoy. Y... y lejos de estar complicada además la circulación, el tráfico... ofrece un panorama muy tranquilo con un nivel m s o menos intermedio y desde luego sin... sin problemas, con una ausencia total de retenciones a diferencia de ayer. (cnot034a.asc)

Os trechos (30-31) ilustram casos em que a modalidade *irrealis* também pode ser codificada com o modo indicativo. As situações captadas e nominalizadas poderiam ser “a ida dos pais aos colégios” e “a chuva”. Ao aplicar o teste de referência na primeira delas, nota-se que não se trata de uma situação particularizada, portanto, passa a ser interpretada como não-fato. Conforme os exemplos apresentados, nem sempre um verbo não-factivo, de contexto *irrealis* é seguido pelo modo subjuntivo. Agora, considere a construção *no saber*:

32. y dijo "bueno ¿dónde vas?" dije "bueno voy a cazar pájaros"// esto te- estoy hablando con tres años ¿no?/ me cogió de las manos dijo "vente que te voy a llevar a casa" ¿no? cuando llegó aquí/ "oye el niño y tal" "¡huy! **no sabía que se había ido** <i;n;dc;ar;e;sa;pl;co> "/ y "sí sí sí pues se fue/ y- y se había ido al parque ODonnel" ¿no? al parque- el único parque realmente que había en aquel tiempo en Alcalá// dice "me lo he encontrado allí que decía que iba a cazar pájaros" ¿no?/ pues eso una 2. ¿no llegaste a cazar? 1. no evidentemente no: no sé si (H39S)

As construções do tipo: *no saber* são seguidas, quase que em sua maioria, pelo modo indicativo. A situação do caso acima está sob o escopo da modalidade *realis*, ou seja, é possível verificar, através das pistas captadas do contexto linguístico, o comportamento referencial da “ida ao parque”<sup>94</sup>, contrariando a afirmação de que *no saber* (certeza mais baixa) é seguido pelo subjuntivo.

Os resultados também apontam maior uso de indicativo nos casos em que estão presentes os traços: modalidade *irrealis* e referencialidade dos eventos/situações. Atente-se, primeiramente, ao único caso do *corpus* oral que ilustra a aparição desses fatores:

33. 1. un robo 2. nos vamos al (?) compré yo ahí un piso se lo compré a una que lo tenía: hipotecado 1. sí/// 2. me está co- me está costando más dinero... 1. (?) 2. anoche la llamé/ porque no ha 1. ¿no te paga? 2. pagado las escrituras//porque tengo que hacer las escrituras y no las puedo hacer hasta que no las haga ella y le he dicho que se las hago-/ que yo las pago las escrituras aunque luego me tenga que dar el dinero después/ que no me lo va a dar 1. no te lo va a dar 2. pero

<sup>94</sup> A modalidade *realis* será mais bem detalhada na seção seguinte, 4.4.2.

bueno/ (y-) 1. pero es que hacen cada cosa que para qué las prisas 2. y bueno voy a tener que decirle-/ y voy a tener que decirle que- que bueno que vaya que lo de:- / que lo olvidemos y que esto otro porque es que a mí no me interesa es/ pues eso/ pues hacer mis escrituras porque es que ahora mismo bueno (ts) **yo no creo que me quitaran** <s;d;dc;al;e;cr;ir;co> el piso porque yo tengo un compromiso con ella yo fui a un abogado y hicimos un contrato (M59P)

A partir da análise adotada em que se avaliam os parâmetros: referencialidade dos eventos, especificidade e localização temporal, é possível notar que em (33), o subjuntivo codifica o evento, nominalizado como “a perda do apartamento”, que se coloca como factual, além de se tratar de uma situação particularizada, num momento específico.

Considere mais algumas ocorrências a seguir:

34. Aunque Inglaterra pasó a cuartos de final y nosotros no, hemos ganado en garra, unión de país, en saber luchar y estar de pie hasta "morir"; se dio todo y eso es lo que importa. Gracias Tri, han dado un ejemplo de lo que es ser grande, de lo que es la lucha. Que esto sirva a todo el país para salir adelante, trabajar en equipo y retomar los valores tan olvidados para vivir cívicamente nuestro patriotismo. **Nosotros no creímos que esto podía** <i;n;dc;al;e;cr;im;ce> pasar, ahora. Ecuador es conocido; ya no somos solo Galápagos, somos un país que existe, que va a traer turismo, que despierta la curiosidad en el primer mundo. Ahora nos toca agradecer a la Selección, y para eso debemos imitarla, ser gente de garra, con espíritu cívico, que trabaje como país y busque el bien común; esa será la mejor forma de agradecer a la Tricolor. (ECEU29-06-06)
35. Mauricio Olivares, 1º en la categoría 18-19 años, chileno: "La competencia estuvo muy dura, me costó mucho el ciclismo. En realidad **no pensé que podía** <i;n;dc;al;e;ps;im;ce> ganar esta carrera. La lluvia y el frío fue lo más difícil". Voluntarios de bomberos usan uniformes inflamables. En una visita realizada a la Primera Compañía de Bomberos de la comuna de Collipulli, nos pudimos (CHDA30- 01-05)

Constata-se a referencialidade dos trechos (34) e (35) como situações específicas ocorrendo em momentos específicos. Além de apresentarem verbos inerentemente não-factivos: *creer* e *pensar* que instauram contexto *irrealis*, é possível constatar também o fator referencialidade, ou seja, os fatos aconteceram, são eventos garantidos.

Nessas ocorrências, a submodalidade epistêmica interage com o verbo auxiliar modal *poder* que aparece na oração subordinada. A presença desse auxiliar pode envolver tanto o sentido epistêmico de baixa certeza ou de baixa probabilidade, como o sentido avaliativo/deôntico de permissão, obrigação, etc. Ainda que epistêmico, não há sentido de probabilidade nessas ocorrências, pelo contrário, ilustram a propriedade referencial, revelando um jogo de matizes que incluem a crença do falante, seu discurso, conhecimento de mundo e os estados/eventos pertencentes ao mundo real.

A série de relações que o falante estabelece entre o conteúdo proposicional e tudo que o rodeia, com o próprio falante, com o ouvinte, com a realidade apresentada e com o código

linguístico utilizado, expressa o fator pragmático presente nos contextos de uso das construções analisadas. Nesse contexto, entende-se o modo como parte de um processo de significação, processo totalmente flexível, que nas palavras de Bell (1990, p.104) poderia ser traduzido como: “*lo que el hablante quiere decir*”.

Cabe ainda ressaltar que entre os resultados é possível encontrar um grande número de casos de *irrealis* codificados com o modo indicativo, como na ocorrência (36), devido, principalmente, a situações não-realizadas (projetadas para o futuro) e reiteradas, ou seja, uma série de eventos/ações que se repetem, contemplando uma série de referentes em momentos diversos, sem indentificar uma situação particularizada. Considere o trecho seguinte.

36. como dicen ellos, porque las mías son gratis. Y de lujo. Punto uno. Segundo: Ese solar se ha valorado en la proporción de la valoración que tenía el de la casa SEAT dada por ellos. Tercero: **No se dan cuenta que voy a hacer** <i;n;dc;ai;o;ds;f;co> yo dos torres de lujo, de entrada, que por lo tanto ese solar va a valer cien veces más que la valoración que hacen los piojosos. ¿Me entiendes o no? (acon026a.asc)

Nesse enunciado “a construção das torres de luxo” é projetada para o futuro, portanto, não constitui fato. Além da correlação futuro/ *irrealis*, os altos valores de indicativo, sob escopo de *irrealis*, também se devem ao uso do habitual. O aspecto habitual permite a possibilidade de dupla interpretação: *irrealis* ou *realis*, devido à sobreposição de propriedades funcionais que caracterizam esse tempo. De acordo com a proposta de Givón, o caso seguinte (37) é enquadrado como não-fato (*irrealis*), por estar correlacionado a um sintagma nominal não-referencial, devido ao traço rotineiro do evento apresentado.

37. opción, pero hay mucho más en riesgo aquí y los retos en la región pueden ser los mayores retos que EEUU ha enfrentado desde el comunismo y la Guerra Fría. EEUU se quedó en el triunfalismo post-Guerra Fría y **no se dio cuenta de que las fuerzas islamistas se movían** <i;n;dc;ai;o;ds;im;ce > gradualmente en su contra con más y más potencia. Eso no es un problema de Afghanistan, sino de toda la región, y en este contexto es comprensible la intención de liberar y democratizar a un país que ya había (PREN10-12-06)

O dado em (37) é interpretado como não-fato, já que não se trata de um evento particular, mas de uma situação reiterada no passado “os islamistas se moviam gradualmente”. A situação indetectável do contexto discursivo e nominalizada como “a movimentação” leva a uma interpretação de não-fato, sob o escopo da modalidade *irrealis*, já que não se trata de um evento específico ocorrendo num tempo específico. Do ponto de vista pragmático, a habitualidade desse evento chega a alcançar o domínio do *realis*, por já ter

ocorrido alguma vez, mas do ponto de vista semântico, se estende ao domínio do *irrealis* por focalizar um sintagma nominal de natureza não-referencial em um tempo indefinido.

A seguir são retratados os usos dos modos indicativo e subjuntivo sob o escopo da modalidade *realis*.

#### 4.4.2 Modalidade *realis* e modos verbais

Nesses casos os usos dos modos indicativo e subjuntivo estão sob escopo da modalidade *realis*. Primeiramente, apresenta-se a única ocorrência encontrada com o modo subjuntivo, na amostra oral.

38. cosas que puede ofrecer Alcalá// que no las tiene:/ a la vista del público todavía/ 2. no quiero decir que 1. y que además eso es que además yo veo/ cosas que no están cuidadas los cascos// el casco antiguo no está cuidado está muy descuidado/ está sucio está: ...// 2. pero se está metiendo dinero ahora ¿no? se esta ahí ... 1. **yo no veo que se meta** <s;d;dc;ar;e;ve;pr;co> mucho/ (e:) el dinero ¿en qué?// 2. no entre la: rehabilitación de algunos edificios (lapso = 2) 1. ¿rehabilitación de algunos edificios? sí/ pues hombre/ están arreglando la Magistral// que ya era hora que la: debía estar arreglada hace mucho tiempo 2. ¿cuál?// (H50M)

Em (38), o verbo factivo *ver* lança escopo *realis* sob o complemento da oração, e através do contexto pode-se notar que o complemento se coloca como factual, considerando que o evento “meter dinheiro na reabilitação dos edifícios” de fato ocorre, ainda que “não seja muito dinheiro”, conforme a menção feita pelo falante. A variante subjuntiva, sob o escopo de modalidade *realis*, é considerada marcada expressivamente nesse caso, ou seja, é a mais complexa e menos frequente. Essa constatação se aplica apenas à modalidade falada da língua, já que na escrita aparecem apenas casos de indicativo sob o escopo do *realis*.

Na contabilização geral dos dados, foram encontradas 27 ocorrências sob o escopo da modalidade *realis*. Este valor é baixo com relação à quantidade de casos de *irrealis* (205). Vale comentar aqui, que esse resultado se deve, principalmente, porque as ocorrências analisadas do *corpus* oral, cujos verbos factivos *ver*, *saber* e *darse cuenta*, apresentam contextos de usos muito similares às construções “*no creer que*” e “*no pensar que*”. Veja-se algumas ocorrências desse tipo.

39. ...// o sea que/ en mayor o menor escala/ todo se va desenvolvendo// con un paralelismo// 2. (hm) 1. lo que pasa es que/ en aquella época por haber: menos cosas para todos/ pues a lo mejor/ estás más cerca// 2. sí que tocaba más (?) 1. que es el:-/ efectivamente 2. los extremos 1. los extremos se tocaban más o:// (pf)// pero vamos siempre va a haber ese- ese problema de:- de: distanciamiento en la sociedad/ siempre va a haber unos/ más o menos/ (e:) listos más o menos tontos más o menos ricos más o menos pobres// eso yo creo que va seguir existiendo siempre:/ **yo no veo que eso vaya a cambiar** <s;d;dc;ai;e;ve;pr;co> // ni mucho menos// 2. y luego en cuanto a las tradiciones que:-// que Alcalá o ha conservado

o ha perdido: .../// sobre todo en:- en las religiosas ¿no? que son las que parece que (H50M)

40. Sí, sí, Paco; lo que estábamos comentando, nuevo fallo de... del sistema defensivo de... de Elgorriaga- Bidasoa; incluso pues Miguel Angel Zúñiga se ha enfadado ahora con su defensa... **no sé que habrá dicho** <i;n;dc;ai;e;sa;cd;co> y le ha sacado una tarjeta. Pero siguen los problemas en el... en la defensa de Elgorriaga-Bidasoa y Caja Pontevedra est haciendo buenas (actuaciones) de pivote, y de ahí que... que el marcador siga en sólo un gol de diferencia. (adep017c.asc)

Em (39) e (40), *ver* e *saber* são factivos e pertencem à classe de verbos que codificam matizes de modalidade *realis*, ou seja, nesses casos, a verdade da oração principal implica a verdade dos complementos. Porém, em (39) e (40), não é possível enquadrar a referencialidade dos eventos.

Agora, apresenta-se também a correlação entre o uso do indicativo e a modalidade *realis*. Considere os trechos que seguem.

41. La policía espera que se mejore de los seis balazos que recibió, para interrogarlo y ver si arroja luz sobre los hechos. El joven herido alegadamente todavía **no sabe que su madre murió** <i;n;dc;ar;o;sa;pt;ce> al protegerlo de la lluvia de balazos de la que fueron objeto, por una supuesta deuda de drogas. William Rosario López está estable dentro de su gravedad en el Centro Médico de Río Piedras.(PREN19-06-05)
42. La policía afgana fue alertada por varios testigos del suceso y localizaron en el vehículo atacado una tarjeta de identificación de un colombiano. "Sólo puede ser Diego", dijo una colombiana que pidió no ser identificada y que también trabaja en Kabul. "Ahora mismo sólo éramos dos los colombianos que trabajábamos en Kabul, no hay nadie más. Hace unos meses me encontré con él y me dijo que iba a viajar a Francia y que luego podría volver de nuevo a Afganistán, pero **no sabía que había regresado** <i;n;dc;ar;e;sa;pl;ce> ya", añadió, impactada por la noticia. Según esta colombiana, que lleva dos años trabajando en el país, "la situación de seguridad aquí está empeorando mucho(COEM13- 06-05)
43. propio gobierno como él, que llama a protestar contra su propia gestión. Una persona que supone que si sale a barrer las calles de Caracas o a pegar bloques es porque piensa que hay falta de voluntad en sus seguidores, **no se da cuenta de que él mismo ha creado** <i;n;dc;ar;o;ds;pt;ce> un sistema que no puede funcionar bien. Él no tiene ministros, tiene servidores que le obedecen porque le temen. Chávez no es el primero entre sus iguales. Él no discute de quién a quién con sus colaboradores, y jamás aceptaría (ESEM26-05-06)

Essas construções revelam eventos que de fato ocorreram, licenciando o uso do modo indicativo, eventos codificados no tempo passado, portanto, vivenciados, em sequência ou já concluídos. Nos fragmentos (41) a (43), é possível contemplar a referencialidade dos complementos -“a morte da mãe”, “o regresso de Diego”, e “a criação de um sistema”. São fatos ocorridos, independentes do conhecimento dos mesmos pelos interlocutores.

#### 4.5 Influência da pessoa do discurso

Nesta etapa consideram-se as variáveis linguísticas: pessoa do discurso e modos verbais. Para essa análise são avaliadas as orações que se constroem com o verbo principal em primeira pessoa do singular e primeira do plural, em contraste com as demais pessoas do discurso.

O propósito principal é verificar se a escolha do modo verbal é determinada pelo tipo de pessoa do discurso. Para tanto, pressupõe-se que o locutor ao fazer inferência sobre algum fato utiliza o subjuntivo para modalizar o que diz. Nesse sentido, a carga informativa e o compromisso com a verdade não aparecem quando o próprio falante enuncia. Por outro lado, com os outros sujeitos da oração, usa-se o indicativo, considerando que as proposições refletem posições avaliativas a respeito de situações ou eventos, retratadas pelos demais informantes.

Antes de apresentar as ocorrências encontradas, testa-se estatisticamente a hipótese levantada para esse grupo de fator, através da correlação entre o modo verbal e a pessoa do discurso, ilustrada, a seguir, na tabela de contingência 6. Em seguida realiza-se o teste do qui-quadrado.

Tabela 6 – Frequência e percentual de modo verbal e a pessoa do discurso (substantivas)

Pessoa do Discurso	Corpus Escrito			Corpus Oral		
	Modo Verbal					
	Indicativo	Subjuntivo	Total	Indicativo	Subjuntivo	Total
Emissor (e)	61	168	229	64	99	163
	26,6%	73,4%	100,0%	39,3%	60,7%	100,0%
Outro (o)	129	52	181	66	3	69
	71,3%	28,7%	100,0%	95,7%	4,3%	100,0%
Total	190	220	410	130	102	232
	46,3%	53,7%	100,0%	56,0%	44,0%	100,0%

Os resultados probabilísticos da tabela 6 confirmam o favorecimento do modo subjuntivo nos casos em que o conteúdo proposicional é inferido pelas primeiras pessoas do discurso, em ambas as amostras. Obteve-se um total de 392 dados de *yo* e *nosotros*, sendo 168 (73,4%) para a escrita, e 99 (60,7%) dados na amostra oral. Os resultados para essa variável demonstram que as primeiras pessoas do singular e plural retêm o modo subjuntivo mais do que as demais pessoas gramaticais.

Esses índices encontrados na tese diferem dos apresentados por Pimpão (1999) para o grupo de fator pessoa. Os resultados da autora indicam o favorecimento do modo subjuntivo no emprego da terceira pessoa. Para Pimpão, o subjuntivo é inibido na interatividade do

falante com a proposição e preservado no distanciamento com a informação proposicional (PIMPÃO, 1999, p. 76).

Os demais valores frequenciais foram mais evidentes no *corpus* oral, ou seja, foram encontrados apenas três (3) casos de subjuntivo para outras pessoas do discurso, em contrapartida, no escrito (52) ocorrências de subjuntivo para os outros sujeitos da oração. No entanto, nos *corpora* há favorecimento do modo indicativo nas construções em que aparecem as demais pessoas. A rodada do pacote estatístico apresentou os valores (71,3%) para o escrito, e (95,7%) para o oral.

Os valores encontrados são, agora, retomados no teste do qui-quadrado para a amostra escrita. Lembrando que o teste não será apresentado para a amostra oral, pois uma das caselas apresenta apenas três dados, invalidando o teste.

Tabela 7 – Contribuições do  $\chi^2$  (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®)  
Análise da variável modo verbal e pessoa do discurso (substantivas/ *corpus* escrito)

Modo verbal	Valor	GL	Significância
Qui-quadrado $\chi^2$	80,991	1	p<0,001
Casos Válidos	410		

A tabela 7, obtida em tela pelo próprio programa computacional, mostra o resultado do teste do qui-quadrado com o qual se obtém a probabilidade de significância ( $p$ ). O valor de  $\chi^2 = 80,991$  mostra que a relação entre as variáveis: tipo pessoa do discurso e modo verbal é significativa. Esses resultados confirmam a expectativa da correlação entre o modo subjuntivo e as primeiras pessoas do discurso, singular e plural.

No entanto, os valores também apontam variação, na medida em que os usos de indicativo são utilizados nas primeiras pessoas, indicando que o modo verbal é um importante elemento capaz de codificar as proposições de acordo com as expectativas e atitudes dos falantes. Na interpretação dessa variável se considera que o enunciador tem um papel fundamental na escolha modal. Por tal motivo é preciso explorar mais precisamente as razões pelas quais o mesmo apresenta seus conteúdos com o indicativo ou o subjuntivo. Levando-se em consideração que esses conteúdos proposicionais são construções mentais do enunciador e este se refere a elas mediante uma tomada de posição, com relação a seu interlocutor e à existência ou não do conhecimento compartilhado, acredita-se na necessidade de considerar novamente o aspecto informativo, avaliando o uso do subjuntivo pela retomada das informações já proferidas e o uso do indicativo pelas informações novas, assim como foi feito

na variável (2): tipo de informação. Seguem os primeiros exemplos com subjuntivo para análise:

44. Pero cinco años después la economía mejoró, los precios inmobiliarios vuelven a dar miedo y el ánimo es bueno. Junto a gente directamente afectada por los atentados conviven millones de neoyorquinos cuyas vidas no se vieron sustancialmente alteradas, pese al incremento de la seguridad y las incomodidades que ello conlleva. "Los neoyorquinos se han recuperado sobradamente. Creo que la gente salió adelante", dijo Nancy Foner, profesora de sociología en el centro universitario Hunter College. "Está ahí, siempre de trasfondo, pero **no creo que afecte** <s;d;dc;ai;e;cr;pr;ce > a los neoyorquinos en sus vidas cotidianas. Después de todo, ya pasó algún tiempo", explicó. (ARLA09-09-06).
45. "Necesariamente, los gobiernos deben cambiar esa voluntad histórica de mantener cerradas las puertas de la usina. La suma de esfuerzos debe llevar a que ese blindaje sea derribado", sostuvo. Como Itaipú se trata de un ente binacional, "no quita que se pueda hacer un control. Si hay voluntad, es demasiado fácil. Los pretextos que se ponen **no creemos que sean** <s;d;dc;ai;e;cr;pr;ce> ciertos. Es urgente que se abran las compuertas", expresó Huerta. El diputado por Alto Paraná dijo que el ciudadano tiene el derecho a saber cómo Itaipú usa su dinero para "ayuda social". (PYAB02-02-06)

Nesses casos, o falante tem como objetivo defender seu posicionamento com relação ao conteúdo proposicional proferido por seu interlocutor. No entanto, vale ressaltar que a presença do subjuntivo também se deve às retomadas de assuntos, ou seja, os falantes recuperam o que foi dito ou perguntado no turno anterior e opinam a respeito dos temas abordados. Isso ocorre nas informações: “o efeito da crise para o novaiorquinos” e “a opinião sobre os pretextos dos governos”, respectivamente em (44) e (45).

A análise dos sujeitos do intercâmbio comunicativo leva em consideração os elementos do enunciado, dentro de um contexto a partir do qual se interpreta. Observe mais alguns excertos em que os falantes expressam suas opiniões.

46. "A estas alturas no me voy a lanzar a decir que me voy mal con el presidente, con el club, con el entrenador. El que lo ha hecho mal lo sabe. **Yo no creo que merezca** <s;d;dc;ai;e;cr;pr;ce> esta situación: salir así y quedarme sin jugar al fútbol, que es lo que más me gusta", razonó. (ESAB05-09-06)
47. En todo el mundo anglosajón y bueno... Lo que a mí me gusta achuchar. Hablamos en términos globales siempre, Fernando. En términos globales. Es que **yo no creo que pueda** <s;d;dc;ai;e;cr;pr;co> hablarse así. Mira yo, mi experiencia en Estados Unidos ha sido... vamos, no me permite discriminar, es decir, que allí hay más que aquí ni aquí menos que allá , ¿no? Yo conozco muchas muchas importantes experiencias, yo... en estos momentos estoy pensando (ccon031b.asc)
48. 1. yo creo que se a:-/ a la:-// al agujero que hay en la capa de ozono/ 2. ¿sí?/ 1. yo creo que sí/ está:/ todo el clima es-/ todo lo que es la atmósfera y el clima pues está:/ variando/// 2. ¿antes lo había o no?/// 1. a- antes lo que no había era:/ todo lo-/ todo el problema este que-/ que está trayendo ahora todo el:-/ los problemas que hay/ de las inundaciones y/ tan-/ tan- tanta lluvia así de golpe/ y todo esto pues no:-// no se veía así/ 2. ¿pero no serán ciclos a lo mejor?// 1. eso ya no lo sé// 2. que:/ pues no sé ...// 1. yo creo que:-/ que viene todo:/ a raíz de:-/ del

destrozo que:-/ que hay con las-// con la capa de ozono con tanta industria y tantas cosas// a algún sitio tiene que ir y todo:- toda la contaminación// 2. (hm) 1. entonces pues cuando llegue a algún sitio algo se tiene que:-// que estropear o:// y **no creo que sea** <s;d;dc;ai;e;cr;pr;co> muy bueno/ 2. en Alcalá también hay mucha industria ¿no? en la .../ (H32P)

As ocorrências com o subjuntivo evidenciam uma correlação entre esse modo e a intenção do falante em representar sua realidade, ou seja, a maneira como quer codificá-la perante seu interlocutor. Motivado pelo contexto pragmático da intenção comunicativa, ao utilizar o subjuntivo, o falante dá por encerrado seu posicionamento a respeito do assunto tratado, sem dar espaço para que a informação seja avaliada pelo interlocutor<sup>95</sup>. Nesse sentido, as opiniões - “*merecer la situación*”, “*poder hablar así*” e “*ser bueno estropear un sitio*” em (46-48) - não se tratam de situações abertas para discussão, ou seja, o subjuntivo codifica as opiniões dos falantes relacionadas com suas próprias experiências, seus desejos, a compreensão da realidade que os cercam. Considerando o grau de informatividade dessas ocorrências, poderia se dizer que, nesses casos, as informações não são postas como relevantes.

Mediante tais estratégias, o falante impõe sua autoridade de enunciador escolhendo que tipo de informação quer codificar em subjuntivo, por não desejar ou não estar em condições de argumentar sobre a mesma, ou ainda porque são informações que podem ser recuperadas no contexto, e é sobre elas que o falante expõe suas opiniões. Nota-se que as escolhas modais se dão, principalmente, por razões internas, mediante as pistas contextuais e em consideração do que o falante acredita como informação compartilhada por seus ouvintes.

Os efeitos de sentido produzidos por estas estratégias modificam a caracterização dos modos, pois neste caso, o subjuntivo além de assinalar traços metaenunciativos, de retorno da informação, também reflete, no âmbito semântico-funcional, um paradigma fechado do tópico discursivo, ou seja, não há interesse em negociar as informações, pois a variante subjuntiva deixa fora de alcance do que foi dito possíveis validações ou refutações a respeito do conteúdo por parte do ouvinte. Esse esquema enquadra os modos numa concepção de moldes comunicativos, em detrimento de interpretações sob âmbito sintático ou morfológico.

Esse tipo de avaliação do uso modal, atrelada às pessoas gramaticais, tem sido abordada por alguns autores e pode ser comparada aos resultados encontrados nesta tese. Fernández Ramírez (1986, p. 329), por exemplo, faz algumas considerações a respeito do uso

---

<sup>95</sup> De acordo com Matte Bon (2001), ao utilizar o subjuntivo, o informante não tem interesse em apresentar as informações, negociar sobre elas ou utilizá-las para outras funções tais como: servir de base para outras informações discutidas entre os interlocutores, para valorar ou comentar sobre as mesmas. O objetivo, assim, é dar a informação como encerrada.

do verbo *creer* em primeira pessoa. Segundo o autor, “*parece que la primera persona, no creo, excluye el indicativo*”. Uma das críticas que se pode fazer a essa constatação do autor é que essa afirmação tem base em poucos exemplos demonstrados em seu estudo, tais como “*No creo que llegamos a tomar el vaso de vino*”. A falta de contextos autênticos de uso da língua autoriza concluir que seus resultados são pouco relevantes. Além disso, sua afirmação se distancia dos valores registrados nessa tese, já que foram encontrados 23 casos de uso do indicativo para a primeira pessoa do verbo *creer* nas amostras, (14) casos do *corpus* oral e (9) casos do escrito.

Diferentemente desse autor, Hummel (2004, p.137) afirma que a primeira pessoa tende a correlacionar-se com o indicativo mais do que as outras pessoas, o que se explica provavelmente porque a primeira pessoa tem mais certeza quando fala dela mesma, pois na maioria das vezes não tem sentido expressar atitudes do tipo: vontade, desejo, temor, etc, como ações volitivas da mesma pessoa. Em contrapartida, López García (1990, p. 140) adota um critério estritamente morfológico para detalhar os usos modais vinculados à pessoa do discurso. Segundo a autora, a posição do sujeito falante com respeito ao enunciado tem relação com a escolha do modo. Assim, quando a percepção se concentra no *yo* falante usa-se o subjuntivo. Quando a percepção se concentra no *tú* ouvinte usa o imperativo. E, quando a percepção não se concentra em nenhum dos dois em particular, aplica-se a verbalização do mundo e surge o indicativo, ou seja, quando não se considera a relevância especial em nenhum dos dois, chega-se ao modo neutro, o indicativo.

Os resultados mostram que o grupo de fatores pessoa do discurso é significante na escolha dos modos verbais. No entanto, não é possível dissociá-lo do aspecto informativo, já que a maioria das construções analisadas tais como “*creer que*”, “*pensar que*”, “*ver que*” são opiniões dos falantes com relação a algo dito, previamente, por seus interlocutores, portanto, informação compartilhada, pressuposta.

Ainda com relação a essa variável encontram-se muitas construções em que verbos auxiliares tais como *deber e poder* aparecem. Nesses casos, a atitude do falante pode envolver tanto o julgamento epistêmico (de verdade, de crença, de evidência) como o avaliativo (desejo, preferência, intenção). Com esses auxiliares quase que a totalidade dos casos aparece em subjuntivo, já que esses verbos representam crenças ou convicções por parte dos falantes, a respeito dos eventos a partir dos quais declaram sua opinião e desejo sobre a possibilidade dos acontecimentos que podem ocorrer no futuro, como no trecho que se segue:

49. Pero nada parece conmover ni detener a aquellos que en forma individual o conformando pequeñas bandas, animados por una motivación vandálica o como una inentendible forma de "marcar" su identidad territorial, recurren a la abominable costumbre de realizar rayados en los muros, fenómeno que tiene convertidas a Temuco, Victoria, Carahue, Traiguén y a otra gran cantidad de comunas de zonas en una pizarra de jeroglíficos que son imposibles de comprender. El asunto no pasa sólo por un aspecto económico, sino también por el aseo de las ciudades, por ello es necesario descubrir qué motiva a algunas personas a realizar estas actividades vandálicas. **No creemos que las autoridades ni los medios de comunicación debamos** <s;d;dc;ai;e;cr;pr;ce> quedarnos de brazos cruzados en un tema tan irritante para muchos ciudadanos. (CHDA11-01-06)

(49) se convierte numa espécie de recomendação do falante com relação ao conteúdo apresentado. Este enunciado se apresenta como necessário, de acordo com a opinião do falante, provavelmente baseado na sua vontade. Porém, entre essas ocorrências, encontra-se um único dado com *deber* em indicativo, ilustrado a seguir:

50. si estuvieras esperando familia, contemplas un período de tiempo en el que estuvieras en tu casa. Inf.a. - Claro. Enc. - Y abandonarías temporalmente tu profesión. Inf.a. - Claro. Conforme los chicos van creciendo, la mujer tiene más tiempo libre cuando los chicos están en colegio... Al final, **yo no pienso que la mujer debe** <i;n;dc;ai;e;ps;pr;co> estar todo el día cocinando, lavando, no, de ninguna manera, pero más hacerlo como una satisfacción personal de realización para ella misma y no como un soporte para la casa. Enc. - ¿ Tú ves en Bolivia algún cambio en tu experiencia (bcon015d.asc)

(50) também se trata de uma recomendação do falante, no entanto, ao contrário do exemplo (49) em que se dá uma opinião do que deveria ser feito com respeito às pichações, aqui o fato “de a mulher estar todo dia cozinhando e lavando” não foi mencionado previamente. Ao considerar o fator informatividade, é possível explicar o uso desse modo pelo fato de o falante apresentar seu conteúdo como novo.

Nessa perspectiva, o uso do subjuntivo codifica assuntos que o falante dá por finalizado, sem abrir espaço para a contra-argumentação de seu interlocutor, já que se trata de validar suas crenças, convicções e, em contrapartida, se o falante propõe a informação como objeto de discussão, de negociação, para que seu interlocutor o confirme ou não, usa o indicativo, como nas ocorrências seguintes.

51. E: ¡Qué bien! / no has batallado / yo conozco gentes que / se la pasan en ir a / buscando... trabajo / pasan años... / y años / y / no / no encuentran I: Pues es que la verdad es que mira / mucha gente / **yo no digo que soy** <i;n;dc;ai;e;de;pr;co> una mujer guapa / ni que soy una mujer... / ¿qué te diré? / este... / bonita / ni mucho menos / pero hay muchas compañías que se guían en eso / no sé si tú te hayas fijado / pero hay muchas empresas que / depende de cómo te vean / te contratan / entonces es malo / es malo / para mucha gente porque /(HM248)
52. Bush intenta diseminar mensaje de "compasión" en América Latina Lejos de dar respuestas a las constantes interrogantes de la prensa internacional acerca de su

rivalidad con el presidente de Venezuela, Hugo Chávez, George W. Bush intenta diseminar un mensaje de "compasión" estadounidense en la región. En la segunda etapa de su gira por América Latina, el Presidente de Estados Unidos se reunió ayer con su colega uruguayo, Tabaré Vázquez, en la estancia Anchorena, a unos 200 kilómetros de Montevideo, tras lo cual ambos mandatarios ofrecieron una rueda de prensa. En ella, Bush defendió la "callada diplomacia" con la que su país lleva a cabo sus programas de desarrollo en la región. **"Yo no pienso que nuestro país es** reconocido lo suficiente por tratar de ayudar a mejorar las vidas de las personas. Y por ello mi viaje es para explicar, tan claramente como puedo, que nuestra nación es generosa y compasiva", (BOLT17-11-06)

Em (51), o falante não assume que é uma “mulher bonita” e, ao usar o indicativo, se refere a uma informação nova que poderá ser aceita ou não por seu ouvinte. (52) expressa uma valoração pessoal que está relacionada com a experiência de vida, as sensações com relação ao mundo, elementos considerados importantes na interação entre os interlocutores no momento da situação comunicativa. Assim, ao assumir que “não pensa que o país é reconhecido”, além de apresentar um dado novo, coloca esse dado como objeto de discussão, propondo ao seu interlocutor como um dado relevante, um dado que pode ser refutado ou questionado pelo ouvinte. As expressões, portanto, estão baseadas na experiência do falante e nos cálculos que este faz ao proferir seus enunciados. Essas estratégias comunicativas do falante, tais como as negociações das informações vão desde as intenções e atitudes dos enunciadorees, passando por seus conhecimentos e pressuposições, até os fatores contextuais.

Tais resultados podem ser comparados, novamente, às considerações feitas por Ridruejo (1999, p. 3223). Para o autor, nas construções em que coincide o falante e o sujeito (1ª pessoa no tempo presente), não é possível diversificar o compromisso sobre a verdade da proposição, e nesse caso, o emprego do indicativo é agramatical - *\*No digo que es inteligente*. Se este modo se utiliza para apresentar a verdade da proposição por parte do falante, frente à ausência de asserção do sujeito, quando ambos os sujeitos da oração principal coincidem, é impossível a dissociação, pois resultaria num enunciado contraditório. Segundo Ridruejo, o uso do indicativo seria gramatical apenas nas construções com verbos de comunicação. Ainda assim, é preciso entender o enunciado em questão como uma recusa de outro anterior, no qual o âmbito da negação afeta precisamente o sujeito.

Via regra gramatical, seguindo a orientação de Ridruejo, trechos como: i) “...una gente: con añoranza de Alcalá de Henares/ (...) por ese desarraigo/ **yo no digo que la gente que viene / no quiera Alcalá...**” (H60S); b) “Hay que remontarse a un problema anterior a mi asunción para entender lo que pasa con el equipo. **No digo que está mal físicamente...**” (ARLN17-11-06), incluindo também o enunciado (51) já apresentado, iii) “yo no digo que soy una mujer guapa” (HM248), seriam considerados agramaticais. Considera-se que a presença

da variante indicativa nestes fragmentos, extraídos tanto do *corpus* oral como do escrito, não se deve ao fato de o falante codificar algo do tipo: “*Yo no soy el que dice que el equipo está mal físicamente*”, citado anteriormente, pelo contrário, construções como essas, com o verbo *decir*, se assemelham a *no creer*, *no parece*, servindo como uma estratégia comunicativa para tratar dos temas que são considerados informações novas.

Essa verificação do uso do indicativo para codificar informações novas também é visto nas demais pessoas do discurso, conforme os exemplos que são ilustrados em seguida:

53. la ecología- ahora la ecología es-// pues está muy de moda/ para reciclar las cosas// se recicla el papel/ se reciclan los metales/ se recicla todo/ y el hombre se recicla/ ¿a que no? 2. (hm)/ 1. **el hombre no piensa/ que tiene** <i;n;dc;ai;o;ps;pr;co> un- un alma que tiene que- que mejorar tiene que-// tiene que-/ que hacer de- de su vida pues-/ pues un hombre perfecto/// 2. (hm) 1. o sea en:- en pensamientos en palabras y en obras// ahora se habla de lo divino de lo humano/ se critica se ...// (M72S)
54. Y para fin de año preciso 25 mil más para completar lo que me falta para cubrir una fuga". Ahora bien, la primera entrega fue llevada por un hermano de Curi al almacén frente al Penal de Libertad. El dinero fue recibido por su propietario, quien **no sabía que estaba** <i;n;dc;ar;o;sa;ce> siendo filmado. El almacenero le dijo al hermano de Curi: "Esta plata es para..." y nombró a dos oficiales de la Dirección Nacional de Cárceles. (URLR30- 12-05)

Verifica-se, em quase a totalidade dos casos, a presença de informações novas para as demais pessoas do discurso, não encontradas no contexto anterior, como nos trechos que apresentam informações ainda não compartilhadas entre os interlocutores sobre os eventos: “ter uma alma” e “ser filmado”, respectivamente. Ainda conforme os resultados para essa variável, vale recordar que foram encontrados apenas dois casos de uso de modo subjuntivo com outras pessoas no *corpus* oral. Atente-se às ocorrências que são ilustradas a seguir:

55. los sueldos van a ser / igual ¿verdá? / siempre / este / pero... / pues ¿cómo te diré? // la educación a / a la crisis de orita / o sea que si se va / ¿que si se relaciona? / pues no fijate se me hace que no / que no... E: Pero **¿no crees que si / se les prepara** <i;n;in;ai;o;cr;pr;co> a los niños desde n- / desde / desde chicos / a estudiar / a que / sigan adelante / ¿no crees qu'el país pueda <s;n;in;ai;o;cr;co> cambiar? I: ¡Ah no! / sí / sí cambia / sí con más preparación / sí / sí / puede / ser que / que vaya / mejorando ¿vedá? / porque pueden irse / este... / ¿cómo se dice? / (HM140)
56. E: ¿Y es un terreno plano? I: Sí / es un terreno plano / no tiene / nada de monte / bueno / a excepción de / del barranco / pasa el río / y de aquel lado también / este... / pues... / es puro cascajo / porque... / el río ya / ya no es lo qu'estaba antes / ya queda residuo de lo qu'estaba antes / el río es puro cascajo / y muchos árboles que había antes / ya no están E: Ajá I: Como le digo / la mayoría del tiempo / la pasamos d'este lado del río / y también ahí en los árboles / ¿verdá? / la pasamos muy a gusto cuando vamos allá E: Sí / ha d'estar muy bonito / porque / generalmente los lugares son muy áridos I: Sí par'allá está igual que todas las partes / porque... / no... / no ha llovido / no ha llovido / entonces / pues sí / la gente

sí está / está preocupada más que nada porque / pos **no saben que / que venga**  
<s;d;dc;ai;o;sa;pr;co> de aquí en adelante ¿vedá? / es lo único que pueden trabajar  
ellos / en cultivar la tierra / (HM202)

A ocorrência (55) já foi comentada na seção 4.3 que trata da influência da modalidade sintática. Em (56), o falante comenta que “não tem chovido e a situação preocupa as pessoas”. Com base nas informações concebidas entre os interlocutores, apresenta o motivo dessa preocupação, pois, “as pessoas não sabem o que vem pela frente”. Esse fato é, de certa forma, retomado, não é posto como objeto de discussão, é dado por concluído, rematado.

De fato, os resultados evidenciam que o enunciador tem um papel importante na escolha do modo. A divisão entre as primeiras pessoas do discurso e as outras se mostra um condicionador relevante na identificação da variação modal, em que o uso do modo subjuntivo tem a função de amenizar, resguardar, isentar o falante de assumir a responsabilidade ou compromisso do conteúdo mencionado em seu discurso. Isso corrobora a hipótese prevista para esse grupo de fator, levando em consideração que o falante preserva sua face diante da grande variedade de atitudes pessoais que pode tomar com respeito às proposições. Porém, não se pode deixar de ressaltar que as atitudes do enunciador não podem ser vistas separadas do valor informativo dos conteúdos proposicionais, pois as dinâmicas contextuais são mais bem analisadas com a união desses dois eixos: enunciador e informação.

O grupo de fator seguinte trata da correlação entre os modos e o item lexical, avaliando a maneira como o falante apresenta seu conteúdo proposicional, concernente ao traço informativo, através de suas escolhas verbais de natureza semântica.

#### **4.6 Influência do item lexical**

A tabela 8 apresenta a frequência de uso dos modos verbais correlacionado ao item lexical, avaliando uma possível associação entre ambas as variáveis, medida pelo significado inerente de natureza semântica dos verbos das orações principais.

A análise geral dos dados, que verifica a influência do item lexical, aponta correlações interessantes em termos de escolha modal, medida pelo uso do verbo das subordinadas substantivas. Os percentuais são calculados horizontalmente e apresentados na tabela dispostos por linhas, focalizando a influência dos fatores de cada variável.

Tabela 8 –Frequência e percentual de modo verbal e item lexical (substantivas)

Item lexical	Corpus Escrito			Corpus Oral		
	Modo Verbal					
	Indicativo	Subjuntivo	Total	Indicativo	Subjuntivo	Total
Creer (cr)	33	143	176	25	73	98
	18,8%	81,3%	100,0%	25,5%	74,5%	100,0%
Decir (de)	20	15	35	15	15	30
	57,1%	42,9%	100,0%	50,0%	50,0%	100,0%
Darse cuenta de (ds)	43		43	18		18
	100,0%		100,0%	100,0%		100,0%
Pensar (ps)	42	33	75	18	3	21
	56,0%	44,0%	100,0%	85,7%	14,3%	100,0%
Saber (sa)	39	7	46	40	2	42
	84,8%	15,2%	100,0%	95,2%	4,8%	100,0%
Ver (ve)	13	22	35	14	9	23
	37,1%	62,9%	100,0%	60,9%	39,1%	100,0%
Total	190	220	410	130	102	232
	46,3%	53,7%	100,0%	56,0%	44,0%	100,0%

Com base nos *corpora*, o item lexical é controlado com resultados bastante significativos no delineamento de casos de variação modal. Os valores apontam que a recorrência de um modo não está associada a um item lexical específico, exceto para o caso de *darse cuenta*, já que o cruzamento entre esse item e os modos verbais não contabiliza ocorrências de subjuntivo, em nenhuma das amostras analisadas. Esse resultado é bastante evidente, devido à alta frequência de indicativo. O item lexical *darse cuenta*, considerado pelos manuais como um verbo de entendimento mental que, quando precedido pela negação, admite os dois modos, não apresenta variação nos *corpora* desta tese.

Considerando também os outros itens lexicais por amostras, *creer* tem resultados equiparados, em ambos os códigos, com maior índice de ocorrência de subjuntivo. Estes valores se diferem aos descritos por Silva-Corvalán (1994), ao constatar a diminuição do uso desse modo em contextos categóricos. Para a autora, construções como “*no creo que*” permitem a expansão do indicativo<sup>96</sup>. Os valores 81,3% e 74,5% indicam que o subjuntivo nestas construções é bastante recorrente e, nestes casos não parece haver perda do uso do subjuntivo.

O mesmo acontece com o item lexical “*pensar*”. No *corpus* escrito, os índices são bastante equiparados (56% e 44%), no emprego da variante indicativa e subjuntiva, respectivamente. Este item lexical é o que apresenta mais variação nas duas amostras, já que

<sup>96</sup> Silva-Corvalán (1994), propõe em seu estudo a explicação do uso dos modos a partir do contraste [+assertivo] e [-assertivo], respectivamente para o indicativo e subjuntivo. Dessa forma exemplos como: “*No creo que... tiene (IND) fiebre* = contexto assertivo *tenga (SUB) fiebre* = contexto não-assertivo”. Esse exemplo retirado do estudo de Silva-Corvalán identifica o emprego dos modos verbais a partir da intenção do falante em apresentar um enunciado baseado no contraste pragmático de asserção/não-asserção (cf. SILVA-CORVALÁN, 1994, p. 259-60).

na fala, os valores são de 85,7% de indicativo e 14,3% de subjuntivo. Esses valores também podem ser vistos para o verbo *saber* que tem no indicativo o modo de maior percentual, 84,8%, na amostra escrita, e 95,2%, na oral. Como se nota na tabela 8, no *corpus* oral foram encontrados apenas dois casos com o modo subjuntivo e sete ocorrências, de um total de (46), no *corpus* escrito.

*Ver* também apresentou variação atrelada ao tipo de *corpus*. Na amostra escrita, há maior número de uso do subjuntivo, representado por 62,9%. Já no *corpus* oral, o valor encontrado de uso do subjuntivo é de 39,1%. Esses percentuais representam valores associados, na amostra escrita, a construções parecidas quando se utilizam os itens *creer* e *pensar*, em que os falantes utilizam esse item lexical para fazer apreciações das informações ditas por seus interlocutores, ou seja, é recorrente nas construções em que o falante emite juízo de valor acerca do conteúdo proposicional e, na maioria das vezes, retoma um elemento que está no ar para emitir sua opinião. Por outro lado, na amostra oral há mais casos de indicativo devido, principalmente, a contabilização de ocorrências de modalidade interrogativa. Nesses casos, em sua maioria, o falante chama a atenção de seu interlocutor para que “olhe”, repare em algo que está acontecendo no momento da conversação.

Entre os itens analisados, *decir* é o que apresenta valor percentual mais equiparado de uso dos modos verbais nos *corpora*. Na escrita, os valores percentuais são de 57,1% de uso do indicativo, e 42,9 de subjuntivo. Já na amostra oral, os percentuais são de 50% para cada um dos modos verbais. Nas ocorrências com *decir*, é possível deparar-se com o uso desse verbo com valor temporal de presente para se referir a apreciações, ponderações sobre o conteúdo abordado, e com valor temporal de passado, relacionado a construções do tipo “*no he dicho/ no dije*”, para retomar conteúdos que já são, de certa forma, pressupostos pelo interlocutor, e corrigidos através do uso da variante indicativa, apresentando assim, um evento ou uma informação nova.

Em geral, as subordinadas substantivas precedidas por negação podem favorecer a ocorrência do modo subjuntivo em alguns casos, de acordo com a classe semântica dos verbos da oração principal, devido aos itens lexicais analisados nesse grupo de fator. Esses resultados, de certa forma se aproximam ao de Pimpão (1999). No entanto, é preciso ressaltar que os dados utilizados pela autora são contextos em que se inserem, não apenas os verbos de opinião (*crer, acreditar e pensar*), mas os verbos volitivos, que favorecem a ocorrência do modo subjuntivo.

Os resultados chamam a atenção para a grande variação dos usos modais condicionados à natureza semântica do verbo principal. Em suma, os complementos do verbo *creer* aparecem com percentagem maior de uso do subjuntivo. Em contrapartida, os complementos de *saber e pensar* tem um percentual maior de indicativo. *Decir* aparece com valores equiparados e *darse cuenta de* apresenta todos seus complementos em indicativo.

Ao comparar esses resultados com as regras prescritas pelos manuais de língua espanhola, nem sempre é possível encontrar semelhanças. De maneira geral, os autores consideram como fatores de eleição dos modos, o contexto semântico do verbo principal e o grupo a que pertence esse verbo, ou seja, distinguem grupos de verbos caracterizados por traços significativos comuns a todos eles. Entre esses autores, pode-se citar Borrego *et al.* (1986), Fernández Alvarez (1987), Porto Dapena (1991) e Sastre Ruano (1997). Dessa forma, surgem divisões como: verbos de entendimento ou atividade mental (*creer, pensar, saber, darse cuenta de*), verbos de comunicação (*decir*) e verbos de sentido ou percepção física (*ver*) (SASTRE RUANO, 1997, p. 60-65).

Ao tomar, por exemplo, o grupo de verbos de atividade mental, é possível identificar que os resultados da tabela 8 não são semelhantes com relação ao uso dos modos, ou seja, *creer, pensar e saber* apresentam variação, já o item lexical *darse cuenta de* retém exclusivamente o indicativo.

Há ainda outros aspectos citados pelos autores para determinar o uso do modo verbal, tais como o conhecimento que o falante tem dos fatos sobre os quais fala ou faz referência e o caráter afirmativo ou negativo da oração principal. Nesse sentido, com a afirmativa, o falante apresenta um fato qualquer da oração subordinada com segurança. Com a negativa, ao contrário, a dúvida está presente e este matiz de incerteza propicia o uso do subjuntivo<sup>97</sup>.

Para Borrego *et al.* (1986, p.86), quando os verbos de atividade mental estão em forma negativa permitem a alternância dos modos indicativo e subjuntivo na oração subordinada, com uma delimitação de funções: i) com o indicativo, há uma carga informativa, um certo compromisso do falante com a verdade do conteúdo proferido e ii) com o subjuntivo, o falante não se compromete sobre o valor de verdade da subordinada. Na mesma linha de pensamento, Porto Dapena (1991, p.119-20) também confirma o uso de ambos os modos na

---

<sup>97</sup> Para Mejías-Bikandi (1994, p. 898), uma asserção é sempre feita de acordo com a perspectiva do falante. Dessa forma, uma proposição é afirmada intencionalmente, embora o falante pareça estar expressando incerteza sobre a verdade do complemento devido à presença de verbos tais como: *creer e pensar*. Segundo King (1992 *apud* TRAVIS, 2004, p.61), construções com verbo *pensar* antecedidas pela negação trazem “opiniões assertivas” e o uso do indicativo implica que “o falante não consegue acreditar ser verdade o fato que ele conhece”. Para Klein (1980), o território entre asserção e não-asserção é ocupado por atitudes do falante e com a escolha do subjuntivo, os falantes informam graus diminuídos de certeza com respeito às proposições.

construção das substantivas, motivado por diferenças semânticas. Segundo o autor, com o indicativo, o falante manifesta sua conformidade com a verdade do que foi expresso pela oração subordinada, e com o subjuntivo, fica indiferente a esta verdade. Por outro lado, para Fernández Álvarez (1987, p.35), com a afirmativa, o falante apresenta um fato qualquer da oração subordinada com segurança e com a negativa, a dúvida está presente, e este matiz de incerteza propicia, em maior ou menor grau, o uso do subjuntivo. O autor acredita que esse mecanismo rege o subjuntivo nas construções precedidas pela negação.

Em consonância com estes autores, Sastre Ruano (1997, p. 78-84) afirma que o grupo dos verbos de atividade mental, de comunicação e de percepção física, se afirmativos, levam o indicativo. Caso contrário, se as construções são negadas levam o subjuntivo. Também pontua que a distinção entre os modos nas cláusulas negadas remete ao uso do indicativo se o falante se compromete com a veracidade do enunciado e, do subjuntivo, quando não há esse comprometimento. Dessa forma, em “*no me di cuenta de que tu coche estuviera sin batería*” não é possível saber com segurança se realmente o carro tinha bateria<sup>98</sup> (cf. SASTRE RUANO, 1997, p. 84).

Essas caracterizações dos usos modais, demonstradas por esses autores, não dão conta de explicar ocorrências como (57):

57. Cardona Martínez ¿Cómo se ha sentido en estos 19 meses que lleva al frente del Ministerio de Defensa? ¿Diecinueve meses? **No sabía que llevara** <s;d;dc;ar;e;sa;ir;ce> tan bien las cuentas, **ni yo sabía que fuera** <s;d;dc;ar;e;sa;ir;ce> tanto tiempo. Me he sentido bien. Mire una cosa: entre el tiempo que transcurrió cuando el Presidente me ofreció el cargo y las horas que tuve para pensarlo -que fueron muy pocas-, analicé las cosas buenas y las malas que me podían pasar si decía sí. Al final vi que eran mayores las buenas y por eso estoy aquí. Pero también ha habido momentos difíciles, amargos y de dudas. Pero también ha habido momentos difíciles, amargos y de dudas. Y las cosas malas que pensó, ¿se han ajustado a la realidad? No, porque si se hubieran cumplido las peores, no estaría acá. Pero también hallé cosas que jamás imaginé. Por ejemplo, **no sabía que la relación con la prensa fuera** <s;d;dc;ar;e;sa;ir;ce> tan compleja. Momentos difíciles, amargos y de dudas. (COEE01-07-05)

Em (57) há três usos de subjuntivo em construções negativas com o verbo *saber* e, em nenhuma delas, se poderia afirmar que o falante não se compromete com a verdade dos conteúdos proposicionais que está proferindo. De acordo com sua experiência de vida e da situação na qual se encontra, o falante parece não ter dúvida de “que seu interlocutor sabe

---

<sup>98</sup> Convém ressaltar que não foi encontrado nenhum caso de uso de subjuntivo nas construções com o verbo *darse cuenta* em forma negada. Portanto, acredita-se que essa distinção não permite explicar a retenção de uso do indicativo nestes casos.

fazer contas”, “que já se passaram 19 meses” e “que a sua relação com a imprensa é complexa”.

(57) também se opõe à consideração de Delbecque e Lamiray (1999, p.2005), pois, segundo as autoras, o verbo *saber* pertence à classe de verbos que selecionam apenas o indicativo, seja qual for o tempo ou a modalidade (afirmativa, negativa, ou interrogativa) do verbo principal.

A pertinência do caráter informativo das orações estabelece a correlação entre o uso do subjuntivo e a disponibilidade prévia das informações no contexto, ou seja, o falante ao contestar a pergunta “¿Cómo se ha sentido en estos 19 meses que lleva al frente del Ministerio de Defensa?” retoma o tempo (19 meses) de duas formas. Primeiro, argumenta sobre o fato de que seu interlocutor “sabe fazer contas” e que “não sabia que havia passado tanto tempo”. Num segundo momento, cita que “sua relação com a imprensa é complexa”, devido aos “momentos difíceis, amargos e de dúvidas”, previamente contextualizados. Este exemplo demonstra que termos de distinção dos modos, como: segurança, dúvida, valor de verdade, compromisso e falta dele não explicam os usos dos modos nas substantivas precedidas por negação.

A distribuição das frequências do item lexical evidencia a importância do traço informação na variação dos modos verbais indicativo/subjuntivo, considerando que grande parte das ocorrências é codificada com o subjuntivo, quando a informação retomada no complemento já havia sido dada previamente no contexto linguístico. Portanto, considerando que a análise do item lexical é fundamentada apenas nos resultados encontrados para esse grupo de fator, pode-se dizer que a distribuição das ocorrências permite fazer algumas generalizações sobre as nuances do tipo semântico dos verbos utilizados na oração.

Seguem mais algumas ocorrências para análise com *creer* e *decir*, retiradas dos corpora:

58. La ciudad - Para "Chicha" Mariani, la ausencia del testigo "no es voluntaria" María Isabel Chorobick de Mariani, conocida como "Chicha" y una de las fundadoras de Abuelas de Plaza de Mayo, sostuvo hoy que **no cree que Jorge Julio** López, secuestrado y torturado por Miguel Etchecolatz en 1976 y desaparecido desde el lunes último, **se haya ausentado** <s;d;dc;ai;o;cr;pe;ce> voluntariamente. "Estoy con una gran angustia, me preocupa su salud, su historia y lo que declaró. **No creo que haya decidido** <s;d;dc;ai;e;cr;pe;ce> ausentarse, porque siempre demostró ser una persona muy entera y muy segura de sí misma; considero que el motivo de su ausencia fue algo involuntario", afirmó "Chicha" Mariani en declaraciones periodísticas. (ARED21-09-06)

59. Has Saddam ha estado escondido". ¿Tú crees que ha corrido algún riesgo el cerdito Ha hecho el ridículo. del... del general Sacer o como se llame? Sansuarcó. De

hecho ¿tú crees que ha esta o alguna vez en un... en un momento de peligro? Pero ¿cómo va a correr riesgo?, ninguno. Entonces por qué dices que el otro ha estado en un bunker? ¿Dónde estaba el otro? No, no, pero si yo... ¿Estaba en la primera línea? No, **yo no he dicho que... que Sadam haya estado** <s;d;dc;ai;e;de;pe;co> en un bunker yo he dicho que ha estado en la inopia. Que no es lo mismo. (cent012b.asc)

Em (58), o falante usa o subjuntivo para marcar uma informação já proferida “Jorge Julio López desapareceu desde a última segunda-feira”. O subjuntivo não está em esquema de negociação, o falante quer apenas, metalinguisticamente, dizer a mesma coisa que já foi dita<sup>99</sup>. Segundo Hummel (2004, p.136), *no creer* com subjuntivo é mais usual na língua estandar e na língua coloquial. Para o autor a negação de *creer* se correlaciona usualmente com o subjuntivo, ao passo que o indicativo *no creo* tem a função de focalizar a factualidade de algo que o falante não crê.

Em (59), o falante corrige a informação de seu interlocutor de que não havia dito que “Sadam ha estado en un bunker”. O uso do subjuntivo, nesse caso, se refere à retomada de uma informação já proferida previamente. Como se vê no fragmento, o falante usa o indicativo para dar uma informação que, ao ser resgatada, passa a ser nova, relevante, negociável<sup>100</sup>. Em suma, todos os usos do item lexical *creer* são utilizados com a função de retomada e correção das informações.

O índice de maior variação nesse grupo de fator refere-se à variação encontrada para o item lexical *pensar*. Os valores indicam usos de ambas as variantes modais nos *corpora*. Essa variação indica que o falante seleciona uma forma em detrimento da outra, correlacionada à situação comunicativa, motivado pelos valores que deseja transmitir ao seu interlocutor. Atente-se a algumas ocorrências do *corpus* escrito:

60. Luis López, 1º en la serie 16-17 años, argentino: "Estuvo muy bueno y estoy muy contento de haber ganado. Era una competencia muy difícil para mí. Lo más complicado fue el ciclismo, había mucho viento y lluvia y no se podía ver nada. Hice lo posible para poder mantenerme en la bicicleta". Mauricio Olivares, 1º en la categoría 18-19 años, chileno: "La competencia estuvo muy dura, me costó mucho el ciclismo. En realidad **no pensé que podía** <i;d;dc;ar;e;ps;im;ce> ganar esta carrera. La lluvia y el frío fue lo más difícil". (CHDA30- 01-05)
61. Díaz confesó que estaba preparado y que su meta era reducir las cuatro horas y 16 minutos en que había hecho la travesía el pasado año. Ayer cumplió su objetivo al detener el reloj en 3:50:04."Mi estrategia fue tener una salida rápida, que en un maratón es riesgoso, pero funcionó, logré separarme del grupo y eso me permitió

<sup>99</sup> Ao analisar ocorrências como esta, com o verbo *creer*, pode-se posicionar contra a afirmação de Fernández Ramírez (1986, p. 324) para quem as diferenças entre os usos de *creer* com indicativo ou com subjuntivo não são relevantes. Nas palavras do autor, “*lo cual es un golpe grave para la teoría del subjuntivo*”.

<sup>100</sup> Para Fernández Ramírez (1986, p. 328), com *decir*, “*la presencia del subjuntivo sugere muchas veces que se trata de resistir a una pretensión absurda*” ou ainda de negar uma afirmação real ou suposta como no exemplo “*...yo no he dicho que Sadam haya estado en un bunker*”.

establecer el paso e ir avanzando cada vez más", sostuvo Díaz, que reveló lo difícil del comienzo de la competencia. "Había muchas aguas vivas, sufrí la primera hora y el mar también estaba bastante picado. **No pensé que fuera a superar** <s;d;dc;ar;e;ps;ir;ce> mi tiempo", dijo. La esperanza de hacer un mejor tiempo, después de su primera experiencia, está en la mente de Maricarmen Saleta. Ella se convirtió en la primera mujer en hacer la travesía con tiempo de 4:35:35. (RDEC10-04-05)

62. nombra a una, después la otra se siente. Es latero, fome. - ¿Pensabas que Consuelo Saavedra o Mónica Pérez estaban por encima de ti en las preferencias del público?- No, **no pensaba que estaban** <i;d;dc;ai;e;ps;im;ce> por encima de mí. Es difícil contestar la pregunta sin parecer agrandada ni petulante ni creída. Pero sé que hago bien mi trabajo y desde hace bastante tiempo siento que tengo un espacio ganado. (CHEM10- 05-05)
63. MADRID. Muchas cosas tenía pendientes Ronaldo. Contar historias pasadas de frustrados traspasos, su relación con Capello, los 30 goles prometidos, la bienvenida del Bernabéu... A todo contestó, aunque con un tono un tanto alicaído. En principio comentó que **no pensaba que pudiera** <s;d;dc;ar;o;ps;ir;ce> estar para jugar 90 minutos ante el Atlético, aunque "sueño con volver a ser titular y con marcar goles de nuevo". Habla el jugador del recibimiento del Bernabéu ante el Dinamo de Kiev y se emociona: "La verdad es que me sorprendió tanto afecto. No esperaba eso y la verdad es que estoy muy contento. (ESAB01-10-06)

As ocorrências em (60-63) são codificadas com as variantes indicativa e subjuntiva, respectivamente, para a construção “*no pensé que*”. Essas ocorrências indicam que o uso do subjuntivo ou indicativo não está atrelado a condicionantes como: concordância temporal, certeza/incerteza da realização do evento, a presença do elemento negativo, ou simplesmente ao valor semântico do verbo da oração principal. Ao comparar a ocorrência (60) com (61), verifica-se, através do contexto discursivo que na primeira, o falante enfatiza o desconhecimento sobre o fato ocorrido “a possibilidade de ganhar a corrida”, apresentado pela primeira vez, como novo, como relevante. Por outro lado, na segunda, utiliza o subjuntivo para referir-se a um evento conhecido: a superação do tempo, e, portanto, pressuposto, ou seja, o falante não trata dessa informação como algo novo, pois nessa situação específica, acredita-se que a duração de seu tempo na prova é de conhecimento compartilhado e esse resultado não pode ser negociável. Outra característica que se poderia mencionar aqui, se refere ao fato de que, em (60) transcreve-se a informação do falante, com referência ao valor temporal de presente, momento da informação. Em contrapartida, em (61) o fato ocorre um dia anterior à entrevista – “*Ayer cumplió su objetivo al detener el reloj en 3:50:04*”, portanto, poderia se supor pressuposto.

Caso semelhante ocorre em (62-63), na construção “*no pensaba que estaba*”. (62) retoma a informação precedente com o modo indicativo, contrariando a hipótese da correlação subjuntivo/informação dada. Porém, em casos como esse, o falante parece pôr mais ênfase no fato de “não ter conhecimento do evento” e deixar claro que não está dando uma informação

por acabada, compartilhada ou pressuposta. A preocupação da informante, vem em seguida, ao completar sua resposta – “*Es difícil contestar la pregunta sin parecer agrandada ni petulante*”. Por outro lado, (63) se refere a um evento compartilhado “*Ronaldo jogou os 90 minutos contra o Atlético*”.

Acredita-se que o uso do indicativo mais elevado para esse item lexical deve-se ao fato de que “*pensar*” parece enquadrar dois tipos de significados ou funções: i) quando o falante quer dar sua opinião a respeito do conteúdo proposicional, retomando o assunto abordado, e ii) quando quer dar ênfase no desconhecimento da informação a que se refere seu interlocutor. Nesses casos, o uso de *pensar*, com o valor temporal de pretérito (*no pensé/ no pensaba*), são as construções que retêm maior uso de indicativo nas amostras. Essa constatação também pode ser vista nos dados da amostra oral, porém com um índice mais elevado de uso do modo indicativo, com evidência às informações novas que os interlocutores querem destacar em sua situação discursiva<sup>101</sup>.

Concluída a análise de *pensar*, os próximos exemplos ilustram usos dos verbos *saber*, *ver* e *darse cuenta de*. Para o item lexical *saber*, foram encontrados mais casos de indicativo, diferenciando-se dos outros itens *creer* e *pensar*. Portanto, acredita-se que a natureza semântica desse tipo de verbo também influencia as escolhas modais, considerando que, nas construções em que *saber* é negado, a principal ênfase está no fato de o falante transmitir ao seu interlocutor o desconhecimento dos fatos, ou seja, o verbo epistêmico *saber* assinala um modo de conhecimento ou a falta dele e sua fonte, seja ela de dedução, de percepção, crença, etc.

Outra característica nessa abordagem de análise se refere ao uso modal com relação aos itens lexicais atrelado às formas verbais da língua espanhola. Conforme prevêm alguns autores, existe uma concordância temporal entre esses dois condicionantes. Para Fernández Álvarez (1987, p. 37), por exemplo, o verbo *saber* se constrói com oração dependente em indicativo quando está no tempo presente “*Ellos no saben que es muy difícil conocer bien una lengua extranjera*”. No entanto, se este verbo está em outro tempo que não seja o presente, o dependente se constrói com indicativo ou subjuntivo, indistintamente, “*Yo no sabía que estabas/estuvieras aquí*”. Tais afirmações também não se comprovaram nas amostras. Atente-se à ocorrência seguinte:

---

<sup>101</sup> Cabe ressaltar aqui também que os valores apresentados no *corpus* oral apresentam maior índice de indicativo (18 casos das 21 ocorrências totais), devido ao fato de que essa amostra está composta por muitas ocorrências em modalidade interrogativa e, portanto, seguidas pelo indicativo.

64. El camino a los altares de Gutiérrez, es coherente. Todas las organizaciones, gremios y grupos tienen algún santo patrono; pero **no sabemos que los masones lo tengan** <s;d;dc;ai;e;sa;pr;ce> : podría llenar esa vacante. Tampoco tienen santo patrono los mitómanos; su canonización de golpe y porrazo (no de Estado) llenaría dos vacíos en el santoral católico. (ECDH09-03-06)

A ocorrência (64), codificada com o subjuntivo, no tempo presente, apresenta um elemento já abordado no contexto: “um santo patrono”. Este trecho ressalta que o uso do modo não é motivado apenas pela forma verbal da oração principal, levando em consideração outros traços, como o *status* informacional.

Ainda com relação a essa constatação da relação entre o uso modal e o tempo, Porto Dapena (1991, p. 124) afirma que é possível a utilização de ambos os modos nas construções *no saber que* no pretérito, porém, para o autor, se o verbo está na primeira pessoa, a alternância só é possível quando as duas orações, principal e subordinada, se referem ao pretérito: “*No sabía que habías venido/hubieras venido*<sup>102</sup>”. Tais construções não são visíveis nos resultados obtidos, pois no pretérito aparece tanto o indicativo como o subjuntivo, conforme os exemplos que se seguem:

65. "Dos semanas después que renuncié a la presidencia de la República tuve conocimiento de que contaba con un koseki. **No sabía que mi padre me había registrado** <i;n;dc;ar;e;sa;pl;ce> en el consulado japonés, cuando yo había nacido", declaró. Luego agregó: "Fui un afortunado". (PELR03- 11-05)
66. No, él dijo: yo soy una sombra, lo único real es mi arquetipo, que puede ser el arquetipo del hombre, pero si yo soy una sombra y se hace un retrato mío, el retrato va a ser la sombra de una sombra. Sí, porque querían hacer un busto de él, entonces, el escultor fue a la clase de él, hizo unos croquis, unos dibujos, y después hizo el busto. Pero Plotino no quería. Si ya soy una sombra, decía, mi retrato será la sombra de una sombra. -Borges, ¿eso tiene alguna vinculación con su propia aversión a los espejos? -En realidad, eso proviene de mi infancia, cuando **yo no sabía que existiera** <s;d;dc;ar;e;sa;ir;ce> Plotino; yo no tenía idea de filósofos de ninguna especie. No, yo sentía temor de los espejos, pero el temor mío era distinto. (ARLA09- 01-06)

(65) ilustra os casos em que o verbo *saber* precedido pela negativa foi encontrado com o indicativo. A informação dada em indicativo de que “*no sabía que me había registrado*” comunica que a informação não era conhecida, até o momento da enunciação. Em (66), o falante retoma a informação que já está no contexto “a existência de Plotino”. É um elemento que não tem o objetivo de informar, mas de se referir ao que foi dito anteriormente.

---

<sup>102</sup> Com referência ao presente, prefere-se a construção interrogativa com a conjunção “si” e indicativo, como no exemplo “*No sé si has aprobado*” (Porto Dapena, 1991, p.124).

Todavía, también foram encontrados exemplos como (67) e (68) em que a construção *no saber que*, em primeira pessoa, é seguida pelo subjuntivo, contrariando a regra prescrita por Porto Dapena.

67. Ya... Es un puente muy apetecible. ... para darse un voltio. Oye, ¿Y... y a Marruecos estas Navidades? ¿A Marruecos? Sí. Pues... **no sé que te diga** <s;d;dc;ai;e;sa;pr;co>, macho. Yo creo que estas navidades casi no voy a tener vacaciones. Porque me cogí una semana de más con... lo de la boda. Ah . Y la semana que me corresponde de navidades pues no sé si la voy a tener. (acon019b.asc)
68. Negó que la pretensión de su proyecto sea chantajear a su tío, Abderrada Yambay, aunque reconoció que hoy las tierras en cuestión podrían ser de dicha persona, ya que se enteró también que no son más de Felino Amarilla. "Yo no quiero hacerme de tierras malhabidas. **Yo no sabía que mi tío puede** <i;n;dc;ai;e;sa;pr;ce> ser hoy el dueño. Si es de él, no iba a recurrir a un mecanismo constitucional para apoderarme de tierra ajena", argumentó. (PYLN28-05-06)

Em (67), o falante contesta em subjuntivo a possível “ida a Marrocos” e no trecho seguinte há o uso do indicativo, porém a sequência temporal não é a de pretérito/pretérito, mas de pretérito/presente<sup>103</sup>.

O próximo item lexical a ser apresentado é *darse cuenta de*<sup>104</sup>. Os resultados apontam uso exclusivo do indicativo, diferenciando-se dos demais verbos analisados até o momento. Veja, agora, os dados seguintes em (69-70):

69. Dinoire, divorciada y madre de dos adolescentes, habló con franqueza sobre la forma en que su perro labrador la atacó en mayo. La tragedia La mujer relató que estaba dormida cuando el animal la lesionó y **no se dio cuenta de inmediato que estaba** <i;n;dc;ar;o;ds;im;ce> desfigurada, hasta que despertó. Dinoire, consciente de que esta intervención ha despertado críticas y polémica en Francia, explicó que el día del ataque, a finales de mayo del 2005, se había "desmayado" (HOLP07-02-06)

<sup>103</sup> Considerando o posicionamento da Real Academia Espanhola (1973, p.519-20), de que o modo subjuntivo aparece em algumas orações quando está legitimado por um elemento, tal como a negação ou a interrogação, a gramática afirma que, quando se dá esta condição, a cláusula em subjuntivo pode estar no [+ passado] se o verbo principal se encontra no presente ou no futuro. No entanto, se o verbo principal está no passado, somente se permite o passado anterior, como no exemplo “*No creían que hubiera / \* haya*”. Ao comparar tal consideração com o trecho (68), nota-se que nenhum dos aspectos se faz evidente, ou seja, o elemento da negação não é traço característico de uso do subjuntivo e a correlação temporal se dá pela estrutura passado/presente.

<sup>104</sup> Karttunen (1971, p. 56) assinala que alguns verbos que são considerados como factivos podem ser construídos com complementos que não são considerados em sua totalidade como pressupostos. Entre esses verbos cita *ver* e *darse cuenta*. Para fazer referência a estes verbos, o autor os nomeia de semifactivos. Para Terrell e Hooper (1974, p.24), o complemento dos semifactivos tem comportamento sintaticamente idêntico ao dos factivos, devido ao fato de que, em espanhol, ambos se constroem com o modo indicativo. No entanto, apesar dessa similaridade entre factivos e semifactivos, as autoras consideram que estes são fracamente pressupostos, ao passo que aqueles são fortemente pressupostos. As definições propostas por Terrell e Hooper não são de fato pertinentes para a análise das orações, levando em consideração que muitos dos complementos de ambos os verbos não apresentam pressuposição fraca, mas factual.

70. Un grupo, y no son sólo uno o dos. Tú dices Diosdado y yo no sé si él está aspirando a eso, que, de paso, si lo estuviera haciendo no tengo por qué cuestionarlo. Lo que cuestiono es que **no se den cuenta del gravísimo problema que tenemos** <i;n;dc;ar;o;ds;pr;ce > atrás. ¿A qué problema se refiere? \_Nosotros tenemos una confrontación con Estados Unidos cada vez más intensa. Estados Unidos permanentemente utiliza como plataforma a Colombia para ejercer su confrontación (VEEU27-05-05)

Nas ocorrências ilustradas acima (69-70), as informações: “a mulher estava desfigurada” e “o gravíssimo problema” não haviam sido adquiridas até o momento da enunciação. Pressupõe-se que o falante tem como objetivo principal informar a seu ouvinte ou leitor a respeito dos fatos<sup>105</sup>. Ao comparar esse item lexical com *saber*, cujos resultados mais se aproximaram, nota-se que, nos contextos de *darse cuenta*, não há elementos disponíveis anteriormente ao uso da construção precedida pela negação, mas com *saber*, foram encontrados alguns casos, conforme exemplos já apresentados.

Estes resultados também se distanciam dos valores postulados por autores como Sastre Ruano (1997, p. 83). A autora afirma que, quando a cláusula tem um elemento negativo, como no caso de *darse cuenta*, usa-se o subjuntivo. Às vezes, a subordinada vai com indicativo, o que implica uma regra alternativa que pode alternar indicativo ou subjuntivo. De acordo com Sastre Ruano, quando o falante se compromete com a verdade do enunciado, usa o indicativo. Caso contrário, se não há compromisso por parte do falante sobre a veracidade do conteúdo da cláusula subordinada, ou seja, se não dá a entender se esta é certa ou não, seja porque não saiba ou porque crê que não deve manifestar, ou porque já é de conhecimento do ouvinte, usa o subjuntivo, como no exemplo “*No me di cuenta de que tu coche estuviera sin batería*”. Enunciados como esse, ilustrado pela autora, não foram encontrados na amostra; logo, acredita-se que a verificação do contraste compromisso/falta dele não é o traço mais apropriado de averiguação de uso dos modos no caso dos itens lexicais.

O último item lexical a ser abordado é *ver* que também apresentou variação dos modos nas amostras. Atente-se, agora, às ocorrências que se seguem:

71. A la salida de un tiro libre desde la derecha, Suazo -en posición dudosa- cabeceó y la pelota pegó en el palo. El rebote le quedó a él y después de pararla sólo tuvo que empujarla. **Torres no vio que** Andrés González, quien estaba en posición adelantada en el momento del cabezazo, **obstaculizaba** <i;n;dc;ar;o;ve;im;ce > a

<sup>105</sup> Para Guitart (1990, p. 320), o verbo *darse cuenta* tem uma característica positiva própria, ou seja, serve para determinar como se adquire a informação contida no complemento, ou, no caso da negação, como não foi adquirida.

Olave y cobró el gol. Error del árbitro y 2-1. Gimnasia sufría mucho en Chile. Ormenio había creado un surco por la banda derecha y Suazo era prácticamente (ARCL19-10-06)

72. "Estoy aquí (en Nicaragua condenado) a 20 años y te dicen que por 10 años no puedo entrar" a Europa, reaccionó el ex mandatario en declaraciones a la televisión de Managua. "**No ves que yo vivo** <i;n;dc;ar;e;ve;pr;ce> en América del Sur, en El Chile (nombre de la finca en la que tiene ubicada su residencia, mientras que) la finca más cercana de mi papá se llama Perú, a la otra le puso Washington, a otra Nueva York, yo vivo viajando", señaló en tono jocoso. (SVPG01-06-06)

As ocorrências (71-72), cujas informações se referem ao “obstáculo a Olave” e “viver na América do Sul”, respectivamente, ilustram os casos em que o item lexical *ver* é utilizado como verbo de percepção (71) e para chamar a atenção do ouvinte (72). Com relação aos demais itens lexicais avaliados, *ver* é o que apresenta mais funções nas ocorrências analisadas. Além destas estratégias destacadas, é possível se deparar também com uma grande quantidade de casos em interrogativas em que o falante põe ênfase na chamada ao seu interlocutor, como em: “*Espérate, ¿no ves que estoy comiendo?*” (CUJR21-04-06). Cabe mencionar aqui, que a grande diferença percentual entre os usos modais verificados no *corpora* se deve, principalmente, ao fato de que na amostra oral há um grande número de casos de interrogativas, logo, maior uso de indicativo.

Já que os resultados incluem tanto as interrogativas como as declarativas, decidiu-se realizar uma nova rodada entre as variáveis modo verbal, item lexical e tipo de modalidade sintática, para separar as interrogativas das declarativas. De acordo com os novos resultados, foram encontrados coincidentemente, em ambas as amostras, oito (8) construções declarativas precedidas por negação com o verbo *ver* em subjuntivo, e três (3) em indicativo. Nessas construções, a maioria serve para emitir opinião, principalmente, quando as informações não são aceitas pelos ouvintes e se faz necessário ao falante emitir seu parecer a respeito do conteúdo discursivo, ou seja, destaca-se mais uma função do verbo *ver*, nas ocorrências analisadas. Considere as ocorrências que seguem:

73. 2. y: aquí en Alcalá/ ¿tú qué:/ bueno/ porque lo conoces// qué- qué tradiciones tiene o qué: ...?1. ¿qué tradiciones tiene?/// tradiciones: (lapso = 4) ¡qué inoportuno! ¿no?2. a nivel religioso o a nivel cultural 1. pues es que Alcalá es un mosaico de: culturas regionales/ porque aquí hay gente de Extremadura/ de Andalucía/ de Cataluña/ de Galicia de- de-// de Extremadura/ de Ciudad Real de La Mancha// entonces/ culturalmente:/ pues:/ cada uno tiene sus costumbres y sus ritos/ sus comidas/ sus bailes// no sé no- **no veo que haya** <s;d;dc;ai;e;ve;pr;co> una corriente cultural concreta aquí en Alcalá// es que tampoco/ no sé si te he entendido bien la pregunta 2. no en el sentido/ pues que: 1. ¿tradiciones? 2. sí/ comidas/ si sabes tú alguna/ algún- algo (H28S)

74. ... leí el periódico y decía que 10 por ciento de la población escolar era de inmigrante, era de procedencia del norte de África. (...) creo que estabas presente, dijo una frase que a mí me impresionó, y me parece que es un poco... en una respuesta poco pensada, yo creo, todavía, pero que supongo que era una reflexión que habían hecho en el... en el Parlamento Europeo, que decía que sí, que es verdad, nosotros no tenemos hijos, ellas los tienen; que los traigan, se los cuidaremos. Yo creo que esa es la única solución, porque eh... además imparable, quiero decir que no... no... no hay manera de parar eso. O sea, sí, nosotras somos ahora somos su norte, antes hemos sido nuestro norte, y no hay otra... no hay... no... **no veo que haya** <s;d;dc;ar;e;ve;pr;co> muchas... posibilidades de... el intento (hum019a.asc)

Nessas ocorrências, quando o falante usa o subjuntivo, principalmente, com a primeira pessoa, retoma alguma informação para corrigi-la e, especialmente, para emitir seu juízo de valor sobre o assunto. Os fragmentos (73-74) se parecem muito com os exemplos apresentados anteriormente “*no creer que/pensar que*”. Parece haver uma mudança no significado do verbo, que deixa de ser de percepção e passa a ser de conhecimento, como se quisesse dizer “entendo, acredito, sei, etc”. Assim, em (73), o falante, ao tratar sobre “as tradições culturais e religiosas de Alcalá”, emite sua opinião, retomando esse assunto com o subjuntivo “*no veo que haya una corriente cultural*”. No exemplo seguinte, o falante apresenta uma solução para os imigrantes da África e, posteriormente apresenta sua opinião, não vê, ou não acredita que “*haya muchas posibilidades*”.

Para Guitart (1990, p. 322), o complemento do verbo *ver* negado, quando se constrói com o subjuntivo, não se pressupõe. Segundo o autor, o uso do subjuntivo produz o efeito de suscitar a dúvida acerca da existência ou não da situação a que se faz referência no complemento. Assim, no trecho (75) o falante não vê que existe uma corrente cultural em Alcalá, mas ela pode existir. A consideração do autor é pertinente. No entanto, não se pode deixar de assinalar que, nesse trecho, por exemplo, antes de o falante transmitir o enunciado “*no veo que haya una corriente cultural*”, havia uma pergunta “sobre as tradições de Alcalá”. A retomada de conteúdo é uma condição que retém o subjuntivo, não apenas no caso de *ver* precedido de negação, mas nas outras orações analisadas até o momento<sup>106</sup>.

Fica evidente, portanto, que a alternância modal não pode ser medida a partir de grupos verbais nem mesmo pela distinção afirmativa/negativa. Em contrapartida, considerando que uma das oposições mais difundidas é a de realidade/não-realidade, acredita-

---

<sup>106</sup> Muitos autores já assinalaram que tanto o modo indicativo como o subjuntivo pode aparecer na versão negativa ou interrogativa das construções com verbos como *ver* e *darse cuenta* (Guitart, 1990, p. 321). Tal afirmação vai de encontro os resultados desta pesquisa, pois para o item lexical *ver* foram encontrados casos codificados com ambos os modos, com preferência pelo subjuntivo nas declarativas e pelo indicativo nas interrogativas. No entanto, a análise de *darse cuenta de* não teve o mesmo comportamento.

se que a análise que tem o conteúdo semântico de dúvida, possibilidade, etc., associado ao subjuntivo e o conteúdo de realidade e certeza associado ao indicativo poderia ser atribuída aos verbos que os regem e não aos modos em si, já que a carga semântica de cada verbo parece influenciar a escolha, por parte do falante, para codificar seus conteúdos proposicionais.

Encerrada essa análise, passa-se à seção seguinte, em que se tratam especialmente os usos do modo subjuntivo sob o escopo da modalidade *realis*, na tentativa de verificar se a factualidade que pode ser expressa por esse modo tem correlação com os tempos verbais na língua espanhola.

#### 4.7 Influência da estrutura temporal

Esse grupo de fatores foi selecionado para avaliar a correlação entre as formas verbais subjuntivas e a codificação da factualidade dos eventos. Conforme já mencionado no capítulo três desta tese, devido à grande quantidade de orações concessivas codificadas com o modo subjuntivo com valor de factualidade, decide-se verificar se o subjuntivo está circunscrito à modalidade *realis*, devido à presença de um tempo verbal específico. Nesse direcionamento, todas as ocorrências de substantivas precedidas por negação foram etiquetadas de acordo com a forma verbal utilizada. Porém, cabe ressaltar que apenas as variantes subjuntivas são aproveitadas para demonstrar a frequência de uso dessa correlação: tempo e modo verbal<sup>107</sup>. Atente-se aos valores encontrados na tabela 9 a seguir:

Tabela 9 – Frequência da estrutura temporal (substantivas)

Tempo verbal subjuntivo	Corpus escrito		Corpus oral	
	Modalidade			
	<i>Irrealis</i> (ai)	<i>Realis</i> (ar)	<i>Irrealis</i> (ai)	<i>Realis</i> (ar)
<i>Presente</i>	183	2	90	<b>1</b>
<i>Perfecto</i>	15	5	6	-
<i>Imperfecto – RA</i>	5	8	4	<b>1</b>
<i>Imperfecto – SE</i>	3	1	-	-
<i>Pluscuamperfecto</i>	1	-	-	-
<b>Total</b>	<b>207</b>	<b>16</b>	<b>100</b>	<b>2</b>

<sup>107</sup> Vale ressaltar que o grupo de fator ‘estrutura temporal’ não leva em conta todos os parâmetros acionados na avaliação da variável modalidade, ou seja, a especificidade e a localização temporal não são analisados, apenas a referencialidade do evento/situação. Para tanto, faz-se uma nova adaptação, reunindo as modalidades (*realis/irrealis* e asserção negada), avaliadas nas substantivas e nas concessivas, apenas em *realis/irrealis*.

No caso das substantivas precedidas por negação, quando se estabelece o cruzamento entre os tempos do modo subjuntivo e o caráter factual ou não dos eventos captados no contexto discursivo, os indicadores de frequência apontam que a factualidade, representada na tabela pelo *realis*, correlacionada ao modo subjuntivo é mais determinante nos casos de *imperfecto*, com um total de (9) casos. Os resultados ainda apontam, no caso da amostra escrita, (5) casos de *perfecto* e (2) de *presente* codificando factualidade com a variante subjuntiva. Apesar de o *corpus* oral apresentar uma frequência baixa de uso do subjuntivo para codificar factualidade, e essa variante seja empregada em alguns contextos específicos, os resultados finais corroboram a principal predição que se quer evidenciar nesta tese: a descaracterização do subjuntivo como modo da incerteza, não-realidade, já que esse modo também pode ser utilizado para codificar fatos concretos, realizados. Dando continuidade, são apresentadas algumas ocorrências que ilustram os valores encontrados na tabela 9, que retratam o uso do subjuntivo sob o escopo factual, vistas em cada um dos tempos verbais separadamente.

#### 4.7.1 Presente

Os resultados confirmam três casos da variante subjuntiva sob o escopo factual codificadas no tempo *presente*, duas no *corpus* escrito, uma no oral. Atente-se às ocorrências que se seguem.

75. Policía admite corrupción - El comandante de la Policía, general José Vinueza, admitió ayer que al interior de ese organismo existe corrupción, tras la captura a comienzos de semana de agentes implicados en un supuesto caso de tráfico de personas. "**No creo que solamente la Policía esté** <s;d;dc;ar;e;cr;pr;ce> corrompida, hay otras instituciones, pero lo importante es que lo reconocemos y estamos haciendo el trabajo..." (ECLH08-07-06)
76. ¿Qué espera del beisbol? R. Mis aspiraciones siguen iguales. Yo espero dirigir algún día en Grandes Ligas y darle un título a Dios y a este país, que es tan emotivo con las victorias. Eso sería tremendo. Sé que no es una batalla fácil, porque no hay experiencia en Grandes Ligas, pero ahí esta Manny Acta que rompió los esquemas. Él solamente llegó a clase A, como yo. Esos ejemplos motivan a seguir adelante. P.¿Volvería con el Caracas? R. Ahora es difícil decidirlo. Humanamente hablando, tengo todos los deseos. Espiritualmente, creo que cuando Dios cierra una etapa de la manera en que la cerró, ¿por qué abrirla nuevamente? **Yo no pienso que Dios obre** <s;d;dc;ar;e;ps;pr;ce> de otra manera, pero como él es tan único en esos caminos, nunca se sabe. Y lo digo con dolor, porque de verdad me cuesta desprenderme de esta camiseta. Pero estoy casi seguro de que con el Caracas la historia se acabó este lunes 20 de noviembre. (ESAB07-10-06)

As pistas contextuais a que se tem acesso conferem às situações analisadas, a factualidade dos eventos nas ocorrências acima. (75) trata da “corrupção da polícia”. O uso do verbo não-factivo *creer* instaura modalidade *irrealis* sobre o complemento, porém, através do contexto a que se tem acesso, é possível conferir ao evento descrito o grau de factualidade - “*Policía admite corrupción*”. Em (76), o falante “atribui a Deus as obras realizadas, e esse evento é tomado como factual.

#### 4.7.2 Pretérito perfecto

Nesta subsecção, apresentam-se algumas ocorrências encontrada no *corpus* escrito que codificam factualidade com a variante subjuntiva.

77. En cambio, Adalberto Celestre, de la Agrupación Juan Sebastián Verón, lo va a "recibir bien. A mí me quedó una buena imagen de él. Es verdad que me molestó un poco que haya especulado para ver si le salía lo de Independiente antes de responderle a Estudiantes, pero Burru es un tipo de perfil bajo". Más allá fue Roxana, de la Agrupación Gorina, con respecto a brindarle un caluroso trato. "No tengo ningún problema con Burruchaga, creo que cuando se fue los dirigentes no lo trataron bien, **no creo que se haya ido** <s;d;dc;ar;e;cr;pe;ce> así porque sí. Yo lo aplaudiría, por qué no". Por último, también están para los que el actual DT del Rojo pasará desapercibido. (ARED21-09-06)
78. Lino Gonzales Huamán, tío de Clever, contó cómo se planificó el secuestro del escolar y, sin convencer, pretendió descargar en su cómplice Víctor Laura Sánchez la responsabilidad de haberle provocado la muerte. Confesó que dos meses antes, él se ganó la simpatía de sus primos y del propio Clever, ayudándole con sus tareas y comprándole golosinas. (...) Víctor se dirigió después a una tienda de su propiedad, en la Av. 28 de Julio 2779, La Victoria. Lino retornó a su casa donde --dice-- halló muerto a Clever. La Policía **no cree que el niño se haya sofocado** <s;d;dc;ar;o;cr;pe;ce> solo. Está convencida de que el tío lo asfixió para que no lo identificara. El cómplice, Víctor Laura, aseguró ayer que el tío le entregó el cadáver dentro de una bolsa. (PELR22-01-05)

Apesar do uso do verbo “*creer*”, o trecho em (77) não é hipotético. O que leva a tratar essa ocorrência como fato, são as pistas oferecidas pelo contexto discursivo. O informante, antes de apresentar sua opinião com o verbo *creer*, comenta que “*cuando Burruchaga se fue los dirigentes no lo trataron bien*”, confirmando a ida do indivíduo, apesar de o mesmo não ter conhecimento do “motivo da saída”. Em (78), o *pretérito perfecto* também codifica um evento que se apresenta como factual: “o menino se sufocou”, cuja interpretação também é considerada a partir da gama de informações contextuais – “*el tío lo asfixio*”; “*aseguró ayer que el tío le entregó el cadáver dentro de una bolsa*”.

### 4.7.3 Pretérito imperfecto

A seguir, são apresentadas as ocorrências em que o modo subjuntivo aparece sob escopo factual na forma do *imperfecto*. Os resultados apontam que esse tempo verbal reúne o maior número de casos de aparição do modo subjuntivo em contextos factuais, no caso das substantivas precedidas por negação. Cabe ressaltar que a ocorrência em (79) é a única encontrada no *corpus* oral, sob o escopo factual, e que (80) é o dado encontrado na forma imperfecto em *-se* do *corpus* escrito.

79. 1. un robo 2. nos vamos al (?) compré yo ahí un piso se lo compré a una que lo tenía: hipotecado 1. sí/// 2. me está co- me está costando más dinero... 1. (?) 2. anoche la llamé/ porque no ha 1. ¿no te paga? 2. pagado las escrituras//porque tengo que hacer las escrituras y no las puedo hacer hasta que no las haga ella y le he dicho que se las hago-/ que yo las pago las escrituras aunque luego me tenga que dar el dinero después/ que no me lo va a dar 1. no te lo va a dar 2. pero bueno/ (y-) 1. pero es que hacen cada cosa que para qué las prisas 2. y bueno voy a tener que decirle-/ y voy a tener que decirle que- que bueno que vaya que lo de:- / que lo olvidemos y que esto otro porque es que a mí no me interesa es/ pues eso/ pues hacer mis escrituras porque es que ahora mismo bueno (ts) yo **no creo que me quitaran** <s;d;dc;ar;e;cr;ir;co> el piso porque yo tengo un compromiso con ella yo fui a un abogado y hicimos un contrato (M59P)
80. Mirian Martínez es la presidenta del club Deportivo Táchira de Venezuela, equipo que enfrentó en nuestro país a Cerro Porteño por la Copa Libertadores. La empresaria se inició en el fútbol casi por casualidad y hoy es considerada como una de las dirigentes más destacadas de este deporte caracterizado por la mayoritaria presencia de los hombres. (...) Acerca de ser una mujer al frente de un club de fútbol, señala que "cuando yo tomé la decisión de entrar al fútbol, **no creí que hubiese** <s;d;dc;ar;e;cr;is;ce> tanto machismo; cuando ya entro es cuando me doy cuenta de ese machismo; así como tu pregunta, esa es la primera pregunta de todos, "¿qué hace una mujer en el fútbol?", como diciéndome: "¿Qué haces tú si no sabes nada de eso?". Esa es la pregunta que yo la sentía al principio muy fuerte y ahora ya aprendí a tomarla con naturalidad, pero al principio les decía: "Pues lo mismo que el hombre, ¿qué voy a hacer?, pues dirigir" (se ríe). Al principio, me decían: "Pero no sabes nada de fútbol...", y yo les contestaba que "los que tienen que saber de fútbol son los que juegan y el técnico, (PYAB12-04-05)
81. MADRID. Muchas cosas tenía pendientes Ronaldo. Contar historias pasadas de frustrados traspasos, su relación con Capello, los 30 goles prometidos, la bienvenida del Bernabéu... A todo contestó, aunque con un tono un tanto alicaído. En principio comentó que **no pensaba que pudiera** <s;d;dc;ar;o;ps;ir;ce> estar para jugar 90 minutos ante el Atlético, aunque "sueño con volver a ser titular y con marcar goles de nuevo". Habla el jugador del recibimiento del Bernabéu ante el Dinamo de Kiev y se emociona: "La verdad es que me sorprendió tanto afecto. No esperaba eso y la verdad es que estoy muy contento. (ESAB01-10-06)

As ocorrências em (79-81) identificadas como: “a perda do apartamento”, “a existência do machismo” e “a realização do jogo”, respectivamente, se referem a eventos factuais. Essas construções apresentam grau de factualidade, na medida em que o contexto dá pistas sobre a concretude das situações.

Ainda com relação às análises modais atreladas aos valores temporais, cabe abrir um parêntese para outras constatações decorrentes dos resultados obtidos. Além da verificação de que o modo subjuntivo pode ser utilizado em diferentes ambientes, tanto em contexto de modalidade *irrealis* como *realis*, é possível notar também que o valor temporal parece influenciar a avaliação dos enunciados como informações novas ou dadas. Toma-se como exemplo as ocorrências (82) e (83):

82. seguró que el ambiente en que se sancionó la ley en el año 1995 es muy diferente frente a la de 2005, año en que se modificó la normativa. Es diferente porque ahora el funcionamiento del sistema financiero, tanto local como internacional, se rige por otras normas que han marcado un proceso muy importante de depuración en el sentido de conocer quién es su cliente. (...) Entonces, siguió explicando, los bancos inmediatamente seguirán aplicando sus normas actuales y sencillamente cancelarán las cuentas si algún ahorrista emite cheques sin fondo. "**No digo que la nueva ley esté** <s;d;dc;ai;e;de;pr;ce> precisamente bien, sino que esta reglamentación quedará con un margen superior al que están desarrollando los bancos como normas internas. Probablemente no tendrá efecto negativo como el que podría tener si sencillamente los bancos tuvieran un comportamiento más liberal con relación a los emisores de cheques sin fondo", concluyó. (PYAB10-02-06)
83. Creo que el mundo es una incitación para producir metáforas. Pongámoslo de una manera más comprensible: todo el mundo habla de Dios. Dios creó el mundo; el hombre crea metáforas. Dios le enseñó a hacerlo. -¿La literatura actual ayuda en la reproducción de metáforas como instrumento? -En sus preguntas, usa mucho las palabras "ayuda", "contribución", "aporte" como si la literatura o el arte fueran una sociedad de beneficencia. Pero **yo no pienso que la literatura tenga** <s;d;dc;ai;e;ps;pr;ce> este tipo de función. La literatura está produciendo ideas, metáforas, historias con significaciones abiertas o veladas que son -y ahora me pongo de su lado- más necesarias que nunca. (ARLN24-12-06)

No tempo presente, o item lexical *decir* e *pensar* são utilizados em construções que têm como objetivo informar seus interlocutores a respeito das situações discursivas ou sobre algo que está posto, de certa forma, no ar. Assim, os informantes retomam as informações e fazem uma avaliação das mesmas, dando sua opinião com a variante subjuntiva.

Considerando que a análise dessa variável permitiu a codificação e etiquetagem das formas temporais, paralelo a esse cruzamento, decidiu-se avaliar se os traços prototípicos associados ao modo subjuntivo: hipótese, incerteza e dúvida têm relação com o conteúdo temporal. Para tanto, a frequência do emprego dos modos foi contabilizada com base na localização temporal do evento expresso na proposição, tomando como conjectura o pressuposto de que a referencialidade ou não-referencialidade posterior ao momento da fala, por estar relacionado a eventos futuros, incertos, potenciais, favorecem a seleção do modo subjuntivo. Essa expectativa, portanto, prevê o traço de futuridade como um contexto preferencial de uso do subjuntivo. Entre as ocorrências analisadas, foram encontrados (20) casos de uso do presente do subjuntivo, sob escopo do traço de futuridade no *corpus* escrito,

e (11) casos na amostra oral. Em função desses resultados, acredita-se que o traço futuridade não é o contexto de maior favorecimento ao uso do subjuntivo no caso das orações substantivas precedidas por negação, pois nessas ocorrências, mais do que a presença ou ausência desse traço, mediante o cruzamento das variáveis: modalidade e tempo, é possível verificar que o aspecto informativo está atrelado aos contextos. Em trechos como: *¿Tú crees que vuelve a Marbella, Khashoggi? No, no creo que Khashoggi vuelva a Marbella porque para Khashoggi vuelva a Marbella tendría que volver a tener la casa, una casa como la que tenía.* (ccon009a.asc) - a informação: “*volver a Marbella*” está sob o escopo da modalidade *irrealis*, atrelada à futuridade, mas não deixa de estar ligada a uma informação anterior: “*creo que vuelve – no creo que vuelva*”.

#### 4.8 Influência do canal

Analisando-se dados de fala e escrita pode-se correlacionar as duas amostras e verificar se existem diferenças ou preferências de usos dos modos verbais atrelado a uma amostra específica. Na medida em que as variáveis testadas foram apresentadas, neste capítulo, foi possível observar que, na maioria das variáveis analisadas, o uso dos modos indicativo e subjuntivo é similar nas amostras. Para encerrar a avaliação dessa variável, nesta seção, retomam-se os dados gerais das subordinadas substantivas, precedidas por negação, e se submete à rodada do SPSS. Os resultados obtidos são apresentados na tabela 10, composta de um total de 642 ocorrências.

Tabela 10 – Distribuição geral dos usos modais nas orações substantivas

	<i>Corpus Escrito</i>			<i>Corpus Oral</i>		
	<b>Modo Verbal</b>					
	Indicativo	Subjuntivo	Total	Indicativo	Subjuntivo	Total
<b>Orações Substantivas</b>	190	220	410	130	102	232
	46,3%	53,7%	100,0%	56,0%	44,0%	100,0%

A tabela apresenta os percentuais de uso dos modos nas orações substantivas em geral. O *corpus* escrito apresenta índice percentual mais elevado de subjuntivo (53,7%) e o oral (56%) de variantes indicativas, do total dos dados analisados. Apesar da grande quantidade de construções que evidenciam a retomada das informações, correlacionadas nesta tese ao subjuntivo, pela hipótese adotada, nota-se através dos resultados, que o número de ocorrências em indicativo é alta. Associam-se estes primeiros resultados a dois condicionantes: i) no caso da amostra oral, maior índice de indicativo por estar correlacionado às informações novas que

os falantes disponibilizam nas entrevistas; ii) para o escrito, maior índice de subjuntivo, relativo às informações que são disponibilizadas previamente para o leitor, seja em parágrafos anteriores ao contexto de uso dos modos verbais, seja através de reportagens já editadas.

Esses valores percentuais próximos vão de encontro às considerações feitas por alguns estudiosos da língua. Cita-se, por exemplo, um artigo de Vicente Verdú, escrito para o jornal El País (Espanha), intitulado: “*El subjuntivo*”<sup>108</sup>, em que o autor expressa sua preocupação pelo crescente desaparecimento desse modo, no idioma espanhol. De acordo com Verdú, na rádio, nas conversações, nos jornais e na televisão, se fala e se escreve substituindo o subjuntivo pelo presente do indicativo. Em consonância a essa constatação, citam-se os resultados finais do estudo de Silva-Corvalán (1994) sobre a perda gradual do subjuntivo nos contextos em que é possível a alternância dos modos verbais. Os resultados aqui evidenciados para as orações substantivas não se aproximam aos valores encontrados por esses autores, pois a tabela 10 demonstra que a alternância é equilibrada.

---

<sup>108</sup> Seu texto está disponível em ([www.elpais.com-10-07-1999](http://www.elpais.com-10-07-1999)).

## CAPÍTULO V ÀS VOLTAS COM AS ORAÇÕES CONCESSIVAS: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

---

### 5.1. Considerações iniciais

Neste capítulo, são discutidos os resultados das variáveis testadas na análise das orações concessivas com o conector *aunque*, nos dados do *corpus* escrito e do oral, no intuito de identificar os traços significativos que condicionam a escolha modal indicativo/subjuntivo, nessas construções.

### 5.2 Influência do tipo de informação

Esse grupo de fatores foi selecionado por considerar-se significativo na eleição dos modos verbais em espanhol. Cabe lembrar que a hipótese considera uma possível associação entre o uso dos modos verbais e a distribuição da informação, em que o subjuntivo se refere a um elemento concebido previamente, levando em conta as informações contextuais, o conhecimento compartilhado e as inferências. Em contrapartida, o indicativo está correlacionado às informações novas.

A tabela 11, que se segue, traz os resultados dos usos modais e o grupo de fatores: tipo de informação. Na primeira verificação geral com todas as ocorrências, o programa estatístico apresentou os seguintes resultados:

Tabela 11 –Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de informação (*aunque*)

Tipo de informação	Corpus Escrito			Corpus Oral		
	Modo Verbal					
	Indicativo	Subjuntivo	Total	Indicativo	Subjuntivo	Total
Informação dada (d)	4	143	147	8	187	195
	2,7%	97,3%	100,0%	4,1%	95,9%	100,0%
Informação nova (n)	337	21	358	169	49	218
	94,1%	5,9%	100,0%	77,5%	22,5%	100,0%
Total	341	164	505	177	236	413
	67,5%	32,5%	100,0%	42,9%	57,1%	100,0%

Os valores da tabela 11 indicam relação entre o uso dos modos e a variável tipo de informação, comprovando a hipótese de que o subjuntivo está vinculado às informações dadas, com valores de 97,3% e 95,9%, respectivamente nas amostras escrita e oral. Em contrapartida, o indicativo também está correlacionado às informações novas, informações

que não apresentam elementos prévios, recuperáveis, contextual ou situacionalmente, contabilizando percentuais de 94,1% e 77,5%, na escrita e na fala. De maneira geral, os valores percentuais de uso de ambos os modos, correlacionados à distribuição da informação, estão mais equiparado no *corpus* oral (42,9% e 57,1%).

O resgate de termos já abordados previamente no contexto é uma estratégia que se comprova nos resultados da variável tipo de informação, indicando que esse fator é um traço significativo na escolha dos modos verbais para as duas amostras, pois retém o subjuntivo nas ocorrências em que não se apresentam informações novas. A amostra oral se compõe basicamente de entrevistas nas quais os temas abordados pelos interlocutores são muitas vezes repetidos, resgatados no contexto por algum motivo, dando coerência à conversação. Isso também ocorre na língua escrita, em especial pelo uso do conector estudado, já que na maioria das vezes, é usado como estratégia linguística para cancelar as inferências, conhecimento compartilhado ou os pressupostos atribuídos ao ouvinte na situação discursiva.

Com base nesses resultados contabilizados, considera-se, portanto, o traço informação dada como um contexto favorecedor de uso do subjuntivo, porém não definidor, já que há casos em que as informações se repetem e usa-se o modo indicativo.

Antes de apresentar os enunciados para análise, segue a tabela de contingência do valor do teste de significância para o *corpus* oral.

Tabela 12 – Contribuições do  $\chi^2$  (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®)  
Análise da variável modo verbal e o tipo de informação (*aunque/corpus* oral)

Modo verbal	Valor	GL	Significância
Qui-quadrado $\chi^2$	226,563	1	p<0,001
Casos Válidos	413		

O resultado não é devido ao acaso, considerando que o valor da significância (*p*) mostra que a chance deste resultado ser aleatório é menor que uma em mil. O alto valor do qui-quadrado 226,563 é significativo, corroborando a hipótese arrolada para essa variável. Considere, agora, ocorrências retiradas *corpus* oral que evidenciam a relação entre subjuntivo e informação dada:

84. que murió mi madre/ que también hace pues ocho años ha hecho/ mi hijo siete y mi madre ocho// pues: (lapso = 2) tengo una barra en el congelador/ la he sacado/ y sube mi nieto/ le doy la comida/ come/ y me siento un ratito/ porque tengo que ir a poquitos/ no puedo hacerlo todo: seguido 2. ¿qué sueles- qué sueles poner para comer/ en esta época del año? 1. pues ¿ahora? pues: o: pongo: judías en ensaladilla/ a mí **aunque sea** <s;d;dc;ai;pr;co > verano me gustan mucho las sopas ¿eh? 2. ¿tú cómo haces las sopas/ qué les pones a las sopas? 1. ¿las sopas? según de lo que la haga/ si la hago de pescado/ pues compro un trozo de pescadilla o: rape/ (M67M)

85. la cama toda, hecha una porquería. (risa) E.: - Me muero, esas cosas. I.: - Aj. Yo con mi maleta, ¿ ah? paseándome por todo Londres. Entonces, tenía un folleto felizmente de er frans (risa) y ahí decía, blus buri centerjoutel y no sé qué. Entonces, bueno **aunque sea** <s;d;dc;ai;pr;co> un... hotel pituco, qué me importa. Tomé un taxi me fui para allá, y me dijeron cuánto tiempo se va quedar, hasta el domingo. Bueno solam... solamente hay por esta noche, además nevaba como no sé qué. Porque, yo había (HM242)
86. para últimos de enero próximo, y la distancia es tan grande, que... que no... no nos permite y la edad que tenemos tanto mi mujer como yo, no nos permite desplazarnos, como sería nuestro gusto para poder atender en este alumbramiento; pero en fin, tenemos confianza en Dios y la Providencia, que **aunque esté** <s;d;dc;ai;pr;co> sola, siempre habrá personas de... convecinos que da... en un momento dado la prestarán el auxilio que me... que se presta en esos casos. Y así estamos. (aedu016a.asc)
87. 2. se puede-/ se puede hablar de- de cualquier cosa 1. de cualquier tema ¿no?// 2. y: (pf)/ pues la verdad-/ la verdad es que a: veces resulta un tanto difícil porque/ ¿no ves? nos hemos sentado/ ahora mismo nos hemos sentado aquí a hablar y en realidad 1. sí 2. vamos a hablar/ y no te- y no estamos motivados 1. claro es eso/ es que no tenemos 2. ¿eh? 1. motivación en principio alguna ¿no? porque:/ bueno/ somos dos desconocidos teóricamente/ que **aunque nos conozcamos** <s;d;dc;ar;pr;co > así: de vista y tal pero que/ no hemos tenido nunca tampoco ningún vínculo así:// rarillo ni nada y claro/ y es lo que te ocurre que parece: como todo que te pones a hablar de un tema y: (H35M)
88. yo de habladora (risa = todos) porque en el colegio muchas veces la dicen- 1. sí 2. la dicen:/ "Carolina que-/ que no hables" y dice// "si yo no he sido señorita la que he hablado" (risa = 2) 1. ya si habla tanto ya: cuando oigan hablar ... 2. ya la: ... 1. ya se la toman como que ha sido ella **aunque no haya sido** <s;d;dc;an;pe;co > 2. (hm)// ya muchas veces la:- por el mero hecho// de:-// de que como siempre la cogen a ella pues ya la pobre pues siempre:-/ siempre la dicen que es ella// (hh) yo:// ahora por ejemplo mira anoche fui 121 a: hacer gimnasia me encontraba (m:)/ (M23S)
89. de Zaragoza/ profesor de árabe/ V M/ e:l y yo sentados en la puerta del ayuntamiento actual/ allí/ esperando a que nos dijeran/ entonces/ (m:)/ llegan como las seis de la tarde las siete/ claro con la inquietud de nuestras familias porque claro habían ido allí a preguntar y no sé qué que no se pueden marchar que- que a lo mejor les van a poner una multa/ claro que- que nos pusieran a nosotros una multa **aunque fuera** <s;d;dc;ai;ir;co > de veinte duros/ era una barbaridad/ pero bueno/ la verdad es que/ y/ a media tarde bueno a media tarde ya: con el crepúsculo/ a las seis de la tarde a las siete en esa época del año pues ya casi oscuro/ pues/ que nos fuéramos a casa// y nos enteramos// (H64S)
90. Te informo... Eso... eso... para eso por ejemplo hace falta un Ministro de Cultura que sepa cuál es ese problema. Pues la que nos has cita o... Estamos en la tertulia de "Protagonistas", Cadena Cope, te informo de esa propuesta que hacías al abrir la tertulia, Pepe Nieto, que querías saber de la ideología de la conferencia episcopal Eh... si podéis acceder a eso, con las conferencias de... Si como sirven fragmentos, **aunque sean** <s;d;dc;ai;pr;co> pequeños fragmentos de una conversación entre amigos (cdeb008b.asc)

A primeira menção da informação dada se refere à ocorrência (84), em que a pergunta *¿qué sueles poner para comer en esta época del año?* é feita ao ouvinte que utiliza o subjuntivo para indicar que a época do ano em questão é o verão. Além do fato de os

interlocutores terem conhecimento da atual estação, outra pista identificada se refere à data da gravação da entrevista (07/1998).

A distinção entre informação dada *vs.* nova e sua relação com a escolha do modo verbal permite explicar também a preferência do subjuntivo, nos outros casos. Em (85), o elemento “*blus buri centerjoutel*” é a referência anterior que justifica o uso do subjuntivo na retomada da informação “*aunque sea un hotel pituco*”, ou seja, refere-se a um dado que já está no contexto.

A informação dada em (86) de que “homem e mulher estão separados pela distância” também é retomada na concessiva, com o uso do subjuntivo. Em (87), sabe-se previamente que “falante e ouvinte são desconhecidos teoricamente”, de acordo com o contexto. Por meio do subjuntivo, num determinado momento, o falante declara a seu ouvinte “que se conhecem de vista”. Neste caso não fica difícil supor que, nas entrevistas realizadas para a coleta dos dados orais, os interlocutores têm conhecimento da situação comunicativa em que se encontram.

Na ocorrência (88), o falante informa num primeiro momento: “*yo no he sido señorita la que he hablado*”, utilizando o modo indicativo para dar esta informação que é nova. Ao seguir a conversação com seu interlocutor, retoma o assunto e explica a seu ouvinte que “sempre era considerada culpada pela conversa em sala” e para repetir a informação: “*yo no he sido*”, utiliza o subjuntivo para marcar essa informação que é proferida anteriormente, resultando na construção “*aunque no haya sido*”.

Em (89), o falante informa sobre uma “multa que lhe cobraram”. Ao utilizar o subjuntivo apresenta o valor da multa, retomando, de certa forma, o tema sobre o qual está falando. A oração concessiva, em que aparece esse modo, não é a informação mais importante para o falante, ou seja, o que está no centro da negociação é o que pensa o falante a respeito da aplicação da mesma: “*una barbaridad*”, codificada com indicativo. Em outras palavras, o falante comenta sobre o valor da multa, porém ela já foi aplicada e não está mais no centro das atenções de falante e ouvinte. E para concluir, (90) aparece codificada pela variante subjuntiva, por retomar uma informação que já havia sido disponibilizada no contexto discursivo, ou seja, o elemento “fragmentos” é um exemplo de repetição de dado<sup>109</sup>.

---

<sup>109</sup> Na perspectiva da análise da ativação, proposto por Chafe (1987) e Dryer (1996), poderia se dizer que os enunciados apresentados tratam de informações ativadas, já que as mesmas aparecem na prótase no discurso anterior, em alguns casos, imediatamente antes do uso da concessiva.

Com base em tais comprovações, acredita-se, portanto, que a oposição modal, interpretada com base nos elementos disponíveis no contexto de interação, é a melhor maneira para avaliar os usos dos modos verbais, seja nas construções com o conector *aunque* ou outras classes de orações. Assumindo a situação comunicativa como um sistema de contextualização, a partir do qual alguns dados se repetem, o modo subjuntivo passa a codificar os eventos que são apresentados subsequentemente. No entanto, nem sempre esses dados aparecem, explicitamente, no contexto linguístico. Dessa forma, outros fatores também são considerados, tais como o conhecimento compartilhado de falante e ouvinte, as inferências e atribuições de conhecimento ao ouvinte por parte do falante.

Nas ocorrências abaixo (91-93), os elementos não estão explicitamente apresentados no contexto discurso, mas é possível perceber que os dados entram no contexto, indiretamente implícitos em outras informações, como em (91), que segue, e através do conhecimento compartilhado, em que os interlocutores estão conscientes dos estados/eventos que estão abordando. Atente-se às ocorrências seguintes.

91. ¿entonces qué escogerías tú// qué ciudad? 1.pues hombre hay muchísimas que me han gustado pero claro es el tópico/ llegas a un sitio que te gusta mucho a lo mejor no conoces a la gente que hay allí/// pero generalmente/ mi carácter/ por lo menos percibo que/ me gusta más la zona del norte// norte/ sí/// igual que hay gente que le gusta/ se identifica más con la zona del sur/ y eso que yo soy prácticamente del sur/ porque soy de Castilla- La Mancha del sur/ sin embargo: me gustaría más vivir en una ciudad/ a lo mejor castellana del norte de León o:/ (...) buenos días" 2. volver a la cultura de barrio otra vez 1. pues seguramente sí// sí// seguramente es algo que se ha perdido en Alcalá// incluso en los pueblos también 2. (hm) (hm) 1. en los pueblos se ha perdido bastante con// no sé por qué/// sí/ yo es que claro/ naci en un pueblo y- y **aunque me venga** <s;n;dc;ar;pr;co > aquí con ocho años/ con ocho años ya eres una persona madura// entre comillas ¿no? Madura..." (H28S)
92. hospedado?"/ y dice/ "sí en el hotel no sé cuántos y tal y cual" porque era lo primero que yo le decía a mis hijos/ entonces le dice "sube aquí" y luego resultó ser de Torres de la Alameda 2. ¿el taxista? 1. el taxista/ y le dije "che che/ un momento" digo "voy a presentárselo a su madre/ regrese usted a la parada que voy yo ahora inmediatamente" y fui/ y le dije/ "¿me cobra usted la carrera?/ **aunque haya sido** <s;d;dc;ar;pe;co> corta me cobra usted con el agradecimiento" etcétera etcétera y dice "sí el chico fuera mío/ y yo me pierdo en Alcalá ¿usted me habría cobrado?" digo "no" y dice "pues entonces ya lo tiene usted" (risa = todos) y entonces me explicó que era de Torres de la Alameda (H64Sa)
93. viajecito: algún: .../// 1. sí pero ya soy un poco mayor ya se vuelve uno un poco: cómodo ¿sabes? 2. cómodo sí: 1. o sea que: .../// sí me gusta por ejemplo ahora va a haber una excursión en: la parroquia de San Pedro pues voy a ir con la gente/// y ahí va mucha gente del coro y van gente mayor y (digo) yo me lo paso bien// pero (m:) no me:/// ya- ya- ya me canso es que:- es que son muchos años 2. **aunque no se note** <s;d;dc;an;pr;co >¿verdad? (risa = 2) 1. **aunque no se noten** <s;d;dc;an;pr;co > pero sí sí ya son muchos// son demasiados// 2. ¿sí:?! 1. además pensar que- que mi madre murió a los cuarenta y siete años y que yo tengo setenta y dos// y que no me considero- 2. y está como una rosa/ (risa = 2) 1. no me considero vieja// 2. es que no se puede considerar de ninguna manera vamos 1. ¿verdad?/ 2. (hm:) ¡madre mía! cómo está// ¡quién pudiera! (lapso = 2) y si- cuando le toca a alguien la lotería a usted no lo ve en la (M72S)

As referências ao contexto anterior funcionam como pistas para entender as estratégias utilizadas pelo falante. Na ocorrência em (91), a informação “vir para Alcalá com oito anos” está codificada com o subjuntivo. É considerada nova, tendo em vista que não foi mencionada anteriormente, porém o uso desse modo se justifica, já que o falante havia informado, previamente, no seu discurso “que é de Castilha” e, portanto, seu interlocutor já tem conhecimento de tal fato. O contexto de interação verificado em (92) permite supor que o taxista e o cliente têm conhecimento da duração do trecho percorrido pelo táxi. O falante, ao pedir que o taxista lhe cobre a corrida utiliza o subjuntivo, apontando para o fato de que “a corrida foi curta”. Essa informação, nesse caso, não é o objeto de negociação dos interlocutores, o falante apenas tem em conta o fato ocorrido e se refere a ele como algo concebido previamente. Nota-se, que o uso do subjuntivo aparece apenas com a função de marcar, assinalar sobre o que se está falando ou o que já se tem como pressuposto pelos indivíduos.

O subjuntivo usado na concessiva em (93) ocorre como resultado de um processo de informação compartilhada, um contexto em que se trata da idade de um dos interlocutores. Na concessiva: “*aunque no se note*”, um dos falantes faz referência ao fato de “não notar a idade de seu interlocutor”, mediante um contexto de experiência dos dois, em que é possível verificar a aparência jovem de um dos falantes em vista de sua idade.

Com base nos resultados pode-se fazer menção a uma consideração pontuada por Bosque (1990, p.48 ). Para o autor, o efeito contrário da confirmação é a adversidade, de tal forma que, quando a oração aparece precedida por partículas e frases com valor adversativo, tais como: *sí, pero* e *aunque*, ocorre a impossibilidade de uso do indicativo. De acordo com o autor, existe um ponto em que as propriedades léxicas dos predicados se cruzam com as significações dadas pelas partículas que possuem efeitos discursivos.

Outra importante constatação com relação aos resultados se refere à postulação feita pela gramática normativa, que materializa o subjuntivo em atitudes de hipótese, incerteza, possibilidade da efetivação dos eventos, não é evidenciada nas ocorrências (91-93), pois o falante trata de eventos de acordo com suas experiências de vida. Isso demonstra que as oposições realidade/não-realidade atribuídas aos modos indicativo e subjuntivo, respectivamente, limitam a explicação de fenômenos existentes na língua, pois essa diferenciação não permite explicar a preferência do subjuntivo, nesses casos, já que os mesmos se referem a contextos factuais. Dessa forma, indicativo e subjuntivo não podem ser vistos apenas como categorias morfológicas, mas como categorias discursivas que imprimem

diferentes traços pragmáticos aos contextos que a tradição gramatical prescreve apenas como incertos, duvidosos.

Têm-se também valores similares aos obtidos nesta tese, na consideração teórica de Vallejo (1922,1925), pois, segundo o autor, nas orações concessivas, o subjuntivo pode aparecer em duas circunstâncias bem distintas: quando o fato expresso é hipotético "*Aunque llueva saldré*", ou quando é real "*Aunque seas mi hijo, te desheredaré*". Neste último caso, a concessiva recebe o nome de polémica, "*y se suele interpretar en el sentido de que lo expresado en el miembro concesivo es considerado por el hablante como una objeción inoperante*".

Dando continuidade à apresentação das ocorrências, a seguir, são ilustrados alguns enunciados encontrados no *corpus* escrito.

94. cuando las condiciones son de bonanza, pero cuando la intensidad del viento sube y empeoran las condiciones del mar, la prioridad es la reducción de la superficie vélica para que pueda seguir trabajando el piloto automático. En la VOR 70, al navegar con tripulación, **aunque empeoren** <s;d;dc;ai;pr;ce> las condiciones se sigue navegando al 100% del potencial del barco. El barco es exprimido al máximo, rompiendo normalmente el eslabón más débil, en esta ocasión, la quilla pendular; y según la antigüedad del barco se van sucediendo irremediamente tres generaciones del problema. Estaqueidad . (ESLV15-11-05)
95. Bush, tratando de demostrar que su Gobierno no lo hizo tan mal. Sin embargo, acto seguido, reconoció que, en esta ocasión, los preparativos federales "se producen antes de que llegue la tormenta". **Aunque la llegada del Rita vaya a dar** <s;d;dc;ai;pr;ce> a Bush una segunda oportunidad de demostrar a los estadounidenses que ha aprendido la lección, los politólogos eran ayer escépticos sobre el efecto beneficioso que una salida airosa pueda tener en los índices de popularidad del presidente. (ESEP23-09-05)
96. Y para los conductores, las alcantarillas son una preocupación aun más grave que los huecos omnipresentes; porque gran parte de los ductos de la ciudad, especialmente en Libertador de donde se tomó esta muestra de fotos finalizaron su vida útil hace años, sin que haya habido una política adecuada de reemplazo. Por lo tanto, caer en una alcantarilla sin tapa, o con la tapa dañada, implica reparaciones en cauchos, puntas de ejes y tripoides; pero **aunque su estructura metálica esté** <s;d;dc;ai;pr;ce > buena, en la mayoría de los casos presenta hundimientos en las denominadas "bocas de visita", es decir, la alcantarilla está por debajo del pavimento. (VEEU11-02-06)
97. La etapa más larga de la edición 42 de la Vuelta Internacional a Costa Rica en Bicicleta Taca 2006 tuvo un cierre de dientes apretados. (...) Durán continúa portando el maillot amarillo que lo acredita como el líder general de la competencia, con un crono de 7:11'43". (...) - Aunque no es <i;n;dc;an;o;ce > su especialidad - CRI no asusta a Durán Fanny Tayver Marín - Marconi Durán (Dos Pinos Hotel Los Lagos Pasoca) bregará hoy por segundo día consecutivo con la camiseta amarilla de líder general de la Vuelta, y espera conservarla **aunque tenga** <s;d;dc;ai;pr;ce> que defenderla en la contrarreloj individual (CRI) entre Villas Mapache y la Finca La Ponderosa. "Me siento bien, la CRI no es una de mis especialidades, pero estoy pasando por un buen momento y daré lo mejor de mí **aunque esta prueba tan fuerte no sea** <s;d;dc;an;pr;ce > mi especialidad. Hay que tener una buena técnica, en estos días lo hemos estado practicando y vamos al

ciento por ciento", aseguró Durán. Según el líder, los lecheros no sufrieron desgastes y llegarán al ciento por ciento para que no les qu (CRLP21-12-06)

Em (94), o conteúdo da oração concessiva foi expresso um pouco antes “*pero cuando la intensidad del viento sube y empeoran las condiciones del mar*”, retomando o que já está no contexto. No trecho (95), é possível retomar a informação “os preparativos estão sendo realizados antes da chegada da tormenta” para justificar o subjuntivo na concessiva “*vaya a dar a Busch una segunda oportunidad*”, conforme hipótese arrolada para essa variável.

O subjuntivo em (96) pressupõe a informação de que “as estruturas metálicas dos bueiros estão boas”. Essa informação pode ser pressuposta, a partir do elemento indicado previamente no contexto “a mostra de fotos”, com as quais se possibilita a avaliação dos bueiros. Além disso, se supõe que pedestres e condutores conhecem a atual situação dos mesmos e, portanto, o falante não tem como objetivo por em discussão esse fato. O modo subjuntivo codifica tal estratégia discursiva<sup>110</sup>.

A ocorrência seguinte (97), “*Durán conservará la camiseta amarilla aunque tenga que defenderla en la contrarreloj individual*”, é pressuposta para os interlocutores de um modo geral, considerando que se pressupõe o esforço e desgaste dos ciclistas nas maratonas, suposição também justificada pela citação apresentada no contexto linguístico “*daré lo mejor de mí*”. Em seguida, o uso do subjuntivo na concessiva “*aunque esta prueba no sea mi especialidad*” marca um dado já evidenciado previamente: “*no es una de mis especialidades*”, ou seja, a prova do contra-relógio. Esse trecho é apresentado num primeiro momento com o indicativo, caracterizando uma informação nova.

Nas ocorrências seguintes, o subjuntivo também marca informações tomadas como conhecimento compartilhado, como algo que é pressuposto entre os interlocutores, conforme os dados 98 e 99:

98. El problema, aparte del menosprecio salarial, es que en ciertos terrenos que les conciernen directamente, los hombres siguen tomando las decisiones. Importantes valores de la sociedad atraviesan la vida de las mujeres, pero escapan a su control. (...) La clave, en mi concepto, es empezar a ver los derechos de la mujer como una necesidad imperiosa de la sociedad y no como una concesión amable. No se me ocurre una revolución más inmediata y sencilla para enmendar el espíritu egoísta y belicoso del país que llegar hasta el fondo en la igualdad de sexos. **Aunque florezcan** <s;d;dc;ai;pr;ce > diversos pensamientos y actitudes entre las mujeres, el colectivo femenino es uno de los grandes motores del cambio social en los tiempos modernos. Las gitanas, por ejemplo, lideran la desmarginalización de su etnia: ocho de cada diez universitarios gitanos son mujeres. En Argentina

---

<sup>110</sup> Enunciados do tipo “*pero aunque su estructura metálica esté*” são considerados, por autores como Flamenco García (1999, p. 3830), como situações adversativas ou réplicas em contextos argumentativos. Para o autor, nas réplicas dos diálogos, costuma-se usar-se com um significado equivalente, a fórmula composta por formas de futuro ou condicional de probabilidade, seguidas de uma sequência coordenada com *pero*. Essa abordagem de análise também é mencionado por Bosque (1990), para quem os usos do modo subjuntivo, em tais casos, ocorrem devido à presença de partículas adversativas ou argumentativas como, por exemplo, o uso de *pero*.

combatieron la dictadura con igual o mayor valor que los hombres, y en algunas comunidades indígenas colombianas marcan pauta y compás. (COET20-06-05)

99. MINISTRO DE LULA SEÑALA QUE BRASIL Y VENEZUELA "SE CONOCEN POCO" Al momento de hablar de integración, Brasil no cree en hegemonías, **aunque sea** <s;d;dc;ar;pr;ce> por mucho el país más grande de Suramérica. Por lo menos así lo considera el ministro de Secretaría de la Presidencia de Brasil, Luiz Dulci, quien se encuentra en el país por motivo del VI Foro Social Mundial. "Venezuela tiene una petrolera dos ve (VEEU28-01-06)

Em (98), o referente “pensamentos femininos” não aparece no contexto precedente. No entanto, o verbo em subjuntivo está se referindo a informações que os interlocutores já conhecem. A participação efetiva das mulheres na sociedade, seus pensamentos relacionados ao uso da pílula, aborto, e direitos femininos bem como suas atitudes na busca pela igualdade entre os sexos indica um enquadramento culturalmente conhecido, pressuposto. Também é de conhecimento compartilhado o trecho (99), pois se pressupõe que os indivíduos reconhecem que “o Brasil é o maior país do sul da América” e parece que ninguém deseja pôr esse dado em questionamento.

O verbo em subjuntivo, nos casos apresentados, se refere a dados que não informam o interlocutor, mas que têm a função de indicar conhecimento compartilhado, materIALIZAM dados já conhecidos, ou que o enunciador decide apresentá-los como tal. Por outro lado, o indicativo é o modo que apresenta as informações novas e, no caso das concessivas, fica ainda mais perceptivo o elemento novo que se quer destacar, pois descreve uma situação que comumente conduz a uma implicação negativa sobre a oração principal. Observe mais algumas ocorrências:

100.// yo la terminé en junio y el julio ya empecé a trabajar en lo que quería// o sea he tenido suerte// 2. ¿y si no hubieras- 1. y sigo haciendo lo que quiero/ 2. y si no hubieras hecho esto/ a qué te hubieras de-/ te hubiera gustado: dedicarte? 1. (puf)// pues probablemente me hubiese gustado ser médico o enfermero/ **aunque odio** <i;n;dc;ai;pr;co > la sangre y esas cosas me hubiese gustado me gusta ayudar a la gente// probablemente// pero: vamos yo soy de letras o sea que no sé// y:- o me hubiese: gustado muchísimo dedicarme a ser crítico literario algo de eso:/ que está relacionado con esto// pero:/ a leer// o estar en una biblioteca: no me hubiese importado estar en una biblioteca pero no por atender a la gente sino por leer/ (H30L)

101. Alcalá? 1. ¿qué? 2. ¿eres de Alcalá? 1. no/ nací en Valencia pero: 2. (hm:) 1. toda- toda la familia de mi madre es de Alcalá// y yo en el- vine a vivir a los cuatro años/ a Alcalá (lapso = 4) 2. muy bien 1. y la familia de mi padre pues// y mi: bisabuelo compró ya una casa en Alcalá 2. sí 1. **aunque no eran** <i;n;dc;an;im;co > de Alcalá mi bisabuelo ya se estableció en Alcalá// la familia de mi padre 2. (ahá)/ ¿pero ellos de donde eran originalmente? 1. ¿qué? 2. ¿de dónde eran originalmente? 1. mi abuelo de Zaragoza/ mi abuela de Granada/ por parte de

padre// y por parte de madre mi abuelo de aquí// y:- y mi abuela de Toledo 2.  
(hm:)/ muy bien/// (e:) tú eres/ bueno has (M53S)

Em (100) o falante apresenta um fato novo, ainda não conhecido por seu interlocutor de que “odeia sangue”. Também é nova a informação de que “a família não era de Alcalá”, no trecho seguinte. Estes dados fazem referência a informações que não haviam sido dadas anteriormente, ou seja, até o momento da utilização do conector *aunque*. O falante pode pensar que seu interlocutor desconhece tais informações ou, então, considera pertinente informá-las.

Em seguida, são apresentadas duas notícias do *corpus* escrito, conforme os resultados verificados na correlação modo *x* informação, o indicativo é superior na amostra escrita, devido ao fato de que uma das principais funções que a informação jornalística desempenha é a de transmitir conhecimento, prover informação, para que as pessoas saibam o que passa na sua cidade, no seu país e no mundo. Isso posto, considere os trechos abaixo:

102. Bananera Nacional (Corbana), Jorge Sauma, este crecimiento se ha logrado gracias a la capacitación que se le ha dado a los productores nacionales. "Esperamos que el primer semestre sea bueno, **aunque hay** <i;n;dc;ai;pr;ce > una serie de riesgos que estamos tomando en cuenta producto del Fenómeno de El Niño", destacó. Con respecto al arancel de 176 euros por cada tonelada métrica de banano latinoamericano exportado a la Unión Europea, Sauma dijo que esperan que los (CRLP18-12-06)

103. con América Latina, Baleares, Londres, Roma y París. Durante esta semana, según datos de la compañía, se habían vendido más de 30 mil billetes, del total de 300 mil emitidos en los últimos meses, **aunque la venta sufrió** <i;n;dc;ai;pt;ce > un descenso de entre un 40% y un 50% para destinos a América Latina y también se registró un alto número de cancelaciones. Volaba a Costa Rica La aerolínea volaba desde España a nueve países de América Latina: Ecuador, Colombia, Argentina, Chile, Panamá (CRLP16-12-06)

Em (102-103), as orações concessivas trazem informações novas, das quais provavelmente o leitor ainda não havia se inteirado “*a constatación dos riscos por conta do El Niño*” e a “*baixa percentagem de venda nos últimos meses*”, respectivamente. O falante pode apresentá-las como novas, no sentido de que essas informações não foram mencionadas no contexto linguístico anterior e não podem ser inferidas a partir deste. Essas informações, introduzidas pelo conector no texto, podem ser tomadas como objetos de discussão e têm como objetivo principal informar<sup>111</sup>. No exemplo seguinte é possível encontrar dois usos dos modos no mesmo contexto apresentado. Considere, agora, o trecho (104):

---

<sup>111</sup> Alguns estudiosos como Borrego *et al.* (1986), Flamenco García (1999) e Lunn (1989, 1995) exibem contextos de uso do modo indicativo correlacionado à informação nova, como nos casos (102-103), em oposição ao uso do subjuntivo correlacionado à informação velha. No entanto, em muitos casos, os autores não atribuem a

104. Volvemos a hablar ahora de cumpleaños centenarios, porque quizá quien se atreva a cumplir más de 100 años en Madrid merece al menos que el resto de sus convecinos lo conozca. Se trata de Josefa Martín, vecina de Collado Villalba, que acaba de cumplir 103 años, y está dispuesta a cumplir bastantes más. Con ella ha estado hoy Lourdes Ripollés. Josefa acaba de cumplir 103 años. **Aunque nació** <i;n;d;c;a;r;p;t;co > en Santander, lleva viviendo 66 en Collado Villalba. Ayer toda la familia se reunió para celebrar esta fecha tan especial, **aunque a Josefa le hubiera gustado** <s;d;d;a;r;o;co> que estuvieran todos sus hijos. Ayer me he encontrado con un poco de alegría, pero encima tristeza. ¿Por qué? Porque me faltaban algunos. Josefa recuerda Collado Villalba de cuando sólo existían 4 casas. Pues muy pequeño. (anot002b.asc)

Primeiramente, o falante ao utilizar o indicativo informa “a cidade onde Josefa nasceu”. Com o indicativo, informa sobre um elemento que ainda não havia sido mencionado. Em seguida, o modo subjuntivo codifica a informação de “que Josefa gostaria que todos seus filhos estivessem presentes na celebração de seu aniversário” e parte-se do pressuposto cultural de que “toda mãe deseja a presença dos filhos nas comemorações”. Além dessa inferência, através das pistas providas por essa ocorrência, é possível dizer que “alguns filhos estiveram presentes”, pois a informante afirma “que alguns de seus filhos faltaram”.

De acordo com Lunn (1989), proposições como as mencionadas até agora são codificadas pelo subjuntivo porque compartilham da qualidade pragmática de baixo valor de informação e pouca relevância no discurso. Em contrapartida, o uso do indicativo adiciona informação nova ou verdadeira à já existente, por conseguinte, relevante. Considerações similares às descritas por Lunn, aparecem nas constatações de Lavandera (1983), para quem o uso do modo verbal é visto como uma estratégia discursiva em que os informantes podem passar de uma série de emissões em modo indicativo ao uso do subjuntivo. Para Lavandera, essa variação se deve ao fato de que a morfologia dos modos ao distinguir entre [+assertivo] e [-assertivo] diferencia os enunciados que se referem a eventos em termos de maior e menor relevância para o falante.

Dessa forma, a ocorrência (104) - “*Aunque nació en Santander [...] aunque a Josefa le hubiera gustado que estuvieran todos sus hijos*” - está estruturada por meio de uma hierarquização que organiza os enunciados. Assim, ao usar o subjuntivo, o falante apresenta suas informações na parte inferior da escala de relevância, cuja função não é a de ostentar uma nova informação. O uso de indicativo ou subjuntivo, portanto, define a posição do falante com relação ao conteúdo proferido (cf. LAVANDERA, 1983, p. 226).

---

escolha do modo verbal apenas à intervenção de fatores pragmáticos como a crença de que o conhecimento é ou não compartilhado pelo ouvinte, mas a valores de atitude do falante. Nesse sentido, o uso do indicativo representa uma atitude de certeza do falante com respeito à realização do evento e, ao contrário, o subjuntivo representa a incerteza de tal realização.

Assim como nas substantivas, os resultados também apontam o uso do indicativo em contextos de informação compartilhada ou previamente mencionada no contexto. Porém, devido ao fato de que esta frequência é baixa, com base no princípio de marcação (Givón, 1995), a construção em que se utiliza o indicativo em contextos de informação retomada é considerada mais marcada. Em contrapartida, a variante subjuntiva é mais acessível e formalmente a menos marcada, pois aparece em contextos em que a informação está diretamente ligada a um elemento interior, previamente disponível, de conhecimento compartilhado ou inferível.

Nas ocorrências (105-106) que seguem abaixo, são ilustrados alguns dos dados, pouco frequentes com relação ao uso do indicativo, para codificar informações compartilhadas e/ou pressupostas.

105.y afecta principalmente a los pobres, porque el valor económico es mínimo; cuesta un peso la dosis". "Así como el "éxtasis" es la "droga de los ricos" -agregó- el paco es la "droga de los pobres", y **aunque todas las drogas son** <i;d;dc;ai;pr;ce > nocivas, ésta produce verdaderos estragos. Nosotros recibimos chicos derivados de juzgados u hospitales que llegan con un deterioro notable". "El paco produce una imperiosa necesidad de repetir la experiencia antes de caer en una depresión reactiva (ARED04-02-06)

106.cuando ya estaba preparada para: vivir 1. sí 2. su vida 1. es que: estaban/ arreglando el piso 2. para irse a vivir 1. pero de eso no quiero hablar 2. bueno pues no hablamos/ no hablamos 1. eso- eso déjalo ¿eh? 2. ho hablamos de eso 1. porque es que no puedo// si empiezo a hablar de él/ ya voy a terminar mal 2. bueno vamos a hablar de otra cosa// vamos a seguir hablando un poco de lo que hace- de: ahora cómo es Alcalá/ de lo que tú: hayas visto/ porque **aunque me dices** <i;d;dc;ai;pr;co > que sales poco 1. hombre Alcalá 2. ¿cómo- có- cómo sale ahora la:- la gente a la calle para distraerse/ 1. ¡ah! pues ... 2. qué- qué hace? 1. pues: emborracharse los domingos/ y los sábados 2. pero eso ¿todo el mundo o los jóvenes? 1. ¡ay no lo sé!/ yo creo que los jóvenes salen los viernes/ y ya no sé/ ya/ yo eso ya he perdido la noción ¿eh? 2. ¿y las personas un poco mayores? 1. pues mira/ pues de:- las que son de mi edad/ pues yo creo que se van a los club/ ellos tienen sus bailes/ porque yo pertenezco a un club/ pero yo no voy nunca (M67M)

Em (105), o falante expõe sua opinião sobre as drogas com o indicativo. De maneira geral, se reconhece o enunciado: "*las drogas son nocivas*" como algo pressuposto. Por tal motivo, de acordo com o que se propõe neste estudo, a variante indicativa, ao codificar informações adquiridas, compartilhadas, tem como função principal evidenciar elementos que podem ser negociados, como é o caso da proposição que aparece na concessiva e que aborda um tema complexo: as drogas. De acordo com o que postula Matte Bon (2001), o uso do indicativo indica menos intervenção por parte do enunciador. Com isso, mediante um processo de interação comunicativa, acredita-se que essa intervenção aumenta por parte do

ouvinte, que, ao se posicionar diante da situação discursiva, pode aceitar ou refutar a informação proposicional proferida por seu interlocutor.

Em (106) muda-se de assunto durante a entrevista. Na oração concessiva, um dos falantes utiliza o modo indicativo retomando um dos temas que já havia aparecido no contexto: “que o informante sai pouco”. A estratégia discursiva em recuperar um elemento já dito no contexto o coloca em evidência novamente e, outra vez, pode ser tomado como objeto de discussão entre os interlocutores. Nessa ocorrência o falante retoma o fato “sair pouco” para tratar de outro assunto: “as características de Alcalá”, e este, por sua vez, é novo. Vale ainda comentar aqui que no trecho que aparece pouco antes da concessiva, o falante utiliza o subjuntivo - *de lo que tú: hayas visto* -, ainda que esse evento tenha de fato ocorrido, corroborando a correlação subjuntivo/informação dada, pressuposta.

Adverte-se para o fato de que as ocorrências apresentam diferentes matizes quanto ao uso dos modos verbais em espanhol. Os cálculos dessas diferentes possibilidades de enunciação têm base nas referências ao contexto discursivo, no que aparece anteriormente, no que interessa resgatar como informação, no que parece relevante pôr no centro das atenções, no que é pressuposto e compartilhado. Além desses fatores, vale destacar outros aspectos que influenciam o uso do subjuntivo em oposição ao indicativo encontrados nas amostras, ou seja, a utilização de outras estratégias linguísticas: os advérbios de modalidade epistêmica que exprimem probabilidade, tais como *quizá*, *probablemente*, entre outros<sup>112</sup>. Esses advérbios modalizadores atuam no nível interpessoal, servindo como um recurso de modalização, indicando possibilidade e hipótese, apresentando as atitudes e intenções de menor conformidade do falante com o conteúdo proposicional veiculado no ato comunicativo. Nos exemplos que se seguem (107-109), a incerteza epistêmica atua sobre a eventual ocorrência dos eventos. Considere algumas ocorrências.

107. Contacto confirmado", indicó el relator de misiones de la NASA en el Centro Espacial Johnson, en Houston, Texas (sur). La misión durará alrededor de doce días en la estación,  **aunque quizá hoy se decida** <s;n;dc;ai;pr;ce > añadir otro día. De ser así, se podría realizar otra caminata espacial, aseguró Katherine

---

<sup>112</sup> Segundo Ridruejo (1999, p. 3214), “*la modalidad epistémica es la expresión del grado de compromiso que el hablante asume con respecto a la verdad de la proposición contenida en el enunciado*”. Os advérbios como *quizá*, por exemplo, são considerados no eixo entre a possibilidade e a certeza. De acordo com Kovacci (1986), estes advérbios são entendidos como índices de modalidade, de atitude, ou seja, modalidades declarativas e de dúvidas que apresentam modos verbais diferentes, podendo ser utilizados tanto o indicativo como o subjuntivo para a dúvida. Para a autora, existe uma gradação da expressão de dúvida entre a inclinação do falante em direção à afirmação da verdade da proposição e sua inclinação até a negação de tal verdade. Esse fato explica, por exemplo, porque com estes advérbios, se utiliza o indicativo na direção da afirmação da verdade, e o modo subjuntivo para a negação desta verdade. Esta é uma das possíveis explicações para a oposição entre o uso do indicativo e subjuntivo, nos contextos que utilizam os advérbios de dúvida tais como: *quizá* e *tal vez*.

Trinidad, portavoz del Jhonson Space Center de la NASA. Durante la misión, los astronautas probarán equipamiento nuevo de la nave y procedimientos (ECEU06-04-06)

108. consideración del Parlamento. De ese modo, la Casa Rosada buscaría no desatender el fuerte reclamo de los deudores hipotecarios. "El Presidente apoya la iniciativa de Lavagna, **aunque quizá no ingrese** <s;n;dc;an;pr;ce > antes de las elecciones en el debate", dijo una fuente del gabinete a LA NACION. Por otra parte, cerca de Alberto Fernández aseguran que Kirchner rechazaba la suspensión por 120 días para "no alentar berretadas electoralistas", (ARLN30-09-05)

109. en la décima línea de fuego montonera, porque no se caracterizó por formar parte de las organizaciones de derechos humanos en los 80 y porque ni de lejos fue el más feroz combatiente de Menem en los 90. **Aunque probablemente en su momento haya simpatizado** <s;n;dc;ai;pe;ce > con todas esas actitudes. Pero ahora, como jefe, suma a su movimiento a los que intentaron algo en esas tres décadas pasadas, siempre y cuando admitan que él, sólo él, realizará la historia que esos otros soñaron. (ARLA22-10-06)

O fator traço de incerteza é identificado inerentemente mediante o uso do advérbio *quizá* em (107) e (108). Em geral, o uso desse advérbio foi o mais frequente e, como já foi mencionado, em todos os casos apenas o modo subjuntivo aparece. O modal epistêmico *probablemente* em (109) também pertence aos mecanismos lexicais por meio dos quais o falante avalia o conteúdo proposicional e indica a modalidade dubitativa da oração.

### 5.3 Influência do tipo de oração

De acordo com Navas Ruiz (1990, p. 140), a interrogação se comporta de modo ambíguo. Bloqueia o subjuntivo em assertivas negativas (*¿no ves que no llevo corbata?*); em independentes de probabilidade (*¿acaso no basta esto?*); proposições negativas com adjetivos/substantivos de certeza (*¿no era evidente que no venía?*) e favorece esse modo em assertivas afirmativas (*¿crees que se atrevan?*). A constatação de que modo subjuntivo é bloqueado nas assertivas negativas é evidente nos resultados contabilizados para as orações subordinadas substantivas. Nesta seção, verifica-se se esses resultados também são válidos nas concessivas. Considere, na tabela 13, a frequência das duas variáveis testadas.

Tabela 13 – Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de oração (*aunque*)

Tipo de oração	Corpus Escrito			Corpus Oral		
	Modo Verbal					
	Indicativo	Subjuntivo	Total	Indicativo	Subjuntivo	Total
Declarativa (dc)	341	163	504	176	215	391
	67,7%	32,3%	100,0%	45,0%	55,0%	100,0%
Interrogativa (in)		1	1	1	21	22
		100,0%	100,0%	4,5%	95,5%	100,0%
Total	341	164	505	177	236	413
	67,5%	32,5%	100,0%	42,9%	57,1%	100,0%

A variável tipo de oração, identificada nas concessivas, não confirma a hipótese da correlação entre o uso da interrogação e o modo indicativo. Nestes casos, diferentemente das substantivas, os dados são codificados com o modo subjuntivo, nas duas amostras. Ressalva para o *corpus* escrito, em que foi encontrado apenas um caso de interrogativa, com o subjuntivo e, 95,5% de subjuntivo, na fala. Em geral, os valores percentuais do fator declarativa são diferenciados na escrita, com 67,7% e 32,3% para o indicativo e subjuntivo, respectivamente, e, na fala, 45% e 55%, demonstrando um percentual mais equiparado.

Os resultados, apresentados na tabela 13, não possibilitam a realização da prova do qui-quadrado para comprovar se existem diferenças significativas entre as duas distribuições, já que os valores esperados nas células dessa variável são inferiores a cinco. Nesses casos, a estatística não demonstra nenhum efeito e o teste se torna ineficiente, pois não há variação.

Coincidentemente, assim como nas substantivas, foi encontrada apenas uma ocorrência com o modo indicativo no *corpus* oral, que segue abaixo.

110. ¿cómo me la- tratas de usted? eres la única nieta que me tratas de:-// de- 2. de tú 1. de tú eres la única nieta que me tratas de tú?"// y yo la llamaba de tú porque estaba acostumbrada pero:/ no sé ahora// (m:) yo creo que me he acostumbrado// sobre todo de cara a la gente que no conozco y/ como es el:- el caso de los padres de los alumnos y eso// pues no sé/ les trato de usted/ 2. ¿y a la gente mayor **aunque la conozca** <s;d;in;ai;pr;co > -/ **aunque la conoce** <i;d;in;ai;pr;co >? 1. no no a la gente mayor también la trato de usted si no la conozco claro que sí/ 2. ¿y si la conoce?// 1. si la conozco no// si la conozco les-/ les llamo de tú// 2. ¿sí? 1. sí..." (M52S)

O falante utiliza os dois modos na mesma oração interrogativa. Primeiramente o subjuntivo - “*conozca*” - referindo-se a um dado que já está no contexto: “o fato de conhecer pessoas” e conclui a pergunta com o indicativo: “*conoce*”. A utilização parece novamente ser um caso de repetição<sup>113</sup>. Considere, agora, a única ocorrência encontrada no *corpus* escrito.

111. Pero la calificación de buena o mala que tiene una acción no es el resultado de una votación que en un momento dado de la Historia hagamos nosotros. Y mucho menos traducir los resultados estadísticos como argumentos para la norma moral: Si esto fuera válido, entonces mentir, por el mero hecho de que casi todos mentimos, sería moralmente aceptable. Y lo mismo sería con el hurto, pues ¿cuántos no hemos robado, **aunque sea** <s;d;in;ai;pr;ce > unos cuantos centavos? Sé que son ejemplos muy sencillos, y para algunos hasta infantiles, pero dejan muy en claro que la norma moral no proviene del porcentaje de personas que hacen tal o cual cosa o que opinan de esta manera o de otra. (MXEI03-05-05)

<sup>113</sup> Existem na língua, especialmente no sistema verbal do espanhol, casos clássicos de diferentes repetições que comprovam a ambivalência. Cita-se, por exemplo, o uso dos pretéritos composto e simples “... *falleció el Sumo Pontífice Juan Pablo II según lo ha confirmado el Vaticano.*” (Peru: La República, 02-04-05), evidenciando a comutação, ou seja, dizem a mesma coisa de duas formas.

(111) é a única interrogativa encontrada no *corpus* escrito. Acredita-se que o número de interrogativas é menor na amostra escrita, devido ao fato de que o objetivo principal do jornal seja informar. Para referir-se aos “centavos” usa-se o subjuntivo, retomando o assunto sobre “quanto foi roubado”. O subjuntivo também prevalece nas demais construções da amostra oral, identificando a retomada de elementos implícitos na conversa anterior. Aprecie as ocorrências seguintes:

112.era la grabadora que tenía ruido de fondo todas las que hemos hecho con una grabadora// con una de ellas que es la que tenía problemas son las que:- hay que:-/ las que hay que repetir/ 1. (hm) 2. así que nada// bueno ¿cómo quiere que la traten de: tú o de usted?// 1. de tú// de tú (risa = todos) siempre 2. siempre// ¿cómo tratas a lo:s-/ a tus amigos/ de tú o de usted?// 1. de tú claro// 2. **¿aunque sean** <s;d;in;ai;pr;co > mayores?// 1. (e:) a los amigos de tú// 2. siempre/ ¿y cuándo: a la persona no la conoces?// 1. sí:-// es que ya claro/ ahora ya me voy nivelando en la edad/ con- con las personas más mayores pero yo antes/ cuando tenían más de: pues no sé de cincuenta años o así les llamaba de usted// ahora ya voy:-/ voy separando la edad y ahora cuando tienen más de sesenta o setenta// 2. lo llamas de usted 1. de usted// 2. **¿aunque sean amigos** <s;d;in;ai;pr;co > o: ...? 1. no si son amigos no (M46M)

113.quiere que la trate/ de tú o de usted? 1. de tú por favor/// (risa = 2) ¿puedo: también tratarte: de tú? 2. si es que es difícil pero así es así es 1. ¿podemos tratarnos de tú o no? 2. sí sí claro/// ¿cómo tratas tú a tus amigos de tú o de usted? 1. ¿a mis amigos?/// de tú 2. ¿de tú// aunque sean <s;d;in;ai;pr;co > mayores? 1. sí// sí a todos 2. nos va a entrar la risa dentro de nada 1. no// ¿pero podemos reírnos o ...? 2. sí 1. ah bueno sí se// luego se quita si no 2. luego no se transcribe 1. bien// bien// porque es que preguntas cómo éstas// como sigas por ahí/// bueno sí// sí de tú 2. **¿aunque sean** <s;d;in;ai;pr;co > mayores? 1. sí// (m:) sí// a los amigos que tengo (M30S)

114.I: Pos no / a mí me gusta empezar / desde un día antes porque / desde un día antes cozo / la carne / la deshebro / la guiso / guiso los frijoles / y... / pongo a remojar las hojas / y luego ya otro día na'a más / voy y traigo la masa y me pongo a hacerlos E: Este / ¿y no le ayuda alguien a hacerlos? I: Pos cuando'stán las muchachas aquí sí / o cuando saben esas que que vo'a hacer / sí vienen y me ayudan E: Este ¿hace seguido o...? I: Pos cuando me dan ganas / que tengo ganas / me pongo a hacer / **aunque sea** <s;d;dc;ai;pr;co> tantitos / pero sí E: ¿Como cada cuándo? I: Pues... E: ¿Cuando se festeja algo por ejemplo el día de su cumpleaños? I: No / **y aunque no se festeje** <s;d;dc;ai;pr;co> / nomás tenemos ganas de comer y hago / compro l- / voy y compro todo / nomás / pero pu's / tantitos (HM107)

115. E: ¿Y en qué empresa ha trabajado? I: Trabajé / (...) cincuenta y dos / esas son rutas / que traía la empresa / pero ya no / se deshicieron / y ora se descomponen'l camión (...)E: ¿Y usted sabe manejar bien / o no? / ¿o cómo?I: Sí / pu's toa la vida he sido chofer E: ¿Y es difícil manejar **aunque ya se tenga** <s;d;in;ai;pr;co > la experiencia? I: No... / no es difícil / lo más difícil / es este / pos es que se necesita como quiera / experiencia / para / niños que bajan y suben / tener cuidado / no maltratar el pasaje / E: Mjm I: Esa es- / experiencia se hace sobre'l mismo trabajo E: ¿Y sí me puede platicar algo que le haya pasado? I: ¿Cómo de qué? E: Algo de lo que usted se acuerde mucho I: No / pos no sé qué / ¿sobre el trabajo? / ¿accidentes? / no he tenido accidentes E: Y... / **¿aunque no sea** <s;d;in;ai;pr;co> del trabajo? I: No pu's ¿qué? / de no ser del / trabajo en / (...) aquí ni uno / claro tú tás / trabajando / claro que sí pasan accidentes E: Sí / y ¿cómo ve usted la situación aquí en México? (HM180)

As ocorrências (112-113) também se referem a um dos módulos abordados na entrevista do Projeto PRESEEA, que trata das saudações. A primeira pergunta feita aos informantes é a seguinte: “¿Cómo quiere que le trate de tú o de usted?”. A partir dessa pergunta, a entrevista se desenvolve, com o intuito de saber como o interlocutor trata “a sus amigos y a las personas mayores”, respectivamente, e, assim, o conteúdo que aparece nas orações concessivas interrogativas está explícito anteriormente no contexto.

Nas construções (114) e (115), o falante recupera informações dadas anteriormente no contexto. Em (114) aparecem dois usos de *aunque*. Na primeira construção “*tantitos*” se refere aos *tamales*, tema sobre o qual se discute. Na segunda, a pergunta sobre a festa de aniversário é contestada com uma informação nova, isto é, “não se festeja”. A partir desta informação, o enunciador usa novamente o subjuntivo para falar de algo já informado: “*aunque no se festeje*” para assinalar, a partir desse momento, que esta informação já é concebida por ambos.

No trecho (115), o subjuntivo aparece em dois momentos. No primeiro a pergunta relacionado ao tema “experiência” foi mencionada por um dos interlocutores em uma cláusula anterior em que se conta sobre “a função como motorista”. Posteriormente, o enunciador profere outra pergunta relacionada aos “acidentes”, também precedente no contexto.

O resultado delineado para esse grupo de fatores aponta a retenção do subjuntivo, já que apenas uma das orações encontradas na amostra aparece com ambos os modos. No entanto, os resultados não parecem ser influenciados pela correlação modalidade sintática interrogativa, mas pelo traço informação dada. Ao cruzar os fatores informação dada e tipo de oração, os resultados revelam que em todos os enunciados em que a informação já havia sido apresentada no contexto e que as perguntas retomam esses assuntos apenas para obter a confirmação do interlocutor, usa-se o subjuntivo.

#### **5.4 Influência do tipo de modalidade**

Partindo da concepção de que a modalidade codifica a atitude do falante, considera-se importante analisar esta variável, como traço característico na escolha de um dos modos verbais nas orações concessivas. Examinam-se, neste grupo de fator, as três modalidades *irrealis*, *realis* e asserção negada e a referencialidade e não-referencialidade dos eventos/situações como possíveis contextos favorecedores do uso modais.

Antes de iniciar as análises das ocorrências, apresentam-se a tabela 14, os percentuais encontrados para essa variável, obtidos por meio do programa SPSS, que serão fonte para as tabelas seguintes, em que se realiza o teste do qui-quadrado.

Tabela 14 –Frequência e percentual de modo verbal e o tipo de modalidade (*aunque*)

Modalidade	Corpus Escrito			Corpus Oral		
	Modo Verbal					
	Indicativo	Subjuntivo	Total	Indicativo	Subjuntivo	Total
Asserção <i>Realis</i> (ar)	44	14	58	12	13	25
	75,9%	24,1%	100,0%	48,0%	52,0%	100,0%
Asserção <i>Irrealis</i> (ai)	242	114	356	135	181	316
	68,0%	32,0%	100,0%	42,7%	57,3%	100,0%
Asserção Negada (an)	55	36	91	30	42	72
	60,4%	39,6%	100,0%	41,7%	58,3%	100,0%
Total	341	164	505	177	236	413
	67,5%	32,5%	100,0%	42,9%	57,1%	100,0%

Os resultados para esse grupo de fator, contabilizados horizontalmente, apontam percentuais mais altos de uso do indicativo, na escrita, e valores mais elevados de uso da variante subjuntiva, na fala. O valor mais evidente refere-se ao número de ocorrências sob o escopo de *irrealis*, codificadas com o indicativo, no *corpus* escrito. No oral, os percentuais de uso dos dois modos são mais equilibrados, com relação às modalidades verificadas nas orações concessivas da língua espanhola.

Vale ressaltar aqui, que o controle das ocorrências de asserção negada, nas orações concessivas, deve-se, além da análise do escopo dessa modalidade, à tentativa de averiguar se a presença do advérbio “não” pode influenciar na utilização de um modo verbal específico, em especial, o subjuntivo. Atentando para o critério de frequência, nota-se que os resultados da correlação entre asserção negada e modo verbal também são equiparados, em ambas as amostras, não permitindo destacar que este traço é mais recorrente em uma determinada variante e, portanto, não favorece o uso do modo subjuntivo.

Estes valores são retomados para a efetivação do teste do qui-quadrado, apresentado a seguir. Observe as tabelas.

Tabela 15 – Contribuições do  $\chi^2$  (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®)  
Análise da variável modo verbal e tipo de modalidade (*aunque/corpus* escrito)

Modo verbal	Valor	GL	Significância
Qui-quadrado $\chi^2$	3,955	2	p<,138
Casos Válidos	505		

Por meio dos valores encontrados no teste rejeita-se a hipótese prevista de que a modalidade *irrealis* é um contexto favorecedor do uso do subjuntivo, ao passo que o *realis* está correlacionado ao indicativo. Verifica-se que o  $\chi^2$  obtido 3,955 é relativamente baixo,

uma vez que nma tabela, cujo grau de liberdade é igual a 2<sup>114</sup>, o resultado deve ser no mínimo de (5,99). Considere, agora, os valores encontrados na amostra oral.

Tabela 16 – Contribuições do  $\chi^2$  (SPSS 10.0 FOR WINDOWS®)  
Análise da variável modo verbal e tipo de modalidade (*aunque/ corpus oral*)

Modo verbal	Valor	GL	Significância
Qui-quadrado $\chi^2$	,314	2	p<,855
Casos Válidos	413		

Considerando que, quanto maior for o valor do qui-quadrado, mais significativa é a relação entre a variável modalidade e a variável modo verbal, confirma-se que o valor encontrado para esse grupo de fatores é muito baixo. As frequências observadas, obtidas diretamente dos dados das amostras apresentam o valor de  $\chi^2 = (0,314)$  e um *p* maior do que (0,05%), não possibilitando, assim, estabelecer uma relação significativa entre as variáveis qualitativas testadas, pois não se aproxima do valor mínimo exigido. O cálculo demonstra que esses fatores exercem pouco efeito sobre a escolha da variante indicativa ou subjuntiva.

Realizado o teste do qui-quadrado, nas próximas seções exibem-se as ocorrências que comprovam esses índices percentuais.

#### 5.4.1 Modalidade *irrealis* e modos verbais

Demonstra-se, num primeiro momento, os enunciados que têm escopo da modalidade *irrealis*. Seguem algumas cláusulas adverbiais concessivas codificadas com o subjuntivo.

116.habrían dicho las putas, si lo hubieran sabido... Eran cosas de Manolo, y Salustio, asustado, le pediría que se callara y que no caminara tan rápido. -Iban a pensar que estaban huyendo de ellos! Y después diría, quizá , agobiado, extenuado, que ahora sí que se volvía. -**Aunque se tuviera** <s;n;dc;ai;ir;co> que enterrar en Chile! "-Estoy cagado!", declararía. "y he decidido volverme... -**Aunque me toque** <s;n;dc;ai;pr;co> navegar por un océano infestado de submarinos!". Pero ya no daba más, no aguantaba. Manolo Ortiz, burlón escéptico, lo miraría de reojo, sin decir una sola palabra. (arel007a.asc)

117.pescarse a este señor / o al contrario verdá / no sé cómo l'hizo él para pescarse a mi mami E: Sí / y tus abuelitos por parte de tu papá / ¿de dónde son? I: De Villa de Santiago también / a ver / sí / tengo entendido que sí E: ¿Y tus abuelitos maternos? I: De aquí de Monterrey / nunca los conocí a ninguno de mis abuelos / me que'è con las ganas / m'imagino que ha de ser bien bonito tener abuelitos / pode'les anunciar / y a poner gorro (risas) E: No / y son los que más consienten a

<sup>114</sup> Lembrando que o GL é calculado da seguinte forma = (número de linhas -1) x (número de colunas -1). Portanto: GL = (3 - 1) x (2 - 1) = 2. Com a tabela do qui-quadrado, o grau de liberdade 2 indica que o valor crítico do qui-quadrado é de 5,99.

los nietos I: Sí / **aunque tengan** <s;d;dc;ai;pr;co> mil / pero a to'os los consienten  
 E: Sí / ¿tienes alguna afición / o pasatiempo? I: ¿Algo que me guste hacer? /  
 andar en mi moto E: ¿En motocicleta? I: Una... / chiquilla / ahí una mugrilla  
 I7: Una hoja de rasurar I: ¿Otra? / ¿tá muy greñudo tu papá m'hijo? (risas) I7:  
 No es que se le cayeron / se le... / se le acabó el filo a la otra I: Este... / ¿sí? E:  
 ¿Te gusta andar en motocicleta? (HM240)

De acordo com o teste de referência, as ocorrências (116-117) são não-fatos, portanto, *irrealis*. Estão vinculados a eventos hipotéticos, desejáveis, possíveis, em que o uso do subjuntivo indica a baixa certeza, isto é, o falante não tem evidências a respeito de suas informações. Nessa perspectiva, não há compromisso nem com a veracidade nem com a falsidade da proposição, apenas se tratam de hipóteses futuras, a exemplo do que ocorre em (116) - “enterrar no Chile” e “navegar por um oceano infestado de submarinos” - e (117), que expressa hipótese contingente a respeito do evento “ter mil netos”.

Nos exemplos que se seguem as informações também são enquadradas como grau de certeza epistêmica mais baixa, devido à modalidade *irrealis*.

118. / y: íbamos con los chicos 2. oye ¿y hay alguna cosa que hayas hecho en tu vida de la que te hayas arrepentido/ que si tuvieras que volver a pasar por eso lo harías de otra manera? 1. ¡huy! no quiero porque si lo oyen mis cuñados 2. no esto no va a salir de aquí 1. no meterme:/ no casarme y meterme con mis suegros ni nada 2. ¿cómo- cómo lo harías ahora/ si estuvieras otra vez en esa situación? 1. pues yo **aunque fuese** <s;n;dc;ai;is;co > en una habitación me casaría sí/ con mi marido/ me volvería a casar/ pero solos// que no te domine ni uno ni otro// vamos// yo por eso cuando se casó mi hija yo la dije "vete a tu casa"/ mi hija es que no ha salido de mi casa hasta ahora// porque ellos han tenido su casa// pero a comer a mi casa a (?) 2. todo el día con vosotros ¿no? 1. todo el día// y yo lo que no: haría sería eso// yo me iría sola// a vivir sola/ porque: es muy bonito (e:) si te casas enamorada ¿eh? 2. claro 1. yo le quería mucho a (M67IM)

119. estuviéramos a escala, y la esfera de la Tierra y de la Luna estarían girando a medio kilómetro alrededor del colegio, alrededor de esta sala. Así sería la cosa. Claro, como no hay bombillas así de grandes... Y **aunque las hubiera** <s;d;dc;ai;ir;co>, no las podríamos mover de un sitio para otro... pues entonces, esa es la salvedad que tenéis que tener en cuenta. Bueno. Gira la Tierra alrededor del Sol dentro de la esfera celeste. Y la primera cosa que notamos es la siguiente: que tiene cada... planeta un lado (acie032a.asc)

(118-119) também são eventos hipotéticos, possíveis, ilustrando a propriedade não-referencial. No primeiro, o falante (a) pergunta o que seu interlocutor (b) faria na possibilidade irreal de que “*si estuviera otra vez en esa situación*”, e (b) responde que “*se casaría con su marido otra vez*”. Ao aplicar o teste de referência, observa-se a presença de não-fato, em que o foco gira em torno da possível realização de outro casamento. O trecho seguinte (119) também é enquadrado como não-referencial. O falante informa que “não há

lâmpadas tão grandes” e rompendo com a expectativa do ouvinte, utiliza o imperfeito para continuar sua informação - “e ainda que houvesse não poderiam ser removidas” - apresentando uma possibilidade menos plausível da existência das mesmas.

Além da correlação *irrealis*/subjuntivo, encontra-se também a modalidade *irrealis* codificada com o modo indicativo. Isso ocorre, principalmente, com a aparição de verbos não-factivos em tais construções, verbos relacionados a citações de terceiros.

Essas citações funcionam como estratégias, na medida em que o discurso jornalístico é mais modalizado que o oral, devido às posições do enunciador face a diferentes tipos de relações que ele estabelece com o seu enunciado, além dos outros enunciadores, do interdiscurso e da instituição a que se encontra vinculado (cf. SANTOS, 2006). Essas posições estão presas ao enunciado através de marcas explícitas ou implícitas. Um desses recursos de modalização é a citação. Segundo Paschoal & Celani (1992), o sujeito enunciador insere o discurso de outro locutor em seu texto, a fim de reforçar a argumentação e conferir-lhe “maior veracidade e credibilidade”. No caso do *corpus* escrito, utiliza-se muito o recurso da citação para validar as reportagens. Por tal motivo, encontra-se um percentual alto de utilização do modo indicativo seguido de verbos como: *citar, especificar, expresar, reafirmar, decir, declarar, asegurar, manifestar, resaltar, apuntar, añadir, adelantar, aclarar, admitir, agregar, destacar*, entre outros. Esses verbos, de acordo com a teoria givoniana, são considerados não-factivos, sob o escopo da modalidade *irrealis*, conforme o exemplo abaixo:

120.con los transportistas autónomos el retorno al trabajo a partir de hoy. Trinidad Losada mostró su confianza en que, a partir de mañana, empiecen a servir hormigón a las obras de la provincia de Lugo, **aunque destacó** <i;n;dc;ai;pt;ce> que al menos en ocho días no se normalizará la situación debido al desabastecimiento total. En directo Vuelta a la normalidad KOPA Todo sobre ruedas No hay carretera que se libre. La desconvocatoria parcial de la huelga de vehículos de mercancías...” (ESLV25-10-05)

Identifica-se o emprego frequente de construções com verbo de língua ou *dicendi* nos dados analisados, ou seja, mediante discursos alheios, atribuídos que se manifestam nos verbos de língua, introdutores de citações, tais como “*destacó*”, mencionado em (120). Dessa forma, o emissor dá mais crédito à sua informação, tentando convencer seu destinatário a respeito do conteúdo proposicional.

Essa característica não é tão evidente no *corpus* oral. Como a amostra oral é composta principalmente por entrevistas e diálogos, os informantes se limitam, muitas vezes, a responder as perguntas do entrevistador, relatando fatos e acontecimentos que ocorreram e

opinando sobre temas propostos, sem fazer referência a enunciados de terceiros, já que sua opinião é posta em evidência neste tipo de situação discursiva.

#### 5.4.2 Modalidade *asserção negada* e modos verbais

Outra associação, medida na variável modalidade, refere-se à correlação da asserção negada com os modos verbais das amostras. Os resultados dos *corpora* são equiparados e não indicam que o emprego do modo indicativo ou subjuntivo, nas orações concessivas com *aunque*, é favorecido por essa modalidade. Atente-se a algumas ocorrências:

121. la forma de vida es distinta totalmente distinta 2. ¿eso qué- qué le parece ese- ese- qué le parece ese cambio que ha habido? 1. yo:/ soy de los que menos-/ de los que menos ha visto la:- la/ negatividad// 2. (hm) 1. pero/ he visto en todo mi alrededor/ empezando por mi mujer/ porque **aunque no sea** <s;n;dc;an;pr;co > de Alcalá/ pues ha vivido desde los diez años o menos aquí en Alcalá que es como si fuera: de él/ de nacida en Alcalá// y siempre se mira hacia peor// el:// nivel de vida/ puede subir económicamente/ pero/ disfrutar/ lo que se llama disfrutar de esa vida/ yo pienso que ha sido negativo/ yo pienso menos/ pero ellos piensan más- más negativo (M52M)

122. e Alcalá? 1. ¿qué? 2. ¿eres de Alcalá? 1. no/ nací en Valencia pero: 2. (hm:) 1. to- la- toda la familia de mi madre es de Alcalá// y yo en el- vine a vivir a los cuatro años/ a Alcalá (lapso = 4) 2. muy bien 1. y la familia de mi padre pues// y mi: bisabuelo compró ya una casa en Alcalá 2. sí 1. **aunque no eran** <i;n;dc;an;im;co > de Alcalá mi bisabuelo ya se estableció en Alcalá// la familia de mi padre 2. (ahá)/ ¿pero ellos de donde eran originalmente? 1. ¿qué? 2. ¿de dónde eran originalmente? 1. mi abuelo de Zaragoza/ mi abuela de Granada/ por parte de padre// y por parte de madre mi abuelo de aquí// y:- y mi abuela de Toledo 2. (hm:)/ muy bien/// (e:) tú eres/ bueno has (M53M)

De acordo com Givón (1995, p. 171), a negação da asserção é tida como *irrealis* por partilhar da propriedade não-realizada, e do ponto de vista pragmático, se comporta como *realis*, por ser fortemente asserida. A informação “não ser de Alcalá”, presente nas duas ocorrências (121-122), uma com o subjuntivo (121) e outra com o indicativo (122), poderia ser explicitada de ambas as formas. Pragmáticamente, poderiam ser agrupadas à modalidade da pressuposição, devido ao forte caráter de certeza subjetiva dos enunciados. Nota-se que, em ambos os casos, é possível identificar que o conteúdo proposicional é de fato assegurado como verdadeiro, tendo em vista que as informações proferidas são de âmbito pessoal e o informante pode comprometer-se com a veracidade das mesmas, ou seja, o falante sabe qual é o país de origem da sua mulher e da família, respectivamente. No entanto, levando em conta o âmbito semântico, as asserções negadas se enquadram como *irrealis* (não-fato). Considere mais alguns casos.

123. sea, que no... no se puede, no se puede trazar, no me atrevo para mejor decir, trazar una... una norma en eso. E. - Yo creo que usted es " león ". ¿ le interesa (...)? I. - Bueno, yo pertenezco al Club de Leones **aunque no soy** <i;n;dc;an;pr;co > león. E. - ¿ Por qué decidió ser un miembro del Club de Leones y no de otro club? O ¿ pertenece a algún otro? I. - No, yo pertenezco a la Colonia,..v.. La verdad es que..v (HM256)
- 124.No, bueno, no ha sido un acto, ha sido una semana, Sí... sí, esta semana . ...un curso curso. Este curso. Bueno... e... inevitablemente, ¿no?, **aunque... yo no soy** <i;n;dc;an;pr;co > muy dado a homenajes, pero inevitablemente, pues... , claro, toda una semana con una... treintena de señores dedicados a... a hablar de uno y de... y de... la obra de uno, pues algo tiene de homenaje. "Hablar bien, además, por lo que he... leído en las (bent027f.asc)

No trecho em (123), o falante anula a pressuposição em que o evento: “fazer parte do clube significa ser um leão”, assegurando como verdadeira a informação de que “não é um leão”, através do uso do indicativo. Assim como (124), em que o falante admite que “não é dado a homenagens”. Aqui também poderia ser efetivada uma dupla possibilidade de análise, já que estes exemplos podem ser interpretados como pressuposição/*realis* pela força da asserção, ou seja, a força impressa na asseveração destes enunciados poderia colocá-los pragmaticamente, no âmbito da pressuposição. Essas asserções são extremamente relevantes no contexto, já que o informante antecipa possível inferência de seu ouvinte, de que ele, por fazer parte do clube, “é um leão”, e de que “é dado a homenagens”. Nesses trechos, há um tom de assertividade que dá aos enunciados quase uma certeza factual. Dessa forma, o não-fato, às vezes é tão forte que aparenta ser de modalidade *realis*.

A dupla possibilidade de análise também pode ser feita com os dados encontrados sob o escopo de asserção negada na amostra escrita.

- 125.ser solicitada por el grupo cuya posición prevaleció durante la votación final. No obstante, el presidente senatorial, Kenneth McClintock, le ripostó que, en este caso, el grupo mayoritario fue el que obtuvo los 17 votos a favor de la medida, **aunque no haya prevalecido** <s;d;dc;an;pe;ce> en la votación. "Ese razonamiento va en contra de toda lógica porque 17 votos es más que siete", manifestó el líder senatorial ante el planteamiento de Nolasco. La medida obtuvo siete votos en contra y 17 a favor, pero son necesarios 18 votos que respalden la pieza, es decir, dos terceras (PREN19-12-06)
- 126.¿Qué dices del matrimonio y las leyes que lo rigen? A mí realmente me asombra ver que en este país la gente se casa sin saber que hay un régimen económico que va a imperar en su matrimonio (**aunque no lo elijan** <s;d;dc;an;pr;ce>) y va a determinar cómo será la repartición de bienes en caso de un divorcio. Aquí, la gente se separa y después, cuando han sido demandados, van donde un abogado. Mariela Ledezma ofrecerá un seminario legal informativo en el que se hablará sobre el divorcio, la separación (PNLP02-04-05)

127.pueblo de El Líbano y mientras asistimos indignados al cotidiano genocidio a que es sometido el pueblo palestino", dijo el canciller, que no hizo alusión en su discurso al quinto aniversario de los ataques del 11 de septiembre de 2001. **Aunque la fecha no fue conmemorada** <i;n;dc;an;pt;ce> en la cita de La Habana, el proyecto de declaración subrayó que "no se puede ni se debe vincular el terrorismo con religión, nacionalidad, civilización o grupo étnico alguno". "Yo creo que la lucha contra el terrorismo no puede estar dictada por fechas" (ARLA12-09-06)

Nesses casos, tanto o modo subjuntivo (125-126), como o indicativo, em (127) codificam situações que se colocam como não-factuais, ou seja, esses casos expressam argumentos de natureza não-referencial, já que os eventos codificados nos contextos linguísticos e nominalizados como: “a perda na votação”, “a escolha do regime econômico” e “a comemoração da data”, respectivamente, não ocorreram, e os informantes não se comprometem com a veracidade, mas com a falsidade dos conteúdos proposicionais. Desde uma visão pragmática, esses contextos também dão possibilidade de interpretação *realis*, devido à força da asserção de que “o grupo obteve 17 votos a favor, mas não prevaleceu na votação” e que “a data não foi comemorada”, em (125) e (127), respectivamente.

#### 5.4.3 Modalidade *realis* e modos verbais

Nesta subseção apresentam-se alguns dados provenientes dos *corpora* para evidenciar a correlação entre o uso do indicativo e a modalidade *realis*. Considere as ocorrências que se seguem:

128.al segundo palo... acude Mateu, también Pollet... ha tocado Pollet!... Pero finalmente toda la ventaja es para el portero Alduallen, una vez más infranqueable, detiene el esférico y balón para el Real Burgos, **aunque ha robado** <i;n;dc;ar;pt;co> Dario Fanco. Combina con Mateu, se puede ir el rumano, sigue... Mateu intentando combinar con el argentino, la pelota que se va fuera de banda y aquí no pasa nada. Ventisiete minutos y medio de juego de la primera parte, en la Romareda... todo continua igua (edep024c.asc)

129.Nadar el estilo espalda le atrae, "porque es mejor mirar al cielo que estar viendo constantemente el fondo de la piscina. Fíjese si me gusta que no renuncié a hacerlo, **aunque una vez en una vuelta me fracturé** <i;n;dc;ar;pt;ce> un dedo". Estudia séptimo grado y reconoce que llevar al mismo tiempo las clases y los entrenamientos requiere de un esfuerzo superior, "pero con voluntad uno puede lograr mucho, según me dice siempre (CUJR12-04-06)

Ao aplicar o teste de referência, observa-se que o conector *aunque* está relacionado a situações que se colocam como factuais. Com o indicativo, sob a modalidade *realis*, são apresentados eventos particularizados, que de fato aconteceram - “o roubo a Dario Franco” em (128) e “o dedo fraturado” em (129). O tom de forte asserção matiza os conteúdos de

certeza factual. Conforme Givón (1995), casos como esses, que apresentam eventos já concluídos, retêm o indicativo, modo correlacionado à modalidade *realis*, pois se referem a eventos que pertencem à experiência do falante, com relação a ações passadas, reais.

Ainda de acordo com os valores encontrados para esse grupo de fator, a modalidade *realis* também aparece em casos de modo subjuntivo. Esses exemplos rompem, de certa forma, com a expectativa acerca da preservação da correlação *irrealis*/subjuntivo.

As ocorrências seguintes apresentam uma correlação entre modo subjuntivo e modalidade *realis*.

130.No me deja en Sevilla que yo navegue solo. Me voy al Puerto Santa María que tengo allí un pequeño chalé... La carrera judicial no me da nada más que pero dinero da poco y afortunadamente **aunque haya podido** <s;n;dc;ar;pe;co > heredar de mis padres... mi padre tenía una buena farmacia en Cádiz, una farmacia y un hermano mío se la ha convertido en ochenta millones y allí hemos repartido entre los cinco. Pero vamos tampoco la ha paga (ccon035a.asc)

131.y en cuanto pisas el acelerador lo más mínimo... -zas! se cala. Ya bueno, pero es por el... O sea, yo siempre... el sistema eléctrico es eso. Yo ya tengo sabido que tres intentos necesito siempre. Porque es que arranca pero en cuanto pisas el acelerador se para. -Huy! Enrique... pasaba Entonces necesito tres intentos. los inviernos y pa ahí lo dejaba tirado. Enrique -menudos inviernos! Pero no sólo arrancar ¿h? porque este es del... este es del sistema eléctrico y entonces **aunque hayas arrancado** <s;d;dc;ar;pe;co> vas por ahí y le pides potencia en un momento dado, apretas el acelerador un poco rápido, tampoco muy rápido pero un poco rápido y no se ajusta bien Sí. y entonces pues se te... se te cala, se te para ahí. Mira que da rabia porque... (ccon019a.asc)

Nos trechos (130) e (131) acima, o conector concessivo também aparece esvaziado de caráter hipotético, já que o evento “a herança de seus pais” é enquadrado como uma situação particular, ocorrendo num momento específico e, além disso, é tomado como garantido, pois o falante pode se comprometer com tal informação pessoal. Em (131), o subjuntivo também codifica uma situação que se coloca como referencial – “arrancou o sistema elétrico”.

## 5.5 Influência da estrutura temporal

Com essa variável, tem-se como intenção averiguar se o subjuntivo, com valor factual (subjuntivo *polémico*), pode ser codificado em qualquer tempo verbal ou está atrelado a um tempo específico, podendo ser influenciado por ele. Na tabela 17 apresenta-se a correlação do uso do modo subjuntivo com as formas verbais encontradas e o tipo de modalidade. De acordo com os resultados, verifica-se que os contextos factuais podem ocorrer com qualquer tempo verbal do modo subjuntivo.

Tabela 17 – Frequência das estrutura temporal (*aunque*)

Tempo verbal subjuntivo	Corpus escrito		Corpus oral	
	Modalidade			
	<i>Irrealis</i> (ai)	<i>Realis</i> (ar)	<i>Irrealis</i> (ai)	<i>Realis</i> (ar)
<i>Presente</i>	97	18	151	30
<i>Perfecto</i>	3	16	3	14
<i>Imperfecto – RA</i>	12	9	16	12
<i>Imperfecto – SE</i>	4	1	6	
<i>Pluscuamperfecto</i>	1	3	1	3
<b>Total</b>	<b>117</b>	<b>47</b>	<b>177</b>	<b>59</b>

A correlação modo-tempo, analisada nos resultados obtidos através do uso da modalidade *realis/irrealis*, sob viés pragmático, demonstra que as ocorrências com valor de factualidade podem ser expressas com todas as formas verbais do subjuntivo. O tempo verbal de maior frequência é o *presente* que corresponde a maioria das construções nos *corpora*. Esse tempo é seguido pelo *imperfecto*, *perfecto* e *pluscuamperfecto* que representam um valor menor do total de dados para o uso do subjuntivo. Ambas as amostras apresentam resultados equiparados com relação ao uso do subjuntivo sob o contexto de factualidade.

Antes de iniciar a apresentação das ocorrências, abre-se um parêntese aqui para comparar estas constatações com uma das afirmações de Givón. De acordo com o autor, nas concessivas com o conector *aunque*, há três tipos de contrastes epistêmico possíveis: i) o uso do presente do indicativo assinala alta certeza; ii) o uso do presente do subjuntivo indica baixa certeza; e iii) o uso do passado do subjuntivo (tempos *imperfecto* e *pluscuamperfecto* do subjuntivo) assinalam certeza ainda mais baixa (GIVÓN, 1995, p.142). Conforme os índices evidenciados na tabela 18 acima, é possível notar que nem todos esses tempos se comportam dessa maneira, já que, em muitos casos, os tempos passados expressam factualidade. Dessa forma, ocorrências como “*Dijo que Perico había vuelto a mi casa, aunque hubiera vuelto a las seis de la mañana...*” (cdoc008a.asc) deveriam expressar certeza mais baixa, porém, evidenciam o contrário, pois o complemento modal está revestido de certeza factual.

A seguir, são apresentados, separadamente, cada um dos valores temporais em que as variantes subjuntivas aparecem sob o escopo de factualidade<sup>115</sup>.

<sup>115</sup> Assim como nas substantivas, entre as ocorrências codificadas no tempo presente das concessivas, foi analisado se o traço de futuridade se apresenta como contexto favorecedor de uso do subjuntivo. Foram encontrados poucos casos em que os eventos estão projetados para o futuro, (4) no *corpus* escrito e (2) no oral. Em função dos resultados, acredita-se que o traço futuridade não é o contexto de maior favorecimento ao uso do subjuntivo, no caso das concessivas.

### 5.5.1 Presente

Os resultados indicam que o tempo *presente* reúne o maior número de casos de aparição do modo subjuntivo, em contextos factuais, sob o escopo da modalidade *realis*. Veja-se algumas ocorrências do *corpus* escrito.

132. cabalmente a este sistema de producción, arrincona a aquellos valores de obediencia y respeto, al tiempo que convierte a las ciudades y los pueblos en junglas, en las cuales los más fuertes y capacitados sobreviven, mientras que los más débiles, desposeídos e incapacitados se relegan a un segundo plano. Los débiles y desposeídos, de acuerdo con los principios de la modernidad, se encuentran exentos de cualquier beneficio, **aunque la Constitución Nacional establezca** <s;d;dc;ar;pr;ce> lo contrario y su proceder se rija por la ética, la sencillez, la tolerancia, la honradez y el respeto hacia ellos mismos y los demás. El creer que lo más importante de un ser humano lo constituye el poder económico y social que alcance en el transcurso de su existencia, es una de las causas que originan la petulancia del hombre y, por ende, genera la anarquía en cualquier ambiente rural y urbano en el cual se desenvuelve, por cuanto no sólo irrespeta a los otros seres humanos c (VEEC04-04-06)

133. Costa Rica, país respetuoso del Derecho Internacional, reconoce el sumo imperio de Nicaragua sobre el río San Juan, pero por ejemplo en países europeos en áreas como la Seguridad Nacional, preservación de la vida, medio ambiente, el turismo, la lucha contra el narcotráfico, el terrorismo, el comercio productivo económica-socialmente, se manejan con espíritu de beneficio mutuo, colaboración e intereses convencionales estratégicos, para el bien de todos. Entiendo que en Nicaragua han mandado quienes tienen las armas, **aunque exista** <s;d;dc;ar;pr;ce> un "Señor Presidente" y que puede ser que lo presionan los sectores que necesitan protagonismos, que añoran la guerra para que se maten otros (CRLP15-10-05)

Em (132), o uso do modo subjuntivo codifica um evento real e de conhecimento compartilhado de que a “Constituição Nacional estabelece a tolerância e o respeito aos menos favorecidos”. Nesse excerto, não figura o caráter hipotético, mas a modalidade de pressuposição. O falante cancela a informação por ele proferida e de conhecimento compartilhado por seu ouvinte de que “os menos favorecidos são excluídos”, ao utilizar o conector *aunque* e assegura que a Constituição prevê o contrário. No enunciado (133), o evento também é factual, ou seja, “há um presidente em Nicarágua”.

Considere, agora, mais duas ocorrências retiradas do *corpus* oral:

134. y ver como habían restaurado todo/ me empecé a gustar más y más y más// (hh) luego me fui y yo/ pensaba que no iba a volver aquí en la vida// tuve que volver para hacer la mili/ y desde que volví sí que me gusta/ y bueno Alcalá es que no tiene nada que ver// ahora/ pero a mí sí me gusta// 2. sí 1. me gusta porque es/ lo suficientemente grande/ **aunque esto es** <i;d;dc;ai;pr;co > un pueblo/ 2. sí sí 1. es pueblo **aunque la gente diga** <s;d;dc;ai;pr;co > que esto es una ciudad// y la gente de Alcalá lo dice/ yo tengo tíos que son de aquí de Alcalá y ellos dicen que esto no es un pueblo// que pueblo es Meco y:-// y que Madrid es más pueblo dicen ellos pero:-/ pero Alcalá es un pueblo// un pueblo culto/ un pueblo con: cultura// pero es un pueblo// lo que pasa que a mí me gusta porque es grande// (H30S)

135.otro par de veces/ en distintos sitios de- en:- (e:) en otro:- otras casas de las alquiladas para:- (m:) por problemas/ también viví: en otro momento/ y: luego en Santa Catalina/ una vez/ luego me subí al Zulema/ ya más alejado claro y además dependiendo de Villalbilla aunque yo seguía <i;n;dc;ai;im;co> trabajando en Alcalá yo bajaba como si fuera/ aquello de Zulema fuera una barriada que en realidad lo es de Alcalá aunque pertenezca <s;d;dc;ai;pr;co> al municipio de Villalbilla/ porque si aprecias- si aprecias el mapa de:- del término municipal de Villalbilla pues (e:) yo lo com- lo- lo- lo comparo con un boomerang/ tiene- tiene la forma de un boomerang/ exactamente/ y entonces (e:)/ casi/ está más cerca de Alcalá que de Villalbilla aproxi- desde el cual pertenece// (H64Sa)

Os resultados demonstram que o modo subjuntivo não é utilizado apenas sob o escopo *irrealis*. Em (134) e em (135) ocorre o uso do modo subjuntivo em contextos reais codificados com o tempo *presente*. O trecho (134) apresenta em sequência de indicativo e subjuntivo, numa mesma situação comunicativa em que aparece o emprego do conector *aunque*. No primeiro enunciado, o falante argumenta que “Alcalá é um povoado”. Em seguida, menciona um comentário das pessoas “*aunque la gente diga que esto es una ciudad*”, utilizando o modo subjuntivo. Para concluir, assevera o conteúdo de que as pessoas dizem tal fato “*y la gente de Alcalá lo dice*”. No excerto seguinte (135) o falante apresenta, primeiramente, a informação nova “de que segue trabalhando em Alcalá” e a outra, com o subjuntivo, representando um fato real, ou seja, “Zulema pertence ao município de Villalbilla”.

### 5.5.2 Pretérito perfecto

De acordo com os resultados, para o tempo *perfecto* verifica-se que a maior parte dos casos está sob o escopo da modalidade proposicional *realis*, ou seja, casos de contextos com eventos factuais. Considere alguns exemplos.

136.Pese a ello, la gran demanda que se espera disparó los precios de este alimento, llegando en algunos supermercados a superar las cinco o seis lucas por kilo, en algunos cortes. Sin embargo, **aunque los precios en las carnicerías no son** <i;n;dc;an;pr;ce > tan grotescos, sus dueños explican que igual se vieron obligados a subir un poco la tarifa, porque los productores se pusieron careros. "Aunque haya tenido <s;d;dc;ar;o;ce > que subir el valor de la carne, igual está más barata que en otros lados. Hay que cuidar el bolsillo de la clientela", contó Juan Cortéz, dueño del local 103, en el Mercado de Concepción, quien tiene el "asado parrillero" (CHDC15-01-05)

137.última, si bien es legítima, debe ser considerada como último recurso, reservada a las más graves infracciones del orden social, preservando siempre los valores de una sociedad democrática, entre los cuales, la protección integral de la vida, de la dignidad y de los otros derechos inalienables de la persona humana, ocupan el primer lugar. 12.- Invitamos a multiplicar los gestos de reconciliación: adecantar el

lenguaje y las expresiones con las que calificamos a los adversarios; valorar, por encima de lo que nos separa, lo que tenemos en común, como venezolanos; no perseguir o condenar actuaciones que de por sí, **aunque hayan sido** <s;d;dc;ai;pe;ce> expresiones de confrontación, son legítimas; perdonarnos todos, unos a otros, por nuestras faltas y errores (Cf. Rom. 12, 17-20); y ajustar siempre, cada vez más nuestras conductas a las normas morales, las cuales han de inspirar la Constitución y las leyes. (VEEC16-01-05)

Em (136), o uso de subjuntivo representa um evento factual, pois, de fato, “houve aumento do valor da carne”. Na ocorrência seguinte, tomam-se “as expressões de confrontação”, destacadas no contexto discursivo, como um evento concretizado, interpretado sob o escopo da modalidade *realis*.

### 5.5.3 Pretérito imperfecto

No *Pretérito imperfecto* existe um número mais elevado de casos codificados sob modalidade *irrealis* para a amostra oral e *realis* para a escrita. Considera-se importante apresentar a análise dos casos deste tempo verbal a partir da divisão contida no espanhol das terminações em *-ra* e *-se*. Os resultados de uso do *imperfecto* indicam duas considerações interessantes. A primeira delas refere-se à preferência por uma das formas do *imperfecto*. A outra é sobre o uso destas formas relacionadas ao espanhol europeu e americano.

Iniciam-se as considerações a respeito do primeiro item. Sabe-se que o espanhol atual conta com dois alomorfos na expressão do pretérito imperfeito do subjuntivo, a forma em *-se* e em *-ra*<sup>116</sup>. De acordo com Lapesa (1981, p. 404), “*en la mayor parte del siglo XVI predominaba en cantara el valor de pluscuamperfecto de indicativo, pero a finales del siglo y principios del siguiente ... cantara llega a superar la frecuencia de cantase*”. Por tal motivo, se pode dizer que, a partir do século XVII, ambas as formas são sinônimas e como tais, podem ser utilizadas indistintamente nos diversos contextos que requerem seu uso, ou seja, as duas figuram no paradigma verbal do espanhol atual como significantes que cobrem apenas

---

<sup>116</sup> Segundo Ramírez Luengo (2001, p. 173), as duas formas derivam de primitivos tempos do *perfectum* latino. *Cantase*, do *pluscuamperfecto* subjuntivo *cantavissem*, adquire desde os primeiros tempos o valor de *imperfecto* de subjuntivo, enquanto *cantara* (do *pluscuamperfecto* do indicativo *cantaveram*) sofre ao longo do tempo medieval uma mudança modo-temporal que lê leva a aproximar-se do subjuntivo, até o ponto de perder praticamente todos seus valores de indicativo. Esse processo, de acordo com o autor, se consolida no final do século XVI.

um conteúdo modo-temporal<sup>117</sup>. O uso de uma ou outra forma, portanto, vai depender do costume e do meio social de cada região hispano-falante.

São numerosos os estudos dedicados aos usos de *ra/se* (*cantara/cantase*). Entre eles pode-se citar, a Real Academia Espanhola (1973), Alarcos LLorach (1994 [1943]), Rojo (1996), Hernández Alonso (1984), Sastre Ruano (1997), entre outros. Alguns autores como Sastre Ruano, por exemplo, insistem na equivalência e intercâmbio dessas formas. Para a autora, *-ra* e *-se* alternam em distribuição livre. “*La precedencia regional, el nivel cultural del hablante o, simplemente, preferencias personales o estilísticas son algunos de los factores que determinan la elección de una u otra forma*” (SASTRE RUANO, 1997p.25).

Alarcos LLorach (1994, p. 223) sustenta que *-ra* é mais frequente na expressão oral e *-se* mais própria da escrita, “*sobre todo como recurso de la variación estilística*”. Para Hernández Alonso (1984, p. 298), a preferência por uma das formas depende de diversos fatores sociolinguísticos, diatópicos e diastráticos. Ainda com respeito à distribuição das formas, Lunn (1989) considera a forma *-se* como marcada da oposição. Na opinião da autora, seu uso se dá, quando o falante não acredita no evento, quando se pretende expressar um grau máximo de cortesia.

Diferentemente, Lamíquiz (1971) sustenta que a alternância entre *-ra* e *-se* não constitui uma opção livre. Para o autor, a forma em *-se* predomina quando se trata de um acontecimento ocorrido ou que se prevê que poderá acontecer com certeza, caso contrário, se não há nenhuma dúvida, *-ra* é mais frequente. A diferença é tratada em dois níveis de atualidade (*-ra/não-atual* e *-se/atual*). Em contextos de subjuntivo, a forma em *-ra* possui um valor desiderativo e expressa uma inclinação maior à realização hipotética da ação que a forma em *-se*.

De acordo com os resultados encontrados para esse tempo, há uma preferência pelo uso da forma *-ra*. Esses resultados estão de acordo com o previsto por Lunn e Decesaris (1992, p. 66). Para os autores, o imperfeito do subjuntivo em espanhol é o único tempo que permite variação na escrita e a mais usada é a terminação em *-ra*, principalmente na língua falada e, a menos frequente é a terminação em *-se*. Veja-se as ocorrências que se seguem:

138.últimamente teníamos / porque / este / teníamos noria E: ¿Ah sí? / ¿no era tan caro / pagar servicios como ahora? I: ¿Mande? E: ¿No era tan caro pagar los servicios? I: No porque ahí teníamos l'agua (risa) / aunque este / **aunque sacáramos** <s;n;dc;ai;ir;co > con mecate E: Este / ¿sí había carreteras por ahí? I: Sí E: ¿Sí? / correos / teléfono / ¿justé se acuerda? I: Sí / sí había E: Y ahí

<sup>117</sup> Vários autores hispânicos, tais como Bello (1964, p. 217), RAE (1973, p. 479-80), Alarcos Llorach (1994 [1943], p. 158) e Hernández Alonso (1984, p. 298) consideram ambas as formas sinônimas.

donde vivía antes de casarse ¿había este... / los servicios como / aparatos / estufa radio y televisión? (HM107)

139. él lo a- él- él lo aprendió él aprendió aquí:/ a: ... 1. el castellano el:/ español 2. español 1. (hm) 2. un castellano un tanto: 1. claro bueno pero: ... 2. sí pero bueno/ lo hablaba// y todo su afán era que aprendiéramos inglés (lapso = 2) y fíjate que estuvimos tiempo y horas y horas y horas incluso ellos: algunas veces se iban-/ se iban sin querer/// se iban a:-/ a su:- 1. a su idioma 2. a su- a su lengua/ 1. (hm) 2. bueno pues nada ni una palabra 1. nada ya no: 2. ni una palabra 1. (risa = 1) y es que se- es así como se aprende 2. no se:/ 1. por lo menos ... 2. pues si es así como se aprende me parece que como traten de enseñármelo (risa = 2) 1. hablándolo/ yo lo poco que sé de catalán es cuando estuve en Gerona que entonces allí sí:/ yo ya entraba en una conversación ya a última hora que estuve allí un año// y entonces sí: ya lo entendía muchas conversaciones vamos entraba yo en el corro y lo oía **aunque hablara** <s;d;dc;ai;ir;co > yo mi:-// mi castellano/ pero ya 2. sí 1. las conversaciones en catalán ya lo oías 2. sí claro 1. hace mucho eso claro 2. bueno pero es que:/ no-el- el- el catalán por mucho que se separe de: .../ 1. siempre: se entiende más (H42P)

140. esa satisfacción que después te muestra la gente "huy ¡qué rico estaba qué bueno estaba! a ver si para otro día te sale igual" no sé qué no sé cuantos 2. la parte artesanal ¿no?/ de la propia elaboración ¿no? 1. sí (m.) y mira que eso sí que no es una cosa que yo haya podido heredar/ porque mi padre no freía un huevo// **aunque se muriera** <s;n;dc;ai;ir;co > de hambre// y mi madre era pues bastante mala cocinera 2. cuéntame cómo- cómo los haces/ repítelo eso/ esa- esa ... 1. sí 2. (?) 1. no es una (m:) es que es una receta co:n-/ con una carga sentimental importante/ (H40M)

141. estuviéramos a escala, y la esfera de la Tierra y de la Luna estarían girando a medio kilómetro alrededor del colegio, alrededor de esta sala. Así sería la cosa. Claro, como no hay bombillas así de grandes... Y **aunque las hubiera** <s;d;dc;ai;ir;co>, no las podríamos mover de un sitio para otro... pues entonces, esa es la salvedad que tenéis que tener en cuenta. Bueno. Gira la Tierra alrededor del Sol dentro de la esfera celeste. Y la primera cosa que notamos es la siguiente: que tiene cada... planeta un lado (acie032a.asc)

As ocorrências (138-141) evidenciam o uso do *imperfecto* do subjuntivo com terminação em *-ra* para codificar eventos que ocorreram mediante o contexto discursivo apresentado: “pegar água com *mecate* (corda de planta de folhas grandes)” em (138), e “falar meu castelhano”<sup>118</sup>, em (139). O tom de asserção revestido nos enunciados poderia permitir o uso das formas indicativas: “*sacábamos con mecate*” e “*hablaba mi castellano*”.

Diferentemente, (140-141) retratam argumentos hipotéticos. A informação “morrer de fome” evidencia a possibilidade de esse fato ocorrer, assim como (141), em que se rompe com

<sup>118</sup> Para Mariner Bigorra (1971, p. 230-2) no paradigma do verbo espanhol, a oposição entre formas como *ame* e *amase* não é temporal, mas compreendida como oposição modal. O autor estabelece três noções básicas com relação ao modo verbal: a atitude mental ou atitude do falante, a modalidade da frase e a relação de dependência entre sintagmas que resulta nos valores de não realidade (*cantaría/ cantara/se*) e realidade (*canto, canté, cantaré, cantaba*). Nota-se que a caracterização não-realidade para os tempos *cantara/cantase* não é visível nos resultados desta pesquisa.

a expectativa do ouvinte com uso do *imperfecto* “ainda que houvesse não poderiam ser removidas”, elucidando uma possibilidade menos visível da existência das mesmas.

Esses resultados também podem ser confrontados com a afirmação de Gomis *et al.* (1998, p.84). Para eles, as duas formas do *imperfecto de subjuntivo* costumam ser empregadas como equivalentes na língua coloquial, no entanto, na língua culta e na escrita, estas formas não podem substituir-se entre si. Segundo a norma gramatical, a forma em *-ra* é a forma subordinada ao *condicional simple* nas orações condicionais, como no exemplo *Si fuera importante, te lo diria*. Por outro lado, a forma em *-se* é a autêntica forma do *pretérito imperfecto de subjuntivo*, indicando subordinação com respeito aos pretéritos do indicativo (*imperfecto, perfecto e indefinido*).

As ocorrências analisadas nesta pesquisa não se enquadram na constatação do autor, pois as formas em *-ra* são as mais utilizadas e aparecem na codificação de outros tempos verbais. Nos exemplos (142) e (143) extraídos do *corpus* escrito, há dois contextos em que a forma *-ra* não está subordinada ao condicional simples, conforme prevêm Gomis *et al.* (1998), para as amostras em língua escrita. Em ambos os trechos é possível notar a factualidade dos eventos apresentados “troféu de ouro” e “o uso de roupas de praia”, respectivamente.

142. y que el trofeo consistía en una joya de oro... para lucir en el ombligo. ¡Hace 35 años, es fantástico! Yo me manifestaba contra ese trofeo, y lo argumentaba así: "Un ombligo de tanta cualidad como el que posee, sin ningún tipo de duda, la señorita Dolnick, no puede admitir que sea cubierto por la proximidad, y aún menos la superposición, de una joya más o menos artística, **aunque fuera** <s;d;dc;ai;ir;ce> de oro". Me habría gustado saber qué criterios estéticos había adoptado el jurado para examinar los ombligos concursantes --que habría sido la base de una futura ombligología. (ESEP30-05-05)

143. Bajo su concepto aún falta "un largo camino para que La Volpe cumpla lo que dijo: superar lo hecho en los Mundiales de 1994, 1998 y 2002", pero como mexicano desea, "que triunfen". El artillero observó con amigos y familiares el debut del Tri en el Mundial de Alemania. Lo hizo con tranquilidad. Premiando con aplausos cada gol mexicano, pero lejos de la algarabía y el grito desgarrado de ¡Gol! del resto de los presentes. De entrada, Cuauhtémoc vestía con una playera blanca, pero después del finalizado el primer lapso la cambió por una verde, **aunque fuera** <s;d;dc;ai;ir;ce> una playera de su restaurante con el 10 en la espalda, que también traían todos los meseros. (MXEU12-06-06)

A segunda consideração que se propõe destacar se refere à preferência por uma das terminações, num país específico. Para Blas Arroyo e Porcar Miralles (1994, p. 75), há frequência de emprego considerável para *-se* no espanhol peninsular, contudo, verifica-se preponderância cada vez maior de *-ra* como forma predominante. Em contrapartida, Ramírez Luengo (2001, p. 185) registra, em sua distribuição, com respeito ao espanhol uruguaio do

século XIX, uma preferência pela forma em *-se*, frente a um uso mais restringido de *-ra*, contrastando com a situação atual, que aponta *-ra* como a forma mais utilizada<sup>119</sup>. Os resultados indicam que tanto a terminação em *-ra* como *-se* são usadas, indistintamente, nos países de fala hispânica que compõem os *corpora* desta tese, podendo ser consideradas variantes de uso livre pelo falante<sup>120</sup>.

Antes de encerrar essa seção, considera-se importante apresentar outro ponto saliente nessa análise. Os resultados finais referentes a este tempo verbal apontam preferência pelo uso do *-se* nos contextos de *irrealis*, e de *-ra* nos demais ambientes, podendo ser utilizado tanto para contextos *realis* como *irrealis*. De maneira geral, nas ocorrências desta pesquisa, a terminação em *-se* possui matiz de impossibilidade, probabilidade, em contextos em que o evento é fracamente asserido. Conforme os resultados, foi encontrado apenas uma ocorrência de terminação em *-se*, correlacionado à modalidade *realis*. Por outro lado, a forma em *-ra* está codificada sob o escopo das duas modalidades citadas<sup>121</sup>. Considere, agora o único enunciado encontrado, cuja correlação é: *-se/realis*.

144. La Academia Integral Alma Flamenca nos convocó esa noche o, mejor aún, nos convidó a meternos de cuerpo y, precisamente en alma, hasta lo más recóndito de los Ritmos que marcan la cotidianidad de nuestras penas y glorias.(...)Sara alternó sus diseños coreográficos con los de Irina González, Zhendy Boadas y Patricia Cinquemani en un excitante menú que nos paseó por atardeceres de toros y noches sevillanas, romerías, bulerías y, en fin, azucaradas emociones que nos pusieron a volar y a seguir, **aunque fuese sentados** <s;d;dc;ai;is;ce>, a las pequeñas o juveniles bailaoras, al compás de un nostálgico tango. El taconeo sincrónico de Estefanía Gosen y Marielena Espinoza, disparó todo un cargamento de "Emociones" como clímax del primer acto. (VELH10-07-05)

A princípio, ao analisar os valores temporais do enunciado, nota-se que se toma como ponto de referência o sentido metafórico de que “se pode voar sentada”, representando uma situação descrita de voo considerada como irreal, já que, de acordo com nosso conhecimento de mundo, é impossível que tal evento aconteça - “a emoção foi tanta que se

---

<sup>119</sup> Em seu estudo “*Alternancia de las formas -ra/-se en el español uruguayo del siglo XIX*”, Ramírez Luengo analisa 219 ocorrências coletadas entre os anos de 1815 a 1850 e assinala que há uma preferência clara pela forma em *-se* em um total de 140 casos (77,77%), frente a um uso restringido de *-ra* em 40 casos (22,22%), contrastando com a situação atual em que *-ra* é a forma mais utilizada.

<sup>120</sup> Cabe lembrar que os *corpora* utilizados nesta tese são limitados e, portanto, tais constatações se referem apenas aos exemplos analisados. Por isso, convém assinalar a necessidade de análises mais amplas, com uma quantidade maior de dados para comprovar se as tendências aqui verificadas são de fato corretas.

<sup>121</sup> Para Ridruejo (1999, p.3216), as formas verbais: *cantara* e *cantase* estão equiparadas no sistema verbal do espanhol atual. Tal afirmação se comprova nos resultados obtidos para esse grupo de fator.

sentiam voando, mesmo sentados”. No entanto, ao analisar o contexto em que essa ocorrência aparece, é preciso avaliar que a situação “estar sentada” não está no terreno das hipóteses, pois, assume-se que “os indivíduos assistiam à apresentação de Flamenco” e se referem “ao fato de estarem sentados durante o espetáculo”. Atente-se a mais duas ocorrências:

145. Con respecto al segundo recurso presentado por la acusación particular ejercida por Marcos García Montes al que se adhirió la defensa para la inclusión como prueba de la bolsa hallada en casa de la madre de Rocío, Alicia Hornos en agosto de 2005, el magistrado da la razón al auto dictado por el juez instructor el pasado 29 de noviembre, al entender la "irrelevancia" de los perfiles genéticos hallados, por la "contaminación" en el origen de los enseres (braga manchada de sangre, cabellos, colillas y otros enseres). Asimismo, la sentencia indica que, **aunque se determinase** <s;d;dc;ai;is;ce> que la fabricación de la braga es anterior al crimen, no se puede determinar si fue la que vestía el día del homicidio, dado que no se puede averiguar la data de la sangre. Añade que si se confirmara que la llevaba en el crimen, (ESEM27-04-06)
146. La Nueva Cuba Julio 12, 2005 "De E.U. no aceptaría nada, ni **aunque fuesen** <s;d;dc;ai;is;ce> mil millones". El dictador de Cuba, Fidel Castro, ha advertido que su país no aceptará ayuda humanitaria de Estados Unidos ni de Europa por el azote del huracán 'Dennis', que dejó en la Isla 16 muertos y pérdidas por más de 1.400 millones de dólares. Castro ha rechazado 50.000 dólares ofrecidos por el Gobierno estadounidense. (CULN21-07-05)

(145) expressa hipótese futura ou incerta, não é possível “determinar a fabricação da calcinha”. Observa-se que o uso do imperfeito, em contexto de presente ou de futuro, expressa menos probabilidade de o evento acontecer. O trecho em (146) também é codificado no eixo da possibilidade. A situação na qual se encontra “fosse” é futura em relação à “não aceitaria nada”, ambas situadas no eixo do passado.

Em suma, os resultados do *imperfecto* do subjuntivo revelam que esse tempo expressa factualidade com estrutura de passado anterior e simples, evidenciando fatos ocorridos ou de conhecimento do falante. Caso contrário, em contexto de presente ou de futuro, expressam mais probabilidade, eventualidade e, portanto, considerada irreal, já que não expressa factualidade.

Esses resultados vão ao encontro da consideração feita por Ridruejo (1999, p.3217) de que, com frequência, o valor irreal ocorre quando se utiliza *cantase/ cantara*, referido ao presente. Para o autor, as formas do imperfeito (*ra/se*) podem ser utilizadas para expressar um acontecimento eventual em passado, mas também pode demonstrar essa eventualidade como não efetiva no presente e, portanto, irreal.

#### 5.5.4 Pretérito pluscuamperfecto

Para o último tempo verbal a ser apresentado, *pretérito pluscuamperfecto*, foram encontradas oito ocorrências sob escopo das modalidades *realis* e *irrealis* nas amostras. Seguem alguns exemplos do *corpus* oral.

147. Yo le conté mi noche con Perico y con la Solange, mencionando, incluso, pero sin insistir demasiado en el tema, algunas de las actitudes de la Solange, y ella, limpiando sus pinceles, tuvo una reacción que no me esperaba. Dijo que Perico había vuelto a mi casa, **aunque hubiera vuelto** <s;d;dc;ar;pl;co > a las seis de la mañana...” (cdoc008a.asc)
- 148.R: La debilidad del partido en los últimos años, caracterizada por la falta de renovación ideológica y un trabajo interno de democratización, dio lugar a que la candidatura de Rodrigo Borja se constituya en el elemento permanente sin dejar avanzar a cuadros que en este momento han tenido que vivir el retroceso partidista. Con la candidatura de Roldós podrían encontrar fórmulas de participación en beneficio del país. P: ¿No le quedaba otra alternativa a la ID? R: Podría haber tenido otras alternativas, como escoger a un militante joven, que sí lo posee, **aunque hubiera tenido** <s;d;dc;ar;pl;ce > pocas posibilidades de triunfo. P: ¿La ID podía haber ido con militantes propios a las elecciones? R: La ID es el partido más caracterizado de la centroizquierda, pero con divisiones internas; poco era lo que podía hacer para garantizar un triunfo sin buscar alianzas. (ECEU23-05-06)
149. Y durante el mandato de Alfonso Portillo, en el cual fui silenciado por una confabulación dirigida por el Estado Mayor Presidencial, nunca -así de rotundo- nunca recibí una llamada de Marta, quien trabajaba en la Corte Interamericana de Derechos Humanos. En esa época sí le di el número del teléfono de mi antigua casa. En esa época, como la más alta funcionaria de Derechos Humanos del gobierno de Álvaro Arzú sí hubiera ameritado una llamada, **aunque hubiera sido** <s;d;dc;ai;pl;ce> sólo para preguntarme ¿cómo estás? Sin embargo esto nunca sucedió, pero sucedieron otras cosas. (GTLH07-06-06)

A ocorrência “voltar a seis da manhã”, em (147), expressa um evento ocorrido. Assim como os trechos seguintes, também sob o escopo da modalidade *realis*, em que “ter poucas possibilidades” e “a realização da pergunta” são expressos como eventos factuais.

Todavía, em (150), que se segue, não pode ser dado como garantido, pois remete-se ao fato da “impossibilidade de reunir dez ônibus, às duas da madrugada”. Ao utilizar o *pluscuamperfecto*, o falante faz referência a um evento irreal, de acordo com a informação “mesmo que tivesse conseguido, não seria possível baixar 400 pessoas”.

150. Tascón justificó que Renfe no trasladara a los viajeros en autobuses para evitarles las molestias. "Reunir los diez autobuses que hacían falta era complicado a las dos de la madrugada de un día festivo. Pero **aunque se hubiera conseguido** <s;d;dc;ai;pl;ce> no se podía bajar a 400 personas de un tren de noche, en un lugar sin andén, a 2 grados bajo cero". La compañía también ha modificado los abonos por retrasos en los trenes AVE y Altaria que circulan por esa línea: devolverá el 50% del billete si llegan (ESLV29-12-05)

Pragmáticamente, se nota também através do contexto em (151) que o caráter da negação possibilita a interpretação de um evento que, mesmo negado, se comporta como *realis*, devido à força da asserção do fato de que “Bolívia não participou dos acordos do Tratado de Lima de 1929”.

151. De lo recogido en el curso de la semana que concluye, se puede afirmar que la actividad interna en el campo diplomático fue intensa y que las preocupaciones llegaron no sólo al Poder Ejecutivo sino también al Poder Legislativo y a la opinión pública, esto último reflejado pormenorizadamente por la prensa televisiva, oral y escrita. Si bien el diferendo peruano-chileno es bilateral y si ambas naciones vecinas exhiben sus propios argumentos, era imposible que Bolivia estuviera ausente de lo que acontece. **Aunque el país no hubiera sido** <s;d;dc;an;pl;ce > tomado en cuenta en los acuerdos del Tratado de Lima de 1929, cuando Chile y Perú liquidaron el tema territorial emergente de la Guerra del Pacífico, perjudicando intencionalmente a Bolivia, por aquello mismo Bolivia deber (BOLR18-11-06)

Os resultados entre o cruzamento das estruturas temporais do subjuntivo e os valores modais demonstram que as construções com *aunque* permitem expressar a modalidade factual, independente do tempo verbal que é utilizado, ou seja, o *subjuntivo polémico* pode indicar tanto fatos presentes como passados. De maneira geral, *presente*, *perfecto*, *imperfecto* e *pluscuamperfecto* do subjuntivo podem indicar realização (factualis/reais), não-realização (contrafactualis/irreais) ou possível realização (eventuais). O modo subjuntivo, em geral, indica contrafactualidade e hipóteses contingentes/eventuais, mas a factualidade também é possível de ser expressa com esse modo, mediante os dados apresentados.

Em consonância com os resultados desta variável, também podem ser evidenciadas ocorrências encontradas em amostras da língua portuguesa escrita e falada, nos trabalhos de Prestes (2003) e Back (2008). O primeiro evidencia uma relação direta entre o conteúdo temporal e o conteúdo modal, corroborando o uso do imperfeito do subjuntivo com valor de factualidade, encontrado em construções substantivas e concessivas, como no excerto em (a), pertencente ao *corpus* de Prestes (2003).

- (a) “Quando faltava apenas um ano para me formar, percebi que estava perdida e comecei a questionar se chegaria a algum lugar com um diploma de ecóloga embaixo do braço. Decidi que não tinha futuro, embora *gostasse* da área. (PRESTES, 2003, p. 140).

Seus resultados apontam que dos (32) casos de factuais encontrados: (17) ocorreram em orações substantivas, (8) em concessivas e (7) em orações finais e temporais, todas com estrutura de passado.

Já o estudo apresentado por Back (2008) evidencia o imperfeito do subjuntivo numa análise de dados orais, obtidos através do Banco de Dados Entrevistas Sociolinguísticas da UNESC (NUPESS), que examina a língua falada da área urbana de Criciúma, a exemplo do projeto VARSUL. A autora também encontra, em seus resultados, ocorrências da variante subjuntiva sob o escopo factual, como no exemplo ilustrado em (b).

- (b) “...E\* E a diferença é de quanto tempo vocês dois?  
 I\* De0z anos, não dá bem dez anos [...]  
 F\* [(inint)] a diferencinha é pouca, é < Qua> quase né é nove anos e pouquinho.  
 I\* Meu pai não queria que nós namorássemos, que ele...” (BACK, 2008, p. 243).

A ocorrência em (b), segundo a autora, cujo tópico semântico-discursivo pode ser identificado como “namoro” mostra-se factual.

## 5.6 Influência do canal

Com a rodada feita envolvendo as variáveis, modo verbal e canal, obteve-se a tabela abaixo, composta de um total de 918 ocorrências.

Tabela 18 – Distribuição geral dos usos modais nas orações concessivas (*unque*)

	<i>Corpus Escrito</i>			<i>Corpus Oral</i>		
	Modo Verbal					
	Indicativo	Subjuntivo	Total	Indicativo	Subjuntivo	Total
<b>Orações Concessivas</b>	341	164	505	177	236	413
	67,5%	32,5%	100,0%	42,9%	57,1%	100,0%

Os resultados apontam que o uso do indicativo (67,5%) é maior no *corpus* escrito e o subjuntivo no oral (57,1%). Acredita-se que este fato se deve, principalmente, ao aspecto informativo que se reflete no *corpus* escrito, ou seja, o objetivo principal de um jornal é o de informar o seu leitor, conforme já foi mencionado neste trabalho.

Semelhante a esses resultados são os valores alcançados por Silva-Corvalán (1994), com relação ao seu estudo do espanhol falado em Los Angeles. A autora comprova que as concessivas são contextos preferenciais para a retenção do modo subjuntivo no *corpus* oral. Também se compara aos resultados de Fagundes (2007, p. 135) e de Pimpão (1999, p.89), cujos valores finais apontam as concessivas com maior índice percentual de subjuntivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Esta pesquisa teve como objetivo primordial estudar o uso dos modos verbais indicativo/subjuntivo da língua espanhola. Através de um modelo de análise constituído por sete variáveis independentes, foram investigados os traços significativos que condicionam as escolhas modais nas orações substantivas e concessivas com o conector mais prototípico: *aunque*, a partir de duas amostras que representam a língua em seu contexto natural.

O tratamento dessas variáveis se deu sob o caráter funcional, considerando que gramática e discurso não são conceitos separados e se manifestam sob condições reais de uso. Nesse sentido, a experiência desta tese mostrou que a classificação e análise de um grande número de exemplos concretos, obtidos através de *corpus*, constituem um valioso mecanismo capaz de pôr em prova as hipóteses e assegurar o bom funcionamento do modelo aqui proposto.

Todo o percurso desenvolvido aponta, como uma das principais contribuições desta tese, o redimensionamento dos valores do indicativo e subjuntivo, investigados a partir das dinâmicas contextuais, em detrimento das regras tradicionais baseadas em explicações morfossintáticas, muitas vezes, insuficientes para definir a oposição modal, conclusão prevista dado o pouco interesse pelos parâmetros discursivos/funcionais, evidenciados nas práticas comunicativas reais e a ênfase no hermetismo sistemático da língua, concebida como algo fechado.

Ao longo desta tese foi possível comprovar a dificuldade que supõe o estudo dos modos verbais, devido a dois fatores principais: a multifuncionalidade do modo subjuntivo e a própria delimitação desse modo em oposição ao indicativo, devido à quantidade de enfoques, muitas vezes contraditórios, já que as posturas categóricas não explicam a relação entre os modos e os elementos contextuais de que dependem. Com vistas a atender essas circunstâncias, a alternância foi enquadrada numa gramática situada em seu contexto de uso, emergente, marcada pela variação produzida pela condição criativa e dinâmica das formas modais. Essa variabilidade gramatical ocorre quando os modos desempenham funções distintas do eixo sintagmático e semântico que lhe caracterizam como modos subordinados/independentes e reais/irreais, respectivamente. Essa variação se produz quando os modos inter-actúan com outros elementos, caracterizando uma mudança linguística que implica nova interpretação dos modos. Isso é o que ocorre nesta tese, em que o valor

prototípico do subjuntivo se materializa como meio de atualização de fatos conhecidos, pressupostos. Esses significados se produzem como resultados de procedimentos pragmáticos, ora por implicatura ou pressuposição, ora pela análise do aspecto informativo do discurso. A referência ao contexto, portanto, foi a base de verificação das eleições modais.

Nesse sentido, no processo de interpretação das ocorrências, informação e o enunciador são condicionantes mais relevantes que a função do modo em expressar coisas reais ou não-reais. Nessa linha, identificam-se a intenção do falante e as razões pelas quais pode apresentar um determinado evento como pressuposto ou como novo, numa relação que não se desliga dos elementos discursivos, das estratégias comunicativas e dos recursos linguísticos que se dispõem para organizar de modo funcional os enunciados.

Isto posto, acredita-se que os resultados desta tese corroboram que o fator hipotético não deve ser considerado como traço inerente do subjuntivo, devido à quantidade de ocorrências em que esse modo codifica factuality. Dessa forma, defende-se uma avaliação dos modos verbais a partir de parâmetros de caráter funcional, em que se observam as estratégias metalinguísticas utilizadas pelos falantes, operações mais relevantes do que a busca de referentes para correlacionar ao modo indicativo, ou a falta deles para explicar o uso do subjuntivo. Nessa concepção, às vezes, a relação entre as palavras e o extralinguístico é tomada como a única maneira de interpretação, deixando de lado outros traços significados, principalmente, de ordem interacional.

A partir dos parâmetros analisados, pode-se pontuar diferentes funções e valores para os modos verbais. Nesse sentido, o indicativo é uma categoria capaz de: i) informar; ii) destacar a relevância da informação; e iii) propor conteúdos como objetos de negociação. Em contrapartida, destaca-se o funcionamento metaenunciativo do subjuntivo, que o descaracteriza como simples categoria morfológica, atrelada às noções de incerteza e dúvida, e o materializa como uma nova categoria multifuncional, pois além de assumir funções ligadas à codificação dos eventos hipotéticos é capaz de assumir outras funções, corroboradas através dos resultados: i) evidencia a cronologia das operações metalinguísticas (o que vem antes, o que vem depois); ii) identifica e ressalta que se trata de um dado pressuposto, de informação compartilhada, que poderia ser parafraseado como: “isso que eu já disse”; e iii) codifica estados/eventos factuais.

Essas funções se refletem na análise da alternância em geral, e da variante subjuntiva em particular. No processo de construção dos enunciados, o modo subjuntivo funciona metaenunciativamente, ou seja, dados que são apresentados como novos num determinado

momento, em outro são retomados, evidenciando uma sequenciação do discurso, que, de certa forma, otimiza a comunicação entre falante e ouvinte, devido à mobilidade com que os conteúdos proposicionais são veiculados. Dessa forma, o encadeamento das informações é dado com o subjuntivo, na medida em que o falante recupera elementos do contexto para dar sua opinião, retificar assuntos ou apenas retomá-los para dar ênfase novamente ao conteúdo proferido.

De maneira geral, os resultados apontam que os dados recuperados de contextos anteriores, socialmente compartilhados ou provenientes de inferências, a partir de um contexto situacional mais amplo, são apresentados com o modo subjuntivo. Nesse processo de construção dos enunciados, comumente as informações são retomadas, e essa reconstrução refere-se à organização da informação, ou seja, como o falante transmite seu conteúdo, seja na fala, ou na escrita. Nessa perspectiva, se considera como valor prototípico do modo subjuntivo: a retomada da informação, contrariando o valor de não-asserção, já mencionado por Lunn (1989).

Considerando uma interpretação funcionalista baseada no princípio da marcação, os resultados indicam que, no geral, o modo subjuntivo é utilizado em contextos em que a informação tem relação com um elemento previamente disponível, de conhecimento compartilhado ou inferível. O falante opta em utilizar o subjuntivo, que é não-marcado, e cognitivamente mais simples nesses contextos, já que os dados aparecem explicitamente ou indiretamente no contexto discursivo anterior, e, portanto, disponibilizam informações prévias que estão acessíveis ao falante. Por outro lado, os poucos casos encontrados de uso do modo indicativo correlacionado às informações mencionadas previamente são as categorias marcadas dessa oposição.

A partir das interpretações e frequências encontradas nesta investigação, constatou-se que o aspecto informativo é o traço que retém o subjuntivo, mais significativo devido à alta frequência de uso. Os resultados para esse grupo de fatores demonstram uma relação entre os modos e os elementos que já apareceram no contexto, dos quais o subjuntivo depende, ou seja, se o enunciador fala de um dado que já estava disponível, esse modo pressupõe tal informação, em contrapartida, o indicativo a apresenta como nova. A partir desse traço, as operações metalinguísticas realizadas na construção dos enunciados, tais como a negociação e a hierarquização que o falante propõe das suas informações indicam a relação entre os falantes e os operadores estudados.

Na interpretação do aspecto informativo, a relação entre enunciador e informação fica evidente em muitos casos, como por exemplo, nos resultados da variável pessoa do discurso. Essa variável ressaltou o papel do falante e as operações linguísticas realizadas, na medida em que se selecionam certas premissas, que parecem relevantes na decisão de como as informações podem ser apresentadas. Nesse processo, são considerados fatores como o conhecimento de mundo, permeado por crenças e intenções, e inferências a respeito desse conhecimento.

Outra variável analisada refere-se ao tipo de oração, cujos resultados estatísticos apontam contribuições interessantes na consideração do uso dos modos vinculados às informações que, de alguma maneira, implícita ou explicitamente, já foram mencionadas no contexto ou consideradas pelo interlocutor como novas. As cláusulas substantivas, em que o operador da interrogação é utilizado, revelam que os dados são codificados com o modo indicativo devido ao *status* de informação nova. Em contrapartida, nas concessivas constata-se a presença do subjuntivo, já que o conector faz referência a um elemento já enunciado no contexto.

Foram identificadas também as relações entre as modalidades *realis*, *irrealis* e asserção negada e o uso dos modos, numa interpretação feita com base na dimensão metodológica de análise que leva em consideração três critérios acionados: i) referencialidade do evento, ii) situação específica, e iii) tempo específico. As análises demonstraram que, no caso do *corpus* escrito, o subjuntivo está correlacionado à modalidade *irrealis* e o traço não-referencialidade. Na fala, esses valores ficaram equiparados. Por outro lado, os traços asserção *irrealis* e referencialidade apontam número percentual maior de casos de indicativo, em ambas as amostras. Assim, como a modalidade *realis* se destaca como contexto favorecedor do uso desse modo. Vale ressaltar ainda, que o percentual de variante indicativa também é alto nos casos de modalidade *irrealis*, devido à utilização de verbos não-factivos do tipo *creer*, *pensar*, *decir*. No caso das concessivas, os resultados não apontaram correlação significativa entre as variáveis analisadas. Os percentuais totais expõem como fator preponderante o uso da variante indicativa sob o escopo do *irrealis*, devido ao uso de verbos não-factivos, presentes nas ocorrências avaliadas, principalmente, no *corpus* escrito. Sob o escopo da asserção negada os valores encontrados também foram muito próximos, não manifestando um contexto favorável ao uso de um determinado modo verbal.

Quanto à variável item lexical, verificada nas orações subordinadas substantivas, os resultados revelaram relação entre o aspecto informativo e a escolha do modo verbal, fazendo

cair por terra a hipótese de que o modo exigido é meramente um reflexo sintático-semântico do verbo da oração principal. Com base no conjunto total dos itens lexicais analisados verificou-se que a variação encontrada é grande, em que a seleção de um ou outro modo está condicionada principalmente pela relação de dependência que esse item possui dentro do contexto, entre os eventos citados previamente.

De maneira geral, a condição pragmática que se cumpre para o uso do subjuntivo com o verbo *creer* negado deve-se à retomada de informações, cuja intenção do falante é a de corrigir um dado ou uma pressuposição de seu interlocutor. Devido ao traço da informação, o uso do subjuntivo é mais pertinente nesses casos. Por outro lado, *pensar* e *saber* tem maior utilização de indicativo. Os três itens, considerados por muitos autores como verbos de atitude mental e pertencentes a um mesmo grupo verbal, revelaram que não têm marcas de regularidade de uso do subjuntivo, devido ao uso da negativa. Pelo contrário, são dependentes de um contexto mais amplo, resultam de elementos já concebidos ou não. *Darse cuenta* também apresentou resultados bastante significativos, considerando que a frequência aponta apenas casos da variante indicativa, não sendo possível afirmar que o subjuntivo é utilizado nas orações negadas. A nuance mais evidente é a de que esse item ressalta a novidade da informação, ou seja, em todos os casos, a informação é apresentada pela primeira vez ao interlocutor, pois se trata de algo que ele “ainda não havia se dado conta”. *Ver* e *decir*, em geral, são codificados com o indicativo quando se referem a informações novas, e com o subjuntivo, quando retomam informação, especialmente para materializar as opiniões, assemelhando-se semanticamente aos itens *creer* e *pensar*.

Com base nos resultados, considera-se como outra contribuição desta investigação, a que combina as diferenças dos modos verbais na linguagem oral e escrita. Em geral, os traços investigados mantêm um equilíbrio entre o uso do indicativo e do subjuntivo nas amostras. Avaliada como uma variável, os resultados do *corpus* escrito das orações substantivas apontam contextos preferenciais à retenção do subjuntivo, devido principalmente aos itens lexicais selecionados nesta tese. Em contrapartida, o *corpus* oral apresentou maior índice de indicativo. Com relação às concessivas, os valores foram opostos. Na língua escrita o número de indicativo foi um pouco mais expressivo do que na oral. Ainda que o conector *aunque* tenha a principal função de interligar elementos nas orações, acredita-se que o indicativo é especialmente favorecido nas ocorrências escritas correspondente ao valor informativo do gênero jornalístico.

Em suma, os parâmetros avaliados nesta tese dizem respeito à valorização das variedades da língua, à distinção entre a fala e a escrita, considerando que cada uma das variáveis categorizadas apresentou suas particularidades com relação aos usos e valores dos modos verbais em língua espanhola.

No entanto, apesar das contribuições mencionadas, reconhece-se que há ainda outros aspectos referentes à alternância que necessitam de maior aprofundamento. Cita-se, por exemplo, a realização de estudos que incluam outros tipos de verbos e de cláusulas, além das substantivas e concessivas, correlacionadas aos grupos de fatores propostos e, até mesmo, outros fatores com o objetivo de confirmar, aprofundar ou ainda refutar algumas correlações. Sugere-se, também, como desdobramento para futuras pesquisas, a análise da concordância temporal, a fim de verificar se os tempos verbais da oração principal exigem determinados modos e, por sua vez, determinados tempos verbais. Essa discussão levaria em consideração uma possível dependência entre o verbo da oração principal e o da oração subordinada no modo subjuntivo ou indicativo, demonstrando o uso ou a falta de uma regra de concordância temporal.

Vale ressaltar também que, apesar dessa análise não ter um cunho pedagógico, ela surge da nossa motivação oriunda da prática de ensino do espanhol como língua estrangeira. Espera-se que o tratamento dado aos modos e os resultados alcançados possam vir a ser úteis no trabalho didático, contribuindo para mostrar a importância de avaliar o contexto discursivo condicionante que concentra elementos indispensáveis para a análise da alternância modal e originando propostas para ampliar a compreensão do funcionamento modal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1994 (1949).

\_\_\_\_\_. Sobre la estructura del verbo español. In: *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1980, p. 50-89.

\_\_\_\_\_. *Gramática Estructural*, Madrid, Editorial Gredos, 1969.

ALMELA PÉREZ, Ramón. ¿Modos o clasificadores? In: *Actas del X Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, Barcelona: PPU, 1992

ÁLVAREZ PRENDES, Emma. Hacia una tipología de los enunciados concesivos. *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*. Ed. Milka Villayandre Llamazares, León, Universidad de León, Departamento de Filología Hispánica y Clásica, 2006, p. 88-107.

BACK, Angela Cristina di Palma. *A multifuncionalidade da forma verbal –sse no domínio tempo-aspecto-modalidade: uma abordagem sincrônica*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, Florianópolis, 2008.

BARROS, Luizete Guimarães. *Tradição e inovação na teoria verbal de Andrés Bello*. UFRJ: Rio de Janeiro, 1998. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *Subjuntivo: ¿uno o dos modos verbales? Otra lanza por Bello*. Rio de Janeiro. IV Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2006. v. 1. p. 217-223. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/subjuntivo.htm>. Acesso em 15/08/2007

\_\_\_\_\_. Subjuntivo en español: ¿valores alterados?. In: *II Congresso Brasileiro de Hispanistas*, v.1, São Paulo: USP, 2002. p. 74-75.

BELL, Anthony. Mood in Spanish: a discussion of some recent proposals. *Hispania*, vol.63, 1980, p.377-390.

BELLO, Andres. *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Madrid: Arco/Libros, 1988 (1847).

\_\_\_\_\_. Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana. In: A. Bello. *Obra literaria*. Caracas: Ayacucho, 1979 (1809), p. 415-459.

BENVENISTE, Émile. As noções de tempo no verbo francês. In: *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional – EDUSP, 1976, p. 260-276.

BERBER SARDINHA, A. P. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.

BIBER, Douglas. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

\_\_\_\_\_. *Dimensions of register variation: a cross-linguistic comparison*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *et al. Corpus linguistics: investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BISQUERRA, Rafael *et al. Introdução à estatística. Enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BLAS ARROYO, J. L.; PORCAR MIRALLES, M. Empleo de las formas *-ra* y *-se* en las comunidades de habla castellanenses. Aproximación sociolingüística. *Español Actual*, nº 62, 1994. p. 73-98.

BOLINGER, Dwight. ¿One subjunctive or two? *Hispania*, LVII, 1974, p. 462-71.

BORREGO, J.; ASECIO, J. G.; PRIETO, E. *El subjuntivo: valores y usos*. Madrid: Sociedad General Española de Librerías, 1986.

BOSQUE, Ignacio. Las bases gramaticales de la alternancia modal. Repaso y balance. In. Bosque (ed.). *Indicativo y Subjuntivo*, Madrid: Taurus, 1990, p. 13-65.

BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2. *De las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa, 1999.

BROWN, Penelope.; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BUSTUS, Eduardo. *Pragmática del español. Negación, cuantificación y modo*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1986.

BYBEE, Joan L. Irrealis as a grammatical category. *Anthropological linguistics*, vol.40, nº 2, 1998, p. 257-271.

BYBEE, Joan, PERKINGS, Revere, PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the language of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

BULL, William E. *Time, tense and the verb*. A study in theoretical and applied linguistics, with particular attention to Spanish. Berkeley: University of California Press, 1960.

CARO, Elena Martínez. Pragmatic frames, the thematic-categorical distinction and Spanish constituent order. *Alfa*, São Paulo, vol. 51 (2), 2007. p. 1-321.

CARRASCO GUTIÉRREZ, Ángeles. Reichenbach y los tiempos verbales del español. *Dicenda: Cuadernos de filología hispánica*, nº 12, Madrid: Editorial Complutense, 1994. p. 69-86.

CARTAGENA, Nelson. Los tiempos compuestos. In: Ignacio Bosque y Violeta Demonte (eds.) *Gramática Descriptiva de la lengua española*, vol.2 Madrid: Espasa Calpe, 1999.

CASTRONOVO, Brian J. La categoría verbal de modo en la tradición gramatical española. In Bosque, I. *Indicativo y subjuntivo*. Madrid: Taurus, 1990, p.66-80.

CHAFE, Wallace. L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, and topics and point of view. In: Charles N. Li (ed.). *Subjects and topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 27-55

\_\_\_\_\_. Cognitive constraints on information flow. In. Russel Toulmin (ed.). *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987. p.21-51

COMRIE, Bernard. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CONTRERAS, Heles. *A theory of word order with special reference to Spanish*. Amsterdam:North-Holland, 1976.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. O tempo nos verbos do português: uma interpretação à sua interpretação semântica. São Paulo, Parábola, 2005.

CORREA, Paulo Antonio Pinheiro. A interface da pragmática com outros módulos da gramática: um estudo contrastivo Português-Espanhol. *Hispanista*, n.12. Disponível em [www.hispanista.com.br/revista](http://www.hispanista.com.br/revista). Acessado em 12/11/2003

COSERIU, Eugenio. *Gramática, semântica, universales*. Madrid: Gredos, 1978.

COSTA, Geni Vanderléia Moura. *O uso do presente do modo subjuntivo em língua espanhola: contribuição para aprendizes brasileiros*. Pelotas, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Educação, Universidade Católica de Pelotas.

CRUMLISH, Christian. *O dicionário da internet: um guia indispensável para os internautas*. São Paulo: Editora Campus, 1998.

DE HAAN, Ferdinand. Typological approaches to modality. In: FRAWLEY, William. *Modality*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

DELBCQUE, Nicole.; LAMIROY, Béatrice. La subordinación sustantiva: las subordinadas enunciativas en los complementos verbales. In. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2. *De las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid:Espasa, 1999, p. 1965-2081

DEMELLO, George. -Ra Vs. -Se Subjunctive: A New Look at an Old Topic. *Hispania*, vol. 76, nº 2, 1993.

DEMONTÉ, Violeta. *La subordinación sustantiva*. Madrid: Cátedra, 1977.

DOMÍNGUEZ MUJICA, Carmen Luisa. *Sintaxis: el siglo XX*. Mérida: Universidad de Los Andes, 1998.

DRYER, Matthew S. Focus, pragmatic presupposition, and activated propositions. *Journal of Pragmatics*, vol. 26, nº 4, 1996, p. 475-523.

DUNLAP, Carolin. Dialectal variation in mood choice in Spanish journalistic prose. *Language Variation and change*, 18, Cambridge Journals: Cambridge University Press, 2006, p. 35-53.

ECO, Umberto. *El fin de los tiempos*. Barcelona: Anagrama, 1999.

ESCANDELL VIDAL, María Victoria. Los enunciados interrogativos. Aspectos semánticos y pragmáticos. In. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999, p. 3929-3991.

FAGUNDES, Edson Domingos. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do Varsul no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. Curitiba, 2007. Tese (Doutorado) em Letras, Universidade Federal do Paraná.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces. Aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge University Press, 1985.

FARLEY, Rodger A. Sequence of tenses: a useful principle? *Hispania*, 48, 1965, p. 549-53.

\_\_\_\_\_. Time and the subjunctive in contemporary Spanish. *Hispania*, 53, 1970, p. 466-75.

FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, Jesús. *El Subjuntivo*. 7ª ed. Madrid: Edi-6, 1987.

FERNÁNDEZ, Luiz García. *La gramática de los complementos temporales*. Madrid: Visor Libros, 2000

FERNÁNDEZ RAMÍREZ, R. *Gramática española: el verbo y la oración*. 4 Madrid: Arco-Libros, 1986.

FLAMENCO GARCÍA, Luis. Las construcciones concesivas y adversativas. In: BOSQUE, I. & V. DEMONTE. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española/Espasa Calpe, 1999, p. 3805-3878.

FLEISCHMAN, Suzanne. *The future in thought and language*. New York: Cambridge University Press, 1982.

FOSTER, David William. Internal contradictions of a Spanish subjunctive. *IRAL*, vol.xx/2, 1982, p.130-137

GALEANO, Eduardo. *Ser como ellos y otros artículos*. Madri: Siglo XXI, 1992.

GARCÍA CALVO, Agustín. *Funciones del lenguaje y modalidades de la frase*. Eclás 24, 1958. p. 329-350.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. *La gramática de los complementos temporales*. Madrid: Visor, 2000.

- GILI GAYA, Samuel. *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona: Vox, 2002 [1943].
- GIVÓN, Talmy. Tense, aspect and modality: functional organization. In: *Syntax*. V.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 2001.p. 285-335.
- \_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- \_\_\_\_\_. *English grammar. A function-based introduction*. 2 vol. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Syntax – a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.
- GODOY, Elena; DIAS, Luzia Schalkolski. La oposición modal de los pretéritos perfecto compuesto y simple del español: una perspectiva cognitiva. In: *Anuario brasileño de estudios hispánicos*. vol. 13, Embajada de España en Brasil – Consejería de Educación. Brasíla: Thesaurus Editora, 2003, p. 53-65.
- GOLDIN, Mark. A psychological perspective of the Spanish subjunctive. *Hispania*, vol. 57, 1974, p. 295-300.
- GOMIS, Pedro; SEGURA, Laura. *Vademécum del verbo español*. Madrid: SGEL, 1998.
- GONZÁLEZ CALVO, José Manuel. Sobre el modo verbal en español. In: *Anuario de Estudios filológicos*, XVIII, Universidad de Extremadura, 1993, p. 177- 203
- GONZÁLEZ RAMÍREZ, María. Contribución al estudio diacrónico de las oraciones concesivas en el siglo XIII. El libro de los buenos proverbios. *Res Diachronicae*, nº 5, 2003, p. 163-172.
- GUITART, Jorge M. On the Pragmatics of Spanish Mood in Knowledge and Acquisition-of Knowledge Predicates. In: *Discourse-Pragmatic Approaches to Categories of the Verb: the Evidence from Romance*, ed. por Suzanne Fleischmann e Linda Waugh. Londres: Routledge, 1991, p. 179-193.
- GUTIÉRREZ, Ángeles Carrasco. El tiempo verbal y la sintaxis oracional. La *consecutio temporum*. In. *Gramática Descriptiva de la lengua española*. Vol. 2. *De las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa, 1999, p. 3061-3208.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London ; Baltimore, Md., USA: Edward Arnold, 1985.
- HARLAN, Gary Sturm. *Libro de los buenos proverbios: a critical edition*. Lexington, University Press of Kentucky, 1971.
- HERNANDEZ ALONSO, César. *Gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1984.
- HOOPER, Paul J. On assertive predicates. *Syntax and semantics*, vol. 4. ed. John P. Kimball. New York: Academic, 1975, p. 91-124.

- \_\_\_\_\_. Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*, nº 13, 1987, p. 139-157.
- \_\_\_\_\_. Emergent grammar and the a priori grammar postulate. In *Linguistics in context: Connecting observation and understanding*, D. Tannen (ed) Norwood, N. J.: Ablex. P., 1988, p. 117-134.
- \_\_\_\_\_. *On assertive predicates*. Bloomington, Indiana University Linguistics Club, 1974.
- HUMMEL, Martín. *El valor básico del subjuntivo español y románico*. Cáceres: Universidade de Extremadura, 2004.
- KÄRKKÄINEN, Elise. Face-saving and epistemic modality. *Seminar on discourse analysis*, Oulu, September 27-28, 1988
- KLEIN, Flora. Pragmatic constraints on distribution: the Spanish subjunctive. In: *Papers from the Eleventh Regional Meeting*, Chicago Linguistic Society. Chicago, 1975, p. 353-365.
- \_\_\_\_\_. Experimental verification of semantic hypotheses applied to mood in Spanish. In *Papers in language and linguistics*, Georgetown University, 17, 1980, p. 15-34.
- KOVACCI, Ofelia. Sobre los adverbios oracionales. In: *Estudios de gramática española*. Buenos Aires: Hachette, 1986, p. 163-178.
- LAMÍQUIZ, Vidal. Cantara y cantase. *Revista de Filología Española*, nº 54, 1971, p.1-11.
- LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. Madrid: Gredos, 1981.
- LAVANDERA, Beatriz. Shifting Moods in Spanish Discourse. *Discourse Perspectives on Syntax*. Ed. Flora Klein-Andreu. New York: Academic Press. 1983, p. 209-36.
- LEECH, Geoffrey. Corpora and theories of linguistic performance. In: J. SVARTVIK (org.). *Directions in Corpus Linguistics*. Proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 4-8 August 1991. Berlin, New York: De Gruyter.
- LEONETTI, Manuel. La subordinación sustantiva: las subordinadas enunciativas en los complementos nominales. In. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2. *De las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa, 1999, p. 2084-2104
- LENZ, Rodolfo. *La oración y sus partes: estudios de gramática general y castellana*. Madrid: Centro de estudios Históricos, 1920.
- LIGATO, Dolores. Discourse criteria in the selection of mood in Spanish: concessive clauses. N 85, 1. *Hispania*, 2002, p. 137-149.
- LOPE BLANCH, Juan Manuel. Algunos usos de indicativo por subjuntivo en oraciones subordinadas. In. Bosque (ed.), *Indicativo y Subjuntivo*, Madrid: Taurus, 1990 [1958], p. 180-182.
- LÓPEZ GARCÍA, Angel. La interpretación metalingüística de los tiempos, modos y aspectos

del verbos español: ensayo de fundamentación. In: *Tiempo y aspecto en español*, BOSQUE, Ignacio, 1990, p.106-176.

LUNN, Patricia V. Spanish mood and the prototype of assertability. *Linguistics*, vol.27, 1989, p. 687-702.

\_\_\_\_\_. The evaluative function of the Spanish subjunctive. In: BYBEE, J. & FLEISHMANN, S. *Modality in grammar an discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

LUNN, Patricia.; DECESARIS, Janet. *Investigación de gramática*. Boston: Heinle & Heinle, 1992

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 1, 1977.

MANTECA ALONSO-CORTÉS, Angel. *Gramática del subjuntivo*. Madrid: Cátedra, 1981.

\_\_\_\_\_. La temporalidad del subjuntivo en relación con el nodo flexión. *Dicenda*, 5, 1986, p. 207-20.

MARTINELL GIFRE, Emma. *El subjuntivo*. Madri: Editorial Coloquio, 1985.

MATTE BON, Francisco. *Gramática comunicativa del español*. Espanha: Edelsa, 1992.

\_\_\_\_\_. El subjuntivo español como operador metalingüístico de gestión de la información. Tradução Teresa Martín Sánchez. Il congiuntivo spagnolo come operatore metalinguistico di gestione delle informazione. *Rivista di Filologia e Letterature Ispaniche*, IV, 2001, Pisa, Edizioni ETS, págs. 145-179.

MARCOS MARÍN, Francisco., *et al.* Gramática española, Madrid: Síntesis, 1998.

MARINER BIGORRA, Sebastián. Triple noción básica en la categoría modal castellana. In: RFE, LIV, 1971, p.209-252.

MEJÍAS-BIKANDI, Errapel. Assertion and speaker's intention: a pragmatically based account of mood in Spanish. *Hispania*, vol. 77, nº 4, 1994, p. 892-902.

\_\_\_\_\_. Pragmatic Presupposition and old information in the use of the subjunctive mood in Spanish. *Hispania*, Vol. 81, nº 4, 1998, p. 941-948.

MONTERO CARTELLE, Emilio. La trayectoria cronológica y modal de la expresión concesiva *maguer* (*a*) (*que*). In. M. Ariza (ed.), *Actas del II Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, I, Madrid, Pabellón de España, 1990, p. 701-710.

MORENO DE ALBA, José G. Sobre la definición de modo verbal en español. Madri: *Anuario de Letras*, 13, 1975, p.247-256.

MOYA CORRAL, Juan Antonio. Valor modal del llamado subjuntivo concesivo polémico. *Lingüística Española Actual*, Madrid, vol.2, 1996, p. 161-174.

MURILLO MEDRANO, Jorge. La selección modal en oraciones subordinadas sustantivas del habla culta costarricense: un análisis pragmático. *Filología y Lingüística*, vol. 25, nº 2, 1999a, p. 209-229.

NAVAS RUIZ, Ricardo. El subjuntivo castellano: teoría y bibliografía crítica. In Bosque, I. *Indicativo y subjuntivo*. Madrid: Taurus, 1990, p.107-141.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Leandra Cristina. *As duas formas do pretérito perfeito: análise de corpus*. UFSC: Florianópolis, 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

OLIVEIRA, Marta Aparecida. Futuro do Subjuntivo do Português e do Espanhol: Descrição, Confronto, Transferência e Fossilização. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Londrina, 2002.

PALMER, Frank. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PAPAFRAGOU, Anna. Modality in language development: a reconsideration of the evidence. *Working Papers in Linguistics*, n 9, 1997.

PARRET, Herman. *Enunciação e pragmática*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PARTINGTON, Alan. *Patterns and meanings: using corpora for english language research and teaching*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1998.

PASCHOAL, Mara Sofia Zanotto; CELANI, Maria Antonieta Alba. *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992.

PÉREZ SALDANYA, Manuel. El modo en las subordinadas relativas y adverbiales In. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2. *De las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa, 1999, p. 3253-3322.

PIETRO, Silvia Susana. Adverbiales concesivas pospuestas: las relaciones entre cláusulas desde una perspectiva discursiva, 1998. Disponível em: [www.quadernsdigitals.net/index.php](http://www.quadernsdigitals.net/index.php)

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística UFSC, Florianópolis, 1999.

PINA, Angelina Aparecida. Da lógica formal à semântica cognitiva: considerações sobre as modalidades. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, vol. IV, nº XIV, 2005. Disponível em > <http://www.unigranrio.br>

PORTO DAPENA, José Álvaro. *Del indicativo al subjuntivo: valores y usos de los modos del verbo*. Madrid: Arco/Libros, 1991.

POTTIER, Bernard. *Théorie et analyse linguistique*. Paris: Hachette, 1987.

PRESTES, Graziela J. *Conteúdo temporal do imperfeito do subjuntivo em português*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da PUC/Rio Grande do Sul, 2003.

RAMÍREZ, Yrayda S. *El modo en español y la teoría de los actos de habla*. Michigan University, Microfilms International, 1988.

RAMÍREZ LUENGO, José Luis. Alternancia de las formas -ra/-se en el español uruguayo del siglo XIX. *Estudios Filológicos*, nº 36, Valdivia, 2001. p.173-186.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1973.

\_\_\_\_\_. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1931.

\_\_\_\_\_. *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: Espasa Calpe, 1920.

REBOLLO COUTO, Leticia. *O Futuro do subjuntivo e a enunciação da hipótese em três línguas neolatinas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, Florianópolis, 1994.

REICHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York: Macmillan Company, 1947.

REYES, Graciela. *El abecé de la pragmática*. 3ª ed., Madrid: Arco/Libros, 1998.

\_\_\_\_\_. Tiempo, modo, aspecto y antertextualidad. In: *Revista Española de Lingüística*: Editorial Gredos, 20, 1, 1990, p. 17- 55.

RIDRUEJO, Emilio. Modo y modalidad. El modo en las subordinadas sustantivas. In. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2. De las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid:Espasa, 1999, p. 3207-3251.

\_\_\_\_\_. *Cantaría por cantara* en La Rioja. *Berceo*, 89, 1975. pp.123-134.

RIVAROLA, José Luis. *Las conjunciones concesivas en español medieval y clásico*. Princeton: P. University Press, 1976.

RIVAS MUIÑO, Elena. A propósito de condicionales y concesivas reales. Referencias diacrónicas en torno a estas últimas. *Verba*, 17, 1990, p. 159-169.

\_\_\_\_\_. Observaciones sobre las concesivas. Su comparación con las condicionales y las adversativas. *Verba*, 10, 1989, p. 237-255.

RIVERO, Maria Luisa. El modo y la presuposición. In. *Estudios de gramática generativa del español*. Madri: Cátedra, 1979, p. 37-68.

\_\_\_\_\_. Referencia y especificidad. In. *Estudios de gramática generativa del español*. Madri: Cátedra, 1977, p.125-58.

\_\_\_\_\_. Referential Properties of Spanish Noun Phrases. *Language*, 51, 1975, p. 32-48.

\_\_\_\_\_. Mood and Presupposition in Spanish. *Foundations of Language*, 7, 1971, p. 305-26.

RODRÍGUEZ ROSIQUE, Susana. Hipoteticidad, factualidad, e irrelevancia: la elección del subjuntivo en las condicionales concesivas del español. *Selected proceedings of the 7th Hispanic Linguistics Symposium*, ed. por David Eddington, 31-41. Sommerville: Cascadilla, 2005, p. 31-41.

ROJO, Guillermo. La temporalidad verbal en español. *Verba I*, 1974, p. 68-149.

ROJO, G., VEIGA, A. El tiempo verbal. Los tiempos verbales. In: *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2. De las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid: Espasa, 1999, p. 2867-2935.

RUIZ CAMPILLO, José Plácido. El concepto de no-declaración como valor del subjuntivo. Protocolo de instrucción operativa de la selección modal en español. *Actas del programa de formación para profesorado de ELE del Instituto Cervantes de Múnic*, 2005. p. 1-51.

SALDANYA, Manuel Pérez. El modo en las subordinadas relativas y adverbiales. In: *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2. De las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid: Espasa, 1999, p. 3253-3322.

SALVÁ, Vicente. *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: Arco Libros, 1988 [1830].

SANCHÉZ LÓPEZ, Cristina. La negación. In: *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2. De las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid: Espasa, 1999, p. 2561-2634.

SANTOS, Carmen de Jesus. *Da competência discursiva à análise interactiva do discurso: estratégias de aprendizagem e linguística educacional*. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/clunl/pt/artigo%20carmen.pdf> . Acesso em: 20/11/2006

SANZ, Beatriz. *La negación en español*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1996.

SARMIENTO, Ramón. Manual de corrección gramatical y de estilo: español normativo. Madrid: SGEL, 1997.

SASTRE RUANO, María Ángeles. *El subjuntivo en español*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1997.

SCOTT, Mike. WordSmith tools version 4.0., 1998.

SECO, Rafael. *Manual de gramática española*. Madrid: Aguilar, 1973 [1930].

SERRANO, María José. Sobre un cambio sintáctico en el español canario: del indicativo al subjuntivo y condicional. *Hispania*, vol. 78, nº 1, 1995, p. 178-192.

SHAWL, James R.. Syntactic aspects of the Spanish subjunctive. *Hispania*, vol. 58, nº 2 , 1975, p. 323-329.

SILVA, Iandra Maria. *Indicativo e Subjuntivo em espanhol: norma e uso na imprensa escrita*. UFSC: Florianópolis, 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. The gradual loss of mood distinctions in Los Angeles Spanish. In: *Language Variation and Change* 6(3), 1994, p. 255-272.

SINCLAIR, John. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SMEAD, Robert N. En torno al modo en oraciones pseudo-escindidas y exclamativas: Patrones entre monolingües y bilingües. *Hispania*, vol. 77, nº 4, 1994, p.842-854.

SOUZA, Juliana Alles de Camargo. O papel da modalidade interrogativa nas unidades informativas do artigo de opinião autora. *Calidoscópico*, vol. 4 n.2, 2006. p. 90-96

SPERBER, D.; WILSON, Deirdre. *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Blackwell, 1986

SPSS *for Windows*. Statistical Package for Social Sciences, 2001.

STUDERUS, Lenard. Some unresolved issues in Spanish mood use. *Hispania*, vol. 78, nº 1, 1995, p. 94-105.

SUÑER, Margarita. La subordinación sustantiva: la interrogación indirecta. In. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2. *De las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid:Espasa, 1999, p. 2149-2195.

\_\_\_\_\_. Sequence of tenses and the subjunctive again. *Hispania*, 70, 1987, p.634-42.

TALMY, Leonard. Force Dynamics in language and cognition. *Cognitive Science* 2, 1988. p. 49-100

TAKAGAKI, Toshihiro. Subjunctiv as the marker of subordination. *Hispania*, 64-1,1984, p. 97103 .

TERRELL, Tracy D. Assertion and presupposition in spanish complements. *Current St. in Romance Linguistics*, Georgetown University Press,1976.

TERRELL, Tracy; HOOPER, Joan. A semantically based analysis of mood in Spanish. *Hispania*, vol. 57, 1974, p. 484-494.

TRUJILLO, Ramón. Sobre el uso metafórico de los modos en español. In: *El verbo español: aspectos morfosintácticos, sociolingüísticos y lexicogenéticos*, WOTJAK, Gerd. España: Iberoamericana, 1995. p. 9-40.

VALLEJO, José. Notas sobre la expresión concesiva. *Revista de Filología Española*, nº 9, 1922, p. 49-51.

\_\_\_\_\_. Sobre un aspecto estilístico en D. Juan Manuel. *Homenaje ofrecido a Menéndez Pidal: miscelánea de estudios lingüísticos, literarios e históricos*, II, Madrid, Hernando, 1925, p.63-85.

VEIGA RODRIGUEZ, Alexandre. *Condicionales, concesivas y modo verbal en español. Verba*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 1991.

VEIGA, Alexandre.; MOSTEIRO LOUZAO, Manuel. *El modo verbal en cláusulas condicionales, causales, consecutivas, concesivas, finales y adverbiales de lugar, tiempo y modo*. Universidade de Salamanca, 2006

ZAMORANO AGUILAR, Alfonso. *Gramaticografía de los modos del verbo en español*. Córdoba: Servicio de Publicaciones, Universidad de Córdoba, 2001.

ZAMORANO MANSILLA, Juan Rafael. *La generación de tiempo y aspecto en inglés y español: un estudio funcional contrastivo*. Madrid, 2006. Tese (Doutorado). Departamento de Filología Inglesa, Universidad Complutense.

ZAVADIL, Bohumil. La delimitación de la categoría de la modalidad. *Ibero-Americana Pragensia*, XIX, 1979.

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.

\_\_\_\_\_. *Grammaire textuelle du français*. Paris, Didier/Hautier, 1989. p. 527-559.

## LISTA DE CORPUS ORAIS UTILIZADOS

ALFANO, Lidia Rodríguez. *El habla de Monterrey - Base de información para estudios en Ciencias del Lenguaje*, México, 1986.

COR92. *Corpus Oral de Referencia del Español Contemporáneo*. Universidad Autónoma de Madrid (UAM), 1992.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco, *et al.* *Corpus PRESEEA-ALCALÁ*. Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América. Hablantes de instrucción primaria. Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 2007.

\_\_\_\_\_. *Corpus PRESEEA-ALCALÁ*. Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América. Hablantes de instrucción media. Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 2005.

\_\_\_\_\_. *Corpus PRESEEA-ALCALÁ*. Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América. Hablantes de instrucción superior. Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 2002

## ANEXO - CORPUS JORNALÍSTICO

País	Jornal	Código	Endereço Eletrônico
Argentina AR	La Nación	LN	<a href="http://www.lanacion.com">http://www.lanacion.com</a>
	Clarín	CL	<a href="http://www.clarin.com.ar">http://www.clarin.com.ar</a>
	Diario Los Andes	LA	<a href="http://www.losandes.com.ar">http://www.losandes.com.ar</a>
	El Día	ED	<a href="http://www.eldia.com.ar">http://www.eldia.com.ar</a>
Bolivia BO	La Razón	LR	<a href="http://www.la-razon.com">http://www.la-razon.com</a>
	Los Tiempos	LT	<a href="http://www.lostiempos.com">http://www.lostiempos.com</a>
Chile CH	El Mercurio	EM	<a href="http://www.mercurio.cl">http://www.mercurio.cl</a>
	Diario Crónica	DC	<a href="http://www.cronica.cl">http://www.cronica.cl</a>
	El Diario Austral	DA	<a href="http://www.australtemuco.cl">http://www.australtemuco.cl</a>
Colômbia CO	El Mundo	EM	<a href="http://www.elmundo.com">http://www.elmundo.com</a>
	El Colombiano	EC	<a href="http://www.elcolombiano.com.co">http://www.elcolombiano.com.co</a>
	El Espectador	EE	<a href="http://www.elespectador.com">http://www.elespectador.com</a>
Costa Rica CR	Prensa Libre	LP	<a href="http://www.prensalibre.com.cr">http://www.prensalibre.com.cr</a>
	Nación	NA	<a href="http://www.nacion.com">http://www.nacion.com</a>
Cuba CU	Juventud Rebelde	JR	<a href="http://www.jrebelde.cubaweb.cu">http://www.jrebelde.cubaweb.cu</a>
	Digital Granma	DG	<a href="http://www.granma.cu">http://www.granma.cu</a>
El Salvador SV	El Diario de Hoy	EH	<a href="http://www.elsalvador.com">http://www.elsalvador.com</a>
	La Prensa Gráfica	PG	<a href="http://www.laprensa.com.sv">http://www.laprensa.com.sv</a>
Espanha ES	ABC	AB	<a href="http://www.abc.es/">http://www.abc.es/</a>
	El Mundo	EM	<a href="http://www.elmundo.es">http://www.elmundo.es</a>
	El Periódico	EP	<a href="http://www.elperiodico.es">http://www.elperiodico.es</a>
	La Voz de Galicia	LV	<a href="http://www.lavozdegalicia.es">http://www.lavozdegalicia.es</a>
Equador EC	El Universo	EU	<a href="http://www.eluniverso.com">http://www.eluniverso.com</a>
	Diario de Hoy	DH	<a href="http://www.hoy.com.ec">http://www.hoy.com.ec</a>
	La Hora	LH	<a href="http://www.lahora.com.ec">http://www.lahora.com.ec</a>
Guatemala GT	Prensa Libre	PL	<a href="http://www.prensalibre.com">http://www.prensalibre.com</a>
	La Hora	LH	<a href="http://www.lahora.com.gt">http://www.lahora.com.gt</a>
Honduras HO	La Prensa	LP	<a href="http://www.laprensahn.com">http://www.laprensahn.com</a>
	La Tribuna	LT	<a href="http://www.latribuna.hn">http://www.latribuna.hn</a>
México MX	La Cronica	LC	<a href="http://www.lacronica.com">http://www.lacronica.com</a>
	El Imparcial	EI	<a href="http://www.imparcial.com.mx">http://www.imparcial.com.mx</a>
	El Universal	EU	<a href="http://www.eluniversal.com.mx">http://www.eluniversal.com.mx</a>
Nicaragua NC	La Prensa	LP	<a href="http://www.laprensa.com.ni">http://www.laprensa.com.ni</a>
Panama PN	Critica en Linea	CL	<a href="http://www.critica.com.pa">http://www.critica.com.pa</a>
	El Siglo	ES	<a href="http://www.elsiglo.com">http://www.elsiglo.com</a>
	La Prensa	LP	<a href="http://www.prensa.com">http://www.prensa.com</a>
Paraguai PY	Última Hora	UH	<a href="http://www.ultimahora.com.py">http://www.ultimahora.com.py</a>
	La Nación	LN	<a href="http://www.lanacion.com.py">http://www.lanacion.com.py</a>
	ABC	AB	<a href="http://www.abc.com.py">http://www.abc.com.py</a>
Peru PE	La República	LR	<a href="http://www.larepublica.com.pe">http://www.larepublica.com.pe</a>
	El Peruano	EP	<a href="http://www.elperuano.com.pe">http://www.elperuano.com.pe</a>
	Expreso	EX	<a href="http://www.expreso.com.pe">http://www.expreso.com.pe</a>
Porto Rico PR	El Nuevo Dia	EN	<a href="http://www.elnuevodia.com">http://www.elnuevodia.com</a>
Republica Dominicana RD	El Caribe	EC	<a href="http://www.elcaribecdn.com.do">http://www.elcaribecdn.com.do</a>
Uruguai UR	El Observador	EO	<a href="http://www.observa.com.uy">http://www.observa.com.uy</a>
	Ultimas Noticias	UN	<a href="http://www.ultimasnoticias.com.uy">http://www.ultimasnoticias.com.uy</a>
	La República	LR	<a href="http://www.larepublica.com.uy">http://www.larepublica.com.uy</a>
Venezuela VE	El Universal	EU	<a href="http://www.eud.com/">http://www.eud.com/</a>
	El Carabobeño	EC	<a href="http://www.el-carabobeno.com">http://www.el-carabobeno.com</a>
	El Norte	EN	<a href="http://www.elnorte.com.ve">http://www.elnorte.com.ve</a>

